

SERIE 5.ª BRASILEIRA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Baptista Pereira: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.ª edição.
- 2 — Pauliá Calogeras: *O Marquês de Barbacena* — 2.ª edição.
- 3 — Alc. Joo Gentil: *As idéas de Alberto Torres* — synthese com indice tematico.
- 4 — Oliveira Vianna: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição augmentada.
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822)* — Traducção e prefacio de Alfonso de E. Tannay.
- 6 — Baptista Pereira: *Valtos e episodios do Brasil*.
- 7 — Baptista Pereira: *Disserções de Guy Barbosa* — (segundo textos parafididos).
- 8 — Oliveira Vianna: *Populações Meridionaes do Brasil* — 2.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: *Os africanos no Brasil* (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profundamente illustrada — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: *Evolução do Povo Brasileiro* — 2.ª edição illustrada.
- 11 — Luiz da Camera Cascudo: *O Conde D'Eu* — (volume illustrado).
- 12 — Wanderley Pinho: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — (volume illustrado).
- 13 — Vicente Leirio Cardoso: *A margem da Historia do Brasil*.
- 14 — Pedro Culmon: *Historia da Civilização Brasileira* — 3.ª edição.
- 15 — Pauliá Calogeras: *Da Requetta á queda do Russas*. — (3.ª volume da ser. "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: *A Organização Nacional*.
- 17 — Alberto Torres: *O Problema Nacional Brasileiro*.
- 18 — Vis. de Tannay: *Pedro II*.
- 19 — Alfonso de E. Tannay: *Visitantes do Brasil Colonial* — Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: *Maurá* (com tres illustrações fora do texto).
- 21 — Baptista Pereira: *Pelo Brasil Maior*.
- 22 — E. Roquette-Pinto: *Ensaio de Anthropologia Brasileira*.
- 23 — Evaristo de Moraes: *A escravidão africana no Brasil*.
- 24 — Pauliá Calogeras: *Problemas de Administração*.
- 25 — Mario Marinho: *A lingua do Nordeste*.
- 26 — Alberto Rabiel: *Rumos e Perspectivas*.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: *Populações Paulistinas*.
- 28 — General Couto de Magalhães: *Viagem ao Araguaia* — 3.ª edição.
- 29 — Joo de Castro: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefacio do prof. Pedro Escudoto.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: *Pelo Brasil Central* — (edição illustrada).
- 31 — Azevedo Amaral: *O Brasil em crise actual*.
- 32 — C. de Mello-Levy: *Visitantes do Primeiro Imperio* — (edição illustrada com 10 gravuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: *Metereologia Brasileira*.
- 34 — Angenor Costa: *Introdução á Archeologia Brasileira* — (edição illustrada).
- 35 — A. J. Sampaio: *Phytogeographia do Brasil* — (edição illustrada).
- 36 — Alfredo Ellis Junior: *O Dualismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 2.ª edição.
- 37 — J. E. de Almeida Prado: *Primeiros Pionheiros do Brasil* — (edição illustrada).
- 38 — Guy Barbosa: *Mocidade e Exilio* — (Cartas inéditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe). — Edição illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: *Rondonia* (3.ª edição augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Culmon: *Historia social do Brasil* — 1.ª tomo *O Espirito da Sociedade Colonial* — (2.ª edição illustrada).
- 41 — Jus-Maria Bello: *A intelligencia do Brasil*.
- 42 — Pauliá Calogeras: *Formação Historica do Brasil* — (2.ª edição com 3 mapas fora do texto).
- 43 — A. Saboya Lima: *Alberto Torres e sua obra*.
- 44 — Estevão Pinto: *Os Indigenas do Nordeste* (com 16 gravuras e mapas). 1.º volume.
- 45 — Basilio de Magalhães: *Expansão Geographica do Brasil Colonial*.
- 46 — Renato Mendonça: *A influencia africana no portuguez do Brasil* (edição illustrada).
- 47 — Manoel Bonfim: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Mual.

- 48 — Urbino Viana: Bandeiras e sertanistas baianos.
- 49 — Gustavo Barroso: *Historia Militar do Brasil* — (edição ilustrada com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Maria Travençolo: *Projeção Continental do Brasil* — Prefácio de Pandá Calogeras (2.^a edição ampliada).
- 51 — Octavio de Freitas: *Bauçucas africanas no Brasil*.
- 52 — General Couto de Magalhães: *O selvagem* — (3.^a edição completa com parte original tipy-guaraní).
- 53 — A. J. de Sampaio: *Biogeografia da Amazonia*.
- 54 — Antonio Gualdo de Carvalho: *Caluceros*.
- 55 — Hildebrando Aracy: *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America*.
- 56 — Charles Exilly: *Mulheres e Contornos do Brasil* — (tradução, prefácio e notas de Gastão Pennava).
- 57 — Florentino Rodrigues Valle: *Elementos do Folk-Lore musical Brasileiro*.
- 58 — Augusto de São-Hiláire: *Viagem à Província de Santa Catharina (1820)* — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: *Os Primeiros Francos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.
- 60 — Emilia Rivasceu: *A Vida dos Indios Guaycurus* — (edição ilustrada).
- 61 — Conde Ulla: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* — Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans commentadas por M. X. Theis (edição ilustrada).
- 62 — Agner Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco* — (edição ilustrada).
- 63 — Raymundo Moraes: *Na Plástica Americana* — 2.^a edição.
- 64 — Gilbert Freyre: *Sobrados e Mocambos — Decadência paulista rural no litoral* — Edição ilustrada.
- 65 — João Thomaz Filho: *Silva Indica*.
- 66 — Primitivo Monezy: *A Instrução e o Império* — (Subsídios para a historia da educação no Brasil) — 1823-1853 — 2.^a volume.
- 67 — Pandá Calogeras: *Problemas de Governo* — 2.^a edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz* — 1.^o volume — *Itinerário e notas de Cláudio Ribeiro Lessa*.
- 69 — Prádo Maia: *Através da Historia Social Brasileira*.
- 70 — Affonso Ainos de Mello Franco: *Conceito da Civilização Brasileira*.
- 71 — U. C. Hoehne: *Dançaria e Agricultura no Brasil no Seculo XVI* — (Piquetes e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire: *Seminário de Artes no Interior do Brasil* — "Escola Santa" — Tradução de Carlos Madeira.
- 73 — João Miguel Pereira: *Machado de Assis* — *Estudo Critico-Psicologico* — Edição ilustrada.
- 74 — Pandá Calogeras: *Estudos Históricos e Politicos* — (Rio Negro) — 2.^a edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: *Vocabulario Ndeoguarani* — (Vocabulário pelo portuguez falado em S. Paulo) — *lingua Tupi-guarany* — Com tres illustrações fora do texto.
- 76 — Gustavo Barroso: *Historia Secular do Brasil* — *As patas: "Os dias e noites da vida de Pedro I"* — 2.^a edição.
- 77 — C. de Mello-Lessa: *Zoologia do Brasil* — edição dominada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagens às Nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goiaz* — 2.^o volume — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 79 — Cravieira Costa: *O Visconde de Saldanha* — *Sua Vida e sua Accção na Polittica Nacional (1810-1871)*.
- 80 — Desoberto R. Cabral: *Santa Catharina* — (edição ilustrada).
- 81 — Leir a Brita: *A Gloriosa Sortida do Primeiro Império* — Frei Cezar — Edição ilustrada.
- 82 — C. de Mello-Lessa: *O Brasil visto pelos Ingleses*.
- 83 — Pedro Calmon: *Historia Social do Brasil* — 2.^a Tomo — "Espirito da Sociedade Imperial" — edição ilustrada.
- 84 — Orlando M. Carvalho: *Problemas e salomonicismos do municipio* — (Rio Ilustrado).
- 85 — Wanderley Pinho: *Catagoga e seu tempo* — Edição Illustrada.
- 86 — Azeite Pinheiro: *A Mirmem do Amatouso* — Edição Illustrada.
- 87 — Primitivo Monezy: *A Instrução e o Império* — (Subsídios para a historia da Educação no Brasil) *Reformas do ensino — 1850-1857* — 2.^o vol.
- 88 — Celso Lafer: *Um verão da República* — Fernando Lobo.
- 89 — Celso A. Loureiro de Moura: *As Forças Armadas e o Estado Historico do Brasil*.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 118/110 — SÃO PAULO

AS FORÇAS ARMADAS
E O
DESTINO HISTORICO DO BRASIL

A. LOURIVAL DE MOURA

Coronel da 1.ª classe da reserva do Exército, Oficial
de Estado Maior, Engenheiro Militar, Bacharel em
Mathematica, Sciencias Physicas e Naturaes.
(Natural do Bagé-Rio Grande do Sul)

AS FORÇAS ARMADAS
E O
DESTINO HISTORICO DO BRASIL



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE

LIVROS CONSULTADOS

Historia dos Tres Grandes Capitães da Antiguidade
por Cezar Zama.

Historia de Roma por Victor Duruy, traducção
de M. Pinheiro Chagas.

Historia da Civilisação por Gastão Ruch.

Historia Universal por Alvarés Lévi.

Historia Universal por João Ribeiro.

Historia Universal por José Nicolau Raposo Botelho.

Historia do Brasil por João Ribeiro.

Historia do Brasil por Veiga Cabral.

Les Conflits de la Science et de la Religion por J.
W. Draper.

Les Vainqueurs de l'Air pelo Conde Henry de La Vaulx.

Diccionario Encyclopedico da Lingua Portugueza
por Simões da Fonseca.

O Homem Segundo a Sciencia por Luiz Buchner

Á

MOCIDADE

BRASILEIRA

P R E F A C I O

Official do Exército reformado compulsoriamente ha cerca de dez annos por uma lei que julga o vigor e a capacidade dos homens pela certidão de baptismo e não pelo estado geral das arterias e dos órgãos respectivos tornei-me parasita obrigado dos cofres publicos.

Isso me permittiu um estudo mais profundo dos acontecimentos historicos, a meditação dos quaes me firmou no espirito a convicção de que ao Brasil fôra reservado um honroso destino historico não só entre os povos americanos como entre todos os do orbe terrestre.

Dessa convicção nasceu a ideia deste livro desprezencioso cujo destino unico é o de pôr em equação problemas que se me afiguram de real magnitude para o meu paiz, a resolução dos quaes está desafiando o raciocinio e a meditação dos competentes.

O valôr do livro pôde ser nullo. Não encontrei entretanto na minha velhice meio mais seductor e mais digno de servir á patria do que esse.

A sua feitura começada em 1932 deveria terminar em 1933. A morte de um ente querido, seguida do infortunio de um outro, foram acontecimentos intimos e dolorosos que me prostraram moralmente cerca de quatro annos. Enfermo desde os primeiros mezes de 1936 e me julgando ás portas da morte, revesti-me de energias novas para concluil-o.

Elle ali está. Que o julguem severamente os competentes, os que para isso têm credenciaes.

O auctor.

INDICE

	PAGS.
CAPITULO I	
Necessidade de forças armadas	15
CAPITULO II	
A disciplina geral	98
O Egypto	119
A Grecia	121
A Macedonia	124
Carthago	150
Roma	151
Alguns povos barbaros	165
Hunos	166
Godos	167
Wisigodos	167
Ostrogodos	169
Vandalos.	170
Francos	171
Imperio Arabe	179
Os Bourbons e a revolução franceza	206
CAPITULO III	
O Brasil e a disciplina	289
CAPITULO IV	
Lemas — Liberdade, Igualdade e Fraternidade	334

	PÁGS.
CAPITULO V	
A marcha da civilização do Oriente para o Occidente e o seu retorno — <i>Destino historico da America do Sul</i>	352
CAPITULO VI	
Missões Historicas do Brasil	375
CAPITULO VII	
O que é preciso realizar no Brasil para facilitar-lhe o cumprimento das missões historicas que lhe couberam	388
Legislativo	412
Executivo	416



CAPITULO I

NECESSIDADE DE FORÇAS ARMADAS

As Forças Armadas foram, são e serão ainda por muito tempo uma necessidade imprescindível á vida das nações, até que nova orientação internacional seja possível na superfície do planeta, pelo advento de uma politica de fraternidade leal, de respeito mutuo, de cooperação em todos os sectores da actividade humana.

Emquanto essa politica de nobres ideaes e de elevada finalidade historica não fôr estabelecida pelo consenso unanime das potencias, as Forças Armadas constituirão sem duvida um orgão essencial á existencia dos povos livres.

E como innegavelmente assim é e como isso está na consciencia de todos que leem e meditam sobre os problemas internacionaes da actualidade, é obvio que se procure dar a essas forças uma organização e um prestigio capazes de mantel-as exclusivamente circumscriptas á esphera da nobilissima missão de mantenedoras da ordem publica e de garantidoras da soberania de um povo.

Em todas as épocas da Historia, ellas só desempenharam seus deveres sociaes quando em estreita ligação e solidariedade com a politica da nação e cumpridoras obedientes das suas deliberações.

A politica estuda os problemas necessarios à ordem, ao progresso e ao bem estar da collectividade ; orienta a acção do povo no presente ; prevê os destinos que

lhe estão reservados no concerto mundial; provê em consequencia o paiz de tudo que precisa para o desdobramento da sua actividade constructora e civilizadora.

Dahi a inilludivel necessidade do aparelhamento de todas as forças vivas da nação para essa obra de patriotismo, de nobreza civica e moral, de civilização emfim.

E entre essas forças têm notavel importancia nos tempos actuaes as militares, como garantia da ordem interna, da inviolabilidade das fronteiras e costas maritimas, do progresso, da respeitabilidade e prestigio da nacionalidade.

Assistimos attonitos de meados de 1914 a fins de 1918 á maior tragedia da Historia, na qual succumbiram milhões de homens, da qual sahiram mutilados dezenas ou centenas de milhares, durante a qual o apregoado alto gráo de civilização evidenciou a barbaria em que mergulhamos transformados em canibae, mais ferozes do que as proprias feras.

A catastrophe foi desencadeada pela nefasta politica de odios, vinganças, egoismos, orgullhos e todo cortejo emfim dos interesses mesquinhos da mais desbragada ambição de dominio, como se a Terra ja fosse pequena para conter e fazer viver em paz a actual população do globo.

Assistimos attonitos ainda hoje á guerra da paz, verdadeira comedia, na qual os dirigentes das nações combatentes, pseudo-estadistas em geral, vivem em entendimentos que são desentendimentos, em accórdos que são desaccórdos, em congressos que nada resolvem de proficuo, em ligas platonicas sem prestigio, sem força moral.

Guerra moralmente mais hedionda do que aquella tragédia porque as nações em permanente luta aberta desconfiam umas das outras, invejam-se, temem-se.

Trocam ideias com frequência de causar pasmo, reúnem os congressos de desarmamento, e pelo embuste, pelo subterfugio, pela mentira, pela deslealdade enfim, procuram enganar-se mutuamente, enquanto os seus programmas navaes para tres, quatro, cinco, dez annos, vão sendo executados ora clandestinamente, ora abertamente.

Nada nos dizem com precisão sobre os programmas dos respectivos exercitos, mas é obvio que sigam o mesmo desenvolvimento funesto e megalomano.

Ora, a paz só é possível pelo surto de uma politica de desprendimento, de altruismo, de indefectivel lealdade, estabelecidas préviamente as bases principaes seguintes. :-

- 1.ª) — Rígida e inviolavel delimitação de fronteiras maritimas e terrestres.
- 2.ª) — Independencia de todas as colonias formando outras tantas nações soberanas com fronteiras delimitadas e inviolaveis.
- 3.ª) — Solemnes tratados assignados por todas as nações, pelos quaes renunciem peremptoriamente empregar aquisições territoriaes de qualquer procedencia e sob quaesquer pretextos.
- 4.ª) — Abolição dos exercitos e das armadas de guerra e fechamento ou transformação de todas as fabricas de armas de quaesquer especies.
- 5.ª) — Fixação da população que o globo possa comportar, alojando cada paiz o numero de pessoas que elle seja capaz de sustentar, para que se evite um excesso de habitantes na Terra, excesso que acarretará inevitavelmente um desequilibrio geral, já existente em parte em alguns povos, causa entre outras de expansões e conquistas territoriaes.

Foram-se os tempos em que se considerava uma immoralidade os embaraços á fecundidade da mulher.

Immoralidade é procrear sem meios de alimentar, vestir e educar a prole. Immoralidade é a procreação humana desmedida, levando o conteúdo a sobrepujar o continente como acontecerá infallivelmente nessa produção de infusorios, vibríões ou microbios, denunciadora de inferioridade racial.

Sem equilibrio dynamico na vida das collectividades não haverá paz e equilibrio só se obterá pela suppressão das causas de dissidio entre ellas.

Certamente existem outras condições para o evento da paz na Terra, como a adopção da liberdade de cultos religiosos em todos os paizes tendente ao estabelecimento de uma religião unica, producto das demais, a cooperação economica e financeira, a instituição de uma moeda mundial com valor invariavel para todos os povos, a adopção de uma lingua universal, etc., porem as cinco condições acima enumeradas são essenciaes, primordiaes.

O estado actual do mundo com a sua politica internacional de egoismos e temores, não nos deixa prever quando atingiremos o gráo de civilização que nos permita o estabelecimento das providencias que nos levem á consecução das bases apontadas para que seja possível a paz permanente no planeta.

Esta não é viavel sem a adopção prévia e geralmente aceita dessas providencias e isso exige uma politica delicada e nobre, baseada no desinteresse, no altruismo, na moral.

Ora o mundo se debate presentemente na mais despudorada, egoista e immoral das olygarchias, governado por cinco ou seis potencias que conseguiram o quasi monopolio das colonias, das forças e das riquezas, e não se pejam no seu orgulho, na sua insaciavel sêde de mando e de prepotencia, de submeter ao seu capricho os demais povos que assistem impotentes á semcerimonia com que elles, os mais fortes materialmente, dispõem

a bel-prazer do patrimônio e dos destinos dos mais fracos. E se estes ainda não foram absorvidos inteiramente pelas grandes potências é pelo medo que umas têm das outras e não por falta de voracidade e rapacidade.

É a política truculenta e rasteira da força bruta sustentada pelos grandes exercitos, pelas poderosas marinhas de guerra, pelas formidáveis aviações, pela infamia dos gases deletérios, num infernal emprego de variadíssimos engenhos de aniquilamento e destruição.

E a isso chamam civilização e se dizem civilizados, os mais civilizados do globo.....

Os selvagens anthropophagos na sua inexcedível ignorancia são menos ferozes, menos deshumanos que os doutores de todas as escolas, de todas as academias, de todas as universidades. Estes estudam, aprendem, descobrem, inventam, para matar e destruir, por prazer, por egoísmo, por villania. Aquelles matam por ignorancia e para saciar a fome. O selvagem é menos indecente, mais desculpavel.

Allegam os interessados que a crise de 1930 proveio de um excesso de civilização como se fosse possível a homens intelligentes conceberem tal heresia. Isso equivale a dizer que o bem é o mal, a ordem a desordem, o progresso o atrazo, a luz a treva, o conforto o desconforto.

Civilização é bem, é ordem, progresso, luz, conforto.

Dizer que ha excesso de civilização é reconhecer o absurdo de que ha excesso de bem, de ordem, progresso, luz, conforto. Civilização é perfeição e o mais que perfeito não existe. Logo não existe nem poderá existir excesso de civilização.

Esta não é um phenomeno desta ou daquella profissão, desta ou daquella arte, desta ou daquella sciencia.

Ella é o conjuncto dos phenomenos, abrangendo todos os ramos da actividade humana. Comprehende, inclue, intégra tudo que existe e pôde ser concebido pela intelligencia no Universo para o bem estar do ser na Terra.

Não é uma arte, mas a somma das artes; não é uma philosophia, porem o total dos systemas philosophicos; não é uma sciencia porque é a integral de todas as sciencias concretas e abstractas.

Ella é tudo isso com suas creações e invenções no tempo e no espaço.

Ora artes, sciencias, philosophia, estão muitissimo longe da perfeição. Basta ponderar que arte e philosophia estão inexoravelmente subordinadas ás leis naturaes que regem os phenomenos scientificos de todas as categorias e que as leis da Biologia, da Sociologia e da Moral ainda não poderam ser estudadas em directrizes seguras e finaes pela propria complexidade dos respectivos phenomenos, de modo a serem estabelecidas e enunciadas no estylo preciso e irrefutavel para comprehender-se quanto a civilização ainda é precaria, quão longe estamos de attingir uma relativa perfeição.

De um modo claro e succinto podemos dizer que civilização é o bem estar geral da humanidade. É o que nós sentimos e comprehendemos é que o mundo actual é desordem, chaos, anarchia. O mal estar é geral.

O proprio facto de ainda haver quem diga que ha excesso de civilização demonstra quanto ainda somos barbaros.

A crise deve ser attribuida em primeiro lugar ao excesso de producção, proveniente da falta de cooperação economica entre as nações, que só deviam produzir o que bastasse a si mesmas e o que podesse ser utilizado pelas demais. Seria necessario que ellas se reunissem periodicamente em assembléas para regularem a pro-

ducção de cada uma de modo a satisfazer o consumo mundial, evitando os excessos por entendimentos e tratados perfectos. Bem distribuidos os productos do trabalho de cada povo através de estatísticas bem organizadas, poder-se-ia chegar ao equilibrio da produccção mundial, de modo que homens e machinas empregados em determinadas produccções excessivas fossem dahi desviados para a obtenção dos productos ainda deficientes ao consumo geral.

Estudadas a pecuaria, as fabricas, as minas, as usinas, as lavouras, as cachoeiras, das diversas regiões do globo; encaminhadas as populações para as zonas em que pudessem produzir e viver; calculado o numero de habitantes que a Terra pode comportar e mantido o equilibrio entre a natalidade e a mortalidade quando attingido esse numero, poder-se-ia chegar ao equilibrio da produccção e ao bem estar social.

Não ha duvida que são complexos esses problemas, porem não são insolúveis.

A crise actual é derivada tambem do armamentismo, do egoismo, do medo, da desconfiança. Do armamentismo porque as grandes despesas correlativas deviam ter destino productivo e não improductivo (para o bem e não para o mal da humanidade), escorchadas as populações por impostos destinados a formidaveis engenhos de guerra agglomerados em profusão nos quartéis, parques e arsenaes para a matança em massa. Do egoismo, porque as cinco ou seis nações vencedoras da Grande Guerra, aniquiladas temporariamente duas das oito grandes potencias, não desejavam que resurgissem ou surgissem outras potencias a dividir com ellas o governo e talvez os despojos do mundo. Do medo, porque os interesses dessas cinco ou seis ou oito nações estão de tal maneira vinculados em antagonismos de fronteiras, de mares, de colonias, de commercio, de industria e até de raças, que não as deixam em liber-

dade para um gesto de nobre idealismo, para um entendimento leal em torno dos problemas internacionaes, medrosas umas das outras, temerosas das alianças offensivas e defensivas, aqui ou alli. Da desconfiança, em consequencia do armamentismo, do egoismo, do medo, e do que a politica de cada uma tenha deliberado secretamente realizar em detrimento de outra ou outras.

Façamos porem, justiça, reconhecendo que a França é a unica das grandes potencias que não pôde iniciar o desarmamento devido á sua posição geographica. Só o mar, a Belgica e a Suissa alli não lhe são hostis.

Mesmo assim é della que têm partido os mais sinceros desejos de paz e isso porque entre todas as nações é a que attingiu o mais elevado gráo de civilização, conseguindo mesmo o equilibrio da sua população.

Apezar de tudo é preciso que se pense e medite sempre no advento da paz, não só para que a propaganda prosiga os seus nobres ideaes, como para evitar nas futuras hecatombes que resultarão fatalmente da politica nefasta e tacanha do presente a intronissão de maior numero de nações, seguindo como satellites aquelles astros de primeira e triste grandeza, triste porque sempre de punhos fechados e cenhos rugosos, ameaçadores.

E já que a verdadeira palavra de paz não sahe lealmente dos labios dos homens das nações poderosas, unicas capazes no presente de realizar esse grande ideal, dellas exclusivamente dependente, devem as nações fracas deixar se estraçalhem ellas no rubro scenario que se crearam, evitando a menor intervenção em suas contendas.

Dos seus destroços e escombros talvez seja possível o surto de novas directrizes e novos ramos para a humanidade, certamente mais condizentes ao pomposo rotulo de civilização.

E as nações fracas, as que não cogitam de expansões imperialistas e espoliações ladravazes, de vinganças e odios, aproveitando a precária situação em que as fortes se enervam e se anemiam, devem unir-se dentro de postulados de elevada política que conduza o mundo a melhores destinos.

União é coesão, é disciplina que se traduz em força, como desunião é dispersão, é indisciplina que se transforma em fraqueza. As grandes potências são poderosas individualmente; no conjunto são fracas porque divididas por antagonismos, ambições, discordias, invejas. As pequenas nações são fracas individualmente, mas podem ser fortes e poderosas pela união porque em geral entre ellas não collidem interesses vultuosos que as dispersem inexoravelmente.

Estas podem pois exercer ponderavel influencia e um certo controle no mundo, predispondo-o a melhores dias, amenizando as agruras do presente, detendo até certo ponto as grandes potências nos seus desvarios.

E dellas, as pequenas e fracas, poderá então partir a palavra de paz e o advento da Política "filha da sã razão e da moral."

Ora, de tudo que ficou dito resalta indiscutivel e infelizmente a necessidade das Forças Armadas, talvez ainda por muitos seculos, com ou sem reuniões de desarmamento, contraproducentes emquanto não forem previamente estabelecidas e accitas por todas as nações as cinco bases principaes para o advento da paz acima alludidas.

Esses congressos não passam de inocuas tapeações, na feliz e incisiva expressão popular, tão propria a caracterizar a politica internacional da actualidade.

Não se pôde pensar seriamente no desarmamento e qualquer accôrdo extemporaneo nesse sentido terá que ser violado aberta ou clandestinamente emquanto houver: — 1.º Questões de fronteiras a resolver e

delimitar definitivamente ; 2.º territorios a reivindicar ; 3.º desejos e propositos de hegemonias em continentes e mares ; 4.º colonias a adquirir a independencia e a soberania ; 5.º propositos de aquisições territoriaes por este ou aquelle motivo ; 6.º excesso de população em determinadas regiões obrigando a conquistas de territorios para alojamento desse excesso.

Enquanto esses problemas não forem resolvidos satisfactoriamente com plena acquiescença de todos não poderá haver desarmamento. As Forças Armadas não poderão ser abolidas porque imprescindiveis e como ellas são *armadas* não podem dispensar os armamentos e cada paiz cuidará sem duvida e muito naturalmente armar-se melhor e mais poderosamente, ás claras ou ás occultas.

A manutenção dos exercitos constitue pois uma imperiosa necessidade para todas as nações, do mesmo modo que a das marinhas de guerra para os povos litoraneos.

Verifica-se desde os mais remotos acontecimentos historicos que nas guerras entre potencias maritimas foram sempre vencedoras as victoriosas no mar. Essa verdade historica e os encargos da existencia das nações actuaes, as suas necessidades, producção, commercio e relações diplomaticas, fazem prever a constancia do phenomeno no presente e no futuro.

Em cada época as guerras para serem bem conduzidas a probabilidades de exito, precisaram sempre da mobilização integral das nações nellas envolvidas, com todos os seus recursos nas varias espheras de actividade. Na actualidade essa mobilização chegou ao auge, abrangendo populações, dinheiro, fabricas, profissões, pecuaria, lavoura, commercio em geral, artes, sciencias, etc., etc.

Se as guerras se resolvessem em pouco tempo, antes de esgotados os recursos dos belligerantes, o ven-

cedor poderia prescindir do domínio dos mares. Quasi sempre porem precisam elles appellar para os recursos dos neutros, adquirindo no exterior os materiaes que venham a necessitar para a continuação das operações militares. Nessa situação o domínio dos mares é garantia do successo, porque lhes permite o abastecimento e reabastecimento das suas tropas e da propria nação.

Para que não fique duvida no espirito do leitor sobre essa affirmativa, citaremos diversos factos historicos que a comprovam concludentemente, na impossibilidade de referir-os todos.

As conhecidas guerras persicas tiveram sua origem na revolta das colonias gregas da Asia contra a dominação dos persas, senhores então de quasi toda a Asia Menor e cujo objectivo era o dominio do mar Egêu. Athenas então enviou um corpo de tropas a Mileto, colonia que encabeçára o movimento e com o qual conseguiu esta tomar e incendiar Sardes, capital da Lydia, que fôra annos antes annexada á Persia por Cyro.

Dario I após seis annos de luta subjugou os rebeldes, destruiu Mileto e preparou-se para levar a guerra á Grecia, afim de vingar o auxilio prestado por Athenas aos insurrectos.

A primeira expedição sob o commando de Mardonio, genro de Dario, fracassou inteiramente por ter sido destruida a sua esquadra por uma tempestade e o exercito dizimado na Thracia onde se acolhera.

Preparados novo exercito de 110.000 homens e nova esquadra que o transportou, sob os commandos de Datis e Ataphernes, foram estes generaes derrotados na planicie de Marathona por um exercito de 10.000 athenienses e 1.000 plateenses, sob o commando de Milciades. O principal elemento do exercito persa era a cavallaria. O general atheniense protegeu os flancos das suas tropas com numerosos abatizes, nulloficando a acção daquella arma. O exercito persa

não succumbiu inteiramente devido aos seus navios que lhe garantiram a retirada para a Asia.

Nova expedição foi preparada por Dario, composta de 1.000.000 de homens e 1.200 navios. Morto esse rei, succedeu-lhe seu filho Xerxes I, a quem coube iniciar a segunda guerra persica.

Atravessaram os persas o Hellesponto em duas pontes de barcas e invadindo a Grecia pelo Nordeste só encontraram resistencia no desfiladeiro das Thermopylas, onde Leonidas, rei de Sparta, e seus trescentos spartanos succumbiram heroicamente. Penetraram os persas no coração da Grecia, apoderando-se de Athenas que depois incendiaram.

Themistocles previra essa segunda investida e conseguiu que Athenas armasse uma esquadra de 270 navios aos quaes se ajuntaram 108 da Attica. Reunida ella no estreito de Salamina, Themistocles alli attrahiu a esquadra inimiga, onde os navios persas, grandes e pesados, não podiam manobrar por falta de espaço e onde a frota grega composta de navios leves e mais velozes levavam grandes vantagens. A derrota persa foi devéras desastrosa e o rei que assistira á batalha, da ilha de Eubéa, fugiu para a Asia nos navios que se salvaram, deixando um exercito de 300.000 homens na Grecia, ás ordens de Mardonio, seu cunhado.

Batido este pelos gregos aos commandos de Aristides e Pausanias (479. A de C.) em Platéa, foram no mesmo dia destroçados os restos da esquadra persa na batalha de Mycale pela esquadra grega de Xanthylpos e Leotychidas.

Embora os gregos tivessem ganho quasi todas as batalhas terrestres, a batalha naval de Salamina foi a decisiva, a que salvou a Grecia de cahir em poder do inimigo.

A terceira guerra foi levada pelos gregos ás possessões da Persia na Asia Menor, mas a invasão só foi

possível depois da derrota e destruição de uma esquadra inimiga nos mares da ilha de Chypre, de onde foram expulsos os persas, assegurando assim os hellenos o dominio dos mares.

Aa tres bem conhecidas guerras punicas entre Cartago e Roma e que se prolongaram por mais de um seculo (264-146 antes de Christo), com largos intervallos de paz que apenas serviram para intensificar o odio entre as duas grandes cidades, tiveram como causas principaes a preponderancia commercial e o dominio do Mediterraneo e constituiram a luta entre a velha civilização phenicia que periclitava e a civilização grego-romana que se erguia pujante e dominadora.

De um lado Cartago, que havia crescido celeremente e se tornara o maior emporio commercial daquelles tempos, vivia entregue aos prazeres, ao luxo e á devassidão, consequentes ás grandes riquezas que accumulára. A noção de patria eclipsava-se á medida que os gozos materiaes cada dia mais se refinavam. Os vicios e a corrupção substituiram pouco a pouco a antiga austeridade de costumes. Como sempre acontece, os exemplos partidos do alto, dos ricos e poderosos, infiltravam-se nas populações até as classes menos abastadas, tudo corroendo e aviltando. Era o regimen do parasitismo que terminaria por absorver o robusto organismo, conspurcando-o e destruindo-o. O cidadão carthaginez entregou aos mercenarios os cuidados da defeza da patria ameaçada e nada demovia a incuria em que persistia.

Do outro lado Roma, que se alçava impavida e cheia de vida, com seu organismo sadio e forte, onde imperavam as virtudes dominadoras de que se orgulhavam os cidadãos, as quaes os impelliam para os grandes commettimentos, para as lutas pela grandeza da patria, para a gloria. Ao passo que se extinguia o patriotismo carthaginez, o romano ascendia á culminancia.

Neste, a vida do cidadão sómente tinha valôr para a pátria e pela pátria, cuja defeza constituia para elle um prazer e uma honra. O egoismo não existia. Roma era tudo para o cidadão romano, que se não pertencia. As grandes e successivas derrotas que soffreu durante as duas primeiras guerras punicas nunca lhe abateram o animo varonil e serviram para melhor estimulal-o na persistencia pela victoria de Roma.

Era a luta do vicio e da virtude.

A primeira dessas guerras (264-241) teve como causa immediata a conquista e posse da Sicilia.

Um povo de aventureiros do Bruccio—os mamertinos—que se diziam filhos de Marte, atacaram Messina e della se apoderaram. A presa era tambem cobiçada pelos syracusanos e pelos carthaginezes. Hieron, tyranno de Syracuse, conseguiu bater os mamertinos e sitiá-los naquella cidade. Em seguida chegam os carthaginezes commandados por Hannon, governador das ilhas Eolias (Lipari). Atacados por dois inimigos ao mesmo tempo, os mamertinos appellaram para o senado romano lembrando sua origem italica.

Roma resolveu intervir e o tribuno Claudio conseguiu penetrar em Messina á frente de um exercito apezar da vigilancia de Hannon. Alliaram-se carthaginezes e syracusanos e juntos sitiaram Claudio. Um exercito romano de 20.000 homens commandados pelo consul Appio Claudio Caudex desembarcou na Sicilia illudindo a vigilancia dos alliados no estreito e bateu os carthaginezes e os syracusanos. Amedrontado. Hieron submetteu-se e tornou-se fiel alliado de Roma.

Não obstante essas victorias, a situação dos romanos não era vantajosa porque o dominio dos mares pertencia aos carthaginezes e estes não só vigiavam o estreito de Messina como desembarcavam com facilidade tropas na Sicilia.

Roma percebe então que só o domínio do mar lhe dará a victoria e se decide resolutamente pela construcção de esquadras que lhe permittam fazer frente ao inimigo. Em dois mezes prepara uma frota de 120 navios tripulados por marítimos recrutados entre os seus alliados. O commando desta frota foi dado aos consules Duilio e Cornelio Scipião. Este foi derrotado e aprisionado nas ilhas Eolias, porem aquelle conseguiu bater os cartaginezes nas proximidades de Myles, na Sicilia (260), graças ao emprego de ganchos denominados *corvas* que o consul introduziu nos navios romanos e que permittiram jungir a elles os navios cartaginezes e transformar os combates navaes em abordagens sempre temidas pelos punicos.

Continuavam entretanto os cartaginezes victoriosos na Sicilia, quando Roma resolve levar a guerra á Africa. Uma nova esquadra de 530 navios tripulados por 140.000 homens sob o commando dos consules Attilio Regulo e Lucio Manlio Vulso aprôa para alli (256). Dá-se o encontro com a esquadra cartagineza nas proximidades de Ecnoma (Sicilia), onde esta foi derrotada e perdeu um terço de seus navios, postos a pique. A esquadra vencedora prosegue sua rota e apodera-se de Clypêa, cidade cartagineza.

Roma ordena o regresso de Vulso, ficando Regulo na Africa com 15.000 infantes e 500 cavalleiros. Com este pequeno exercito desenvolve Regulo grande actividade, apodera-se de Tunis, e submete muitas cidades. Carthago pede paz ao consul, mas em vista das exorbitantes exigencias deste resolve proseguir a luta. Dá poderes discrecionarios a Xanthippos, general lacedemonio, que organiza e instrue um exercito á frente do qual bate perto de Tunis o exercito romano, ahi aprisionado juntamente com o consul.

A situação romana apresenta-se então cheia de difficuldades. A sua frota estava muito enfraquecida

e diminuída pelos combates numerosos e pelos naufrágios repetidos. Amílcar Barca, grande general, permanecia na Sicília pondo em cheque os exercitos romanos, não lhes dando tregua durante seis annos, desenvolvendo febril actividade servida por um notavel talento militar.

Roma resolve então abandonar a Africa, ao mesmo tempo que Carthago decide equipar uma esquadra, bem provida de mantimentos, armas e munições, porem mal guarnecida, para soccorrer Lilibéa e Drepano, occupadas pelos carthaginezes e bloqueadas pelos romanos. Estes, sabedores dos designios de sua irreconciliavel inimiga, prepara por sua vez uma poderosa frota para se lhe oppôr. As duas esquadras encontraram-se nas aguas das illhas Egatas e a romana sob as ordens do consul Lutacio Catullo obtem estrondosa victoria e com esta não só o dominio do Mediterraneo como a conquista da Sicília. O proprio Amílcar a quem as armas romanas não poderam vencer decisivamente aconselhou Carthago a pedir a paz, concedida mediante durissimas exigencias.

Dessa succinta narrativa resalta nitidamente haver a victoria pendido sempre para o lado do mais forte no mar, terminando a guerra favoravelmente aos romanos quando estes obtiveram o dominio indiscutível do Mediterraneo.

Bateram-se romanos e carthaginezes durante os vinte e tres annos da primeira guerra com uma tenacidade digna do odio que se votavam reciprocamente.

Seguiu-se durante vinte e tres annos a paz entre elles sellada por tratados de alliança e de limites, sem que o velho odio de parte a parte se houvesse attenuado.

No tratado que poz fim á primeira guerra ficou estipulado que Carthago não atacaria os alliados de Roma, abandonaria a esta a Sicília, reconheceria a independencia de Syracuse e pagaria á vencedora uma

indemnização de 3.200 talentos euboicos (cerca de 20 milhões de francos) e que os prisioneiros romanos da guerra seriam libertados sem resgate.

Viu-se então a nação africana a braços com uma formidável crise económica proveniente dos 25 annos de luta e das obrigações duríssimas que lhe foram impostas por aquelle tratado. Atrazada por isso nos pagamentos de soldo aos mercenários que formavam a quasi totalidade dos seus exercitos, viu-se ainda assoberbada pela revolta destes, que, depois de praticarem grandes depredações em Carthago, se alliamam aos povos da Utica e de Hippona-Zaryto, ciosos de sacudirem o jugo carthaginez, e com elles puzeram cerco áquella metropole.

Repercutiu a revolta nas ilhas de Corsega e Sardenha, possessões carthaginezas. Sob pretexto de soccorro aos habitantes das duas ilhas onde tambem houve serias depredações, Roma occupou-as militarmente e annexou-as apezar dos protestos de Carthago, aproveitando-se deslealmente da situação difficil da sua rival.

Em tal extremidade, Carthago appellou para o seu grande capitão, aquelle que se cobrira de gloria e que tanto a elevára na Sicilia e a quem deixou de dar todos os recursos de que era capaz, não lhe fornecendo esquadras efficientes que podessem abater de uma vez o poder naval romano sempre crescente. Entregou então os seus destinos a Amilcar que fôra lançado ao ostracismo por ser partidario da guerra contra Roma e que havia comprehendido que uma ou outra teria de succumbir nessa luta gigantesca pelo dominio do Mediterraneo.

O eminente carthaginez promptamente restabeleceu a disciplina e bateu os rebeldes no desfiladeiro do Machado e na batalha de Makar, exterminando-os sem dó nem piedade.

Restabelecida a ordem e desejoso de proseguir a politica de guerra á tenaz e implacavel inimiga da sua patria, procurou Amilcar modificar a constituição do seu povo de modo a concentrar em si maior somma de poderes para reunir os recursos capazes de vencer a infatigavel rival. Foi porem vencido pela politicagem, sempre odienta dos olygarchas do senado, onde os interesses egoistas preponderavam impatrioticamente sobre os interesses da collectividade, que mais cedo ou mais tarde teria que desaparecer ás mãos dos romanos cuja politica de então tinha como principal objectivo a grandeza de Roma e o imperio do mundo.

Estava no poder o partido contrario aos Barca do qual era chefe Hannon, o irreductivel inimigo da grande familia de patriotas e insignes generaes. Amilcar, coagido a deixar Carthago, resolveu combater os romanos na Hespanha. Annibal, seu filho, tinha apenas nove annos de idade e pediu insistentemente a seu pae que o levasse consigo. Este o attendeu e levando-o junto a um altar onde fazia sacrificios aos deuses, fello jurar odio eterno aos romanos.

Amilcar submetteu quasi toda Hespanha, revelando ahi como na Sicilia as qualidades militares que o sagraram grande capitão e a inexcedivel actividade que ainda uma vez justificou o cognome com que passou á Historia — *relampago* — seguido dos uns — *raio* — seguido outros.

A morte de Amilcar — uma felicidade para os romanos — no dizer insaspeito de Tito Livio, elevou ao governo da Hespanha e ao commando do exercito seu genro Asdrubal, que proseguiu a politica do sogro nas conquistas por elle encetadas.

Por essa occasião o novo general em chefe solicitou ao senado o regresso de Annibal, então em Carthago, á Hespanha. Hannon, o implacavel inimigo dos Barca, oppoz-se ao pedido e em odioso discurso que proferiu no senado procurou denegrir a reputação

de Almicar e Asdrubal, dizendo que este queria prostituir o cunhado como havia sido prostituído pelo sogro. Apesar disso o senado accedeu.

O joven Annibal foi recebido no exercito entre manifestações de alegria e dentro em pouco se tornou o idolo dos soldados pelos seus notaveis dotes moraes. Foi pois sob o commando de Asdrubal durante tres annos que elle começou a adquirir fama, guerreando Roma. As emprezas mais arriscadas, as mais delicadas missões, eram-lhe conferidas e sempre desempenhadas cabalmente. Foi o general da cavallaria e o logar-tenente do cunhado.

Morto este em combate, o exercito em peso acclamou-o seu general em chefe, acto sancionado pelo senado que o declarou bem merecido porque a Hespanha era bem a herança dos Barca. Tinha o novo chefe apenas 25 annos incompletos.

Dois razões havia para esse procedimento do senado: 1.^a — Continuava no poder o partido de Hannon que assim se via livre dos Barca, cujo prestigio era immenso pelos inegualaveis serviços prestados á patria e pelos grandes feitos militares que a ennobreciam; 2.^a — A sêde de ouro e os prazeres levaram os carthaginezes de novo ao commercio intenso, á busca e accumulção de riquezas e a abandonar os encargos do exercito, os quaes eram suppridos pelos seus generaes com os despojos das conquistas, uma parte importante das quaes era enviada á metropole.

Marinha de guerra não existia a bem dizer, transformada em sua quasi totalidade em marinha mercante.

Tal era a situação de Carthago quando Annibal assumiu o governo da Hespanha e o commando do Exercito. O seu primeiro cuidado foi preparar este para levar a guerra a Roma dentro da propria Italia.

A segunda guerra punica (218-201) não foi uma luta entre as duas nações, mas entre Roma e um homem.

Este homem porem foi Annibal Barca, o maior dos capitães da antiguidade na opinião de Napoleão Bonaparte, um dos maiores de todos os tempos, só igualado e excedido pelo proprio Napoleão. Como este foi tambem habilissimo politico.

"O primeiro nos combates, o ultimo na retirada, era ao mesmo tempo o melhor infante e o melhor cavalheiro entre todos" para Tito Livio. Audaz e prudente, infatigavel e sobrio, resistente ao frio intenso e ao calor excessivo, não perdia a menor imprudencia do inimigo, aproveitando-a sempre intelligentemente. Disciplinado e disciplinador, cuidando mais rios seus soldados que de si mesmo, justiceiro e magnanimo para os alliados, era inexoravel no castigo dos que se oppunham aos seus designios. Nunca os exercitos de mercenarios se revoltaram contra o seu egrégio general, facto unico talvez na Historia, sufficiente por si só para caracterizar um verdadeiro conductor de homens.

Tal foi o heróe que, abandonado de Carthage, se bateu durante 17 annos contra o maior povo de então, ao qual não venceu porque a decadencia moral e civica da sua patria contrastava flagrantemente a crescente exaltação civica e moral do inimigo. Era, como dissemos, a luta entre uma civilização que desinhava e decabia e uma civilização que se engrandecia.

Roma, receiosa da expansão carthagineza na Hespanha e observando que Carthago recuperava o seu antigo prestigio pelos grandes lucros que obtinha do intenso commercio a que se dedicára após a primeira guerra punica, firmou com Asdrubal um tratado pelo qual reconhecia as possessões dos carthaginezes na peninsula e estabelecia o Ebro como limite entre os signatarios. Em seguida assigna tratado de alliança com os saguntinos, povo greco-latino dotado de excelsas qualidades moraes e cuja capital era Sagunto, situada na fóz e á margem esquerda desse rio.

Annibal inicia a guerra pondo cerco a essa cidade que resistiu heroicamente durante oito mezes, detendo e guerreando os carthaginezes com pertinacia de causar admiração e respeito. Era uma grande cidade rival de Carthago no commercio do Mediterraneo Occidental, fiel aos alliados e que poderia causar serios embaraços ao joven capitão. Os saguntinos chamam os romanos em seu soccorro e estes enviam uma embaixada a Annibal que por meio de emissarios, lh'a scientifica não poder recebel-a. Uma nova embaixada é mandada a Carthago, a qual entre outras exigencias pedia a entrega de Annibal a Roma. Houve-se o senado carthaginez nessa emergencia com desusada altivez, não attendendo ás reclamações romanas mesmo porq' te o heróe punico investido no commando em chefe do exercito e no governo da Hespanha não se submettería a quaesquer ordens que o desviassem do seu objectivo.

Durante as reclamações diplomaticas Sagunto foi reduzida ás ultimas extremidades, tomada de assalto e destruida.

Annibal, tendo deixado o governo da Hespanha a seu irmão Asdrubal, investido tambem no commando de um exercito de occupação e no da esquadra, marchou em seguida em direcção á Italia, anniquilando ou submettendo os povos que lhe eram hostis e alliando-se com os que se mostravam insensos aos romanos.

Durante 16 annos (218-202) combateu Roma na Italia, abandonado de sua patria que nunca lhe enviou reforços nem quaesquer recursos. Depois de haver lutado victoriosamente contra quasi todos os generaes romanos dessa época e de haver anniquilado os exercitos inimigos que o atacaram, viu-se na contingencia de não mais poder tomar a offensiva e ainda assim não foi vencido.

Publio Cornelio Scipião que fôra derrotado e gravemente ferido em Ticino, na Italia, e seu irmão Lucio

Scipião, depois de haverem guerreado Asdrubal victoriosamente na Hespanha, foram finalmente desbaratados e mortos em uma batalha contra elle (212). Vago assim o commando do exercito romano na Iberia, só Publio Scipião, filho de P. C. Scipião e apenas com 24 annos de idade, se apresentou ao senado romano pedindo-lhe esse commando para vingar seu pae, seu tio e a honra de Roma, segundo declarou. Investido no cargo de commandante, partiu immediatamente para a Hespanha onde derrotou Asdrubal, sem duvida o maior dos generaes daquelles tempos depois de Annibal.

Essa victoria e a marcha de Asdrubal para a Italia afim de soccorrer Annibal que, desilludido de qualquer auxilio da patria, o chamára, tornaram P. Scipião senhor da Hespanha e livre do temivel e tenaz adversario. Deu-lhe ainda a victoria o consulado antes de attingir a idade legal.

Dahi em diante Scipião se esforçou para obter do senado os recursos e o beneplacito para levar a guerra a Carthago, no territorio desta, convencido que só assim Roma se veria livre de Annibal. Tanto insistiu que logrou demover os senadores da opposição a esse objectivo.

Embora Carthago nessa época dispuzesse de numerosa esquadra, o dominio do Mediterraneo pertencia á sua rival desde a batalha das ilhas Egatas, a qual foi a decisiva na primeira guerra. Nem a difficil situação de Annibal na Italia da qual teve conhecimento por Magon, irmão do grande chefe e tambem intrépido general, que a seu mandado fôra á patria; nem um provavel desembarque de tropas romanas na Africa afim de atacar Carthago; nem o engrandecimento ininterrupto de Roma cuja tenacidade estava demonstrada na insistencia com que organizava exercitos sobre exercitos e cujos desejos de vingança eram claros e patentes na actividade empregada para ferir por todos os meios

possíveis a sua inimiga; nada disso, nem tudo isso, demoveu o senado cartaginês da sua criminosa inacção e do seu descaso pelos mais sagrados bens moraes e materiaes da collectividade. Enriquecidos novamente pelas suas lavouras e industrias e pelo commercio intensivo, os cartaginezes daquelles dias nebulosos, ameaçadores de borrasca, dão a impressão de que não estivessem em guerra com a já então mais poderosa nação do mundo e cujos designios eram o dominio deste. Novamente mergulhados no luxo, nos prazeres e na politicagem de aldeia em que se compriziam, enquanto os seus grandes generaes se batiam como leões e sustentavam os respectivos exercitos a custa da propria guerra, tornaram-se incapazes de comprehender que a perfeita equipagem de sua grande esquadra e a perfeita organização de um poderoso exercito em auxilio de Annibal dar-lhes-iam em toda probabilidade o dominio do mundo e com elle as maiores riquezas. Nem mesmo perceberam que o aniquilamento dos seus grandes generaes teria como epilogo inilludível o aniquilamento da patria. O dinheiro que pouparam para a propria defesa passou para os cofres romanos accrescido de onerosos juros e 500 navios da sua frota que nada emprehendeu para impedir o desembarque do exercito de Scipião na Africa, foram augmentar o poder maritimo da sua inimiga.

Foi, é e será esse inexoravelmente o destino dos povos que só cuidam o luxo, os prazeres e a politicagem. Se não forem devorados pelos inimigos o serão pelos proprios desregramentos que os lançarão na indisciplina irremovível e por isso mesmo mortal.

! E a indisciplina geral é veneno letal sem contra-veneno possível, se não applicado a tempo.

Scipião á frente de 50.000 homens desembarcou na Utica, mas antes disso já havia obtido as alianças de Syphax e Massinissa, reis numidas. O primeiro destes porem trahiou os alliados e bandeou-se para Carthago,

atacando e desthronando Massinissa. Deante de tal facto Scipião se retrahiu e esperou os acontecimentos. Vendo porem a inacção e a incuria de Carthago, atacou Syphax a quem derrotou e aprisionou, repondo Massinissa no throno e reforçando poderosamente o seu exercito, principalmente de cavallaria que era a arma decisiva nos combates de então. Em seguida voltou suas armas contra os carthaginezes que foram derrotados varias vezes e perderam assim cidades varias.

Só então, deante do perigo imminente, se lembraram os punicos dos seus brilhantes generaes por tanto tempo por elles abandonados á propria sorte. Appel-laram para Annibal e Magon. O maior dos carthaginezes de todos os tempos não vacillou um momento siquer e cheio de tristeza e apprehensões deixou a Italia onde havia conquistado um lugar eminente na Historia, para soccorrer sua patria que tão ingrata lhe fôra sempre.

Para ganhar tempo Carthago pediu paz a Scipião que se não julgando autorizado a concedel-a, deu treguas ao inimigo para negociações.

Annibal que nunca teve receio de medir-se com os mais famosos generaes inimigos e de enfrentar exercitos sempre mais numerosos que os seus, elle que era sem duvida um psychologo a cuja agudissima intelligencia nada escapava, de chegada a Carthago previu que a sorte das armas seria adversa a seu paiz.

Sempre vencedor e austero, "o primeiro nos combates e o ultimo na retirada", grangéara a estima e o respeito dos seus mercenarios. Justicheiro e prodigo nas recompensas, distribuia regiamente entre elles os despojos dos vencidos e assim conseguia se batessem denodadamente, integrados na firme resolução de abater o inimigo. Falava ás tropas antes dos combates, incitando-as e excitando-as á victoria e certamente não escapava á sua perspicacia que o aceno aos grandes

e ricos despojos que as esperavam após o triumpho certo era o que mais as enthusiasmava.

Na Europa fóra sempre assim.

Na Africa porem não haveria despojos a distribuir. Vencidos fossem os romanos, Carthago não lhes daria mais que os soldos dos contractos, a não ser alguma inesperada gratificação mediocre. Alli, pois, o interesse e a ambição dos mercenarios não seriam satisfeitos como na Europa.

Ao grande e clarividente espirito do maior heroe carthaginez não poderia passar despercebida tambem que enquanto Roma se elevava e se engrandecia e mais se approximava da culminancia do poderio que aspirava attingir, Carthago nada fizera depois da primeira guerra punica para oppor-se, ou mesmo acompanhar parallelamente, á crescente expansão da sua terrivel e tenaz inimiga.

Homem que tudo analysava meticolosamente, que avaliava os prós e os contras sob um criterio impecavel, tirando das premissas conclusões sempre logicas e que nunca fallavam, não lhe restaria duvida alguma sobre o final da luta que se ia travar entre a austeridade dos romanos que tudo sacrificavam pela patria e a dissolução dos carthaginezes que sacrificavam a propria patria pelo gozo das riquezas.

A situação era nitida, mais do que nitida, evidente. De um lado, o já celebre Publio Scipião commandando romanos cohesos e disciplinados, dispostos a vencer ou morrer, e alliados orgulhosos da alliança e por sua vez inimigos tão encarniçados de Carthago como os romanos. De outro lado, Annibal á frente de mercenarios ás portas da patria, que, na ultima extremidade a que chegára, ainda se comprazia na felonía e na deslealdade.

O grande carthaginez tudo empenhou para que os Anciãos e o senado concluíssem nobremente a paz

que haviam solicitado a Scipião. Mostrou-lhes quão precaria era a situação em que se encontravam perante os romanos, que, vencedores como tudo fazia prever, impoziam condições ainda mais duras e vexatorias. Nem a eloquencia insuperavel de Annibal naquelle tragico momento historico nem a eloquencia muda dos factos inevitaveis, nem uma, nem outra, nem ambas, demoveu os seus concidadãos. Elles que nunca acreditaram no imperterrito soldado nos dias de triumpho e de gloria não seriam capazes de crel-o nos dias aziagos e infortunados que estavam vivendo.

Decidiram deslealmente pela guerra e aproveitando a tregua generosamente concedida pelo general romano, mandaram metter a pique os navios inimigos ancorados nos portos carthaginezes e maltrataram os deputados romanos que negociavam a paz em Carthago.

Annibal parte immediatamente para Agrigento, põe-se á frente do seu exercito e marcha sobre Zama. Approximados os dois exercitos inimigos e dispostos para a batalha com raro talento de parte a parte, o general carthaginez solicita ao romano uma entrevista que lhe é concedida. Annibal, esquecido de si e só tendo em vista a salvação de Carthago, pede a paz. Scipião delicada e nobremente faz-lhe comprehender o procedimento desleal de Carthago e declara que accitaria a paz *ad referendum* se ás condições que deviam servir de base ao tratado que se negociava antes de sua volta á patria, fossem accrescidas reparações satisfactorias pelo ataque aos navios e pelo desacato que soffreram os representantes romanos em plena tregua quando tratavam da paz que lhe sôra solicitada.

Não chegaram a accôrdo e a batalha feriu-se em uma planicie proxima á cidade de Zama, na qual haviam tomado posição os dois exercitos (202). Dizem varios historiadores que Annibal tudo previra e tudo dispuzera

com grande habilidade e invejável intelligencia. O proprio Scipião o reconheceu. Não obstante, "Zama foi a Waterloo do Napoleão da antiguidade como Waterloo foi a Zama do Annibal moderno".

O grande carthaginez ao ver-se derrotado retira-se para Carthago e aconselha a paz, concluida em 201, sob as seguintes durissimas e humilhantes imposições: Cessão da Hespanha e das ilhas do Mediterraneo Occidental a Roma, licenciamento do exercito e prohibição formal de organizar outro, prohibição expressa de fazer guerra na Africa e alem-mar, reconhecer Massinissa como um soberano amigo, entrega de 500 navios ao vencedor, pagamento de 10.000 talentos cuboicos como indemnização de guerra.

Eis ahí a conclusão da segunda guerra punica.

Verifica-se do exposto que Roma, de posse do dominio do Mediterraneo, não só manteve as conquistas da primeira guerra como desembarcou tropas na Hespanha por diversas vezes, sempre que teve necessidade de alli combater os carthaginezes, terminando por se apossar de toda a peninsula e das ilhas situadas na parte Oeste daquelle mar. Verifica-se tambem que esse dominio lhe permitiu levar a guerra a Carthago no territorio desta com exito decisivo.

Quanto aos carthaginezes resulta a derrota que merecidamente soffreram, da incuria e inacção em que se mantiveram nos longos annos durante os quaes os seus gloriosos generaes, os eminentes Barca, lutaram na Europa, não lhes enviando reforços, nem ao menos apparellhando esquadras que mantivessem a cavalleiro de invasões os dominios e a mãe patria.

Terminada a segunda guerra, Annibal assume o governo de Carthago e revela-se um grande administrador. Guiado pelo patriotismo nunca excedido por outro homem, desambicioso que não conheceu o egoismo, dedicado exclusivamente ao serviço da patria e ao odio

jurado contra Roma, genio polymorpho, a sua acção se desenvolve na paz tão nobremente como na guerra. Os serviços publicos melhoram ; põe fim á desordem no fisco, sempre fraudado pelos hannonistas abastados durante os longos annos que governaram ; allivia as classes menos favorecidas da fortuna ; destroe a olygarquia dos poderosos, dando feição popular ao governo ; procede a uma rigorosa atrecadação e a uma equitativa distribuição de impostos ; paga rapidamente a indemnização de guerra ; mantem o respeito e a confiança do povo.

Não obstante tudo isso, seus inimigos internos — os hannonistas em geral e principalmente os concuscionarios deshonestos desmascarados pela sua honesta administração não cessam de hostilizar-o e para delle se livrarem não escolhem meios ainda os mais impatrioticos e indignos. Insistentemente o denunciam ao senado romano de achar-se em entendimento secreto com Antiocho III, rei da Syria, para declararem guerra a Roma. O senado sciente do resurgimento rapida de Carthago sob o governo do grande homem, não vacilla e exige por intermedio de uma embaixada ao seu homonymo carthaginez, se lhe entregue o heroe.

Este receioso de ser trahido e entregue aos romanos, sahe furtivamente de Carthago, e procura abrigo na côrte de Antiocho. Ali concita o soberano a preparar-se para a guerra e quando o vê resolvido, vae á patria trabalhar para que esta se una à Syria.

Leva cinco navios e de bórdo tenta convencer seus patricios da necessidade de atacar Roma, aproveitando a alliança de um rei poderoso disposto a enfrontal-a. Nessa occasião pede a Magon que o não abandone e o irmão immediatamente se recolhe a bordo. O senado ao saber do facto fez a esse general o que fizera a Annibal, ao afastar-se este de Carthago : Declarou-o inimigo da patria, sentenciou-o ao exilio, confiscou

os seus bens que foram vendidos em leilão e mandou arrasar a casa de sua residência.

Em seguida puzeram-se de vela os dois irmãos rumo á Syria, tendo Magon morrido durante a viagem.

Houve divergencia entre Antiocho e Annibal quanto ao theatro das operações. Este queria que a guerra fosse feita na propria Italia, mas aquelle opinou pela Grecia.

O rei passou o Hellespoto á frente do seu exercito, penetrou na Hellade e foi batido pelos romanos sob o commando de Catão (191) nas Thermopylas. Obrigado a voltar á Asia foi perseguido e derrotado por Lucio Scipião, irmão de Publio Scipião, na batalha de Magnesia (190), onde os syrios perderam 52.000 homens. O rei então pediu a paz que lhe foi concedida sob as imposições de evacuar a Asia Menor, entregar os navios e os elephantes que possuia ao vencedor e pagar a este 15.000 talentos.

Annibal, a quem não se póde attribuir a menor responsabilidade nas operações do exercito de Antiocho, temendo novamente uma traição, recolheu-se á côrte de Prusias, rei da Bythinia, que o acolheu com satisfação.

A todos os povos e reis dos quaes se approximava não cessa o carthaginez de aconselhar odio aos romanos, que tudo avassallavam e a todos queriam dominar pela força. Vendo que a Bythinia não tinha elementos sufficientes para a luta, aconselha Prusias a unir-se a outros reis. Estava elle então em guerra contra Eumenes, rei de Pergamo, alliado de Roma. Embora Annibal tivesse ganho uma batalha naval que dirigira contra Eumenes em pessoa, o auxilio dos romanos não se fez esperar e Prusias acabou vencido e a Bythinia dominada.

Enquanto viveu nunca se extinguiu o odio com que Roma o distinguia sempre, como nunca arrefeceram o odio e a inveja que os partidarios de Hannon votavam

ao seu general. Carthago havia descido tanto que se tornára a mais fiel escrava de Roma e os carthaginezes por adulação e subserviência transmittiam aos romanos tudo o que ao conhecimento lhes chegava sobre o seu eminente soldado. Sabiam estes por intermedio dos delatores que Annibal conspirava contra elles e quaes os logares em que se occultava. Confirmada por uma embaixada de Prusias a Roma a suspeita de que elle ainda se achava na Bythinia, foi enviada uma embaixada ao rei, pedindo a entrega do grande capitão, que, vendo sua casa cercada por tropas e tomadas todas as saídas se envenena e morre.

Era o ultimo Barca, o mais illustre de todos, aquelle que reunia em si todas as nobres qualidades da excelsa familia, como esta absorvera nos seus membros os dotes moraes que outrora fizeram respeitacos os seus concidadãos.

Em nada aproveitaram aos carthaginezes as delações e as accusações, porque o velho odio romano não cançou nem descançou enquanto não os viu enriquecidos inteiramente, para sempre.

Massinissa, o velho rei numida, nunca os deixou em paz e qualquer motivo lhe servia para os espoliar. Vendo que Carthago se refazia e readquiria rapidamente o seu antigo esplendor pelo commercio novamente intensificado que a tornava ainda uma vez um grande emporio no Mediterraneo, tendo uma população cosmopolita sempre crescente, as riquezas a accumularem-se dentro dos seus muros, Massinissa, certo do appoio romano, annexou aos seus dominios uma provincia carthagineza que possuía cerca de 70 povoações prosperas.

Deu isso causa á terceira guerra punica (149-146). Os carthaginezes levaram suas queixas a Roma que os não attendeu, não ligando ao caso importancia alguma. Desesperados, resolvem pegar em armas contra Massi-

nissa. Roma intervem então e manda Catão, o censor, á Africa, afim de servir de mediador. O resultado da mediação estava previsto uma vez que o nomeado era o maior e o mais intransigente inimigo de um dos contendores. O austero censor não perdia occasião de expandir o seu rancor e todos os discursos que proferia no senado terminavam com a celebre phrase: "penso que Carthago deve ser destruida".

Roma declara guerra e um exercito de 80.000 homens sob o commando dos consules Censorino e Manilio desembarca de poderosa esquadra na Utica. Intimidados os carthaginezes a entregar todo o material de guerra que possuisssem, apressam-se a obedecer. Vendo-os desarmados, os romanos descalmente determinam-lhes o abandono da cidade e a retirada dez milhas para o interior. Era o supremo escarneo atirado pelo mais poderoso dos povos ás faces daquelles que não quizeram combater pela patria nem nos dias de fastigio nem nos dias de infortunio.

Só então, já muito tarde, tiveram assomos de energia, mesmo de elevada envergadura moral. Resolveram tudo sacrificar em defeza da cidade — dinheiro, joias, os cabellos das mulheres para o fabrico de cordas, os templos transformados em officinas e fabricas de armas, todos os cidadãos e escravos alistados para o exercito. Poderam assim armar 70.000 homens que resistiram dois annos, até que, assumindo o commando dos romanos Publio Cornelio Scipião Emiliano, neto de Paulo Emilio e neto adoptivo de Publio Scipião, foram os carthaginezes vencidos após seis dias e seis noites de combates dentro da cidade. Foi esta entregue ao saque e em seguida incendiada, passados pelas armas os sobreviventes em sua maior parte.

Triste e nobre epilogo de um grande povo já então decrepito, que devia saber que morreria e desapareceria do mundo nessa terceira e ultima guerra contra

os seus mais implacaveis inimigos. Vencido que fosse Scipião Emiliano, Roma enviaria á Africa exercitos ainda mais poderosos, porque para isso dispunha de grandes recursos e possuia o dominio do Mediterraneo. A guerra seria fatal a Carthago por maior e mais demorada resistencia que *podesse oppôr*.

Convenhamos que os carthaginezes íoram um grande povo de lavradores, commerciantes e navegadores. Faltou-lhes a tempera guerreira dos Barca e mesmo a dos romanos. Como elles, cahiram e desapareceram outros povos, como fatalmente cahirão e desaparecerão todos os que não cuidarem as qualidades physicas, mentaes e moraes dos cidadãos, aperfeiçoando-as sempre.

E' conhecidissima a historia de Roma e o que dissermos sobre as guerras punicas illustra bastante a demonstração da these do mais forte no mar.

Accrescentamos aqui apenas que de posse do dominio do Mediterraneo, a ambição romana não teve limite. As suas esquadras cerca de um millenio cruzaram sem cessar o legendario mar em todas as direcções, em todos os sentidos, transportando os seus exercitos a todos os pontos, levando as autoridades e as ordens de Roma a todos os portos.

Foi esse dominio absoluto que permittiu ao grande povo a sua formidavel expansão e a formação do inmenso imperio que hontem, hoje e sempre, foi, é e será uma escola de fecundos e variados ensinamentos aos outros povos.

Aos romanos succederam nesse dominio os arabes, graças ao qual conseguiram elles em menos de um seculo formar na Edade Media o grande imperio que se estendeu do Indo aos Pirineus pelo Norte da Africa, comprehendendo quasi todas as ilhas do Mediterraneo entre as quaes Malta, Cicilia, Corsega, Sardenha, Baleares.

Estiveram ás portas de Roma que ameaçaram.

Não fossem as discordias que appareceram logo no inicio da expansão arabe com a successão de Mahomet I, as quaes não mais cessaram enquanto durou o imperio, e as guerras intestinas desencadeadas pelas ambições infrenes dos seus califas e generaes, a Europa toda teria cahido sob o dominio dos arabes, não obstante Carlos Martel e seus alliados.

Napoleão I, o maior dos generaes de todos os tempos pela originalidade das suas concepções, pela technica dos seus planos de campanha, pela energia com que executava as suas resoluções e pela celeridade das suas operações contra varios exercitos ao mesmo tempo, só não realizou o seu objectivo de dominar o mundo, formando um grande imperio debaixo do seu sceptro, porque não teve o dominio dos mares. A derrota da esquadra Franco-Hespanhola em Trafalgar (1805), a qual deu á Inglaterra a hegemonia no Atlantico e no Mediterraneo, tirou ao grande capitão a possibilidade de invadir essa nação e submettel-a.

As grandes victorias em terra que o tornaram senhor da Europa continental e arbitro da politica internacional não lhe deram invulnerabilidade. Apesar dessas victorias e do celebre bloqueio continental em prejuizo dos inglezes, foram estes pela posse dos mares a causa principal se não unica do declinio e desapparecimento do imperio napoleonico.

A Inglaterra foi a alma das colligações europeas que visavam a perda de Bonaparte. Nunca deixou ella de manter bem vivo contra o genial corso o espirito de repulsa e de vingança das nações e povos por elle vencidos.

O seu ouro esteve sempre prompto a satisfazer as necessidades dos exercitos colligados. A sua posição geographica e o dominio dos mares mantinham-na a cavalleiro de qualquer golpe de mão do terrivel inimigo

e permittiam-lhe ao mesmo tempo desembarcar tropas no continente para atacarem-n'ó.

Não deve ser segredo para nenhum brasileiro estudioso a guerra da triplice alliança contra o Paraguay.

O dictador Solano Lopez, politico inhabil e marcial só em nome, desde o inicio da guerra comprometteu o exito desta, tomando uma offensiva que inevitavelmente lhe acarretaria serios desastres. A invasão de Corrientes, negada permissão para a travessia dessa provincia afim de invadir o Rio Grande do Sul, forçou a Republica Argentina a entrar na luta declarando-se pelo Brasil. O ataque ao Rio Grande, longe da sua base de operações e tendo de perneio um paiz adversario, era nem mais nem menos a entrega dos seus exercitos de invasão á destruição dos inimigos, como aconteceu.

Fornidavelmente fortificado em Curuzú, Curupaity e Humaytá, alem de outros pontos dentro do seu territorio; tendo defezas naturaes importantes como os rios Paraná, Paraguay e Apa, o segundo destes atravessado em Humaytá por grossas correntes de ferro que difficultavam sobremaneira o accesso logo acima da sua embocadura; possuindo uma esquadra fluvial ponderavel naquellas circumstancias a augmentar-lhe o poder defensivo; tendo a provincia de Matto Grosso a seu alcance e sem defeza para accrescer-lhe o poder de resistencia pelo arrebanhamento de gado vaccum e cavallar e pelo saque das povoações: tudo isso aconselhava a defensiva ao Paraguay no começo da guerra, excepto quanto a Matto Grosso.

Ainda mais: Matto Grosso isolado do resto do Brasil pela grandes distancias a que ficava dos centros populosos do paiz e pelas difficilimas e longuissimas estradas de rodagem interiores nunca reparadas, cortadas as communicações por agua, obrigava o Brasil

a tomar a offensiva não só para soccorrel-a como para defeza da navegação dos rios Paraná e Paraguay.

Ora, se com os erros praticados por Solano Lopez desde o inicio a guerra durou cinco annos, pôde-se conjecturar quantas difficuldades accresceriam para o Brasil se o Paraguay se mantivesse na defensiva, economizando intelligentemente suas tropas e obtida a neutralidade Argentina.

Era tal a situação defensiva do bravo povo paraguay que a batalha naval de Riachuelo (11 de Junho de 1865) provocada pelo ataque brusco á esquadra brasileira, não deu ao Brasil vantagens decisivas, embora ficasse este com os movimentos de sua frota desembarçados no rio Paraná e em pequeno percurso do rio Paraguay, podendo assim se approximar ella da confluencia dos dois rios. Essa approximação permittiu afastar para o interior as tropas paraguayas das respectivas margens pelo bombardeio ás posições que alli occupavam, o que facilitou o desembarque das tropas brasileiras e alliadas em territorio inimigo (1866).

Ora em periodos mais ou menos longos de inacção, ora na actividade de combates que pouco ou nada adelantaram o invasor, a guerra permaneceu sem plano prefixado de operações de parte a parte, até Fevereiro de 1868, quando se effectuou a passagem da esquadra brasileiro por Humaytá, rio acima.

Só depois dessa passagem foi possível a celebre marcha de flanco de Caxias, preestabelecido um plano de operações que foi executado com as difficuldades inherentes ao grande afastamento do Brasil do theatro da luta e á obstinada cegueira de Lopez em proseguir a guerra a todo transe, não querendo pedir a paz, preferindo sacrificar assim ao seu proprio destino o do valente povo digno sem duvida de melhor sorte.

Conclue-se pois que a victoria do Brasil foi possível porque as operações da esquadra facilitaram as do

exercito. A destruição da esquadra inimiga deu-lhe o dominio dos rios e garantiu-lhe o reabastecimento das tropas dentro de um paiz em que a miseria chegara ao extremo.

Na guerra da Criméa a acção das forças navaes foi decisiva.

A principal causa dessa guerra foi a situação politica da Europa. Surgia a Russia como grande potencia ameaçadora do prestigio da França e da Inglaterra e era necessario oppor-lhe embargos á desmedida ambição de expandir-se para o Suéste europeu. Foi aproveitado para rompimento das hostilidades um conflicto na Palestina entre religiosos gregos e latinos. A Turquia manifestou-se por estes e a Russia por aquelles.

Collocaram-se ao lado da Turquia a França, a Inglaterra, a Austria e a Sardenha. A Russia agiu só.

Era enorme a superioridade naval dos alliados. Dominados por elles o mar Baltico poderam bloquear Cronstadt. No mar Negro anniquilaram o poder maritimo dos russos e bombardearam Odéssa, porto militar, feitos que lhes permittiram desembarcar em Eupatoria um exercito de 50.000 francezes e 25.000 inglezes.

Após a batalha de Alma na qual foram victoriosos, os alliados puzeram cerco a Sebastopol (1854-55), importantissimo arsenal maritimo russo defendido por fortificações quasi inexpugnaveis. Não obstante os grandes reforços enviados por terra pelos russos, caliu a grande fortaleza depois de treze mezes de sitio e bloqueio, demonstrando mais una vez a victoria do mais forte no mar.

A guerra entre o Japão e a China (1894-95) foi motivada pela politica de expansão daquelle no continente. Formado de ilhas destinadas á submersão por frequentissimas agitações sismicas que lhe vão pouco a pouco diminuindo o territorio e destruindo cidades,

tendo uma população dupla da que pôde manter economicamente o paiz, iniciou o Japão as guerras de conquista depois de se haver preparado celere e habilmente em terra e no mar.

A Coréa, península politica e geographicamente ligada á China, sob a influencia e protectorado desta, excitou a cobiça dos japonezes. Tendo alli irrompido uma revolta, a China, como era natural, mandou tropas para reprimil-a. O Japão por sua vez e sob pretexto de proteger os seus subditos, fez desembarcar uma expedição na Coréa.

Dahi a guerra, iniciada pela batalha naval da fóz do Yalú, a qual garantiu aos japonezes o percurso dos mares e as communicações para o seu paiz, desembaracadamente.

Terminada a luta pela victoria do Japão, este se apossou da ilha Formosa até então pertencente á China e obrigou esta a accitar a independencia da Coréa, que depois, pouco a pouco cahiu em poder do vencedor.

Repete-se actualmente o facto. A Mandchuria, rica provincia chineza, foi declarada independente por intervenção armada do Japão, para mais tarde cair debaixo do seu dominio, se a Russia não lhe embargar os passos, como fazem prever os acontecimentos politicos que se estão realizando, preparativos de outros mais graves e decisivos para os destinos dos povos.

Desde a victoria de 1894-95 a preocupação maxima do Japão tem sido o dominio dos mares asiaticos para garantir-lhe as ambicionadas expansões continentaes. A razão que apresenta para as suas investidas é sempre a mesma, o indefectivel estribilho: proteger os subditos.

A guerra russo-japoneza (1904-05) confirma de modo frisante a victoria do mais forte no mar.

Nação fraca e ainda mais enfraquecida pela guerra anterior, a China foi obrigada pelas grandes potencias

a dar-lhe privilegios commerciaes a principio e a fazer-lhes concessões territoriaes afinal.

Nessa occasião a Russia occupou Porto Arthur.

Dahi se originou um odio profundo dos chinezes contra os estrangeiros dando ensejo á formação da poderosa associação secreta dos boxers, presidida pelo principe Tuan e protegida pelo governo chinez, a qual atacava as concessões praticando toda sorte de violencias prejudiciaes aos occupantes alienigenas.

Das oito grandes potencias de então só não interveio a Austria. Foram enviados á China 100.000 homens de desembarque os quaes se apoderaram de Tien-Tsin e Pekim (Julho e Agosto de 1900), após o bombardeio dos fortes de Taku por navios das nações interventoras.

Regulada a contenda, as tropas russas ficaram occupando a Mandchuria.

Senhora dos mares no Extremo Oriente, possuindo uma esquadra então mais poderosa do que a japoneza, a Russia tomou providencias para a sua expansão territorial. Formou um vice-reino constituido pelos dominios que alli já possuia e mais Porto Arthur e Mandchuria, visando tambem a posse da Coréa.

O Japão, sempre fiel á sua politica expansionista no continente, assim prejudicado, iniciou em 1903 negociações diplomaticas para que a Russia evacuasse a Mandchuria, sem obter resposta satisfactoria.

Esperou occasião favoravel, que se apresentou quando a esquadra russa da Asia estava dispersa em diferentes pontos. Sem prévia declaração de guerra como é seu costume, atacou de surpresa em a noite de 8 para 9 de Fevereiro de 1904 os navios russos que se achavam em Porto Arthur, causando serias avarias em tres dos seus melhores couraçados. No dia immediato os japonezes metteram a pique dois cruzadores

russos que estavam em Chemulpo, na Coreia. Em seguida a esquadra de Togo em combates successivos destruiu a esquadra russa do almirante Makarof e engarrafou os navios russos de Porto Arthur, que foi submettida a bloqueio.

Conquistado o dominio dos mares, o Japão despeja grandes exercitos no continente, os quaes de victoria em victoria vão aniquilando os exercitos russos do illustre general Kuropatkine.

Porto Arthur depois de heroica e memoravel resistencia capitulára em 1.º de Janeiro de 1905. Mukden, em torno da qual se lerira a batalha considerada decisiva e na qual os russos perderam 100.000 homens, fôra occupada pelos japonezes em 10 de Março. Era occasião da Russia pedir a paz para não sacrificar a esquadra do Baltico. Não o fez e determinou que ella seguisse urgentemente para a Asia contra a opinião generalizada dos technicos que previam a impossibilidade de medir-se ella com a frota inimiga depois da longa travessia a realizar. O almirante Togo esperou-a em situação favoravel á esquadra japoneza e a 27 de Maio, em Tsu-shima, a derrotou completamente, destruindo o poder maritimo da Russia.

Resultados: — Manchuria evacuada pelos russos e entregue á China; a cidade de Porto Arthur e metade da ilha russa Sakalina annexadas ao Japão; Coreia passa a protectorado japonéz e annexada definitivamente em 1910.

A guerra hispano-americana (1898) teve suas origens nas revoltas frequentes de Cuba para conquistar sua independencia e na doutrina de Monroe bem ou mal entendida, bem ou mal applicada.

A ultima revolta foi ostensivamente favorecida pelos Estados Unidos, que toleraram fosse estabelecida em Nova York a junta insurreccional cubana e que

americanos em grande numero se alistassem nas hostes revolucionarias.

Deu motivo ao rompimento uma explosão que afundou o couraçado americano *Maine* em Fevereiro de 1898, na bahia de Havana. Embora não se tivesse provado a culpabilidade dos hespanhoes nesse facto, os americanos do norte o attribuiram a elles. O congresso estadunidense decretou a intervenção em Cuba e o reconhecimento da independencia da importante ilha.

Era a declaração de guerra.

A esquadra americana do Pacifico immediatamente aproou para as Filipinas, archipelago então pertencente á Hespanha, e ali destruiu totalmente a esquadra hespanhola na batalha de Cavite, na bahia de Manilha, terminando por apossar-se do archipelago, auxiliada por Aguinaldo, o celebre chefe dos tagalos que tanto se bateu pela independencia das ilhas.

Uma forte esquadra americana do Atlantico bloqueiou Cuba e bombardeou as povoações do littoral, enquanto a esquadra hespanhola ficou inactiva no interior do porto de Santiago. Facil foi então o desembarque de tropas americanas na ilha, as quaes auxiliadas pelos insurrectos, iniciaram a 1.º de Julho o ataque a essa cidade. A 3 do mesmo mez resolveu o almirante Cervera sahir do porto para o mar alto á frente da esquadra do seu commando, a qual foi inteiramente batida e destroçada.

Como sempre, o dominio dos mares foi factor decisivo para as operações e para a victoria dos Estados Unidos.

A Grande Guerra (1914-18) que fôra prevista para breve, em Novembro de 1911, pelo Tenente Coronel Rousset, do exercito francez, é um dos melhores exemplos para confirmar a thèse do mais forte no mar. Previu

mais o illustre official: A participação no mínimo das seis grandes potencias europeas de então; a invasão da França pelo Norte, violada a neutralidade belga e desrespeitado o tratado que a regulava; a derrota provavel dos imperios centraes principalmente pela fome, esgotados os proprios recursos e na impossibilidade de haivel-os do exterior. E isto certamente por não poderem alcançar o dominio dos mares.

Como fomos testemunhas, essas previsões se realizaram, demonstrando claramente o caracter scientifico dos phenomenos historicos, entre os quaes os antecedentes preparam e determinam os consequentes. Isso nos ensina que a Historia deve ser estudada debaixo desse aspecto para que os phenomenos politicos e sociaes na sua evolução sejam dirigidos e orientados pelos verdadeiros estadistas em beneficio da humanidade, encaminhados por elles para desfechos salutaes ao bem geral das collectividades.

Antes de proseguir a demonstração da thèse que nos preoccupa, abriremos um parenthese para ligeiramente discutir as causas das guerras e a quem cabe a deflagração da Grande Guerra, exteriorizando a nossa modestissima opinião para que um dia se dê a Cesar o que é de Cesar, depois de bem analysado o assumpto.

O desejo de mando é inherente á personalidade humana. O individuo sente-se sempre lisongeadado quando por qualquer circumstancia se destaca no ambito em que vive. Nada o attrahe mais que o poder sobrepôr-se aos outros individuos e vel-os obedecer ás suas ordens. Só os philosophos fazem excepção e desprezam as posições elevadas, convencidos que ellas são sempre ephemeras e transitorias e que a propria immortalidade é perfeitamente mortal. Comprehendem que a Terra é um organismo cuja vida não depende só dos órgãos interiores, pois que ella está sujeita antes de tudo á vida do Sol. Tem este os seus dias contados dada a perda

constante de energia pela irradiação. Por sua vez a ignição do centro da Terra vai reduzindo tudo a cinzas e gases lançados no espaço pelas crateras dos vulcões. As pressões interiores vão diminuindo e a submersão da parte sólida do planeta é uma questão de tempo. Um novo dilúvio, o último e perenne, cobrirá inteiramente a Terra e ella morrerá asphixiada por submersão se não tiver expirado antes pelo resfriamento do astro que lhe dá vida.

Então, adeus immortalidade humana !...

Mas se os philosophos desprezam as posições elevadas e não lisongeiari os homens que as detêm, estes por sua vez desprezam aquelles porque, libertos elles de ambições egoisticas e de preconceitos quaesquer, se influissem na formação das nacionalidades, os mandões não poderiam satisfazer os seus caprichos, os seus appetites, as suas inclinações, porque tudo seria convenientemente organizado e regulado para o bem estar geral. O poder pertenceria ás massas e os governantes, mandatarios destas, teriam que obedecer aos dictames que ellas lhes prescrevessem, orientadas pelos philosophos, e não aos seus proprios instinctos e pendoros egoisticos.

No dia em que a Philosophia que é a cupola dos conhecimentos humanos, dirigir a organização systematica das nações, isto é, no tempo em que essas organizações obedecerem ás leis naturaes que regem os phenomenos biologicos, sociologicos e moraes, sem a perturbação endemica de leis artificiaes de favoritismo e isolamento, será possível a paz entre ellas, por uma justa apreciação das necessidades collectivas, como a paz entre os homens só será viavel quando os philosophos orientarem o ensino em todos os paizes, formulando programmas que obedecam á seriação systematica daquelles conhecimentos, dando ao individuo educação e instrucção racionais e seguras que lhe permitam

a formação do character e da mentalidade em bases solidas e orientadas para o bem geral, despertando-lhe o sentimento e o espirito para a actividade social em beneficio de cada um e de todos.

Emquanto porem as nações forem organizadas e dirigidas por esses especialistas que por ali pullulam, pseudo-estadistas, restrictos ao ambito estreito dos poucos conhecimentos que adquiriram, que só se interessam pelas necessidades do seu povo, e isto parcialmente, sem que procurem conjugal-as ás necessidades dos outros povos, sem que tenham uma visão do conjuncto da especie humana e soluções geraes satisfazendo a todos e a todos harmonizando, não será possível o advento da fraternidade humana e a paz entre as nações. Assim tambem, emquanto o ensino fôr organizado e dirigido pela pieguice e myopia de bonecos enfatuados que ignoram o verdadeiro conceito das leis naturaes que regem os phenomenos universaes; que pouco ou nada sabem do que ha de verdade e de ensinamentos no mundo das sciencias abstractas, a não ser uns rudimentos de Mathematica, Physica, Chimica e Sociologia, e talvez de Astronomia, Biologia e Moral; que sabem das sciencias concretas por ouvir dizer; que não sabem o que seja Philosophia; que julgam não haver fóra do seu estreito, egoista e interesseiro crédo religioso, mais nada de religião; que reformam a instrucção para dificultar e encarecer o ensino secundario tão necessario a todos, homens e mulheres, para que possam illustrar o espirito e exercer benefica e conscientemente as proprias actividades; que mudam constantemente os regulamentos de instrucção, em geral para peor, a ponto de tornar o ensino de humanidades inacessivel aos pobres e no qual a sequencia do estudo não obedece á seriação logica do que se vae aprender, de modo que cada serie seja o embasamento, o alicerce da que se lhe segue; que só reformam pelo

prazer tolo da exhibição, julgando conseguir o embasbacamento das populações sem cultura e o elogio da imprensa venal; que incapazes de exame de auto-saber se mettem a psychologos, a legislar sobre todos os assumptos, todas as profissões, todas as collectividades, quando são incapazes de legislar sobre o proprio lar: Com esses pobres de espirito nunca se poderá formar cidadãos aptos a exercerem a verdadeira cidadania, aquella em que os homens não se tapeiam, não se acanham, não se dilaceram, não se recriminam, põem aquella em a qual cada homem veja no seu semelhante um irmão e amigo, um ser com iguaes direitos, regalias e deveres; que ame ao proximo como a si mesmo sejam quaes forem o seu crêdo religioso, a sua doutrina politica, a terra do seu nascimento, a sua differença de pigmento; que mesmo ame mais o proximo que a si mesmo para que melhor ame a sua propria pessoa, corrigindo-se, vencendo-se.

No Brasil de após 1930 ainda ha ministros e ainda se formam partidos em cujos programmas prégam o ensino religioso, esquecendo lamentavelmente o ensino propriamente civico e o moral, os quaes deveriam existir em todas as series dos cursos primario, secundario e superiores, numa sequencia logica, porque sem elles não se forma o cidadão para o desempenho da sua actividade proficuamente. Ora, preconizar o ensino religioso pela franquia de professores dos diversos crêdos nas escolas, é crear divergencias, dissidios e discordias onde só deve haver união, amizade, cooperação. Ou elles querem caçar votos pela influencia do cléro com evidente bajulação a este ou confundem civismo e religião, ou mesmo moral e religião, quando esta e aquelle são apenas capitulos da Moral, embora importantissimos.

Assim sendo, a religião nas escolas leigas deve ser ensinada em noções geraes e em cada curso por um unico professor, sempre de espirito amplamente liberal,

porque o seu objectivo será preparar a formação de consciências e não formar proselytos de qualquer seita. Aquelle que quizer formar o seu espirito no culto de uma religião deverá ir a escola especial para isso.

É tão mais penosa e censuravel a attitude dessas caricaturas de estadistas, quando a Historia da Humanidade ahí está ao alcance das intelligencias, revelando sem a menor duvida que os crédos religiosos, sempre em guerra permanente e eterna uns com os outros, são os menos capazes entre todas as instituições, quer se considerem divinas quer se digam humanas, de realizar a approximação das nações e a dos individuos. Todos elles têm os seus dogmas, divinos ou humanos, ferozmente irreconciliaveis uns e outros. Dentro do mesmo crêdo quantos schismas a dividirem os seus crentes !..

É fóra de duvida para quem de animo sereno e intelligentemente estuda os acontecimentos historicos que as religiões nunca serão factores da paz. Ao contrario, serão sempre factores da guerra, porque irreductivamente incapazes de reconciliação e accôrdo umas com as outras no presente, não cessarão de hostilizar-se ainda por muito tempo.

Só o imperio unico do mundo, sonhado desde os primeiros tempos historicos, poderia, se viavel, adoptar um só crêdo e isso mesmo exterminando todos os crentes dos outros crédos para que cessassem de uma vez os dissidios de religião. E como a humanidade cada dia mais se oistancia da possibilidade do imperio mundial, forçoso é concluir que das religiões não advirá a paz.

Só os verdadeiros philosophos, isto é, aquelles cuja philosophia seja o transumpto das leis naturaes e eternas que governam inexoravelmente os mundos, poderão conseguil-a pela organização das sociedades humanas dentro das verdades scientificas. Só elles na Terra são despidos de inveja, vaidade, orgulho,

ambição e egoismo, e por isso mesmo são os únicos que na direcção dos governos pôdem conseguir a paz entre as nações e a pacificação entre os homens. E como elles são em numero infinitamente pequeno, quasi zero, a guerra foi, é e será a razão de ser da humanidade ainda por muito tempo, porque os periodos de paz não são verdadeiramente de paz, pois que durante elles a guerra nunca cessou nem cessará tão cedo, não de armas na mão, mas pela egoistica politica das competições e dos subterfugios, na qual novas guerras armadas cada vez mais cruentas se preparam e isso desde o inicio dos tratados que regularam qualquer dellas.

Feita esta digressão necessaria em um livro como este, de combate e de doutrina, retomemos o fio do assumpto principal.

As guerras tiveram sempre como causa primeira desde a mais remota antiguidade a ambição, o egoismo e a vaidade dos reis e principes, cujo espirito de mandonismo se ha manifestado atravez dos tempos, dominando-os a obcecação do governo do mundo. Até a revolução franceza de 1789 os homens e os povos não tiveram direitos e sim deveres. Governados discrecionariamente pelos reis e senhores nunca tiveram vóz activa e vontade propria. Matavam e deixavam-se matar para que seus reis e senhores tirassem os proventos das espoliações a que sujeitavam inexoravelmente os vencidos. Para adquirir um throno ou um pedaço de terra tudo era licito: Os casamentos por conveniencia tratados desde a mais tenra infancia dos nubentes, a deslealdade, a perfidia, o subterfugio, o suborno, a corrupção, o roubo, o homicidio, o regicídio, o uxoricidio, o parricidio, o filicidio, o fratricidio. Todo esse sequito de ignominias se encontra na historia da antiguidade classica, principalmente nos grandes imperios persa, macedonio e romano.

Foi esse o triste legado de moral política que passou á Idade Media, durante a qual desfilaram esses horrores com o Feudalismo e o inicio da formação das nacionalidades modernas, quer nas pelejas dos senhores feudaes entre si, quer nas lutas destes contra os reis, quer nas guerras entre estes últimos. Persistiu durante ella a sêde insaciavel de mando que nunca arrefecia por maiores que fossem as terras e os imperios adquiridos a sangue e torpezas. Nunca os detentores do poder supremo se confiveram enquanto houve povos e terras a submeter e dominar. Quaiquer rei ou senhor que dispuzesse de um exercito procurava logo submeter os vizinhos mais fracos e uma vez começada as conquistas não mais se detinha. Por muito que possuísse, por muito poderoso que fosse, ainda era pouco para a sua ambição, para o seu orgulho, para a sua vaidade. Conquistado o mundo, ainda não seria bastante se meios tivesse de ir ao espaço dominar outros mundos. A historia da formação da Alemanha, da França, da Inglaterra, da Italia, etc., está cheia de exemplos, principalmente a dos imperios franco e arabe.

Foi já no fim da Idade Media, com Carlos VII, creado o exercito permanente, a instituição que permittiu a esse rei terminar victoriosamente para a França a guerra dos Cem Annos, dar ascendencia á realza sobre os senhores feudaes e preparar o absolutismo dos reis começado já na Idade Moderna por Luiz XI, o perfido rei que desde os 15 annos de idade se tornara inimigo do proprio pae. Acredita-se mesmo que Carlos VII se tenha deixado morrer a fome para não ser envenenado pelo filho que sempre conspirou contra elle.

Como se vê, identica herança de moral política recebeu a Idade Moderna durante a qual não só foi iniciado como firmado o absolutismo da realza, bem assim persistiram as causas principaes das guerras, isto é, a vaidade, a ambição e o egoismo dos reis e se-

nhores e o abcedado sonho do governo do mundo. Para exemplos ali estão na Historia as lutas entre Luiz XI e Carlos o Temerario para a unificação da França, nas quaes se envolveram as poderosas casas de Valois, Borgonha, Bourbon, Orléans e Anjou; a guerra das duas rosas entre as casas de York e Lancaster, na Inglaterra; as guerras entre Francisco I e Carlos V, filho de Felippe o Bello; as lutas pelo throno da França entre as casas de Valois, Guise e Bourbon, vencendo esta com Henrique de Navarra e nas quaes tomou parte notavel Catharina de Medicis, a heroína da noiteada de São Bartholomeu; entre as casa de Tudor e Stuart na Inglaterra, a dos Trinta Annos; as de Luiz XIV, o rei Estado, o rei Sol; as de Frederico II, o Grande, e Maria Thereza; as da Russia; as lutas da revolução franceza de 1789; as do Primeiro Imperio pelo dominio do mundo por Napoleão I.

Com a queda deste entra a Idade Contemporanea, cuja herança é ainda a mesma das outras idades, passando o legado não mais aos reis porem aos povos, persistindo estes na politica de ambições egoisticas e espoliações de territorios. É a época do declinio do absolutismo dos reis e da sua substituição pelo constitucionalismo; é o tempo das monarchias e das republics constitucionaes representativas. O velho sonho do dominio do mundo passou para a Alemanha de Guilherme II e parece que ainda permancecerá por muito tempo, não mais entre os reis porem entre povos.

Mortos o feudalismo e o absolutismo dos reis, fracassados o parlamentarismo e o presidencialismo, agonizante a aristocracia, periclitante a liberal democracia, a tendencia actual é para o regimen das dictaduras, cujos pruridos estão a manifestar-se frequentemente aqui e alli, cujos ensaios se processam com o fascismo, o communismo e o nazismo.

E sejamos lógicos. Em todas as corporações, em todas as associações, em todos os aggregados humanos, objectiva-se a unidade de direcção para que o trabalho e os esforços de todos sejam conjugados e aproveitados intelligente e proficuamente, para que nada se desperdice e se perca. É a disciplina, a cohesão, a unidade que se busca para cada colectividade, como resultantes de todas as forças vivas, individuaes e sociaes, para que melhor se processe o evoluir da civilização e com esta o bem estar da humanidade em geral pelo progresso e o aperfeiçoamento ininterruptos.

Os governos pluralizados, os commandos multiplos nunca deram bons resultados, ou, pelo menos, os melhores resultados. O commando unico da Grande Guerra foi uma lição positiva e definitiva de melhor eficiencia da direcção unica, em uma só pessoa. E sobre isso hoje não ha desaccôrdo.

Como, pois, haver ainda quem deseje dividir a direcção, o governo de uma nacionalidade entre diversos poderes sem que haja uma autoridade unica dispondo da capacidade de controlar esses poderes para a convergencia de suas deliberações em beneficio da colectividade? Como harmonizar poderes independentes sem um orgão que realize essa harmonia? Esperar que elles se harmonizem, se unifiquem, se tornem coesos por si mesmos, quando o desejo de dominio e a vontade de mando são predicados latentes em todos elles e promptos a manifestarem-se?

De que modo conceber poderes dirigentes independentes quando as necessidades collectivas para o bem estar geral exigem unidade de objectivos, collaboração directa no mesmo sentido, interdependencia dos mesmos poderes?

O facto de um legislar, outro julgar e um terceiro executar, é uma independencia secundaria que não pôde servir de caracteristica de um governo. Os actos

de legislar, julgar e executar dentro da mesma collectividade cujo objectivo principal deve ser a manutenção da ordem para o trabalho operar-se sem intermittencias no sentido do progresso que deve ter por finalidade a civilização, exigem cooperação, disciplina e unidade e isso tudo para ser obtido obriga a uma dependencia continua, quotidiana, indefectivel dos mesmos actos.

Quando estes forem divergentes qual o poder capaz de os tornar convergentes como é indispensavel á ordem, ao trabalho, ao progresso e a civilização de um povo?

O patriotismo?

Mas este é um poder moral e não um poder politico. E para obtel-o como deve ser, seguro e intangivel, é necessario antes de tudo reformar de *fond en comble* o homem de hoje e a sociedade actual nos seus embasamentos. E' necessario antes de tudo comprehender que a liberdade individual é uma mytho, uma ficção, e que o individuo só pôde ser livre depois de resalvadas as mil exigencias da collectividade ás quaes elle está e precisa estar sujeito desde que nasce até que morre.

E' indispensavel educar e instruir o homem para os deveres patrioticos antes de outra qualquer preocupação, inculcando-lhe no espirito a ideia de sacrificio e de renuncia de si mesmo em beneficio dos interesses superiores e preferencias da collectividade e não empanurrar-o e obcecal-o de liberdade que verdadeiramente existe mais na imaginação do que na vida pratica.

A lei?

Vota-a o legislativo, entendendo-a de certo modo, dando-lhe esta ou aquella interpretação. Porem se o judicativo a interpreta e julga de modo diverso e o executivo ainda de modo differente de ambos?

Dir-se-á que a Constituição Politica determina se observe a interpretação judicial.

Mas se esta fôr prejudicial aos interesses da nação e a verdadeira e melhor interpretação estiver com um dos outros poderes?

Que soffra a collectividade embora a lei tenha sido votada para beneficial-a, dirão.

Isso porem é um impasse que não pôde ser admittido nê m tolerado.

Convenhamos: Os poderes não pôdem ser independentes e são até muito dependentes entre si. Pôdem ser harmonicos, mas tambem pôdem não o ser.

Simplese phrase sonora para a scenographia da comedia governamental, sem realidade pratica, apenas podendo tornar-se verdadeira em parte minima e por acaso.

A que desatinos fica exposto o que deve haver de mais serio, de mais austero, de mais respeitavel — o governo de uma nação.

Os estadistas do imperio, menos ambiciosos, mais praticos e criteriosos que os da republica, crearam o Poder Moderador, que longe de ter sido uma bajulação ao imperador, foi uma necessidade logica de governo por elles sentida intelligentemente. Era esse poder que moderava os excessos dos tres outros poderes e os harmonizava entre si. O judiciario era exercido pelos juizes, tendo a sua mais alta representação e jurisprudencia no Superior Tribunal de Justiça; o Legislativo pelo Senado e pela Camara dos Deputados; o Executivo pelo Gabinete Ministerial. Acima delles á Moderador, como harmonizador e coordenador, dava unidade ao governo.

Era o fecho imprescindivel á abobada governamental.

O parlamentarismo assim organizado, ampliadas as attribuições e a interferencia nos negocios publicos do Poder Moderador, que deve ser designado Poder Harmonizador e Coordenador será uma fórmula de go-

verno muito mais logica e scientifica do que esse presidencialismo chaotico que adoptamos e que vive na perturbação da ordem, indisciplinando homens e collectividades, dividindo uns e outras com graves prejuizos periodicos para a nação, que se vê frequentemente assaltada por motins, desordens e revoltas, com o seu evoluir inseguro, temerosa de desaggregação, sem a certeza de poder proseguir com sobranceira e firmeza na solução das incognitas dos problemas que lhe estão prefixados no destino historico que lhe cabe no concerto das nações.

A força primordial e caracteristica da solidez é a cohesão e sem homogeneidade não pôde haver cohesão. Ora, nada existe de mais heterogeneo, de mais dispersivo e incongruente, do que os congressos politicos da actualidade, verdadeira miscellanea de capacidades — digamos. Ahi ha engenheiros, medicos, fazendeiros, militares de terra e mar, etc., legislando sobre finanças; fazendeiros, industriaes, medicos, engenheiros, etc., etc., legislando sobre jurisprudencia; juriconsultos, medicos, engenheiros, lavradores, commerciantes, etc., etc., legislando sobre as organizações dos exercitos e das marinhas de guerra; todos enfim legislando sobre tudo, sobre o que entendem e o que não entendem, e em tudo isso, entendendo de um assumpto e legislando sobre todos os de que não entendem. E' o chaos e, consequentemente, o supplicio e a indisciplina do povo. E' justo, pois, queira este tambem entender de tudo e sobre tudo opinar e legislar....

A preconizada assembléa unica onde sejam representadas todas as classes sociaes é outra concepção infeliz, porque será inevitavelmente um amontoado de gente identico aos actuaes parlamentos. Certamente o especialista é necessario para legislar sobre a sua especialidade. Fóra dahi porem se torna elemento indesejavel porque só por acaso ou palpite poderá acertar.

Não é muito difficil conceber-se uma organização governamental mais logica e consentanea ás realidades sociaes e muito menos dispendiosa do que as existentes.

A dictadura é o espantallo dos povos sem cultura civica, o duende apavorante da covardia humana e dos delinquentes, o lobis-homem dos traficantes administrativos, a abantesma horripilante dos politicos profissionais. E no entanto é o mais logico, o mais homogenco, o mais forte e energico, o mais economico em homems e dinheiro, o mais responsavel, o mais expedito, o menos vacillante, o menos complicado de todos os governos até hoje concebidos, desde que seja ella opportuna, methodica e intelligentemente organizada.

O que é o presidencialismo senão uma dictadura mal organizada?

Ora, o presidente da republica presidencial tem tal somma de poderes que tem sido cantado e decantado como o distribuidor dadivoso das graças. Nessas condições e dada a ambição humana sem limites, os membros dos poderes legislativo e judicativo, salva uma pequena cifra de homems excepcionaes, pouco a pouco se vão submettendo á vontade do executivo que lhes vae concedendo e aos filhos, genros, irmãos, cunhados, sobrinhos, amigos, etc., as commissões e os empregos rendosos. Torna-se assim o presidente um dictador dê facto e o governo uma dictadura bastarda, corrupta e corruptora.

E ainda ha quem propugne, fóra de interesses inconfessaveis, pela adopção ou pela permanencia de semelhante regimen. Antes o parlamentarismo que alem de evitar a degenerescencia em coisa peor é ao menos uma escola de estadistas, o que não acontece ao presidencialismo adoptado, que não é escola de coisa alguma, ou antes, é uma escola de empenhos, pedinções, bajuladores, prevaricadores, etc.

Voltaremos ao assumpto quando tivermos de tratar de uma organização politica para o Brasil no fim deste livro, ao qual se destina.

Sejam quaes forem as formas e organizações governamentais, o que se vê por toda a parte entre as grandes potencias é o imperialismo açambarcador e impudente que, longe de extinguir-se, persiste a ameaçar os povos e os continentes.

A Russia dominada inteiramente pelo communismo dictatorial, arma-se poderosamente. Com um milhão e meio de homens em armas em plena paz e numerosas fabricas de armamentos, munições, aviões, carros de assalto, etc., em uma intensiva produção de petrechos bellicos, tem forçosamente um objectivo occulto, que não é precisamente a sua defesa, visto não estar ameaçada. A propaganda do regimen politico por ella adoptado prosegue sorrateira e insistente em todos os povos por agentes seus espalhados pelo mundo. Não será a repetição de caso identico ao do mahometismo?...

Tudo leva a crêr que, uma vez solapados os embasamentos das nações e povos pela infiltração dos corrompimentos que os invadem persistentemente, alluindo-os, se atirará ella sobre a Europa, então a braços com as previstas convulsões intestinas que vão sendo preparadas pacientemente pelos bolchevistas para occasião opportuna.

E' ainda o sonho do dominio da Terra pela propagação das suas seductoras doutrinas ás massas illetradas e sedentas de vingança e de mando, convencidas ellas de que nada se opporá hoje á ascendencia que pretendem.

Isso de um lado. De outro vemos a China civilizar-se e armar-se. E no dia em que ella conseguir a unidade nacional e puzer em armas um poderosissimo exercito, então certamente alliada ao já poderoso Japão, iniciarão ambos a expansão amarella cujo surto está

sendo preparado por este último, lenta, segura e pacientemente, por trabalhadores seus em todos os recantos do mundo e pela espionagem meticolosa que executam com discernimento notável por toda parte. As lutas chino-japonezas embora latentes no presente, tendem a extinguir-se, e foi sem duvida attendendo a essa necessidade da raça que os japonezes de 1932 teimavam em resolver as suas questões directamente, sem a intervenção de terceiros, principalmente da Liga das Nações. E se o Japão cedeu em parte a esta liga foi por não lhe convir o proseguimento da luta contra a China, depois de alcançado o primeiro objectivo visado — a independencia da Mandchuria, que já é um protectorado japonex, caminho para a annexação definitiva.

Não é difficil prever os resultados immediatos e mediatos dessas formidaveis lutas que um dia, não muito remoto, abalarão o planeta em seus fundamentos politicos e sociaes.

E, enquanto essas duas immensas forças que são os slavos e os amarelllos, assim se constituem e se preparam para movimentos de grande envergadura, as potencias europeas vencedoras e vencidas da Grande Guerra, perpetuam a sua politiquice de subterfugios, malquerenças, odios e vinganças, por pedaços de terra e de mares e pelas contendas das reparações e indemnizações de guerra, divididas por antagonismo egoisticos, eternizados, incapazes de uma união solida, indestructivel, tão necessaria á sua propria existencia e ao enorme patrimonio de civilização que accumularam. Entregam-se alem disso essas potencias a discussões estereis para um desarmamento impossivel de realização presenteemente, dados o estado dos espiritos e a situação politica e social das nações, combalidas estas e aquelles por questões inextricaveis e secundarias, deixando de lado precisamente os problemas principaes, sem a resolução dos quaes não são viaveis quaesquer enten-

dimentos de consequências salutaras e definitivas para o bem estar geral, como sejam os cinco já apontados, dependendo o desarmamento e o fechamento ou transformação das fabricas de petrechos bellicos, da delimitação geral das fronteiras e mares, da independencia das colonias, da renuncia de conquistas territoriaes, do exame da população do globo e sua distribuição economica pelas diversas partes da Terra.

Varias hypotheses podem ser formuladas actualmente com probabilidades de realização, sem que se possa prever precisamente as que se verificarão fatalmente pela propria difficuldade que apresentam na actualidade os phenomenos políticos, sociaes e moraes. Entretanto, bem analysadas e discutidas, podem orientar perfeitamente os estadistas em rumos efficazes para a humanidade ou pelo menos em direcções menos nocivas.

1.^a — O communismo russo que se infiltra sorrateiramente pelo mundo inteiro (cujos ensaios verificados em desordens que se succedem frequentemente permittem aos interessados balacear a sua propagação e eficiencia) consegue subverter a ordem politico-social com preferencia na Europa. No momento azado a Russia atirárá os seus milhões de homens disciplinados, instruidos, bem armados, fanatizados, sobre os povos europeus, batendo-os e dominando-os com relativa facilidade.

Lembramos que a germanização da Europa não está em plena realização devido unicamente á resistencia da heroica Belgica, que obstou a victoria fulminante da Allemanha na Grande Guerra. Isto faz pensar na reactiva facilidade com que se poderá dominar a Europa, dadas principalmente as desavenças em que permanecem os seus differentes povos, as quaes os enfraquecerão enquanto persistirem.

A victoria da Russia sovietica seria a bolchevização da Europa e a substituição da velha e complicada civi-

lização occidental por uma outra de natureza diversa, talvez mais simples e mais consentânea á estabilidade social necessaria ao surto de um regimen novo, de paz e de cooperação entre as nações, embora reconheçamos as immensas falhas e os barbaros processos do actual regimen russo.

E a possibilidade disso resulta do facto de, substituido o absolutismo dos reis pelo constitucionalismo dos doutores em direito e sciencias juridicas e sociaes, uma vez no governo estes doutores, applicarem invariavelmente na pratica o direito da força ao passo que fóra d'elle vivem a prégar a força do direito. E essa contradicção prova que elles não são aptos para o governo dos povos, porque lhes falta a força mental e por consequencia tambem a força moral necessarias á organização politica e social das nações em bases scientificas, solidas e perduraveis.

2.^a — E' perfeitamente admissivel que o latente perigo amarello aproveite essa occasião para a realização do seu primeiro objectivo, lançando grandes exercitos para o Sul, Leste e Suéste asiatico e cuja primeira consequencia seja a extensão da doutrina Monroe, isto é, a America para os Americanos, a Asia para os Asiaticos, a Europa para os Europeus.

3.^a — Realizadas as duas primeiras hypotheses e dirimidas as questões russo-japonezas no Nordéste asiatico, não é fóra de proposito suppor-se um entendimento entre os dois povos, de modo que os amarellos tenham o caminho desembaraçado para a Oceania e os russos para a Africa.

4.^a — O fascismo na Italia é hoje uma força ponderavel. Essa organização alastra-se pela Allemanha com evidentes signaes de empolgar a nação. Teremos então a probabilidade do choque entre communistas e fascistas, alliados a estes os demais povos europeus, todos mais ou menos insensos áquelles.

Tambem ahi se offerecerá occasião á expansião amarella, podendo admittir-se entendimentos entre amarelllos e russos. Neste caso a victoria poderá caber ao bolchevismo, que não se descuida de solapar as nações europeas com as suas doutrinas por intermedio de agentes secretos e justamente entre os elementos que offerecem maiores probabilidades de exito para os communistas e maiores riscos para essas nações — soldados, marinheiros, operarios e camponeses.

Ainda ahi a possibilidade da extensão da doutrina de Monroe á Europa e á Asia.

5.^a — A colligação sem a Russia das potencias europeas e americanas formando um formidavel bloco em opposição ao bolchevismo e ao perigo amarello, para combatel-os por todos os poderosos meios de que dispõem. Sem duvida possível a victoria será da colligação não só pelos grandes e quasi inexgotaveis recursos a seu alcance como principalmente pelo dominio dos mares e dos ares.

Embora o entrechoque em que se debatem as nações europeas, presas de competições de toda ordem, de collisões de interesses os mais variados e antagonismos multiformes, convem não esquecer que os perigos que as ameaçam não são pequenos e por isso acreditamos cessarão as divergencias no momento opportuno.

6.^a — Nova guerra entre a Russia e o Japão devido á antiga questão da Mandchuria, provincia chinesa hoje precariamente independente, cuja posse é disputada pelas duas nações. A victoria será obtida a custa de enormes sacrificios, conquistada palmo a palmo em porliadas batalhas sanguinolentas, porem não é difficil prever que pertencerá aos japonezes, pela inegualavel tenacidade combatente que os anima; pela fé inquebrantavel de predestinados que os domina; pela convicção patriótica que os faz relegar a planos secundarios o individualismo, renunciando enthusiasmados a propria

vida em beneficio da collectividade ; pela indomavel bravura intelligentemente praticada ; pelo immenso preparo guerreiro ; e sobretudo pelo invencivel orgulho de não se deixarem bater pelos brancos quaesquer que sejam elles.

Verificada essa hypothese, os perigos slavo e amarello terão apenas recuado no tempo.

Não é impossivel que dahi surja uma grande conflagração, fazendo recuar ainda mais os dois perigos. E' occasião dos Estados Unidos atacarem o Japão, firmando o seu dominio no Pacifico, amortecendo as velleidades japonezas de predominio. Será tambem a opportuni-
dade das potencias europeas atacarem a Russia, obrigando-a a mudar de regimen politico ou pelo menos a isolar o communismo dentro das suas fronteiras.

7.^a — Guerra entre os Estados Unidos e o Japão pelo dominio do Pacifico e as importantes consequencias que advirão para o imperialismo de uma ou de outra dessas nações, isto é, para o vencedor. Será uma luta principalmente de formidaveis batalhas navaes na qual deverão ser vencedores os yankees, auxiliados estes pelas esquadras das potencias interessadas em combater o perigo amarello. As esquadras alliadas neste ultimo caso terão superioridade esmagadora sobre a niponica.

Ainda será occasião das potencias europeas atacarem a Russia para combater o bolchevismo que as ameaça. Deve-se ter em vista sempre a possibilidade de entendimentos entre russos e japonezes, não obstante os interesses antagonicos que os mantem em estado latente de guerra.

8.^a — Persistencia da politica europea de descon-
fianças odios e vinganças, protelatoria dos accôrdos necessarios não só á uma leal cooperação entre as potencias e a uma nobre renancia de conquistas territoriaes, fixadas as fronteiras definitivamente em immutavel panorama do mappa europeu, como principal-

mente necessários a evitar os grandes perigos decorrentes de doutrinas políticas e sociaes inadequadas aos povos do occidente.

O statu-quo dessa politica determinará mais dia menos dia uma nova conflagração entre as potencias. As consequencias inevitaveis serão o enfraquecimento de todas, a expansão das doutrinas sovieticas, o surto dos perigos slavo e amarello.

São essas as hypotheses que nos parecem dignas de meditação e do estudo das quaes poderiam os competentes tirar proveitosos ensinamentos para que a acção dos governos se fizesse sentir na melhor direcção, capaz de evitar aos povos novas e formidaveis hecatombes.

Os estadistas, ou melhor, os homens de Estado (o que não é a mesma coisa, pelo menos na actualidade) não devem perder de vista a situação que se prepara, a qual levará, talvez mais cedo do que se possa pensar, soldados e marinheiros negarem-se a combater, bem como operarios negarem-se a fabricar material de guerra. Compete-lhes orientar a politica para objectivos mais humanos e elevados do que até o presente, facilitando a harmonia geral e a indispensavel cooperação social entre os povos e as raças.

Em ultima analyse, as guerras têm tido como causas principaes a ambição e o egoismo dos dirigentes e dos povos, a sêde insaciavel de mando e predominio, o sonho sempre renovado e sempre fugaz do dominio do mundo.

Os homens e os povos chegaram a tal estado de tensão espiritual e moral com essa politica internacional de incertezas e insegurança, que é preciso mudar de direcção para novos rumos senão quizermos assistir a uma verdadeira tragedia, dos escombros da qual pouco se salvará da actual civilização europea.

Discutidas as causas principaes das guerras, vejamos a quem se pôde attribuir a deflagração da Grande Guerra.

As grandes potencias da Europa repellem, todas, as responsabilidades dessa deflagração, apresentando cada qual argumentos respeitaveis. E' que nenhuma dellas teve culpa immediata e directa.

A Italia que era parte da Tripllice Alliança (Allemanha, Austria-Hungria e Italia) e que só mais tarde entrou na luta e ao lado da Triple Entente Cordiale (França, Inglaterra e Russia) evidentemente está fóra de discussão. Não lhe cabe absolutamente qualquer responsabilidade na deflagração. Artificiosamente mantido naquella alliança pelas duas outras potencias, ou talvez sómente pela Allemanha, a situação do paiz latino, cujos mais prementes interesses territoriaes e fronteiriços collidiam justamente com os da Austria, era a de um necessario disfarce na complicação europea. A sua inclusão na alliança austro-allemaã tinha por objectivo principal evitar um rompimento entre elle e a Austria, no qual seria obvio admittir que tomassem parte do lado italiano a Servia e o Montenegro. Abriçadas assim da possibilidade desse rompimento que indubitavelmente enfraqueceria a Austria-Hungria, as duas aliadas germanicas poderiam com desembaraço prover o augmento das suas forças e tratar do preparo das expansões que premeditavam, uma para o Oeste outra para o Suéste europeu.

Baseia a supposição o seguinte facto: No tratado da Tripllice Alliança existia uma clausula pela qual cada parte contractante se obrigava a communicar préviamente ás outras qualquer declaração de guerra que tivesse a fazer. Allemanha e Austria vão declarando guerra a seus inimigos como se a Italia não fosse aliada ou como se não existisse aquella clausula. Isso determinou certamente o retrahimento do paiz latino.

As duas potencias germanicas julgavam-se então invenciveis e certas de poderem dominar a Europa, não lhes convindo o auxilio da sua aliada junto á qual mais tarde ajustariam contas, sem duvida em detrimento desta, em favôr da Austria e talvez da propria Allemanha.

A França desde a desastrosa guerra de 1870-71 conservara-se em posição defensiva e embora despojada da Alsacia e da Lorena, provincias que legitimamente lhe pertenciam, não estava em 1914 em situação politica e militar capazes de uma desforra. Existia mesmo uma corrente politica partidaria da approximação com a Allemanha. A sua esquadra era inferior á allemã; o seu exercito, de effectivos menores que a da sua rival, poderia sem favôr ser-lhe equiparado pela notavel intelligencia de seus homens, pela sua disciplina, sobretudo pelo patriotismo indefectivel que os unia em face da premente situação de vida ou morte para a França.

Deante do exposto e da situação geographica dos francezes perante os seus adversarios, inclusive os italianos, não lhes era possivel nem viavel uma offensiva sobre a Allemanha superiormente preparada para a guerra. Um tal commettimento por parte da França naquella occasião sem estar preparada para uma victoria certa que lhe era imprescindivel, seria tentar o suicidio.

A França não poderia lançar o facho do incendio. A sua politica era então muitissimo delicada para a sua segurança e não podia estar ad-libitum de aventuras.

Accresce que a 28 de Julho a Austria declara guerra á Servia. A 29 a Allemanha sonda os animos da Inglaterra e declara a esta não pretender desmembrar a França, mas não toma o mesmo compromisso quanto ás colonias francezas. Essa declaração é clara e suggestiva e evidencia a predisposição em que estava a Allemanha quando a França se mantinha em expectativa.

Ao passo que o periodico allemão *Lokal Anzeiger* de 30 noticia a mobilização allemã, pelo que a edição foi apprehendida, só na tarde de 1.º de Agosto a França decreta a mobilização geral, mantendo entretanto suas tropas de cobertura a 10 kilometros da fronteira de Léste.

Assim não se pôde accusar a França de haver desencadeado a guerra; pois tudo evidencia não ter ella precipitado os acontecimentos apezar de ser o primeiro objectivo visado pelos inimigos.

Vejamos a Inglaterra.

Eduardo VII, espirito clarividente e habil politico, prevendo sem duvida o perigo a que a hegemonia da Allemanha sujeitaria a Europa e mesmo o mundo, procurou approximar-se da França, a adversaria de seculos, desde o inicio da formação das duas grandes nacionalidades. Duas attitudes importantes foram tomadas pelo illustre rei cujo prestigio nos governos do seu imperio foi innegavel: A entrada da Inglaterra na alliança franco-russa e a politica de isolamento diplomatico da Allemanha no theatro europeu.

Essa politica sabia para os interesses britannicos foi porem abandonada logo após á morte do rei diplomata. Procuraram então os inglezes entendimentos insistentes com a Allemanha, embora permanecessem na Entente Cordiale.

O Imperio Germanico progredia sempre em todos os sectores de actividade — nas forças armadas, nos armamentos, nas industrias, no commercio, nas artes, nas sciencias, na marinha mercante, etc. A sua disciplina governamental, social e militar eram proverbias. Pouco a pouco foi supplantando o commercio e a industria inglezes, tendo tomado a dianteira nesses sectores. O seu exercito era formidavelmente superior em tudo e sem termo de comparação ao inglez que ainda se resentia do velho systema de recrutamento pelo voluntariado.

Nada fez a Inglaterra para embaraçar tão accentuada e decidida expansão commercial, industrial e maritima, fiada talvez na superioridade numerica da sua marinha de guerra e na Entente. Isso porem não era sufficiente para salvaguardar seus interesses e é possível que, respeitada a neutralidade belga pelos allemães, a Inglaterra não tivesse determinado a seu embaixador em Berlim o pedido de passaportes em 4 de Agosto.

A marinha de guerra allemã augmentava ininterruptamente em numero de navios e em poder offensivo. Esse crescimento não era acompanhado proporcionalmente pela Inglaterra, cuja esquadra embora muito superior em numero de unidades não o era bastante em poder offensivo.

Assim, não se póde concluir nem mesmo crêr que a Gran-Bretanha naquella época cogitasse levar a guerra á Allemanha. E só quando viu desrespeitada a neutralidade da Belgica que seria fatalmente annexada pela Allemanha vencedora, foi que a Inglaterra se alarmou, porque a consequencia disso seria a ameaça dahi por deante a pairar sobre o "navio que Deus na Mancha ancorou".

Quanto á Russia não é difficil provar que não lhe convinha a guerra naquelle momento.

Nicoláu II, dotado de espirito fraco, nada energico, deixava-se dominar por sua mulher, uma princeza allemã que vivia cercada de elementos germanicos. Estes não só exerciam espionagem por conta de Berlim como procuravam embaraçar a acção russa na Triple Entente. A esses elementos juntavam-se russos germanophilos, por convicção uns, por venalidade outros. Dizia-se por tudo isso e pela indisciplina reinante na côrte bem como pela corrupção das classes mais elevadas, que a Russia era um colosso com pés de barro. Assim era realmente.

Apezar disso, a Moscovia se armava poderosamente e os seus colossaes effectivos militares se instruíam sem intermittencias, devido antes de tudo á politica expansionista da Austria para os Balkans, visando povos slavos. E' claro que á Russia não agradava tal politica, não só porque era ella fiadora daquelles pequenos povos irmãos, como porque contrariava a sua propria politica de expansão para o Sul. A persistencia de conquistas naquella direcção por uma potencia imperialista como a Austria, cuja gradeza augmentava sempre, não permitia á Russia outra attitude, armándose e precavendo-se contra possiveis surpresas. Mas é facto indiscutivel que ella não estava ainda preparada para a luta e não iria assim provocar a guerra. Acresce tambem que esteve disposta a resolver o caso austro-servio por meio de entendimentos diplomaticos, tanto assim que, juntamente com a França e a Inglaterra, aconselhou a Servia a submeter-se ás exigencias da Austria e o pequeno paiz balkanico só não accitou a intronissão de funcionarios da policia austriaca no inquerito sobre a morte do archiduque Francisco Fernando. Propoz tambem a mediação da Allemanha, Italia, França e Inglaterra, ao que se recusou peremptoriamente a Allemanha. Esta ainda se oppoz a negociações directas entre a Austria e a Russia, desejadas por esta ultima.

E' concludente pois não caber á Russia a maior responsabilidade na precipitação dos acontecimentos.

Tratemos da Austria.

Não obstante as demasiadas e exorbitantes exigencias austro-hungaras á Servia, mostrou-se aquella disposta a entendimentos, só recusados terminantemente pela Allemanha.

E' bem verdade que a Servia sahira engrandecida da guerra, dos Balkans por territorios cobiçados pela Austria e, o que era mais importante, via-se ella emba-

raçada na sua politica expansionista sobre Salonica. Mas seria opportuna a declaração de guerra da Austria á Servia quando esta se mostrava disposta a ceder? Não seria mais nobre e justo esperar a conclusão do inquerito e as providencias servias? A quem aproveitaria nesse interim a precipitação da luta? Não certamente a qualquer das potencias da Triple Entente e sim áquella cujo preparo á offensiva fulminante era uma realidade.

Não havia razões de ordem moral e de ordem politica para que o governo servio fôsse connivente no nefando attentado de Serajevo. Os assassinatos do archiduque e sua esposa em nada aproveitariam á Servia, nem mesmo lhe seriam convenientes, porque tal facto lhe crearia serias difficuldades perante a sua vizinha e rival muitissimo mais poderosa, dando-se como se deu em territorio servio. Assim, claro é que houve precipitação da Austria, porem como esta mostrou desejos de retroceder e de entrar em entendimentos diplomaticos, tambem é claro que não desejava a guerra sem que se esclarecesse o attentado.

Desde 1866 a Austria vivia enfeudada á Allemanha. A politica interior daquella era controlada senão ostensivamente ao menos veladamente pela sua alliada. Prova-o a opposição terminante e arbitraria que manifestou ao entendimento directo entre a Russia e a Austria.

Dentro da logica pois não se póde attribuir tambem a maior culpa ao Imperio de Francisco José, cujo governo, é o que se presume, não ficou sabendo então quaes os verdadeiros responsaveis pela morte de seu principe herdeiro e assim mesmo precipitou a declaração de guerra, dando como causa immediata essa morte.

Vejaos a Allemanha.

No inicio do terceiro quartel do seculo XIX formavam os povos germanicos uma especie de confederação sob a preponderancia da Austria. Era então

o reino da Prússia um Estado sem importancia militar e politica no seio da confederação. Seu rei Frederico Guilherme IV havia enlouquecido em 1858 e como não tivesse descendentes, ascendeu ao throno seu irmão Guilherme, que tomou o titulo de primeiro e passou á Historia como Guilherme I, o Grande.

Ambicioso e com uma educação quasi exclusivamente militar, desde logo Guilherme I dirigiu a sua actividade para a formação de um grande exercito que lhe dêsse a hegemonia politica com a qual trataria de obter a unidade allemã. Teve a auxilia-o duas grandes personalidades : o marechal Moltke, seu chefe de estado-maior, e o Barão Otto de Bismarck, seu chanceller. O primeiro preparou-lhe um formidavel exercito que durante cerca de meio seculo não teve competidor e impoz respeito ás demais potencias ; o segundo poz em acção tão habéis facultades de espirito que levou os adversarios a executar o seu jogo, tornando-os sempre que necessario, alliados hoje, inimigos amanhã.

Tres guerras externas em pouco mais de seis annos e a submissão no mesmo tempo dos Estados secundarios da Allemanha, fizeram a unificação desta sob a hegemonia da Prússia.

2 Ao sul da Jutlandia estão situados os Estados de Schleswig, Holstein, e Lauemburgo, os quaes pertenciam á Dinamarca. Não obstante essa situação politica, os dois ultimos eram parte da Confederação Germanica. Christiano IX ao subir ao throno desse paiz em 1863 quiz pôr um termo a essa situação dubia, collocando esses Estados sob a completa e absoluta dependencia da Dinamarca. Bismarck obteve immediatamente a alliança da Austria e os exercitos austro-prussianos invadiram a Dinamarca em 1864 e derrotaram-na.

Resultados : A Austria teve a administração do Holstein e a Prússia a administração do Schleswig e do Lauemburgo.

Como ficou dito, os Estados Germanicos formavam uma confederação sob a hegemonia da Austria. Para a unificação allemã seria preciso abater aquella. Bismarck assegura-se das boas disposições da Russia e da França e consegue a alliança da Italia. Assim preparado, provoca a Austria, sua alliada de hontem, procurando intervir na administração do Holstein e pondo em equação o problema da reorganização da Allemanha. Os Estados allemães temerosos da supremacia da Prussia e vendo sua autonomia ameaçada, unem-se á Austria. Uns e outros decretam a mobilização das suas tropas em Junho de 1866, mas a Prussia os ataca immediatamente invadindo a Saxonia, o Hannover e a Hesse. As operações são levadas a fundo, fulminantemente, não dando tempo a que os austriacos e seus alliados façam junção. É' a denominada *Guerra das Seis Semanas*.

Victoriosa, a Prussia põe fóra da Confederação Germanica a Austria e anexa o Schleswig, Holstein, Lauemburgo, Francfort, Nassau e Hannóver. A' Italia a Austria cedeu Veneto.

Não estava terminada a unificação. A Baviéra, o Wurtemberg, Baden e Hesse Darmstadt, estados do sul da Allemanha, ainda se achavam fóra da nova confederação. O principal obstaculo á unidade allemã era agora Napoleão III que se considerava o arbitro da politica européa e que tardiamente quiz oppôr resistencia ao já irresistivel poder allemão. Guilherme I, Moltke e Bismarck prepararam a guerra, agindo o grande estadista com a inexcedivel habilidade de sempre.

Em 1870 estando vago o throno da Hespanha foi proposta a candidatura do principe Leopoldo de Hohenzollern. Napoleão III a ella se oppoz pelos perigos que acarretaria á França. Em vista disso o principe Antonio, pae de Leopoldo, retirou a candidatura do filho. Napoleão, illudido com o seu poder já então relegado a plano secundario, exigiu imprudentemente

da Prússia que a renúncia abrangesse todos os casos futuros. Guilherme I recusou polidamente attender essa impertinencia, mas Bismarck informado por Moltke achar-se a Allemanha preparada para vencer a França, faz constar que o embaixador Benedetti fôra asperamente tratado por seu soberano em Ems, onde se dera a audiencia sobre o caso. Não obstante os ponderados e patrióticos avisos do grande Thiers, Napoleão III dominado pelos bonapartistas que desejavam a guerra, executou o jogo de Bismarck e declarou esta. A campanha foi fulminante e a França completamente derrotada e humilhada como nunca o fôra em toda a sua historia.

Resultado (além de outras humilhações): A França foi obrigada a ceder a Alsacia e a Lorena á Allemanha e a pagar a esta cinco billhões de francos; a unificação da Allemanha e a formação de Imperio Germanico, tendo sido Guilherme I proclamado em Verselhes imperador allemão, tomando esse titulo para si e seus descendentes.

Em 1888 morre Guilherme I e após tres mezes o mesmo acontece a Frederico III, seu filho e successor. Sóbe então ao throno Guilherme II, neto daquelle, o qual traz para a politica europea graves apprehensões pelo seu desmedido orgulho e immensa ambição, dispondo dos destinos de um grande povo com um poderio militar sem rival, dotado de uma disciplina e cohesão sem precedentes. Para avaliar o elevado auto-juizo de Guilherme II, basta o facto de haver dois annos depois de sua ascensão ao throno atirado Bismarck ao ostracismo, cercando-se de figuras sem relevo, de secundaria capacidade politica.

Em 1914 dispunha a Allemanha de uma grande e moderna marinha de guerra; do mais formidavel, bem armado e bem equipados exercito do mundo; da maior e mais moderna marinha mercante; do mais

intenso commercio em todos os quadrantes da Terra. A sua industria havia sobrepujado a dos demais povos ; as artes e as sciencias haviam attingido o mais alto gráo de conhecimentos existentes, sendo inexcedivel na Clinica ; era perfeita a disciplina governamental, social e militar, reveladora de uma grande cohesão e de uma sem par homogeneidade nacional.

Em tal situação e com tal imperador cegamente obedecido e abecedado, tendo um Estado Maior fanatizado que não cessava de preparar e propugnar pela guerra, facil seria aos allemães a realização da ideia fixa de hegemonia mundial.

E esta talvez fosse adquirida dentro de meio seculo, pacificamente, mediante uma habil politica internacional, ao continuar da expansão allemã intelligentemente começada e proseguida, sem os desvarios e as arrogancias que a detiveram e a entravaram por inuitos annos. Mas a velhice estava chegando para Guilherme II e elle precisava eternizar-se na Historia com o titulo de Grande e Poderoso. Todo o immenso progresso da Allemanha, producto do trabalho e do genio de um grande povo, da sua invejavel cohesão e disciplina, do seu esforço constante e ininterrupto para engrandecer-se, tudo isso era attribuido dentro e fóra do paiz ao imperador, considerado erradamente um grande estadista, um Semi-Deus, a quem ninguem igualava no orbe em capacidade e poderio.

Ora, dadas as premissas, só a cõrte de Berlin tinha força moral para intervir benefica e decisivamente na situação consequente ao attentado de Serajevo ; só ella poderia com exito empregar bons officios para deter a Austria nas demasiadas e ainda extemporaneas exigencias do seu ultimatum.

Não só nada fez em beneficio da paz como ainda se oppoz a que as potencias entrassem em entendimentos, bem como a que Austria e Russia resolvessem o caso

a sós. E isso com a agravante de não se saber ainda se a culpa dos assassinos do archiduque Francisco Fernando e sua esposa cabia a servios e sem que houvesse qualquer indício de que a Servia se disinteressaria de tirar a limpo esse nefando attentado e de que não tomaria providencias para desagravo seu e da Austria.

Assim, se não se pôde responsabilizar o povo allemão, ao menos directamente, pela conflagração de 1914, não se pôde deixar de lançar a culpa a Guilherme II e ao Estado-Maior Allemão, os quaes evidentemente queriam a guerra e temiam certamente não apparecesse um outro motivo serio para ella, accrescendo que poderiam innocentar-se da deflagração uma vez que o caso de Serajevo não lhes dizia respeito directamente e que não foram elles que lançaram a provocação, e nisto eram fieis á politica de Bismarck.

Pôde-se objectar que a Entente se preparava para embaraçar e deter a expansão austro-allemã e que os imperios centraes precisavam evitar essa opposição aos seus designios. Mas ainda assim a quem cabe a culpa da deflagração, aos que se preparavam para embargar o passo a desmedidas ambições ou aos que já estavam preparados para satisfazel-as, convictos da victoria?

A não ser que se demonstre meridianoamente que a Entente estava preparada e queria a guerra e que o attentado de Serajevo foi propositalmente praticado por agentes seus, forçoso é concluir que a culpa está do lado dos imperios centraes.

Fechado neste ponto o parentese, procuraremos demonstrar que a Grande Guerra confirma a these do mais forte no mar.

O autor deste livro foi um dos raros officiaes brasileiros que sustentaram a impossibilidade da victoria dos imperios centraes após a primeira batalha do Marne, considerando-a decisiva, firmemente baseado nas lições da Historia.

A guerra franco-prussiana de 1870-71 foi exclusivamente terrestre devido á situação dos adversarios. A Prussia não possuía esquadra nem colonias e dispondo de um exercito de superioridade esmagadora sobre o francez, conduziu a guerra célere e decisivamente como só o havia feito Napoleão I. A esquadra franceza não teve objectivo.

Essa guerra foi uma excepção, como teria sido a de 1914-18 se o plano do Estado Maior Allemão tivesse tido plena execução.

Eram taes a petulancia, a obsessão e a arrogancia dos allemães diante do seu indiscutivel poderio que desprezaram como não podendo existir, entre outras, uma parcella que embora pequena foi todavia decisiva a favôr dos alliados. Essa parcella foi a resistencia da Belgica, a qual elles não contaram e por isso a supprimiram dos seus calculos.

O Estado Maior Allemão tinha plena convicção de que esmagaria a França no praso maximo de trinta dias, impondo-lhe a sua vontade discrecionaria, impossibilitando pela occupação dos littoraes belga e norte francez o desembarque de tropas inglezas. Executada essa parte do seu plano, lançariam em seguida formidaveis massas austro-allemãs contra a Russia que não poderia resistir sósinha. Talvez pensassem realizar em 1914 o que Napoleão não conseguira em 1812.

As duas semanas durante as quaes a resistencia belga deteve os exercitos allemães foram sufficientes á França para ultimar a sua mobilização e concentração e para que a Inglaterra effectuasse desembarque de tropas naquelles littoraes. Desde então os exercitos francezes ficis á sua doutrina de guerra, recuaram sempre com os seus alliados, ora voluntariamente, ora sob pressão de impetuosos ataques allemães. A mentalidade destes estava por tal modo obumbrada e obcecada na realização integral do plano de campanha archite-

estado cuidadosamente desde longo tempo, que nada concebia fóra da sua execução, á qual nada poderia perturbar ou alterar. Com essa mentalidade rija, inflexível, não podiam os allemães admittir o fracasso do seu plano e esqueciam que os imprevistos na guerra surgem frequentemente mudando a face das operações.

Ora, os francezes haviam recuado até onde era possível recuar sem comprometterem definitivamente o exito da guerra — até a linha do Marne. Preparada essa linha para a maxima resistencia e afastados bastante os allemães das suas bases de operações, era obvio que os francezes ali tudo empenhariam para bater o inimigo. Este ataca a fundo, impetuosamente. Von Klück, commandante do exercito allemão da extrema direita, cuja mentalidade não podia admittir que o exercito francez de Paris abandonasse a defeza dessa praça para tomar parte na batalha, ataca por sua vez a fundo, dando o seu flanco direito e a retaguarda aos defensores dessa cidade. O general Gallieni, governador de Paris, e o general Manouri, commandante do exercito de defeza, tendo ambos outra mentalidade, ao saberem da situação critica do inimigo nem por momentos vacillam. Resolvem atacar immediatamente Von Klück e o desbaratam inteiramente, pronunciando-se a derrota dos exercitos allemães que foram obrigados á retirada com duras perdas.

Estava salva a França.

Ora, dados os grandes recursos dos belligerantes e o estado mental e moral de francezes e allemães, a guerra teria que se prolongar por tempo imprevisível, uma vez que falhara o plano allemão e que a França não fóra esmagada. Era questão de vida ou de morte para esta a resistencia a todo transe ao embate do inimigo que precisava ser derrotado para que ella pudesse conservar a sua integridade. Por outro lado, o desejo de hegemonia mundial por parte da Allemanha, o seu

orgulho, a sua arrogancia e a confiança na victoria, predispunham-na tenazmente para envidar todos os recursos e esforços a fim de esmagar os inimigos.

Com essas premissas e transformada a guerra de movimentos e manobras em guerra de posições fortificadas não era difficil prever a qual dos contendores caberia a victoria mais cedo ou mais tarde, uma vez bem ponderados os exemplos e os ensinamentos da Historia.

A esquadra dos alliados já no inicio da guerra era cerca de quatro vezes mais poderosa que a dos imperios centraes. Bloqueados estes, os seus recursos se extinguiriam pouco a pouco, não só porque não poderiam produzir o sufficiente para o abastecimento dos exercitos e das populações, como porque não poderiam adquiril-os no exterior. Aos alliados, com o dominio indiscutivel dos mares, não faltariam os recursos de que necessitassem. A guerra seria no seu desfecho favoravel a estes.

E os acontecimentos que se desenvolveram após a primeira batalha do Marne confirmaram todos elles a previsão, como vamos vêr, porque tiveram importancia secundaria relativamente áquelle desfecho, isto é, embora tenham alguns delles influido em muito nas operações, nunca chegaram a mudar a face da guerra, fazendo pender a victoria para este ou aquelle.

O theatro principal das operações do começo ao fim foi sempre o territorio franco-belga. Ahí teria que ser representado o ultimo acto da grande tragedia.

A participação da Bulgaria e da Turquia ao lado dos imperios centraes pouco adeantou a estes, como aos alliados não adeantou muito a entrada da Servia, Montenegro, Italia, Rumania, e Portugal. Embora tivessem tomado parte activissima nas operações, lutando bravamente com o espirito de sacrificio e sem desfal-

lecimentos enquanto puderam, essas nações todas em nada alteraram a situação do theatro occidental.

A entrada do Japão na guerra só foi proveitosa a elle mesmo.

A retirada da Russia da Entente e a derrota esmagadora soffrida pela Rumania, se deixaram disponiveis importantes effectivos austro-allemaes, não modificaram as operações no Occidente e não alteraram a face da guerra.

Dois acontecimentos sobretudo influiram poderosamente na marcha das operações em geral: A entrada dos Estados Unidos na luta, dispondo de um grande poder militar e economico, e a creação do commando unico. Ambas porem não mudaram ainda a face da guerra, porque os imperios centraes já estavam virtualmente vencidos quando se deram esses dois acontecimentos.

O commando unico permittiu a unidade de direcção que até ali havia faltado aos alliados, o que lhes facilitou a coordenação das operações, articulando-as nos diversos sectores; a entrada dos Estados Unidos levou-lhes tropas frescas animadas de forte valor combativo. Dispuzessem porem os imperios centraes de recursos para prolongar a guerra, esta ainda não teria terminado em 1918. A falta de munições de bocca e de munições de guerra, as quaes eram insanaveis para os imperios centraes, determinaram lhes a offensiva final em desespero de causa e ultima-ratio.

Foram vencedores aquelles cujos recursos não faltaram, isto é, os que tiveram o dominio dos mares, o qual lhes permittiu captal-os onde havia. Para aquelles que admittem influencia decisiva na luta a entrada dos Estados Unidos, temos a dizer-lhes que ella só foi possivel porque os alliados eram senhores dos mares.

Demonstrada a these da victoria do mais forte no mar, e isto desde os mais recuados tempos historicos

até a Grande Guerra, procuraremos provar que nas proximas cruentissimas lutas que se preparam menos lentamente e mais formidavelmente (oxalá sejamos desmentidos!), será vencedora entre as mesmas potencias a mais forte no mar e no ar.

Se bem que a aeronautica não tivesse desempenhado papel preponderante, nem mesmo importante, nas operações navaes da conflagração 1914-18, não se pôde negar ter sido de grande influencia nas operações terrestres.

Citemos alguns episodios illustrativos desta affirmativa, collidos no importante livro "Les Vainqueurs de L'air" do Conde de La Vaulx.

1.º Por occasião da offensiva allemã sobre o Marne após a batalha de Charleroi, foram os aviões de reconhecimento do exercito de defesa de Paris que levaram ao General Gallieni informações exactas nos dias 2, 3 e 4 de Setembro de 1914, do avanço do exercito allemão da extrema direita (Von Klück) para Suéste, dando a sua direita e mesmo a retaguarda áquella grande capital. Essas informações permittiram a Gallieni a sabia e opportuna deliberação de mandar atacar immediatamente o inimigo nessa situação critica pelo exercito de Paris. Conhecem-se os resultados desse ataque pelo qual o exercito de Von Kluck foi completamente batido na batalha do Oureq, a qual foi um dos principaes factores senão o principal da derrota allemã na primeira batalha do Marne que salvou a França de ser esmagada.

Não é exagero dizer-se que sem essas preciosissimas informações para o exercito francez talvez tivesse elle sido batido pelo envolvimento do seu flanco esquerdo. A victoria allemã no Marne seria decisiva possivelmente e a tomada de Paris então uma questão de dias.

A resistencia belga e as informações da aviação de Paris asseguraram sem nenhuma duvida a victoria

dos aliados, que dahi em diante puderam refazer-se e lançar todos os dados de que eram capazes na resolução do grave problema.

2.º Na região de Thiaucourt nos dias 8 e 9 de Setembro de 1914, conseguiram os aviões da artilharia franceza descobrir as posições de onze baterias do XVI Corpo de Exército allemão. Regulado por elles o tiro da artilharia franceza, esta destruiu rapidamente essas onze baterias inimigas.

Nessa occasião não havia ainda aviões especiaes de bombardeio. Foi no decorrer da Grande Guerra que se organizaram as primeiras esquadrilhas tendo essa missão. Hoje, a combinação entre taes esquadrilhas e a artilharia, regulada esta pelos seus aviões de reconhecimento e de regulação do tiro, permite destruir ainda mais rapidamente a artilharia inimiga. O dominio do ar dará então vantagens esmagadoras áquelle que o conseguir.

3.º Mesmo sem os aviões especiaes de bombardeio, já no inicio da guerra foram bombardeados com exito os angares dos zeppelins allemães em Frescaty, nas proximidades de Metz, no dia 14 de Agosto de 1914, pelos aviadores francezes Césarí e Prudhommeau e seis dias depois pelo aviador Finck.

4.º A formidavel offensiva allemã levada a effeito em Fevereiro de 1916 sobre Verdun fracassou devido em grande parte á aviação franceza. Os allemães lançaram sobre a legendaria praça de guerra grandes effectivos providos de poderosos meios de ataque, inclusive de aviação. Succederam-se diariamente os combates aereos e houve um momento em que a aviação franceza parecia dominada pela sua rival. Nessa emergencia, a França appellou para os seus grandes aviadores de todos os sectores do *front* occidental, aquelles que já se haviam distinguido por serviços notaveis e pela capacidade professional. Reorganizada com taes elementos

a aviação franceza de Verdun, dentro em pouco dominava seguramente a allemã, tornando-se senhora dos ares, não sem importantes sacrificios e perdas, mas ainda assim muito menores que os do inimigo.

O celebre "On ne passe pas" não foi uma phrase bombastica e arrogante, mas uma legenda de guerra, um pregão da patria pela bocca dos seus cidadãos, um signo a assignalar que Verdun valia por uma constelação no zodiaco do grande paiz latino, uma senha da eternidade franceza aos seus tenazes e insuperaveis defensores. Quinhentos mil allemães alli tombaram e não conseguiram passar, attestando a cohesão de um grande povo cuja gloria maior lhe adveni da união sagrada que propriamente da indomavel energia, da bravura nunca desmeatida, da vontade ferrea, do desprendimento absoluto pela vida, dos seus gloriosos heroes.

5.º Em Março de 1918 os allemães desencadearam sobre a frente ingleza, entre o Somme e o Oise, uma grande offensiva acompanhada por poderosa aviação. Os inglezes são obrigados á retirada diante do impeto do ataque inimigo, servido por todos os grandes meios de combate que possuia em profusão. Abre-se então uma brecha entre as posições ingleza e franceza, mas esse ponto fraco da defeza não foi conhecido pelos allemães em tempo util graças á actuação da aviação franceza. Esta atacava a aviação inimiga ora por meias esquadrilhas de caça ora por esquadrilhas inteiras, tornando-se senhora dos ares após porfiados combates aereos, não permittindo aos aviões inimigos o reconhecimento da alludida brecha que assim pôde ser mascarada inteiramente até que foi occupada por tropas francezas.

6.º A grande offensiva allemã de fins de Maio de 1918 sobre a frente franceza do Chemin des Dames, preparada cuidadosamente e desencadeada por sur-

presa, não logrou todo successo esperado devido ainda á aviação franceza. As esquadrihas poderam contornar e dominar a aviação local inimiga. Entrementes, grandes massas aereas francezas são lançadas em defeza dos seus aviões locais então impotentes e depois de duros e encarniçados combates alcançam os francezes o dominio dos ares. Obtido esse dominio, os aviões de caça e bombardeio lançam sobre as tropas allemãs uma avalanche de projecteis e bombas, causando-lhes assim grandes danos.

7.ª A ultima grande offensiva allemã (Julho de 1918) foi dia a dia prejudicada intensamente por massas da aviação franceza as quaes conseguiram sobrepujar a aviação inimiga, dominando-a inteiramente.

8.ª A contra offensiva dos alliados iniciada ainda em Julho de 1918 pelo General Mangin e proseguida em toda a frente occidental e que só terminou com o pedido de armistício, pelos allemães, teve a ajuda superiormente a aviação franceza, senhora dos ares, cujo dominio fôra adquirido não só pela excellencia da sua organização como pelo preparo tecnico dos seus aviadores decididos á victoria que em bôa parte lhes pertence.

Alem desses podemos enumerar outros episodios da Grande Guerra, os quaes provam o valôr incontestevel da aeronautica e a efficiencia que lhe está reservada nas guerras futuras. Os progressos realizados na aviação durante a formidavel luta, muito maiores do que os alcançados em todos os outros elementos de combate, já demonstraram que a quinta arma teria um dia preponderancia notavel sobre as outras, preponderancia presentida desde o inicio das operações, as quaes foram confirmando dia a dia essa proeminencia.

Em 1915, já iniciada a organização da aviação de bombardeio, este é levado sobre varias gares e fabricas allemãs com exito crescente, á medida que progredia e melhorava essa organização. Entre outros

podemos referir os seguintes bombardeios effectuados pela aviação franceza nesse anno, coroados de exito e na maior parte sem grandes perdas para os atacantes : A 4 de Março, sobre a fabrica de polvora de Rothstein, á margem do rio Neckar, affluente do Danubio, obtendo pleno successo ; em Maio, dezoito aviões carregando cada um cincoenta kilogrammos de bombas, conseguem bombardear a Badische Anilin Soda Gesellschaft em Ludwigshafen, causando grandes estragos ; a 15 de Junho, vinte e tres aviões bombardearam Carlsruhe, como represalia aos bombardeios aereos de Paris e outras cidades francezas, causando áquella cidade terriveis destruições, alem do panico da população indefeza ; a 30 de Julho, quarenta e cinco aviões bombardearam as usinas de Pechelbronn, entre Haguenau e Wissembourg ; a 9 de Agosto, trinta e dois aviões de bombardeio escoltados por aviões de caça, bombardearam Sarrebruck com exito, é certo, porem soffrendo grandes perdas ; a 9 de Setembro foi repetido o ataque aereo a Sarrebruck, cujas usinas e gares foram attingidas ; a 22 de Setembro foi bombardeada a gare de Stuttgart.

Todos esses bombardeios foram realizados em pleno dia. Os ultimos, causando perdas sensiveis aos atacantes, não compensavam os sacrificios supervenientes. As defezas anti-aereas montadas por toda a parte onde se faziam necessarias, impunham serios prejuizos aos que se aventuravam em bombardeios em massa realizados por aviões ainda não dotados dos aperfeiçoamentos modernos, os quaes lhes permittirão nas guerras vindouras contornar até certo ponto essas defezas.

Os bombardeios á noite causavam a principio estragos de importancia sobre as cidades illuminadas, porem cessaram quando ellas ficaram ás escuras. Essa providencia e os perigos não pequenos a que estão sujeitos os aviões em vôos nocturnos, sem objectivos visiveis

e sem a possibilidade das aterrissagens forçadas em pontos escolhidos, desaconselham taes expedições.

Os bombardeios aereos durante o dia não cessaram apesar das perdas cada vez mais sensiveis soffridas pelos atacantes. Continuaram, porem em menor numero, tomadas maiores precauções, depois de bem estudados e organizadas, ora por aviões isolados ora em massa. Entre aquelles podemos citar os dois seguintes, notaveis pelos resultados obtidos e pela amplitude de vôo, dado que a aviação estava então muito longe de attingir a eficiencia que devia conseguir após a guerra: 1.º O levado a effeito em 22 de Setembro de 1916 por dois aviões, pilotados um pelo capitão Beauchamp outro pelo 1.º tenente Daucourt. Partiram ambos cerca das 12 horas com intervallo de alguns minutos, passaram a *front* já reunidos, seguiram o Mosella e Tréves e, deixando Coblenz á direita, atravessaram o Rheno ao norte de Romagen e assim chegaram ao Ruhr e a Essen onde estavam situadas as grandes e afamadas usinas Krupp, principal centro bellico industrial da Allemanha. Sobre ellas descarregaram as bombas e projecteis de que eram portadores, causando-lhes graves danos e regressando ao ponto de partida depois de um percurso de cerca de oitocentos kilometros ida e volta. A surpresa foi completa, nada soffrendo os aviadores não obstante os grandes meios de defeza anti-aerea de que dispunham as usinas. 2.º Em a manhã de 17 de Novembro de 1916 Bauchamp partiu sosinho com a missão de bombardear a gare de Munich. Atravessou o Rheno navegando baixo devido ao nevoeiro reinante e apesar de canhoneado na região de Friedrichshafen cumpriu a missão com pleno exito, rumando depois para o Sul, indo aterrissar, após passar os Alpes Tiroiezes, ao norte de Veneza, no fim de seis horas de vôo e vencendo cerca de setecentos kilometros.

Entre os bombardeios em massa ainda devemos alludir ao effectuado em 12 de Outubro de 1916 por

uma esquadra aerea de quarenta aviões franco-britannicos, os quaes lançaram mais de quatro mil kilogrammos de bombas nas usinas Mauser em Oberndorf na encosta oriental da Floresta Negra. Nessa expedição foram abatidos seis aviões da defeza da fabrica.

Pelo que ficou narrado e pelos immensos progressos realizados na aeronautica depois da Grande Guerra até os nossos dias, pôde-se prever o papel preponderante que terá a aviação nas guerras proximas, sem duvida de caracter decisivo.

O seu imponente desenvolvimento não pôde deixar de influir na tactica naval e na tactica terrestre bem como na Strategia, modificando-as consideravelmente. Os grandes couraçados modernos terão que ser substituidos por cruzadores ultra-velozes e outros navios pequenos de grandes velocidades, então mais efficientes e menos vulneraveis aos ataques aereos. Os submarinos cada vez mais aperfeiçoados, são e serão os navios de guerra menos expostos e mais capazes de furtarem-se aos cada dia mais poderosos ataques da aviação.

Bem ponderados os factos occorridos na Grande Guerra com a aeronautica e os seus ininterruptos progressos sempre cada vez mais accentuados e efficientes, não se pôde deixar de prever que os vencedores nas guerras de amanhã serão os mais fortes no mar e no ar, isto é, aquelles que houverem dominado ares e mares.

Em resumo.

Pelas considerações expendidas sobre a situação actual dos povos e pelas narrativas dos acontecimentos historicos que se vêm succedendo no planeta, ainda é muito prematuro e problematico o desarmamento. Este jamais será levado a effeito antes que outras providencias e resoluções sejam tomadas, todas de caracter grave e geral, como assignalamos no principio do capitulo, as quaes não poderão ser praticadas sem o consenso unanime das potencias e depois de prolongados enten-

-dimentos que demandarão grandes esforços e immensa boa vontade por parte de todos, após a formação de um ambiente propício, o que só por si exige demarches e discussões demoradas.

Dahi se conclue a inocuidade dos congressos de desarmamento para resolução de um problema que exige previamente a de outros que lhes são necessarios e correlatos e cujas incognitas entrarão sem duvida, depois de determinados os seus valôres, como dados conhecidos na equação daquelle.

O estabelecimento do problema do desarmamento só se tornará viavel e susceptivel de resolução depois que as nações tiverem supprinado todas as causas das guerras, as quaes permanecem intactas desde o começo dos tempos historicos, antes accrescidas de novas causas que a formação das nacionalidades vae creando no tempo e no espaço, augmentando as possibilidades de novas lutas, cada vez mais cruentas e destruidoras.

Inexplicavelmente começaram os politicos a construcção da abobada do edificio da paz justamente pelo fecho, que é o desarmamento, como se estivessem loucos, porque a cegueira nesse caso só é admissivel se proveniente da perda da razão.

As forças armadas são pois hoje mais do que nunca necessarias e imprescindiveis para que as nações se defendam e estejam a cavalleiro dos ataques daquelles que só se norteciam pela ambição de dominio e de conquistas, seja para gaudio do seu egoismo feroz, seja para satisfação das suas necessidades.

De duas uma: Ou ponos em equação naturalmente em ordem successiva e logica, todos os problemas da paz, resolvendo-os definitivamente sem complicações e sem tergiversar, ou então nos armemos cada vez mais e melhor senão quizermos succumbir esmagados pelos que prégam a paz aos outros, augmentando ininterruptamente os seus effectivos militares — exercitos, marinhas, aviações e engenhos de guerra.

CAPITULO II

A DISCIPLINA GERAL

Disciplina é obediencia ás hierarchias sociaes onde quer existam ellas ; é o respeito mutuo entre os individuos e entre os escalões dessas hierarchias ; é o acatamento ás opiniões, ás crenças, ás liberdades, aos sentimentos, aos direitos alheios ; é o cumprimento das leis e regulamentos emanados das autoridades legalmente constituídas, em todos os aggregados humanos sem excepção.

E' necessaria no individuo para que elle se corrija e melhore ; para que disponha do seu tempo proveitosamente e não o malbarate em coisas inuteis ; para que tome habitos de ordem e se lembre que tudo se recupera na vida menos o tempo que passou e se este não foi aproveitado se tornou perda irreparavel ; para que saiba respeitar os interesses de outrem, não os prejudicando nem os embaraçando com intromissões intempestivas, tomando-lhe preciosas horas de trabalho e actividade.

E' imprescindivel no lar para que este seja prospero e se mantenha dentro dos limites do decoro e da decencia, cada membro cumprindo as suas obrigações a tempo e a proposito ; para que a sobriedade e a economia não o desamparem pelo desregramento de um ou outro dos seus habitantes, apressados ou retardados nos actos inherentes á familia ; para que o respeito dos filhas aos paes e vice-versa, dos irmãos entre si, não degenerate

em reprimendas e malquerenças sempre prejudiciaes á estabilidade, á dignidade e ao bem estar dos que estão sob o mesmo tecto.

É indispensavel na officina, na fabrica, na lavoura, no commercio, para que o trabalho se processe e se realize dentro de principios de ordem e segurança capazes de produzirem o maior rendimento e o melhor acabamento da producção com a maior economia e o mais intelligente methodo de escoamento aos mercados distribuidores, cooperando todos que alli exercem actividades quaesquer para que estas sejam concordantes, se harmonizem, se identifiquem, se integrem.

É precisa inilludivelmente nos governos, nas forças armadas, nas repartições publicas, nas escolas, nas casas de caridade, nos templos, nas associações em geral, em todos os agrupamentos humanos emfim, para que seja possivel a estabilidade e o progresso dessas instituições e desses agrupamentos, para que todos tenham a efficiencia necessaria aos fins a que se propuzeram ou que lhe sejam impostos pelas leis e regulamentos que os regem, sob pena de faltarem aos seus imperativos sociaes, de mentirem aos seus designios, de degenerarem em truculencia, em anarchia, em calamidade privada ou publica.

A disciplina é a primeira e mais necessaria das forças para que os homens se entendam e construam, para que se harmonizem e trabalhem, para que se associem e progridam, para que se respeitem e colaborem, para que se amem e se moralizem.

É imperiosa e eterna como os destinos do mundo.

Sob o ponto de vista da estabilidade das instituições politicas e sociaes, triparte-se a disciplina de uma nação em governamental, social propriamente dita ou popular e militar. Não se appoia ella na força, no arbitrio, no interesse individual que é dispersão, repulsão. Tem por bases a justiça que é o respeito e a consagração do Direito, e o interesse geral que é união, cohesão.

Forma-se e mantem-se em toda sua pujança pelo respeito á lei e seu integral cumprimento; pela severa applicação da justiça a tudo e a todos, sem distinguir hierarquias e privilegio, quer no premiar quer no castigar; pela subordinação dos interesses individuaes aos interesses superiores da collectividade.

Dimana natural e facilmente em toda a sua belleza e plenitude do exemplo partido de cima para baixo, quando chefes e dirigentes em todos os ramos da actividade humana são os primeiros no saber, no trabalho, no desprendimento, na renuncia, na abnegação no sacrificio, no perigo; e quando são os ultimos no descanço, no gozo, no quinhão das recompensas.

Qualquer chefe ou dirigente que fôr energico e disciplinado, honesto e brioso, o primeiro a dar o exemplo no cumprimento dos seus deveres, tendo por directriz uma impecavel distribuição de justiça, será fatalmente um disciplinador. Os que estiverem sob suas ordens serão disciplinados naturalmente e os que não forem claudnar-se-ão por si mesmos facilmente.

Que somma de prestigio e de obediencia não conquistará o chefe que tendo vencido em qualquer empresa, embora o triumpho lhe caiba na maior parte, delle souber desprender-se para attribuil-o a seus auxiliares e commandados em geral?

O dirigente que se retrah e se immola na occasião da victoria para que os seus subordinados e executores da sua vontade se elevem no conceito publico, será querido e respeitado por elles que tudo envidarão para obedecel-o e segui-l-o como a um nume tutelar. E o conceito publico será maior e mais honroso para o proprio dirigente que assim terá adquirido maior prestigio e dado provas inconcussas de verdadeiro conductor de homens.

A disciplina deve ser o mais forte e resistente dos elos da cadeia de união entre os elementos de uma colle-

ctividade qualquer, para que esta collectividade possa viver e prosperar. E elle é realmente o mais poderoso. Quebrado esse elo, todos os outros já partidos, as forças que a faziam viver e prosperar estarão decompostas dispersivamente. O cortejo de consequencias será constituído pela fraqueza da autoridade, pelas desordens, as sedições, os desmembramentos e a morte.

A disciplina precisa pois ser mantida inilludivelmente para que a collectividade não succumba. Ella é complexa porem não difficil de ser obtida e mantida.

Para uma nação basta que haja patriotismo nos seus cidadãos, isto é, que estejam elles imbuidos do espirito de abnegação e sacrificio, collocando os seus interesses, os de suas familias e de seus amigos, sempre abaixo dos interesses da nacionalidade.

Não basta dizer: Tudo pela Patria! E' preciso querer, e querer com disciplina, firmeza e decisão: Tudo pela Patria!

Sem disciplina não póde haver união e esta é a mais poderosa das forças sociaes. Ella é para os agrupamentos humanos o que a cohesão é para os corpos solidos: A maior resistencia á desagregação.

Daes a uma sociedade qualquer todos os elementos de progresso e civilização adquiridos, tudo o que o espirito humano tiver concebido e construido para o bem estar geral, tudo o que houver de perfeito e de mais bello para o desenvolvimento da sua actividade e ella terá em tudo isso e em si mesma um amontoado incongruente, inexpressivo, sem directriz, sem alma, se a todo esse apparelhamento magnifico e a ella propria não ligar um sentimento intelligente de symetria, de ritmo, de harmonia, de ordem, de adaptação, de cooperação, de trabalho, de arte.

Esse sentimento intelligente, é a disciplina que predispõe, dispõe, coordena, constrói, mantem, sem

a qual a sociedade se divide, se subdivide, se desagregua, se dispersa, se esvae, succumbe.

A disciplina é a força intelligente que leva a concepção á construcção. Esta sem essa não é possível, *sem aquella nunca será perfeita*. Ella investiga os elementos, aggrega-os, une-os, argamassa-os, dá-lhes cohesão, impulsiona-os, para que se transformem em trabalho util, duradouro.

E tanto isso é uma verdade insophismavel que intelligencia sem disciplina é força dispersiva, demolidora, revolucionaria por assim dizer, porque as revoluções nada constroem no seu periodo agudo e o surto renovador que é a sua razão de explosão só se processa no periodo sequente de ordem e disciplina.

Reuni um grupo de homens cultos, intelligentes e activos. Dae-lhes um codigo de doutrinas as mais bellas com as quaes estejam todos de accôrdo. Determinae-lhes que se associem para a propaganda, implantação e deieza dessas doutrinas. O exito facilmente sobrevirá se a disciplina os unir. Se porem essa deusa immortal e poderosa não lhes assistir com a sua divina força, os seus esforços serão vãos, absolutamente inuteis, porque dispersivos como os gazes por faltar-lhes a cohesão dos corpos solidos.

Tal é o poder da disciplina.

È esse poder attinge o gráo mais elevado de sua necessidade e efficiencia em uma nacionalidade, para que ella possa manter-se cohesa e capaz de progredir e bem assim realizar os seus destinos historicos.

E' pois de magna importancia que os governos possam desempenhar-se dos seus arduos e nobres deveres tendo toda a liberdade de acção, gozando de absoluta confiança, de inalteravel calma, de discernimento e desassombro, cumprindo as leis e a todos obrigando o seu integral cumprimento sem tergiversações, sem

fibiezas, sem favoritismo, sem vinganças. Para isso antes de tudo é necessário que uma digna disciplina consciente e patriótica forme a cadeia de união que ligue os governos aos povos, estes e aquelles ás forças armadas, e nestas officiaes e soldados entre si.

E' de insuperavel magnitude que os officiaes tenham uma esmerada educação civica e moral bem comprehendida para que consciente, nobre, altruisticamente, renunciem quaesquer solicitações que os desviem da sua missão elevadissima, sem par.

As forças armadas constituem o maior e o mais poderoso liame entre os diversos outros elementos de uma nacionalidade, recrutadas como são entre esses elementos em todas as regiões do paiz, e alem disso porque ellas devem ser a personificação do patriotismo e da moral, a maior e melhor escola de abnegação e civismo. Ellas não são sómente a garantia da integridade nacional pela sua missão social, como o principal factor dessa integridade pelo amor que consagre ao seu povo e pelo amor que delle obtenha. Uma estreita solidariiedade mental e moral deve ligar o povo ás classes armadas, de modo que estas sejam o orgulho daquelle e aquelle o orgulho destas.

Uma nação que isso consiga terá assegurado a sua grandeza e o seu progresso e será um poderoso factor da civilização universal porque então já terá attingido por si mesma um elevado gráo de perfeição moral.

Para attingir porem esse escopo é preciso que os elementos pensantes não esqueçam as lições permanentes e nunca desmentidas da Historia em suas diversas idades: Em todos os paizes onde a indisciplina militar se manifestou foi ella sempre precedida pela indisciplina popular ou social propriamente dita, esta por sua vez antecedida sempre pela indisciplina dos governos.

Não é verdadeira a phrase: "Cada povo tem o governo que merece" e sim — cada governo tem

o povo que merece — como verdadeira é a parodia: Cada povo tem as forças armadas que merece.

A formação dos grandes imperios na antiguidade e a organização das nacionalidades no fim da Idade Média e na Idade Moderna, obedeceram ao regimen francamente militar. A formação dos governos realizou-se sempre entre as castas aristocratica, sacerdotal e militar, ora unidas ora desunidas conforme as ambições que as dominassem na occasião fossem identicas ou antagonicas, porem sempre apoiadas nas classes armadas com ellas identificadas. O povo, a plebe, não tinha voz activa e era o eterno espoliado, sem direitos, porem com deveres muitos a cumprir, obrigado pela força a todos os sacrificios, não pela patria, mas pelos poderosos do dia.

Ao evoluir da sociedade porem o povo foi aos poucos se erguendo da precaria situação em que o mantinham os governos e procurou tomar de conquista em conquista a ascendencia que de direito lhe cabia e que durante seculos lhe fôra usurpada.

Os homens de governo, salvo poucas excepções, só cuidavam satisfazer a sua vaidade, o seu egoismo, as suas ambições, o seu orgulho, a sua sêde de dominio, servindo-se do povo para isso e a elle tudo negando — a propria liberdade de pensar e de manifestar-se — maior bem do que a vida porque esta sem aquella só tem valor para os que nasceram para escravos.

As consequencias dessa politica de egoismos e absorpções foram a prevenção, o descontentamento e o odio do povo áquelles homens. Dahi as represalias, as desordens, as revoltas, as derrubadas de governos, as lutas tenazes e periodicas entre elles e o povo e como epilogo a indisciplina popular promanando da indisciplina governamental.

Nunca o povo se queixou e se indisciplinou contra os bons governos, os que cuidaram e defenderam os

interesses da collectividade, os que foram honestos e sobrios, justicheiros e dignos. Podia haver queixas como sempre houve, ha e haverá, dos eternos descontentes, cujas ambições não possam ser satisfeitas, mas isso nunca levará o povo a manifestações de indisciplina.

Vão já bem longe os tempos dos governos discretionarios, tyrannicos, absolutos, em os quaes a suprema lei era a vontade do governante, de tudo dispondo a bel-prazer, inclusive bens, liberdade e vida dos governados.

O evoluir dos povos tudo vem solapando e transformando e a marcha progressiva e accelerada da civilização vae tudo levando de roldão para que elles se affirmem e se constituam definitivamente ou se destruam impotentes diante de forças superiores, invenciveis. Uma nova ordem social vae sendo estabelecida com velocidade crescente, tendendo para um limite em que a igualdade dos sexos, dos deveres e dos direitos individuaes, bem como a igualdade entre si das nações que sobreviverem, será uma realidade dentro talvez de um seculo, só devendo ser admittidas dahi em diante as desigualdades de intelligencia, de cultura e de actividade productiva, como consequencia logica do poder mental de cada individuo e como expoente da capacidade cultural, moral e realizadora de cada povo.

Hoje os governos não mandam, não dominam, não têm vontade propria; são mandados, dominados e executores da vontade do povo.

Tornam-se pois indisciplinados quando esquecem os seus deveres de executores dessa vontade, de fieis e primeiros cumpridores das leis, de inexoraveis applicadores dessas mesmas leis e da justiça nellas virtual, para transmudarem o seu honroso mandato, todo obediencia, sacrificio, abnegação e renuncia, em instrumento

de gozo, de mandonismo, de filhotismo, de favoritismo, prevaricações e ambições inconfessáveis.

O governo, que se triparte nos poderes executivo, legislativo e judicativo, quando assim indisciplinado, é a causa principal e primeira da indisciplina geral cujos effeitos são os mais perniciosos, acarretando quasi sempre o desmoronamento das nações poderosas que, não raro, succumbem definitivamente.

O executivo tem innata a tendencia para a absorpção e o mandonismo, tendencia que frequentemente se transforma em uma especie de bossa moral com raizes profundas no seu organisino, difficilmente extirpáveis.

A absorpção é iniciada pelo chefe do poder e vae logo ás prerogativas do legislativo, mesmo áquellas que lhe são privativas; vae ao judicativo em cujas decisões procura influir, deixando muitas vezes de cumprir os seus arestos; vae ás diversas classes sociaes e ás repartições publicas e em um aneio de tudo dominar despoticamente vae até á absorpção da consciencia collectiva e individual. E se não encontra resistencia julga-se logo o dono, o proprietario unico do paiz, transformado assim em latifundio feudal. Elle manda, dispõe, exige, como se tudo fôra d'elle, fosse coisa sua. E' infallivel, intangivel, omnipotente, sobrehumano...

Esse exemplo é então seguido pelos ministros, pelos chefes e directores de serviços e repartições, pelos commandos em geral, até pelos chefetes de quaesquer grupos de funcionarios publicos e assim, tudo avassallado, o chefe do executivo se julga o dono do paiz, cada ministro o proprietario de tudo que lhe está subordinado, dos Estados os governadores, das cidades e villas os prefeitos e assim por diante.

E nesse andar os mandões de todas as categorias julgam que elles são a ordem, a disciplina, o patriotismo, o bem publico, a verdade, o acerto, a correcção, a intelligencia, a sabedoria, a infallibilidade. Os que

se não submettem á sua vontade discrecionaria são por elles taxados de desordeiros, indisciplinados, inimigos das instituições, venaes, sem patriotismo, e quejandas qualificações.

Então a injustiça e o favoritismo campeiam sem freios, mancias ou peias. Os accessos, as promoções, as nomeações, não recahem nos melhores servidores, nos mais capazes, nos mais dignos, e sim nos filhotes, nos apaniguados, nos mediocres, nos pusillanimes, nos subservientes.

E sobrevêm o arbitrio, a intolerancia, a desordem, a indisciplina, a anarchia do governo, dos chefes e dirigentes em geral, e se o povo, cioso dos seus direitos e prerogativas e o mais prejudicado nesse cháos, procura rebelar-se, é logo considerado desobediente, sedicioso, indisciplinado.

A celebre phrase tantas vezes repetida — Façamos a revolução antes que o povo a faça — é um brado de alarma de politico a politicos e quer dizer : Tenhamos coragem de retroceder do caminho errado que trilhamos ; ponhamos ordem nas repartições, na coisa publica, no governo ; obedeçamos aos dictames do bem colectivo ; supitemos os nossos gozos e os nossos interesses diante das necessidades da nação ; elevemos o nosso coração e o nosso espirito ao altar sagrado da Patria , cultuemos o respeito á lei e á justiça ; pratiquemos a moral politica e a moral social ; evitemos que o povo em revolta venha em desespero de causa tomar conta dos nossos actos e castigar-nos pelo mal que fizemos, pelo bem que não fizemos ; disciplinemo-nos !.

E' pois claro como a luz meridiana, tem a evidencia do axioma, que a indisciplina popular contra os governos provem dos desmandos destes. Nenhum povo em tempo algum se rebellou e se rebellará contra os bons governos, porque o que elle aspira é á paz, é á ordem,

á prosperidade, ao aperfeiçoamento, tendo o trabalho como unico e digno meio de obter tudo isso.

Assim, cada governo tem o povo que merece. Este será bom se aquelle o fôr, será máo, no caso contrario. Disciplinado se aquelle o fôr, indisciplinado no caso inverso.

A força maxima de um exercito não está no numero de homens, de canhões, de fuzis, de metralhadoras, de bombas, de carros de assalto, de aviões, como não está na abundancia de munições, de mantimentos, de recursos os mais variados e completos.

Reuni um milhão de homens validos, dae-lhes todos os recursos maginaveis para que possam combater, instrui-os no manejo dos poderosos elementos de guerra existentes, uni-os em agrupamentos militares, dae-lhes hierarchias e commandos, e ainda não tereis mais que um milhão de homens bem providos. Elles não formarão um exercito, mas um numerosissimo bando bem equipado.

Dae-lhes tudo isso e disciplina e elles terão a cohesão necessaria para que se constituam em exercito.

A força dos exercitos está pois principalmente na disciplina e é tal o poder desta que se póde afirmar sem recio de exagero que um exercito bem instruido, provido de todo material que lhe é peculiar, mas sem disciplina, sem a cohesão que della resulta, é facilmente batido e derrotado, ao passo que um outro não bem instruido, não tão bem aparelhado, porem disciplinado e coheso, difficilmente será vencido.

Em todas as idades da Historia, em todos os povos, um exercito bem organizado, instruido e disciplinado, obediente á ordem civil da nação, tem sido o reflexo de um paiz prospero, socialmente disciplinado, mundialmente respeitado; ao passo que um exercito sem disciplina, sem cohesão, e que se sobrepoz á nação pelo

fragor das patas dos cavallos, pelo retinir das espadas, pelas cargas de baionetas, pelos fogos dos luzis, metralhadoras, bombas e canhões, e no qual os seus officiaes tudo quizeram esmagar a tacão de bota, tem sido sempre o espelho da anarchia social e da fraqueza nas quaes se debate uma nacionalidade, tornando-se elle o flagello, o algoz, o cozeiro do seu povo.

E o que dissemos sobre o exercito se estende mutatis-mutandis á marinha de guerra.

Para que o progresso de uma nacionalidade se processe e se realize sem interrupções, para que o evoluer de sua civilização tenha a sua marcha ascendente sem hiatos, para que ella preencha o seu destino historico sem fallhas, sem solução de continuidade, para que ella se prepare para o convivio e o respeito das outras nações sem desfallecimentos e sem vacillações, é necessario e imprescindivel que saiba evitar as lutas intestinas, as desordens, as mudanças violentas de governo. Em duas palavras -- é essencial que tenha ordem e disciplina.

Officiaes e soldados de terra e mar são recrutados no povo. Elles são os cidadãos fardados e permanentemente armados para a defeza das instituições nacionaes e da integridade do paiz, constituindo um dos órgãos essenciaes ao funcionamento e á vida do seu organismo. Se o povo fôr ordeiro, disciplinado, dotado de bôas qualidades civicas e moraes, instruido em uma nobre escola de patriotismo esclarecido e convieto, as suas classes armadas serão animadas por esses mesmos predicados, que, revigorados e polidos nas escolas de aperfeiçoamento que se denominam Exercito e Marinha, irão formar um escudo invulneravel á acção corrosiva dos interesses individuaes, das ambições desregradas, dos egoismos. Se porem o povo fôr indisciplinado, irrequieto, sem qualidades civicas e moraes, sem patriotismo, as suas classes armadas, resentidas desses defei-

tos, dessas falhas, falseando a sua missão nobilíssima, constituirão um pesadelo, um perigo pairando sobre a nação inteira.

E, se em lugar de governos tiver desgovernos, isto é, se os máos governos persistirem e o povo os acompanhar na rota impatriótica, deixando de impor-lhes o correctivo necessario e de affirmar-lhes a sua vontade orientada para o bem collectivo, prenuncio de decadência, então, as classes armadas deixarão de ser um perigo para transformarem-se em um verdadeiro flagello, sobrepujando a tudo e a todos, abolindo a ordem civil para implantarem a ordem militar evidenciadora da desordem geral, da anarquia social, do aniquilamento da patria pela sua possivel desaggregação e desaparecimento.

Em conclusão — cada povo tem as classes armadas que merece.

Não terá salvação possivel a nacionalidade cujas forças armadas estiverem corroidas pelo virus da insubordinação e da indisciplina. Quando esta tenha subvertido o governo e o povo, mas não se haja infiltrado em suas classes armadas, ainda será tempo de evitar-se a ruina das instituições politicas e sociaes e o descalabro dos governos militaristas, os quaes tendem sempre para o despotismo da força material, para o arbitrio, para a tyrannia.

Delles promana inevitavelmente a divisão das forças armadas em facções, formadas cada qual de um chefe e dos seus adeptos e apaniguados. E cada chefe se julga então o salvador, o unico capaz de bem governar, o super-homem do momento, e como consequencia logica sobrevêm as lutas estereis entre ellas para a escalada do poder, que em geral o vencedor exerce para satisfação das suas ambições pessoais e dos que o apoiam subservientes.

Nessa situação tudo estará carcomido e solapado: Começarão a imperar as malquerenças, as desconfianças, os odios, as vinganças. Só um pulso de aço animado de grande despreendimento e muito patriotismo poderá nesse caso sopitar o despenhar da nação no abysmo da anarchia e na catastrophe da desaggregação e do esphacelamento. Ainda assim para que ella não succumba mais tarde é indispensavel tenha esse pulso de aço continuadores energicos e decididos de sua obra de restauração, para que os seus esforços não se percam em novas convulsões bastardas e interesseiras.

Compreende-se a importancia capital, insophismavel e imprescindivel de manter-se o soldado sómente soldado, sujeito exclusiva e inexoravelmente ao restricto cumprimento dos seus deveres militares. Tiralo dahi para como soldado exercer funcções civis é indisciplinar a corporação militar a que pertença, porque isso importa desviar-o da sua especialidade, da sua competencia mental e moral, dos serviços para os quaes foi preparado e educado, deixando vago o seu posto e com isto um disequilibrio na corporação, porque ahi tem elle seu lugar e os seus deveres que serão desempenhados por outrem, tambem por sua vez afastado do cargo que lhe é proprio.

O tenente commanda secção ou pelotão; o capitão companhia, bateria ou esquadrão; o major batalhão ou grupo de artilharia, etc., etc. Afastado qualquer delles haverá um disequilibrio prejudicial ao corpo em que estiver servindo. O afastamento de um é logo seguido de outros porque o exemplo prolifera. A consequencia é a pertubação dos serviços, o relaxamento dos commandos, o desinteresse e o descaso pela disciplina.

Ora, quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle.

Se o cidadão não quer ser militar, cumpra o serviço obrigatorio da lei pelo tempo por ella determinado

e concluido este regresse ao meio civil. O que não é digno nem defensavel a não ser com sophismas, é estudar e instruir-se a custa da nação para occupar nas fileiras um posto de official e depois de obtido este desertal-o, escafecer-se.

Official quer dizer educador, instructor, commandante, conductor de homens. Mas de homens perigosos porque armados dos mais aperfeiçoados engenhos de destruição e porque reunidos em collectividades, para objectivos os mais graves e terriveis como o de matar e se fazer matar, de impôr a vontade da nação ou tornal-a submissa e escrava.

E' indispensavel para tão difficil, complexa e honrosa missão que elle seja forte e sadio; calmo e energico; culto e justiceiro; altivo, brioso e abnegado; de resolução propta e acertada; que tenha amôr á responsabilidade e espirito de renuncia; que seja disciplinado e disciplinador. E'-lhe imprescindivel esse conjunto de qualidades physicas, mentaes e moraes, estas sobrepujando essas e aquellas.

E terá a força moral necessaria ao desempenho de tão nobre e delicada missão aquelle que ao cingir a espada e as insignias de official presta um solemne compromisso, um sagrado juramento de bem cumprir os seus deveres militares e abandona esses deveres para immiscuir-se em mistéres para os quaes não foi preparado, sem se despojar daquelles symbolos honrosos, unico meio decente de faltar áquelle compromisso, áquelle juramento?

Terá brio, altivez, dignidade, envergadura moral enfim, o official que se afasta do serviço do exercito ou da armada para exercer cargo mais lucrativo, menos trabalhoso, sem tanta responsabilidade, continuando a perceber o soldo da patente a cujos imperativos se furtou?

Os que collocam os proprios interesses acima dos interesses superiores da patria, esses, dotados de hypocrisia e falso patriotismo, devem sentir-se bem e são em geral os que mais blasonam de patriotismo, de dignidade, de independencia de caracter. Pois si elles se julgam imprescindiveis, os unicos capazes, os insubstituiveis...

Por medo ou esperteza, ou por medo e esperteza, os politicos em sua maior parte procuram captar a sympathia e o appoio dos militares, acenando-lhes com promoções e boas collocações, concluindo por facilitar-lhes o afastamento dos seus deveres profissionaes para dar-lhes posições no meio civil. Temor ou calculo, receio ou exploração, de qualquer modo commettem elles um attentado á disciplina, um gesto nocivo aos interesses da collectividade, um perigoso exemplo de consequencias quasi sempre malfadadas.

O que é certo e innegavel é que os politicos em geral não têm a coragem civica de declarar franca e nobremente que os militares devem ser afastados inteiramente da politica dos partidos, creando-lhes um ambiente de nobres estimulos que os induzam a comprehender essa necessidade, essa renuncia abnegada, altruistica, patriótica. Nem mesmo o direito de voto se lhe deve conceder para que a sua imparcialidade seja intangivel quando por ventura tenham que agir na manutenção da ordem interna, a isso solicitados por um dos seus mais imperiosos e dignos deveres.

E ha militares que se deixam seduzir pelo canto intoxicado de sercias venenosas e que do ar puro do alto da montanha — o coração ingenuo e bom do povo — baixam á planicie infecciosa onde se formam os lodações deletorios que deterioram os sentimentos generosos dos cidadãos, dando preferencia ambiciosa á suspeita, ao desprezo e ao odio do povo, em vez do seu respeito, da sua consideração e estima.

Governo, políticos, povo, classes armadas, brasileiros em geral! disciplinemo-nos todos!

E' para o bem do Brasil, para o respeito e dignidade das hierarchias sociaes indispensaveis, para a felicidade geral, para a perfeita actividade de todas as classes, para a alegria de cada lar, para o bem estar de cada cidadão!

Em uma nação ha um centro de convergencia onde coexistem a elevação moral, a nobreza civica, o altruismo. Nelle se retemperam todas as virtudes, se depuram todas as consciencias, se alteiam todos os espiritos, se revigoram todos os organismos. Nelle todos os homens podem entender-se e cooperar, sejam quaesquer as suas crenças religiosas, as suas doutrinas politicas, os seus systemas philosophicos, as suas capacidades mentaes, as suas origens raciaes. Dentro d'elle todos os antagonismos podem ter um ponto de contacto, todas as malquerenças uma linha de afeição, todas as rivalidades uma superficie de concordia, todas as desintelligencias uma esphera de intelligencia.

Esse centro de convergencia é o patriotismo que a todos deve reunir para o bem geral e para o bem particular de cada um. E a estrada larga e segura que nos congrega, nos anima, nos fortalece, nos imuniza, nos guia e nos conduz ao patriotismo é a disciplina. Esta é tão poderosa, tão util e necessaria, que sem ella nunca attingiremos áquelle nobre centro de convergencia, nunca chegaremos a formar uma grande nação e estaremos sempre sujeitos á impertinencia dos mais fortes, senão aos seus appetites vorazes.

Em daas palavras, brasileiros: Sejamos dignos....

Dignos do grande paiz que nos coube como desafio aos nossos br'os para que d'elle formemos uma imponente nação ou para que demonstremos ao mundo que somos anões, demasiado pequenos e ridiculos para obra tão gigantesca.

Ou o Brasil será o mundo do futuro ou nós brasileiros seremos uns energúmenos.

Disciplina, sempre disciplina, em tudo, antes de tudo, depois de tudo!

A França civilizada e immortal tem nos dado frequentemente bellos e nobres exemplos de disciplina geral, a qual aperfeiçoada constantemente no espaço e no tempo, culmina na época presente.

E' certo que ella tem tido atravez da sua gloriosa historia surtos de indisciplina. A todos elles porem soube ella vencer com galhardia, affirmando sempre uma vontade norteada e inabalavel de constituir-se em nação poderosa e respeitada.

Os seus numerosos partidos politicos, com programmas e doutrinas os mais antagonicos, sempre se unem quando é preciso salvar a nação de qualquer perigo. As varias crenças religiosas do seu povo nunca embaraçaram a união sagrada pela deusa da patria, para a dignidade da nação. Os preconceitos das suas classes diversas desaparecem no momento opportuno em que o ideal superior do bem publico as deve congregar.

E, o que é mais importante e suggestivo, os seus grandes generaes e marechaes, os seus officiaes em geral, os seus soldados, vencedores ou vencidos, jamais deixaram os seus deveres militares para imporem a sua força e a sua vontade á Politica Nacional, jamais perturbaram a serenidade dos dirigentes por exigencias ou imposições, jamais procuraram ingressar nos meandros da politica partidaria. E esses eminentes marechaes e generaes foram sempre estimados, queridos e respeitados do seu povo, gozaram em quasi unanimidade de grande prestigio nas diversas classes sociaes.

Esse exemplo nunca assaz elogiado, partido do aito da hierarchia militar, tem calado profundamente o espirito de officiaes e soldados, os quaes se mantêm firmemente adstrictos aos seus deveres militares, consci-

entamente obedientes aos seus chefes, e todos elles patrioticamente obedientes ao poder civil, unidos todos por uma disciplina que é a sua maior força e a sua gloria mais bella.

A Grande Nação, cercada de inimigos invejosos, ostensivos uns, mascarados outros, tem resistido sobranceiramente ás maiores vicissitudes, a immensas agruras, a gigantescas commoções, a formidaveis cataclismos, graças ao patriotismo dos seus cidadãos — synthese invejavel e inconfundivel da disciplina que os embleoa inteiriços e indestrucliveis.

Vós ó brasileiros, que tanto prezaes os ensinamentos dos francezes, cuja cultura tanto admiraes e que tem servido de paradigma aos vossos grandes literatos para crearem uma literatura nacional, porque não seguis oa fecundos exemplos de sua disciplina social, factor maximo da sua força immensa, expoente da grandeza do seu povo?

E vós ó militares brasileiros, que tanto tendes aprendido na historia militar franceza, vós que estaes recebendo os ensinamentos da missão militar da Grande Republica, ensinamentos que vos tornarão mais habeis e invenciveis na guerra, aprendei com ella a verdadeira disciplina — a que faz da fraqueza força, a que leva o cidadão para o interesse da patria, a que enaltece a altivez e o brio do servidor de um grande paiz, a que personaliza o valôr para melhor integral-o nos valôres da nação, una e eterna!

Brasileiros! a Historia, imparcial e inexoravel nos seus julgamentos finaes, traçará com precisão e definitivamente o vosso perfil moral, a vossa projecção nos acontecimentos, em toda a sua verdadeira grandeza ou em toda a sua pequenez. Olhae o futuro cujas gerações serão impiedosas no fixar o momento historico que viveis, consagrando-vos um preito de admiração e reconhecimento ou condemnando-vos sem remissão.

Escolhei se quereis ser homens ou homunculos...

Mostraremos a seguir a influencia da disciplina atravez da Historia, quer na formação e organização de nacionalidades, quer na estabilidade de instituições politicas e sociaes, desde a mais alta antiguidade. Não nos é possível aqui inserir um curso de Historia baseada na disciplina, mas fixaremos exemplos elucidativos aos leitores desprevenidos ou esquecidos de conhecimentos relativos ao assumpto.

Para os versados em Historia e que a tenham estudado como uma verdadeira sciencia cuja previsão dos seus phenomenos embora difficilissima não se pôde contestar, as palavras que seguem neste capitulo seriam desnecessarias, porque devem elles conhecer perfeitamente a influencia da disciplina nos mesmos phenomenos. Como porem este livro é escripto para todos os brasileiros que saibam lêr nas linhas e entrelinhas, as palavras ali vão narrando alguns succintos conhecimentos daquella sciencia aos que não a compulsaram.

Para que tambem não nos acoimem de dogmatico e sentencioso, sem base, nellas encontrará o leitor a demonstração das theses sustentadas e ainda não documentadas sufficientemente. Essa documentação, afinal, existe em todos os acontecimentos historicos, em todas as épocas, em todos os paizes sem excepção.

Essas theses aqui tratadas são especialmente dirigidas ao caso brasileiro, onde a indisciplina governamental que vem de longe chegou ao cumulo no governo deposto em 24 de Outubro de 1930, originando e impulsionando a indisciplina do povo, ambas as quaes vão acarretando a penetração de tão nocivo elemento de perturbações sociaes e moraes nas classes armadas, algo já desarticuladas nas suas hierarchias e cujos chefes já se iam revelando impotentes para evitar a intromissão indebita dos militares na politica partidaria, embora o autor reconheça caber a responsabilidade aos politicos que, em geral, nada sabem da sciencia de governar

e por isso mesmo têm sido na republica mais perniciosos do que uteis ao paiz.

A ousadia da proposição negativa tem o seu fundamento no facto de não ser consentanea com a sabedoria politica a realização de governos de fancaria, de corrilhos, de facções, pelos pro-homens da republica velha e da republica nova.

Ora, os desta são quasi todos os mesmos daquella, tendo as mesmas virtudes e os mesmos defeitos, possuindo iguaes vicios, appetites, iguarias e condimentos. Os novos que surgiram com a revolução de 1930 são de uma incrível mediocridade, exceptuados pouquissimos espiritos superiores cujos actos são a cada passo embaraçados pela grande maioria dos ineptos.

Não negamos que tenham sido sinceros quanto á reorganização das instituições politicas e sociaes e á remodelação para melhor dos processos administrativos. E o que se não póde negar é que elles foram em 1930 revolucionarios honestos e convictos por uma patria melhor, porem agiram de principio como quem não sabia de que modo poderiam attingir o seu desideratum.

Verdadeiros exhibicionistas em sua maior parte, palradores, papagaiados uns, ararados outros, rarissimos com alguma originalidade, ás vezes grotesca, succediam-se diariamente uns aos outros em entrevistas aos jornaes, cada qual mais extravagante, discordantes quasi todas, num prurido de verem os seus nomes nos grandes diarios e as suas caricaturas nas revistas semanaes, obesos de empafia, obcecados de popularidade, obcecados de notoriedade.

E a pobre patria a esperar salvação de tal gente e o povo boquiaberto a assistir a esse espectáculo truenesco que só não foi desopilante porque estava em scena o Brasil perante a platéa do mundo e junto ao proscenio as nações da America do Sul sobre as quaes se quer exercer certa influencia.

E a inconsciência dos estadistas improvisados iguala sem dúvida a sua indisciplina, formando a equação da anarquia, cuja resolução erosiva ia solapando o crédito, a seriedade, a respeitabilidade da nação.

Mas a imprensa lucra porque augmenta a venda das suas edições e vai enchendo as columnas dos seus jornaes com uma variadissima collaboração não paga, poupando os redactores, collaboração que o populacho tanto aprecia para gaudío da sua alacridade trocista. Lucra e por isso vai insuflando o amor proprio e a propalpia dos advenas politicos, que se julgam então pessoas importantes e indispensaveis, não percebendo no sorrir ironico dos reporteres a sua verdadeira significancia, ou insignificancia, não antevendo os commentarios que elles levarão ás redacções em narrativas entremeadas de pilherias e sarcasmos.

E tudo isso influencia da indisciplina que os torna como que inconscientes do papel negativo que estão representando na comedia nacional, a qual queira Deus não se transforme um dia em tragedia mortal...

O EGYPTO

Pouco se sabe ainda da historia do antigo Egypto não obstante os trabalhos e estudos dos archeologos modernos, mas esse pouco permite vislumbrar a confirmação das nossas asserções.

No Antigo Imperio o paiz adoptava o regimen feudal, dividido em Estados mais ou menos independentes, sem cohesão e sem disciplina. Foram elles por isso pouco a pouco submettidos ao dominio de Memphis que se tornou a capital do paiz, então unido. Foi a época da construcção de grandes monumentos e das imponentes pyramides, attestando esse progresso uma consequencia da unidade nacional. Foi tambem

o tempo em que o povo começou a entregar-se ao gozo das riquezas e perante o seu esplendor esqueceu as ambições dos outros povos, deixando de ser guerreiro para tornar-se sómente agricultor e constructor, em uma éra em que predominava o regimen militar.

Nessa situação, e já no Medio Imperio, foi o paiz invadido pelos hyksos, os imprópriamente chamados reis pastores, que tomaram Memphis e todas as cidades egypcias, deixando-lhes apenas Thebas, a cidade das cem portas, sujeita entretanto a tributo. Os habitantes desta, mais tarde, lembrando-se sem duvida do antigo poderio e esplendor, num movimento de patriotismo organizaram a reacção contra os seus dominadores, aos quaes se haviam alliado os hittitas e os hebreus. A todos venceram os thebanos, lenta e seguramnete (João Ribeiro), o que demonstra a forte cohesão e invejavel disciplina a que então attingiram os egypcios por elles guiados.

Nessa occasião fundaram o Novo Imperio, durante o qual o Egypto chegou ao seu apogéo, tornando-se a primeira potencia desse tempo e levando os seus limites ao Alto Nilo e á Mesopotamia.

Emquanto se mantiveram unidos e disciplinados, fortes por conseguinte, a classe guerreira, que então se confundia na propria ordem civil, dominando a classe sacerdotal, os egypcios prosperaram e repelliram os seus inimigos. Alcançado porem o apogéo da sua civilização, como tem acontecido a quasi todos os povos, appareceram os primeiros symptomas de decadencia e a indisciplina começou a invadir a classe dominante, até que, após cerca de trinta seculos de vida autonoma e brilhante, apenas com o interregno da dominação dos hyksos, perderam sua independencia na batalha de Pelusa, vencidos pelos persas.

Nada nos diz a Historia sobre os exercitos egypcios porem é lóra de duvida que a lição a tirar dos factos

cujo conhecimento nos revela é que o povo egypcio foi sempre vencedor e progressista quando unido e coheso e não pôde haver cohesão entre homens sem disciplina, sem unidade de vistas e de objectivos.

Dahi se conclue: Enquanto seus guerreiros foram disciplinados, isto é, obedientes ás autoridades constituídas, ao Poder Politico, foram tambem vencedores.

A GRECIA

A Grecia é uma região montanhosa cujo littoral rendilhado de golfos, bahias e portos, espigado de promontorios, e cujos mares pontilhados de ilhas que a cercam por quasi todos os quadrantes, de clima ameno e saudavel, constitue no Mediterraneo Oriental uma grande peninsula que não podia deixar de ser objecto dos povos navegadores, commerciantes e conquistadores daquelles tempos, entre os quaes, macedonios e romanos.

Com essas caracteristicas, e dada a marcha da civilização do Oriente para o Occidente em busca do grande valle do Mediterraneo, estava a Grecia destinada a ser theatro de importantes acontecimentos, um centro de agitações e de embates das ambições daquelles povos dominadores.

Oriundo de diversas tribus — dorios, jonios, etolios e acheus — ás quaes se juntavam frequentemente estrangeiros de todas as procedencias, nunca os gregos conseguiram formar uma grande nação, ligados por interesses geraes, unidos por identidade de ideas e de objectivos, vivendo em guerras quasi perennes uns contra outros, raramente cohesos, e isto parcialmente.

Para a dispersiva e agitada vida politica e social dos hellenos muito concorreu a topographia accidentadissima do paiz. Os seus systemas orographico e potamographico muito influiram para a desunião em

que se mantiveram, separados os centros populosos por accidentes de difficil accesso naquelles tempos antigos em que os meios de locomoção eram escassos e penosos.

Separados tambem por interesses egoisticos, em vez de irmãos e amigos tornaram-se inimigos, poucas vezes reconciliados. As cidades mais importantes tinham como principal objectivo não a união sagrada da patria commum, porem cada qual a hegemonia politica sobre as outras, e, nas lutas estereis que para isso sustentaram, embora senhores de uma grande civilização, os gregos desbaratavam as suas energias improficuamente. Assim, nunca tiveram unidade politica e cohesão social.

E o phenomeno sociologico é tanto mais de notar quanto não obstante essa grande civilização, a identidade de origem, a unidade de lingua, o mesmo espirito religioso, tudo isso não conseguiu dissipar o animo hostile, a inveja, o odio de uma cidade contra outra que se lhe avantajasse em progresso e riquezas. E' que o espirito laccioso de regionalismo dos gregos, sempre superposto ao espirito nacional, nunca os abandonou, e foi essa a razão primordial da sua vida sem homogeneidade, da falta de um centro moral de convergencia no qual todos podessem congregar-se para o bem geral.

O patriotismo para elles foi o de aldeia, de burgo, de cidade.

Vê-se Athenas isolada combater poderosas forças de terra e mar de Dario I, rei persa, vencendo-as graças ao genio militar de Milciades que destroçou o exercito inimigo na planicie de Marathona (490 antes de Christo).

Quando Xerxes I á frente de um exercito de um milhão de homens e de uma esquadra de 1.200 navios invadiu a Grecia, só Sparta e Athenas — as cidades de Lyeurgo e Solon — se unem para combatel-o, abandonadas pelas demais cidades gregas. Venceram o

implacável inimigo é certo, mas devido á competência e á tenacidade do grande Themistocles, secundado por Aristides, Pausanias e Euribiades, após muitas derrotas sofridas, salvando-se nas batalhas de Salamina (480), Mycale e Platéa (479) a independência grega e sua civilização que teria assim de proseguir sua marcha para o Occidente.

Nem deante das invasões persas ameaçadoras da sua independência e da liberdade individual se uniram os gregos para a defesa desses inestimáveis bens. Ao contrario, depois desses acontecimentos, recrudesceram as lutas intestinas.

Sobrevém então as guerras entre Athenas e Sparta, entre esta e Thebas, até que toda a Grecia antiga cahe sob o domínio da Macedonia no reinado de Philippe II que havia conseguido formar do seu pequeno paiz um Estado prospero e coheso, possuidor de um exercito bem organizado e melhor disciplinado, o qual permittiu logo depois a Alexandre a conquista de um grande imperio embora ephemero.

O povo macedonio tinha afinidades de sangue com os gregos e graças aos seus reis Amyntas, Philippe e Alexandre, educados entre elles, e influenciados pelo espirito dominador da época, surgiu como nação forte e conquistadora quatro seculos antes de Christo. Submettidos os gregos, ligados aos macedonios por essas afinidades e por lindas fronteiriças, apresentava-se-lhes occasião favoravel para formarem com elles uma grande nação, dotada de poderosas forças armadas, capaz de dictar leis ao mundo então conhecido, na qual preponderaria mais cedo ou mais tarde o elemento grego genuino pela sua posição geographica e pelo gráo da sua civilização.

Mas desta vez ainda faltou-lhes, bem assim aos macedonios, a disciplina necessaria como adiante verificaremos.

A MACEDONIA

Philippe II, o Grande, habil político e illustre capitão, ao vêr a Macedonia preparada para a expansão que idealizara, comprehendeu que sem a conquista da Grecia não poderia emprender grandes expedições e alcançar a nomeada que sua ambição delincára.

Iniciou as operações apoderando-se de Amphipolis e outras colonias gregas do littoral macedonio, submettendo a Illyria e parte da Thracia. Em seguida, astuto e maneyroso, encontrou meios de insinuar-se entre os gregos com habilidade e discernimento, aproveitando a occasião que lhe offereciam as guerras sagradas da Grecia para intervir como pacificador entre elles.

A primeira dessas guerras, em numero de duas, irrompeu por occasião da condemnação dos phocios ao pagamento de una multa por haverem lavrado um campo sagrado, consagrado a Apollo na Phocida. Essa multa fôra imposta pela amphictionia de Delphos, associação de character religioso como todas as outras amphictionias, cuja missão era conservar e administrar os templos com os respectivos ritos. Não raro se immiscuiam ellas na politica.

Revoltados os phocios, a luta prolongava-se indecisa quando Philippe se apresentou no desfiladeiro das Thermopylas sob o pretexto de castigar os rebeldes sacrilegos. Demosthenes, o eminente atheniense e principe dos oradores gregos, aconselhou Athenas a impedir a entrada de Philippe, bem prevendo os objectivos que o animavam.

Retirou-se então o grande rei para voltar dois annos mais tarde, apoderando-se logo de Olyntho, colonia grega do mar Egêo, dictando a paz a Sparta, pe-

netrando na Phocida então abandonada por Athenas, tomando para si os dois votos que tinha ella no conselho dos amphictiões.

Este mesmo conselho, sob cuja jurisdicção se achava a Locrida, sentenciou annos depois os locrios a igual pena por identico motivo. Revoltaram-se elles e surgiu a segunda guerra sagrada. Eschines, notavel orador que se vendera a Philippe, convenceu o conselho a chamar este a intervir na luta. Era o que o macedonio tinha em vista. Demosthenes sempre alerta chamou a attenção de Athenas e de Thebas para o perigo imminente. Uniram-se então as duas cidades e oppuzeram suas tropas ao rei, que as venceu na batalha de Cheronéa (338 antes de Christo), cahindo toda a Grecia sob o dominio da Macedonia.

Pela astucia, pelo suborno e pela força, Philippe submetteu pouco a pouco os gregos, aproveitando a indisciplina que os desunia, as suas discordias e a corrupção que sempre maculou esse povo que foi grande pela bravura, pela agudeza da intelligencia, pelas letras, pelas artes, sobretudo pela philosophia. Entre os seus pessimos predicados culminava um invencivel e incuravel espirito de regionalismo dispersivo que os manteve sempre fracos perante poderosos inimigos.

Para mascarar com brandura a sujeição e principalmente para evitar possiveis revoltas latentes nesse povo sempre cioso da sua independencia regional, Philippe foi a Corintho, onde propoz aos gregos levar com elles a guerra aos persas, tradicionaes inimigos da Hellade, sendo ahi proclamado seu generalissimo.

Preparava-se para isso o macedonio quando foi assassinado por Pausanias, seu general.

Subiu então ao throno Alexandre III, o Magno, aos vinte annos de idade (336).

Thracia e Illyria. Thebas e Athenas, estas incitadas por Demosthenes, revoltam-se. Alexandre marcha immediatamente e submete as duas primeiras, arraza Thebas onde apenas poupou a casa em que nascera Pindaro, o grande vate. Athenas pede a paz.

Como Philippe, foi elle proclamado em Corintho generalissimo dos gregos e investido do commando da expedição contra a Persia. Deixa Antipatro, o mais illustre general de seu pae, no governo da Macedonia, e á frente de um exercito de cerca de 35.000 homens atravessa o Hellesponto (354) e derrota nas margens do Granico um exercito persa de 100.000 homens que lhe embargava a passagem do rio. Essa victoria desbravou ao vencedor o caminho da Asia Menor que elle percorreu toda, apoderando-se das cidades de Sardes, Epheso, Mileto, Halicarnasso e Tarso, a cidade natal de S. Paulo, onde por imprudencia esteve a morte. Tomou Gordium, celebre cidade da Phrygia pela fabuia do nó que elle cortou com um golpe de espada, gesto cujo simile se encontra mais tarde no ovo de Colombo.

Dario Codomano, rei da Persia, com o titulo de Dario III, reuniu um exercito de mais de 500.000 homens e foi errada e cegamente atacar Alexandre na cidade de Issus, vestibulo da Syria, em situação que não poderia desenvolver tão numerosas tropas, principalmente a sua cavallaria de mais de 100.000 homens. A derrota dos persas foi uma verdadeira catastrophe que deixou nas mãos do vencedor as bagagens, os thesouros e a propria familia de Dario — mãe, esposa e filhos.

Senhor da Syria, a clarividencia militar e politica de Alexandre levou-o immediatamente á conquista da Phenicia com o duplo objectivo de isolar a Persia do Mediterraneo e permittir-lhe apoderar-se do Egypto, ha muito sob o dominio dos persas, tirando a estes a possibilidade de socorrerem a sua possessão. Só encon-

trou resistência nas cidades de Tyro e Gaza, as quaes tomou após demorados sitios, alcançando assim o primeiro objectivo.

Passou em seguida ao Egypto onde foi recebido como um libertador, sem a menor resistência, o que se explica pelo odio que aos persas votavam os egypcios e pela corrupção reinante entre estes, despreoccupados de obterem vida autonoma. Nessa occasião Alexandre fundou no delta do Nilo a cidade de Alexandria, que se tornou celebre, entre outros motivos, por ter sido um grande centro de civilização hellenica e pela sua grande e famosa bibliotheca onde se formaram muitos espiritos eminentes.

Escravo de uma vaidade morbida e de desmedido orgulho infiltrados em seu espirito de adolescente por Olympias, sua mãe, e por Lysimacho, um dos seus preceptores, crendo-se descendente de deuses, atravessou elle por esse tempo o deserto da Lybia e se fez proclamar "filho de Jupiter Ammon" pelos sacerdotes do templo de Ammon, titulo que adoptou nos actos publicos que promulgava.

Voltou em seguida a proseguir suas conquistas na Asia. Em 331 atravessou o Tigre e o Euphrates á frente de um exercito de 50.000 veteranos e bateu em Arbellas novas e numerosissimas tropas que Dario conseguira reunir, das quaes foram mortos na acção 300.000 homens. Apossou-se das cidades de Babylonia, Suza e Persepolis, incendiando esta como vingança do incendio ateadado em Athenas pelos persas, tendo elle proprio lançado fogo com um facho ao palacio de Xerxes. Proseguindo, tomou Passagardes e Ecbatana onde Dario acabava de ser perfidamente assassinado por Bessus, seu general. Lamentou a morte do rei persa e fez-lhe pomposos funeraes, vingando-a mais tarde ao alcançar o assassino que fugira.

Estava assim dominada a Persia e Alexandre proclamado seu rei pelo exercito.

Não é difficil a explicação das successivas e desastrosas derrotas dos exercitos de Dario, de tão elevado numero de homens, pelos exercitos grego-macedonios esmagadoramente inferiores em effectivos.

O vasto imperio persa era um conglomerado de povos diversos, de origens, religiões, costumes e sentimentos varios, dividido em satrapias heterogeneas. Os seus combatentes padeciam assim essa divergencia de predicados e reflectiam bem a situação social e moral daquelles povos. Não tinham disciplina nem cohesão. Faltou-lhes um general eminente que tivesse a energia e a capacidade de commando necessarias para transformar essas grandes massas de homens em um verdadeiro exercito, dando-lhes essa cohesão e essa disciplina, tão indispensaveis elementos de ordem e de força. Tal gente em tal situação não poderia ter noção de patriotismo.

Alem disso, os mercenarios de todas as procedencias abundavam nos exercitos persas, inclusive da propria Hellade. São exemplos disso o rhodense Memnon e seus cincoenta mil gregos.

A côrte era brilhante pelo fausto e pelo gozo dos prazeres, mas lavrava nella intensa corrupção. Alli imperavam a concupiscencia, a inveja, a intriga e desenfreadas ambições.

Os exercitos de Alexandre eram formados de veteranos macedonios e gregos afeitos aos combates sob o commando de homens intelligentes e bravos. Sabiam o que é patriotismo e porque se batiam. Tinham cohesão e disciplina, os gregos a sommar-lhes um odio profundo aos persas. A sua organização em phalanges, na época a ultima palavra sobre a formação tactica, unida a um preparo regular, dava-lhes enorme superioridade

combativa. A coroar tudo isso o commando de um dos maiores capitães de todos os tempos, homem verdadeiramente genial como tactico e strategista, como politico e administrador, insuperavel conductor de homens, até ali disciplinado e disciplinador.

O contraste é frisante, inteiro, perfeito. Os resultados demonstram o incontrastavel poder da disciplina guiada por um grande espirito; de um lado; de outro põe em evidencia a inconsistencia e a precariedade das massas humanas quando não as orienta essa formidavel força.

Senhor da Persia, Alexandre, que até ali se revelara um espirito superior, estimado pelos seus generaes e soldados que o seguiam a toda parte sob absoluta confiança, esqueceu as lições de Aristoteles, o grande philosopho de Stagira, seu principal preceptor, bem como os exemplos de seu pae. Com um poder immenso e um exercito invencivel, transforma-se inteiramente dahi em diante, tornando-se desconfiado, despotico, tyrannico. A vertigem das alturas desequilibra-o, cega-o. O poder omnimodo que então desfructa leva-o á indisciplina pessoal, dando diariamente os mais perniciosos exemplos a todos que o cercam. Abandona os austeros costumes do seu povo para tornar-se escravo dos desregramentos persas, indo nesse despenhar até a adopção das vestes usadas no imperio conquistado, obrigando sua cõrte e seus soldados a imital-o não obstante a repugnancia que isso causava aos seus compatriotas. A' medida que heroica e intelligentemente se vae assenhoreando de terras e povos, deixa-se dominar facilmente pelos usos e costumes desses povos e terras, facto que poderia ser encarado como habil concepção politica se elle não se tivesse entregue ao jogo, ás bebidas, ás devassidões. Este cortejo de vicios leva-o porem á mais baixa degradação, impelle-o a praticar actos os mais reprovaveis e abominaveis. Torna-se perfido, desleal e deshumano,

com raros lampejos de honradez e dignidade. Foi a época em que começaram os desgostos e as murmurações no exercito, escandalizados macedonios e gregos pela depravação do seu rei.

Urde-se uma conspiração contra a vida do soberano. Philotas, bravo e activo general da cavallaria, principal lugar-tenente de Alexandre, junto de quem gozava de toda confiança e valimento, estimado dos seus soldados, soube do facto e não levou ao conhecimento do rei por não acreditar nelle. Os inimigos de Philotas aproveitam o ensejo para perdell-o e accusam-n'ó de conspirador. Alexandre, já resolvida a morte do seu amigo, convidado a ceiar e ambos palestram na maior intimidade. Nessa mesma noite quando dormia profundamente foi elle preso e levado ao palacio real. Preparavam-se para submittel-o a torturas quando, ao avistar os instrumentos de supplicio, disse aos seus inimigos: "Não ha necessidade do emprego de torturas para fazer morrer um homem que confessa ser inimigo do rei e ter querido mata-lo". Apesar disso foi mais de una vez barbaramente torturado até com açoites e ferro em braza e finalmente lapidado entre os verdadeiros conspiradores sem que houvesse deixado escapar um gemido ao menos.

Assim acabou o joven macedonio, tão querido e acatado pelos seus soldados, e que pelas suas elevadas qualidades de character fôra distinguido com o invejavel posto de general da cavallaria, a principal arma naquelles tempos. O seu crime unico foi não ter dado ouvidos ao delator que lhe não merecia consideração alguma por ser um invertido devasso.

Mais execravel ainda foi o acto que Alexandre praticou perfida e cruelmente contra Parmenião, o austero varão de setenta annos de idade, que se cobrira de gloria desde os tempos de Philippe II, de quem fôra um dos mais illustres generaes. O proprio Alexandre deu-lhe sempre as mais arriscadas missões nos campos

de batalha, fez-o invariavelmente occupar as posições mais importantes. Soldado leal, bravura proverbial, nobreza de attitudes, nunca se lhe conheceu um deslize que pudesse compromettel-o perante os dois reis aos quaes serviu indfectivelmente com decidida e exemplar dedicação. O ser pae de Philotas foi seu crime.

Resolvida a morte de Parmenião, o rei fez-a executar entre requintes os mais traiçoeiros e ignobeis.

Era elle rei e senhor da Média, uma das mais ricas provincias do vasto imperio de Alexandre, que lha havia dado em recompensa aos seus grandes e insuperaveis serviços, entre os quaes o de haver sido o mais precioso auxiliar das suas victorias, aquelle que lhe abria o caminho da Asia.

Alexandre chama Polydamos, amigo intimo do rei da Média, e dá-lhe ordem para executar a sentença, que assim seria cumprida sem desconfiança da victima. Para assegurar a execução manda prender como refens dois irmãos, a mulher e os filhos de Polydamos. Em seguida determina a este que parta para a Média disfarçado em arabe afim de não despertar a attenção do exercito que ainda não esquecera a morte de Philotas, tido por innocente. Dois guias escolhidos pelo proprio Alexandre acompanham-no. Dá a Polydamos duas cartas para Parmenião, uma sua e outra com o sinete de Philotas, cuja morte era ignorada do destinatario; entrega-lhe tambem cartas para Cleandro e outros lugares-tenentes do rei da Média, a todos communicando que este era um conspirador e que por isso o havia sentenciado á morte. Chega o mandatario á noite como lhe fôra prescripto, no undecimo dia de viagem, e na manhã seguinte com Cleandro e outros conjurados, todos já avisados, vae á chacara de Parmenião que os esperava no parque. Depois de abraçar carinhosamente o seu amigo, Parmenião inquire-o sobre o que fazia Alexandre. Polydamos entrega-lhe a carta do rei na

qual este dá a conhecer os seus projectos de novas expedições. Em seguida dá-lhe a carta supposta de Philotas a qual elle a lê visivelmente satisfeito. Precisamente nesse momento Cleandro o apunhala no ventre e na garganta, mortalmente.

Os guardas de Parmenião correm aos quartéis e as tropas revoltam-se exigindo a entrega dos assassinos. Cleandro mostra-lhes as cartas de Alexandre nas quaes elle accusava Parmenião de conspirador e determinava sua morte. Serenados assim os soldados, pedem o corpo do seu querido general para que o enterrem respectosamente. O assassino quer negar, mas premido pela attitude das tropas entrega-o sem a cabeça que seria enviada a Alexandre.

Foi essa "a triste sorte do velho batalhador, do melhor dos guerreiros macedonios, do mais fiel e dedicado servidor da dynastia de Philippe, do homem que havia consagrado toda a sua existencia ao serviço da patria !"

Outro episodio que bem define o rebaixamento moral do grande capitão foi o seguinte: Não podendo confiar na sympathia e na lealdade dos soldados de Parmenião após a morte deste em taes circumstancias, deu-lhes para commandante um antigo amigo do seu general, Leonidas, formando um corpo a parte, separado do exercito. Em seguida annunciou a esses homens que mandaria emissarios á Macedonia dentro em breve e os que desejassem escrever a seus parentes e amigos lhe enviassem as cartas que seriam pontualmente entregues. De posse dellas, Alexandre violou-as e ficou senhor dos nomes daquelles que não estavam satisfeitos e desejavam voltar á patria. Retira-os todos do exercito e obriga-os a acamparem a parte como indignos de a elle pertencerem. Esses homens assim feridos na sua dignidade tornaram-se os melhores soldados,

os mais destemidos nos combates, demonstrando não os attingir a pecha infamante que lhes fôra lançada pelo rei.

Houve ainda factos mais degradante na vida do grande capitão.

Depois de receber importantes reforços da Macedonia e da Grecia, Alexandre apossou-se da Bactriana e da Sogdiana, conseguindo dominar diversas revoltas nessas regiões, reafirmando o seu talento militar, os recursos da sua poderosa intelligencia e o seu tino politico. Entre os revoltados achava-se Arimazo, general sogdiano, que se refugiara nas montanhas de Hindu-kusch com trinta mil homens bem armados. A posição era inexpugnável, mas devido a um estratagemma em que sacrificou muitos dos seus soldados, de tal modo Alexandre amedrontou Arimazo, que este se lhe entregou com todos os seus commandados. Foi então nomeado governador da montanha e da Sogdiana, uma das provincias mais ricas, o velho Artabazo, um dos melhores logares-tenentes do rei.

Achava-se este em Marcanda por essa occasião, quando resolveu levar a effeito uma caçada na Basaria, onde revelou o seu destemor ao abater um enorme leão que punha em perigo sua vida. A um dos seus officiaes que se adeantara reccioso da sua temeridade e do risco a que se aventurara reprehendeu severa e peremptoriamente. Era tal o seu orgulho que nunca deixava passar occasião que se lhe offercesse para praticar qualquer façanha por perigosa que fôsse e que já tivesse sido realizada por outrem, procurando sempre sobrepujar em audacia e pericia. Foi essa a razão da caçada.

De regresso a Marcanda, Artabazo pediu exoneração do cargo de governador da montanha e da Sogdiana, allegando impossibilidade de bem desempenhar o devido á sua extrema velhice. Alexandre nomeou Clito em substituição, o mesmo que lhe salvara a vida

na batalha de Granico, cortando o pulso do persa Rhesarcés, quando este com um formidavel golpe ia fender-lhe o cranco descoberto; o mesmo que fôra sempre seu amigo dedicadissimo; o proprio irmão de Hellanice que fôra sua ama e a quem sempre havia demonstrado grande afecção; um dos velhos e mais valentes soldados de Philippe.

Feita a nomeação, Alexandre ordenou a Clito que seguisse no dia immediato a assumir o cargo e convidou-o para um banquete que lhe offerecia em despedida. Compareceram todos os generaes e todos os cortezãos. Entregues aos prazeres da mesa e das bebidas, muitos se excederam a ponto de perderem o contróle de si mesmos, entre elles Alexandre e Clito. Aquelle, em dado momento, começa a narrar as proprias façanhas guerreiras e a amesquinhar Philippe, seu paê. Clito revida, elevando Philippe, depreciando as proezas de Alexandre, desdenhando os jovens e elogiando os velhos guerreiros. Houve um momento em que o rei, excitado pela bebida e pelas palavras que lhe seriam o orgulho, arrebatou a lança a um dos seus guardas e arremessou-se a Clito, que teria sido morto se alguns convivas não se houvessem interposto entre ambos, conseguindo desarmar Alexandre, que, indignado, determinou a seu logar-tenente que se retirasse do festim. O velho soldado, incapaz de reflexão no estado em que se achava, lembra-se de Parmenião e faz a defesa desse grande soldado sacrificado cruel e perfidamente pelo rei e refere-se tambem a Attalo, irmão de Cleopatra, uma das esposas de Philippe, cuja morte era attribuida ao soberano. Nesse momento a colera de Alexandre não teve limites, e cego pela ira, sahiu e tomou a lança de um dos guardas, collocando-se de sentinella á entrada do palacio. Os convivas retiraram-se pouco a pouco e só Clito ficára. Quando este se retirava por sua vez, já serenado, a sahida em plena escuridão, per-

guntou Alexandre: "Quem vem lá?". Clíto reconhecendo a voz do rei, respondeu: "Sou eu, Clíto, que me retiro, Senhor". Alexandre então arremetteu contra elle e prostrou-o morto a um lançoço.

Outros episodios que se seguiram testemunham quanto o grande capitão e habil político, cego pelo poder e pelo orgulho, por elles dominado e pelos vícios mais reprovaveis, se tornou pouco a pouco suspeito e até odiado pelos seus concidadãos, os macedonios.

Um desses tristes episodios foi a morte de Callisthenes, philosopho de Olyntho, quando submettido a torturas, innocentemente, como participante na conjura de Hermolau. O philosopho era um homem acatadissimo pela austeridade dos costumes e pela nobreza do character, incapaz de attentar contra a vida de quem quer que fôsse, maximé a do rei a quem servia com dedicação e dignidade ao mesmo tempo. O seu crime foi haver discursado anteriormente, oppoendo-se a que Alexandre fosse adorado como um deus.

Quanto a Hermolau, era um desses jovens macedonios que ao completarem 15 annos de idade eram entregues ao rei por seus paes. Eram elles que montavam guarda á pessoa do soberano e lhes serviam em determinadas missões nem sempre dignas. Em uma caçada Hermolau abateu um javali que o rei pretendia ferir e tal foi o furor deste que mandou chibatar o moço. Dahi a conspiração á qual não succumbiu por mero acaso.

O grande conquistador proseguiu dahi em diante a sua politica de submissão de todos os satrapas persas, até dominar inteiramente o vasto imperio de Dario. Aos que se lhe apresentavam submissos e com offerendas de ricos presentes, deixava-os nos governos das suas provincias, algumas até accrescidas de territorios; os que se não submettiam voluntariamente eram quasi sempre trucidados com todos os seus, passados a fio

de espada todos os que manifestavam opposição aos seus designios imperialistas. Teve que reprimir frequentes revoltas de satrapas e povos e quando as dominava eram em geral mortos todos os homens em condições de pegar em armas. Assim se tornou senhor de toda a Persia.

Ao passo porem que adquiria a fiel submissão dos persas divididos e incapazes de união para a defeza commum, cada vez mais alienava a *sympathia* e amizade de macedonios e gregos pela vida cada dia mais desregrada que levava. Ambição sem limites dominava-o inteiramente; orgulhoso dos seus feitos até a inadmissão que alguém houvesse com outros feitos mais audazes e brilhantes; impulsivo até a mais violenta colera de que é susceptivel um homem; desdenhoso dos conselhos que lhe davam ainda os mais prudentes; influenciado pelos aduladores, pela bebida e pela devassidão crapulosa: Alexandre foi o homem das primeiras informações no julgamento dos seus auxiliares mais dedicados e dos amigos os mais leaes e uma vez desconfiando de qualquer delles era certa sua perdição porque nada o demovia dessa desconfiança, na maioria das vezes infundada.

Temiam-no os seus concidadãos, porem já o não estimavam como dantes. E se o supportavam e lhe obedeciam cegamente as ordens, era porque nunca deixava de arriscar a vida quando era necessario e porque nunca desanimava nos transes mais dolorosos, dando exemplos de resistencia sem igual ás fadigas, á fome á sêde, ao frio, ao calor. Foi verdadeiramente grande nas conjunturas extremas a que muitas vezes chegou o exercito, a todos reanimando, a tudo provendo com energia inexcidivel, sendo sempre o primeiro nos perigos e o ultimo no descanso.

Um dos factos que mais desgostaram os macedonios foi o seu casamento com Roxana, filha do satrapa

Cohortano. Este, ao penetrar Alexandre nos seus domínios, se lhe submetteu inteiramente, jurando-lhe obediência. O rei para garantia dessa obediência pediu ao satrapa consentisse dois dos seus tres filhos o acompanhassem á guerra. Cohortano entregou-lhe os tres e em seguida preparou-lhe um festim á moda persa, cheio de esplendor, ao qual compareceram trinta moças das mais formosas e de nobres estirpes, entre as quaes se achava Roxana. O rei apaixonou-se por ella e pediu sua mão ao satrapa, que, cheio de alegria e ufania, lh'a concedeu.

Não obstante ter dado explicações aos seus subditos de que assim procedia para melhor garantia dos seus domínios na Asia, aconselhando seus compatriotas a imitarem-n'o, estes reprovaram o procedimento do rei que tendo prisioneiras as filhas de Dario, mais formosas e de linhagem muito superior, as deixára para unir-se a uma rapariga de condição muito inferior á sua.

Dominada inteiramente a Persia e assegurada a obediência geral, resolveu Alexandre submeter a India, cujas riquezas o fascinavam e as quaes conhecia atravez de narrativas. Para isso organizou um exercito de 120.000 homens, bem armados e luxuosamente equipados afim de deslumbrar os povos dessa região, os quaes segundo essas narativas viviam no fausto e na abundancia. Ao chegarem ao Hyphases (Ghorra), porem, os soldados negaram-se a ir adiante e nada os demoveu da resolução que haviam tomado de voltar á patria. A's exhortações de Alexandre que lhes discursára em fórma, acenado-lhes com aquellas riquezas e o dominio do mundo respondeu o mais absoluto silencio do exercito. E' que esses homens já não depositavam a mesma confiança no rei e não lhe dedicavam a estima de antes, as quaes os levaram a segui-lo por toda a parte.

Despeitado, guardou entretanto reserva e tomou providencias para o regresso, descendo porem o Hydaspes (Djelem) e o Indo até o Oceano Indico em milhares de barcos que mandara construir, submettendo nessa descida todos os povos existentes nas regiões desses dois rios e do Accines.

Já nas proximidades do mar notaram os marinheiros que as aguas ora subiam ora baixavam de nivel e ficaram aterrados diante desse phenomeno. Alexandre, culto e intelligente, embora desconhecendo o fluxo e o refluxo do mar, previu tratar-se de phenomeno natural e destacou alguns homens para que descessem o rio e lhe viessem informar logo que as aguas começassem a crescer. Em seguida determinou o apresto de alguns barcos para proseguirem viagem e quando a preamar se apresentou ordenou a descida, entrando no oceano após navegar cerca de quatrocentos estadios (medida itineraria de 125 passos geometricos). Satisfez assim os seus mais ardentes desejos de então.

Subiu depois o Indo, foi ao encontro da esquadra que nelle ficara e escolheu o local para quartéis de inverno, onde esperou a primavera para pôr-se em marcha.

Não ficou inactivo. Edificou nessa região algumas cidades, abriu portos e construiu arsenaes para a esquadra. Durante a sua marcha pelo interior da Asia, edificou tambem diversas cidades, verdadeiras colonias militares, e outras obras de grande vulto em pontos varios, as quaes attestariam á posteridade a sua passagem e eternizariam o seu nome.

Assim que o inverno passou, dividiu Alexandre o exercito em tres corpos: Um sob o commando de Cratero, devia regressar mais ou menos pelo caminho que haviam percorrido em sua marcha ao Oriente; outro sob o commando do rei marchou á esquerda de Cratero, entre este e o mar; o terceiro ás ordens de

Nearcho e Onecrito, embarcou na esquadra, tendo a missão de explorar a costa, tomando nota de tudo que houvesse de interessante, e regressar pelo Indo ou subir o Euphrates, como julgassem preferível aquelles chefes.

O peor caminho coube a Alexandre que rumou para o Occidente, submettendo todos os povos que encontrou e que ainda não lhe haviam prestado obediencia. Após mais de vinte dias de marcha chegou ao rio Arabo que atravessou, penetrando no paiz dos oritas, onde, depois de longas caminhadas por terras desertas e aridas nas quaes perdeu cerca de cincoenta por cento dos seus effectivos, deixou Hephestião, seu lugar-tenente, á frente de uma parte consideravel de tropas exaustas para que se refizesse. Ahi dividiu o restante do seu exercito em tres columnas ligeiras, a da costa do mar sob o commando de Ptolomeu, seu irmão natural e amicissimo; a do centro sob seu commando pessoal; a da direita ás ordens de Leonato. Essas columnas ainda tiveram regiões aridas e desertas a atravessar, nas quaes tudo faltou ao exercito, que soffreu muitas perdas pela fome e pela peste. Em dura extremidade, Alexandre expediu estafetas a Phradates, satrapa dos parthenianos, e ás outras provincias proximas, exigindo recursos com urgencia. O satrapa enviou-lhe viveres immediatamente, graças aos quaes pôde o exercito chegar a uma região fertil e abundante da Gedrozia, onde permaneceu algum tempo para refazer-se. Ahi recebeu Alexandre emissarios de Cratero e Leonato, os quaes o informaram sobre os acontecimentos nos seus itinerarios.

De Gedrozia foi á Carmania, cuja satrapa era Aspaste, suspeito de haver querido revoltar-se. Apresentando-se entretanto com todos os signaes de submissão Alexandre manteve-o no seu cargo para logo depois de uma grande orgia mandal-o suppliciar. Ahi recebeu

elle os grandes fornecimentos que tinha exigido das provincias, entre os quaes *numerosissimos* animaes de tracção e dorso, cavallos de montaria e ricas armaduras novas. Assim abastecido, pôde elle novamente equipar, armar e montar os seus soldados, cujo aspecto mudou inteiramente, tornando-se brilhante e marcial.

Alexandre tinha em si duas personalidades distinctas, inteiramente oppostas, contradictorias, conformes ás circumstancias que o cercassem na occasião.

Nas batalhas era de uma bravura não commum e arriscava a vida como o mais valente e destemido dos seus soldados, tendo sido ferido vezes muitas, nunca se poupando a qualquer perigo, mesmo para salvar a vida do mais humilde soldado; nas occasiões de calamidades, isto é, na fome, na sêde, na peste, era o exemplo da resistencia physica, o mais sobrio, o mais abnegado, o que mais se sacrificava, a todos animando e confortando, a tudo providenciando com tenacidade e energia para remediar os males que os assoberbavam. Nesses tranzes era a providencia do exercito. Nas caçadas de animaes selvagens e de fêras era de uma audacia sem limites, destemeroso, calmo, impavido, zangando-se quando um official se lhe adeantava para ferir uma fêra que lhe ameaçava a vida. Nessas occasiões era um gigante de proporções nunca excedidas, o mais austero e disciplinado dos seres humanos.

Nas épocas de abastança, na fortuna, no triumpho, no deslumbramento do poder, no excesso dos prazeres, o grande homem transformava-se na mais despresivel das creaturas. Dava festas collossaes e banquetes sumptuosos, nos quaes era o mais pernicioso e triste dos exemplos. Jogador, bebado, devasso, cruel e deshumano, todo o sentimento de dignidade e de nobreza se lhe obscurecia; ao seu capricho cego e rancoroso só escapavam os bajuladores, intrigantes e endeusadores. Os melhores amigos, os mais dedicados servidores, os mais integros e leaes auxiliares, eram inexoravelmente sacrificados ao menor

descuido em reverenciá-lo como um deus. Tornava-se então o mais execrável e indisciplinado dos entes humanos; transformava-se o gigante em um pygmeu de proporções ridículas, num vibrão infeccioso, temível e temido. Nesses dias era Bacco, Marte, Cupido, Janos, tudo de fãncaria, elle que desejava o adorassem como filho de Jupiter!

Ao partir da Carmania, o seu exercito refeito, perfeitamente fardado, armado e equipado, os cavallos ricamente ajacizados, os numerosos carros enfeitados e cheios de riquezas, tudo a custa das provincias que haviam attendido ás suas requisições, resolveu marchar como um triumphador, como um deus a que todos adorassem. Para isso deu as seguintes ordens: As estradas por onde transitassem elle e o seu exercito deviam estar enfeitadas de arcos, festões e flores; as casas das povoações deviam manter em suas portas toneis com vinho para que os soldados ao passar bebessem á vontade; os carros deviam ser preparados em fórma de tendas cujas cobertas seriam de ricas tapeçarias os mais luxuosos e de tecidos brancos menos custosos os mais modestos. Predispoz a columna de marcha de modo que á frente iam os seus familiares com chapéos enfeitados com grinaldas e flôres; de um lado os clarins e os tambores e do outro os musicos; em seguida iam os soldados em carros, comendo e bebendo em plena liberdade; logo após, o rei e os seus intimos em um grande carro faustosamente decorado, carregando vasos de ouro e de prata cheios de vinho; depois o carasco e o satrapa Aspaste prisioneiro; finalmente, na cauda da columna, as impedimenta de toda ordem. Escorram-se sete dias nessa marcha, na mais desbragada e degradante das orgias, na mais inqualificavel indisciplina a que possa attingir um exercito. Vencido o itinerario, foi Aspaste suppliciado pelo crime unico de constar houvesse querido revoltar-se, mas os deuses precisavam de sacrificios...

Esses e outros exemplos de indisciplina proliferaram e nunca mais os seus efeitos deixaram de apparecer aqui e ali. Pouco depois dessa semana de orgia apresentaram-se a Alexandre os mandatarios da morte de Parmenião — Cleandro, Sittasés, Aghatão e Heração — os dois primeiros á frente de cinco mil infantes e mil cavallarianos. Esses homens foram accusados nessa occasião dos mais nefandos crimes, como sejam attentados ao pudor das familias mais illustres, pilhagens de templos e sepulchros, concussões de toda a especie, etc. Provadas as accusações foram elles presos e postos a ferros e depois supplicados entre seiscientos soldados que os auxiliaram nesses crimes. Nessa mesma occasião foram tambem supplicados Ozinés e Zariaspo, senhores persas que haviam sido presos anteriormente por Cratero por tentativa de revolta.

Proseguindo a marcha o exercito chega a Persagada, cujo satrapa era Orsines, descendente de Cyro em linha recta, senhor de immensa fortuna herdada dos seus antepassados, a qual conservou e augmentou. Era o mais considerado e respeitado dos principes persas pela austeridade de character e pela linhagem. Vaé elle ao encontro de Alexandre e presta-lhe as maiores homenagens, offerecendo-lhe e aos seus cortezãos valiosos presentes, como cavallos de raça ajaezados ricamente, carros ornados a ouro e prata, moveis preciosos, baixellas de ouro, vestes de purpura e quatro mil talentos de prata cunhada. Entre os cortezãos havia um pervertido ao serviço de Alexandre, o eunucho Bragoas, a quem Orsines nada deu. Foi a sua perdição. O eunucho soube que o satrapa o desprezava pela sua vida miseravel e jurou vingar-se. Conseguiu falsas testemunhas e na primeira oportunidade que se offereceu denunciou Orsines ao rei. Este fôra visitar o tumulo de Cyro e mandando abrir o sarcophago nada encontrou de valor. Depositou nelle uma corôa de ouro e cobriu-o com o seu manto, extranhando a pobreza sob a qual fôra

sepultado um rei tão afamado e poderoso. O eunucho declarou que nunca se aproximara do tumulo, porem ouvira Dario dizer que nelle havia tres mil talentos de ouro e não era de admirar nada já existisse uma vez que os palacios dos satrapas regorgitavam de riquezas. Declarou mais que provaria isso quando o rei quizesse. Alexandre manda que lhe apresente testemunhas e estas depõem falsamente contra Orsines, então preso e suppliciado sem saber qual a accusação, porque não lhe foi dado defender-se. Assim, Alexandre, o Magno, condemnou á morte um homem austero e digno, em quem toda a Persia venerava um virtuoso e grande principe, simplesmente pela accusação de um eunucho por quem se desorientára.

De Persagada marchou sobre Suza, onde encontrou as duas filhas de Dario, ambas formosissimas. Casou-se com Statira, a mais idosa, dando em casamento a mais nova a Hephéstião. Escolheu nessa occasião oitenta donzellas das mais illustres familias persas e fel-as casar com macedonios segundo os ritos usados na Persia. Em seguida, para demonstrar a sua satisfação offereceu um grande banquete aos que haviam contrahido nupcias, no qual estiveram presentes nove mil pessoas. A cada uma destas Alexandre deu como lembrança uma taça de ouro.

Em Suza recebeu elle trinta mil mancebos persas que haviam sido educados e militarmente instruidos nas cidades conquistadas, em virtude de instrucções que dera aos satrapas. Estavam armados e uniformizados á moda macedonia. Após passal-os em revista e verificar que manobravam com grande pericia e desembaraço, resolveu licenciar os soldados velhos e refrear a indisciplina e a insubordinação que lavravam no exercito, no qual se murmurava contra o seu procedimento irregular e as baixezas a que se entregava frequentemente.

Assim, a excepção de treze mil infantes e dois mil cavallarianos, Alexandre licenciou os velhos combatentes que o haviam seguido fielmente por toda a parte. Julgou

sufficientes para manter os domínios asiáticos os trinta mil persas acima citados e os quinze mil macedonios e gregos que deixou de licenciar. Além desses quarenta e cinco mil homens, possuía guarnições militares em todas as cidades submettidas e as por elle edificadas eram verdadeiras colonias militares.

Esse licenciamento tornava os soldados europeus em numero muito inferior aos asiáticos. Aquelles que já suspeitavam quizesse Alexandre estabelecer a capital do imperio na Asia, irromperam em verdadeira sedição, vociferando contra elle. Numeroso grupo de velhos soldados cercou-o e insolentemente exigiu o licenciamento de todos sem excepção. A esse grupo adheriram outros, os officiaes já impotentes para mantel-os em ordem. Alexandre quiz fallar, mas foi obstado pela gritaria e algazarra que partia de todos os lados. Salvou-o a sua audacia e a sua bravura. Os amotinados crendo que o rei cederia deante da situação, aos poucos se foram acalmando. Alexandre então conseguiu fallar e dirigiu aos insubordinados uma imprecação cheia de allivez; a sua dignidade offendida levou-o a invectival-os com acrimonia crescente; a sua colera augmentava de periodo a periodo, até que, já fóra de si, atirou-se aos que mais haviam vociferado e, espancando-os, uns após outros, entregou treze delles aos seus guardas para que fossem immediatamente suppliciados. Acobardaram-se todos como por milagre diante do airojo do soberano e quando souberam que os treze companheiros haviam sido executados procuraram obter perdão, incapazes de reagirem, naturalmente porque lhes faltou um guia, um chefe que os orientasse em tal extremidade. Para mais rebaixar os seus concidadãos confiou a sua guarda pessoal a soldados persas aos quaes deu nomes macedonios. Reuniu em seguida todos os soldados estrangeiros e dirigiu-lhes uma proclamação, elogiando-os sem reservas, declarando que os tinha por seus verdadeiros patrios e seus soldados naturaes. Aos novos officiaes

que serviam junto á sua pessoa determinou levassem ao patíbulo os macedonios condemnados á morte e ainda não supplicados. Julgando morosos os carrascos, ordenou fossem lançados ao rio os ainda não executados.

Acabrunhados e medrosos, os macedonios tudo imploraram ao rei, mesmo o proprio exterminio de todos, e elle só se abrandou quando os viu inteiramente humilhados e incapazes de um gesto de dignidade. Já não era o Grande Capitão que se orgulhava dos seus compatriotas. Era o tyranno que tudo submettia ao seu capricho, o despota que desejava vel-os todos submissos e escravos aos seus menores acenos, ás suas mais revoltantes paixões e ignominias. Era o senhor omnipotente que não admittia brio, altivez, nobreza de attitude, gestos de fidalguia, entre os seus patricios, entre os soldados macedonios que o tinham acompanhado e servido com extrema dedicação.

De Suza transportou-se Alexandre a Ecbatana, onde permaneceu algum tempo entre festas e prazeres, entre providencias e medidas de governo necessarias aos seus dominios. Quando os interesses do Estado não lhe preoccupavam a attenção exclusivamente, entregava-se dia e noite ás diversões. Tres mil artistas que mandara vir da Grecia davam-lhe espectaculos diurnos e nocturnos, quotidianamente. Os banquetes succediam-se com frequencia e terminavam quasi sempre em orgias a que os excessos das bebidas levavam os convivas. Alexandre que ao ascender para o poderio inegalavel e para a gloria se indignava por qualquer proposta torpe que se lhe fizesse, no auge desse poderio, na culminancia dessa gloria, praticava todas as torpezas, todos os delictos de consummado histrião. Assim procedeu em Suza, em Ecbatana e finalmente em Babilonia.

Na primeira dessas cidades foi Hephestião accommettido de uma febre que augmentou sempre até victimal-o, porque a intemperança em que vivia não lhe permittiu obedecer ás prescripções do seu medico, o infeliz Glauco.

Por essa occasião Alexandre se entregou aos maiores excessos só proprios de um exaltado, de um epyleptico. Consultado o oraculo do templo de Ammon, declarou elle que Hephestião devia ser glorificado como um semi-deus e emquanto esperava a resposta o rei ordenou em signal de lucto o côrte das crinas de todos os animaes do exercito, o arrazamento das muralhas da fortaleza da cidade, a suspensão de todas as festas e quaesquer tocalas de musicas. Quando ella chegou foram determinados sacrificios, sendo Glaucos sacrificado em primeiro lugar, crucificado por não ter salvo o lugar-tenente; em seguida determinou a caçada de todos os cosceanos, que foram passados a fio de espada um a um, homens e mulheres, sem distincção de idade; ordenou a erecção de um monumento de proporções grandiosas, cuja altura tinha cento e trinta covados e cujo custo ascendeu a doze mil contos.

E' bem possivel que Alexandre ao mandar erigir um tal monumento em Ecbatana a um semi-deus, pensasse na construcção de um outro em Babylonia, futura capital do imperio, de duzentos ou mais covados de altura e do custo de vinte ou trinta mil contos, em sua propria honra, d'elle que se julgava um deus.

De Ecbatana partiu para Babylonia, em cujos arredores se manteve muitos dias, receioso de penetrar na cidade por julgar de mau agouro o facto de haver um jumento matado a couce um dos leões existentes nos jardins. A' medida que augmentava o seu já omnimodo poder, tornava-se mais desconfiado e supersticioso, descobrindo nos factos mais naturaes e insignificantes maus augurios e tristes presagios, dos quaes difficilmente se furtava. Afinal resolveu entrar triumphalmente, cercado de grande pompa e apparato. Ali passou o tempo entre sacrificios aos deuses e os mais variados prazeres.

Nearcho, seu almirante, tinha subido o Euphrates e se reunira á côrte em Ecbatana, depois de haver explo-

rado o littoral desde o Indo. Em Babylonia Alexandre lhe offereceu um grande banquete, no qual, como sempre, nada se poupou para melhor brilho da festa. Finda esta, quiz retirar-se. Médio, porem, um dos seus convivas, insistiu para que elle passasse o resto da noite em sua casa onde estava preparado um outro grande festim. O rei acquiesceu e de tudo usou e abusou, porque uma das suas ideias fixas era sobrepujar a todos em todos os actos da vida.

Foi ao sahir do festim de Médio que elle se sentiu doente (18 de Maio do anno 324 antes de Christo), progredindo diariamente a molestia até que dez dias após (28 de Maio) exhalou o ultimo suspiro.

A indisciplina latente em todos os espiritos e cujo maior exemplo era dado quotidianamente pelo grande capitão, explodiu logo no seu proprio leito mortuario. Perdicas, seu lugar-tenente, quem certamente lhe arrancára do dedo o anel real, com elle se apresentou ao exercito e á côrte, dizendo que o rei lh'o havia entregue declarando que o destinava "ao mais digno". Assim procedendo, sem duvida quiz fazer crêr a todos que Alexandre o julgara o mais digno da investidura real.

Se analysarmos serena e desapassionadamente os acontecimentos e a personalidade de Alexandre, chegaremos á conclusão de que nada disso tem visos de verdade.

Perido algumas vezes e tendo adoecido outras, sua natureza forte e resistente promptamente reagia, seguindo-se-lhe a cura mais ou menos rapida e sempre radical. Era infatigavel e o seu animo nunca se abateu diante de quaesquer peripecias por mais perigosas que fossem. O seu espirito, embora tomado por superstições nos ultimos annos de sua vida, reagia sempre, dotado de inquebrantavel força de vontade que se tornara proverbial e nunca fôra excedida por nenhum outro homem na côrte e no exercito. Era bem moço ainda, pois morreu aos trinta e tres annos de idade. Nessas condições não lhe passaria

pela mente a possibilidade de morrer prematuramente e tanto isso se pôde afirmar quanto é verídico nunca haver tomado qualquer providencia para o caso do seu fallecimento.

Envenenado ou não, como divergindo asseveram diversos historiadores, a sua agonia foi demorada e calma. O estado de lethargia em que entrou e permaneceu nos ultimos dias até expirar não lhe permittia cuidar os interesses do Estado nem mesmo delles lembrar-se. Assim, devia ter finalizado aquella natureza, sem dar accôrdo de si e do seu enfraquecimento progressivo porem lento.

Supponhamos entretanto não se tenham passado os factos como os descrevemos e que Alexandre haja conservado até final o pleno uso das faculdades mentaes e toda a lucidez do espirito. Ainda assim não se pôde admittir logicamente a phrase que Perdicas interesseiramente transmittiu á Historia.

Orgulhoso como nenhum outro ser humano a ponto de querer renegar a descendencia directa de Philippe e Olympias para julgar-se filho de Jupiter Ammon; cioso dos seus direitos ao throno da Macedonia como se mostrou sempre e principalmente por occasião das nupcias de seu pae com Cleopatra, tornando-se inimigo de Attalo a quem mandou matar mais tarde, por haver este em um brinde desejado aos nubentes um filho varão para legitimo successor de Philippe; sabendo que Roxana estava pejada e que lhe poderia dar um filho varão, seu legitimo successor nesse caso; tudo isso induz e de tudo isso se deduz não ser acreditavel podesse Alexandre deixar o throno a quem quer que fosse fóra da sua familia.

Aceresce que elle tudo empenhou para manter integro o imperio que formára, pondo em pratica todos os meios ao seu alcance para estabelecer a unidade nos seus dominios, já pela fusão das raças diversas que o compunham, já pela ligação dos interesses de todas. Não poderia pois deixar o anel "ao mais digno", elle que, intelligen-

tíssimo e o mais culto dos seus confidentes, conhecia perfeitamente a ambição, o egoísmo, a inveja e as discórdias que lavravam entre os seus generaes e em toda a cõrte, porque isso tudo levaria ao desmembramento e á dissolução o imperio, ao aniquilamento o seu esforço immenso. ó seu trabalho herculeo, se assim tivesse procedido.

Da psychologia de Alexandre e dos acontecimentos que cercaram sua vida, não se póde tirar outra conclusão da sua morte a não ser que ella occorreu sem que houvesse elle previsto o seu proximo fim, não tendo tomado qualquer disposição para esse desfecho.

Como acima foi dito, a morte de Alexandre teve como consequencia immediata a irrupção da indisciplina latente na cõrte, nos povos e no exercito. O imperio foi logo dividido entre os generaes que, todos elles, disputavam a realeza. O espirito de laeção já ha muito existente no exercito, no qual cada general tinha os seus apaniguados, assecias e thuriferarios, manifestou-se de todos os lados, espedaçando o imperio cuja formação havia exigido ingentes esforços, duros sacrificios, torrentes de sangue.

Até as mulheres manifestaram espirito de rebeldia e de ambição. Roxana manda matar Statira e sua irmã, a viuva de Hephestião ; Olympias por sua vez manda matar Roxana e o proprio neto, filho desta.

A Alexandre faltou a austeridade de Annibal Barca. O contraste entre os dois grandes capitães é flagrante. O carthaginez foi uma victima da indisciplina governamental e social de Carthago, tendo sempre evitado se infiltrasse ella nos seus exercitos, mesmo os de mercenarios, pelo exemplo ininterrupto de virtudes invulgares. O imperio macedonio foi victima da indisciplina do seu grande rei que a infiltrou na cõrte, nos povos, no exercito, pelo exemplo diuturno dos seus desregramentos. Annibal consagrou a vida inteira para erigir Carthago em um

grande imperio e os carthaginezes pelo luxo, pelos prazeres e vícios, sacrificaram a liberdade individual e a independencia da patria. Alexandre sem nada poupar empenhou todas as suas grandes qualidades para a formação de um vasto imperio e, realizada a obra, os povos conquistados na generalidade orgulhosos do seu sceptro, foi elle o factor principal da desagregação dessa obra, por se haver entregue depois, de corpo e alma, ao luxo, aos prazeres e aos vícios.

CARTHAGO

Colonia phenicia fundada novecentos annos antes de Christo ao N. da Africa e a O. do Egypto, defronte da Sicilia, Carthago era cinco seculos após, a maior cidade do Mediterraneo, quiçá de todo o mundo.

Oriundos de um povo de navegadores e commerciantes, os carthaginezes proseguiram os ramos de actividade que fizeram a Phenicia um dos paizes mais ricos da sua epoca. Fundaram por sua vez numerosas colonias na Sicilia, na Corsega, na Sardenha, na Hespanha, nas Baleares e ao N. da Africa. Assimilaram a cultura grega, cujas artes conheciam e praticavam, tendo exercito e esquadra poderosos, os quaes, embora de mercenarios, puzeram em perigo durante muitos annos a nascente preponderancia de Roma. Attingiram elevado gráo de civilização, se bem que inferior á grega e á romana.

Os romanos, submettidos ao seu jugo os povos da peninsula, exclusive os da Gallia Cisalpina, só mais tarde vencidos e annexados aos seus dominios, resolveram conquistar a Sicilia, origem do grande odio entre elles e os carthaginezes, principio do grande drama historico em tres actos conhecido pelo nome de Guerras Punicas, cujo epilogo foi a tomada e incendio de Carthago pelas legiões

romanas no anno 146 antes de Christo, drama esse já descripto no Capitulo I em demonstração á these do mais forte no mar.

Tomada a Sicilia, Roma resolve arrancar á sua inimiga o dominio do Mediterraneo e trava-se encarniçada e cruenta a luta, durante mais de um seculo, entre uma civilização que começava a decahir e outra que se iniciava pujante e que seria muito mais tarde impulsionada para o Atlantico.

Dizem varios historiadores que Annibal o heroico general carthaginez, "sabia vencer mas não sabia aproveitar a victoria".

Não é essa absolutamente a conclusão a tirar dos factos.

Os romanos daquella epoca eram homens austeros, tenazes, bravos e resolutos, cujos sentimentos patrioticos tudo sobrepujavam e cujo designio immediato era o anniquilamento de Carthago, unico poder que se oppunha á sua expansão e preponderancia. Eram portanto temiveis inimigos, cuja força principal estava na sua indefectivel disciplina, levada ao extremo.

Ora, Annibal commandou sempre exercitos mercenarios, nunca tendo obtido de Carthago, que vivia no meio da riqueza, no luxo, no conforto e na devassidão, um exercito nacional, negando-se os carthaginezes a acudir aos reiterados appellos do seu general. A' frente de taes exercitos sahe da Hespanha, atravessa os Pyreneos, passa os Alpes (operação militar nunca realizada até então e que só os maiores guerreiros effectuaram), corta os Appenninos, e de victoria em victoria, chega ás portas de Roma, graças ao seu enorme talento militar, vencendo e destruindo tres exercitos romanos.

Para aquelles que conhecem a arte militar não é segredo que um exercito tanto mais se enfraquece quanto mais se afasta da sua base de operações. Ora, a de Annibal estava na Hespanha, de onde partira com 60.000 infantes,

9.000 cavalleiros e 37 elephants. Na gigantesca e memoravel marcha teve que lutar frequentemente, já submettendo os povos fronteiriços, já enfrentando os barbaros alpinos, e quando passa os Alpes está o seu exercito reduzido á metade. Depois de refazer as suas tropas, bate os inimigos nas batalhas de Ticino, Trébia e Trasimeno.

Parce que Annibal deveria marchar immediatamente sobre Roma, e se não o fez, foi porque naturalmente motivos ponderosos o obrigaram a agir de outro modo.

E esses motivos resaltam da situação.

O seu exercito depois de tantas marchas penosas e de tantas batalhas deveria estar exaustão. Alem disso, é uma das principaes características das tropas mercenarias o entregarem-se ao saque e aos prazeres após cada victoria, depois de toda conquista. Assim, o grande general não podia estar em termos de atacar Roma com plena certeza de successo, o que era imprescindivel á existencia de Carthago e á salvação do seu exercito.

Para esse ataque pediu insistentemente reforços á Patria, que nunca lhos enviou, mergulhada como se achava no fausto das suas riquezas immensas, na corrupção aniquiladora de todas as energias nobres e dignas, entregue a direcção politica da nação a homens que não estavam á altura daquelle momento historico decisivo, inimigos dos Barca, invejosos do notavel prestigio que essa memoravel familia adquirira nos campos de batalha.

Annibal, pois, em vez de atacar Roma, aguardou os reforços pedidos e contemporizou, procurando amigos e alliados na Baixa Italia, sabendo que para submeter Roma precisava sitiá-la e para isto necessitava pelo menos dois exercitos — um de sitio e outro para manter á distancia os alliados dos romanos.

Roma, tantas vezes vencida, no meio da inquietação proveniente da ameaça que pairava sobre sua independencia, não se descuida e improvisa exercitos com persistencia notavel. Resolve atacar Annibal (216) e é inteira-

mente derrotada na batalha de Cannes, depois da qual o grande capitão ainda não se julga suficientemente forte para marchar sobre a capital e continúa a pedir á Patria os reforços imprescindíveis.

Roma não desanima e concita todos os seus cidadãos e aliados á defesa commum. Trava-se a batalha de Venussa (208), na qual Annibal foi ainda vencedor. Reduzido porém ao extremo, longe da sua base de operações e cercado de inimigos encarniçados e tenazes, desiludido do auxilio de Carthago, determinou que seu irmão Asdrubal abandonasse a Hespanha e corresse á Italia com o seu exercito. Elle partiu sem demora, atravessou os Alpes, mas foi batido e morto pelos romanos ás ordens dos consules Claudio Nero e Livio Salinator na batalha de Metauro (207).

Apezar de tantos revezes o poder romano era tal que Annibal só teve conhecimento da vinda de Asdrubal, quando o craneo deste foi lançado dentro do acampamento daquelle, interceptados e mortos todos os emissarios pelos quaes lhe participava sua proxima chegada. Mesmo assim, e na situação difficil a que chegára o grande-carthaginez, os romanos foram impotentes para batel-o na Italia. Para se verem livres do terrivel inimigo resolveram levar a guerra ás portas de Carthago e um exercito ás ordens de Scipião, cognominado depois — o Africano — atravessou o Mediterraneo em poderosa esquadra.

Só então Carthago se apercebeu da situação e se lembrou do seu inclyto general, chamando-o para defendel-a. Annibal partiu mas foi vencido na celebre batalha de Zama, aconselhando logo após os carthaginezes a solicitarem a paz, que lhes foi concedida mediante durissimos tributos.

Em meio seculo de paz Carthago restaurou suas forças, mas os romanos não a perdiam de vista. Resolveram destruil-a e para isso a cercaram por mar e por terra e após seis dias de combate nas ruas a incendiaram e annihilaram para sempre.

Entregue ao gozo das riquezas e ao luxo, só possuindo exercitos mercenarios, os poderes politicos divorciados dos interesses nacionaes, sem qualquer preocupação pelo prestigio e pelo aprovisionamento das suas tropas, Carthago nunca poderia vencer Roma, onde reinavam uma notavel austeridade de costumes e uma disciplina governamental, social e militar sem precedentes, onde a maior honra para o cidadão romano era alistar-se no serviço da Patria, o qual não admittia nem estrangeiros nem escravos.

Os exercitos de mercenarios que sempre mantiveram foram bem a medida da precaria situação politico-social dos cartaginezes e o espelho onde se reflectiam os sentimentos patrioticos que os animavam.

ROMA

A cidade legendaria e heroica da lenda da *loba* e das sete collinas, assimiladora, creadora e transmissora de civilizações, que dominou o mundo durante doze seculos e parece desejar reviver nos tempos actuaes a sua antiga grandeza sem par em toda a Historia, Roma, offerece-nos cabal demonstração das theses que vimos sustentando.

Divide-se a sua historia em tres grandes periodos : o dos reis, o da republica e o do imperio, caracterizados por essas fórmulas de governo e suas instituições politicas e sociaes e ainda — o primeiro pela formação do povo romano, tendo como traços preponderantes os das tres origens principaes da sua constituição — latinos, sabinos e etruscos, isto é, agricultores, guerreiros e constructores ; o segundo pela luta entre nobres e plebeus, pela unificação da península italiana sob o dominio de Roma, pelas grandes conquistas no exterior da península — Sul, Oriente e Occidente — e pelo apparecimento dos primeiros symptomas de decadencia ; o terceiro pela ampliação das

conquistas até os limites extremos do immenso imperio, pelo estabelecimento da unidade deste, pela progressão crescente da corrupção social e politica, pela indisciplina dos exercitos e intromissão destes na politica, pela divisão do imperio até o aniquilamento final.

O periodo da realza está envolto em uma quasi penumbra na qual apenas se percebe um halos de luz a irradiar fracos raios escassamente esclarecedores dos primeiros tempos, que se emaranham em lendas creadas pela imaginação supersticiosamente fecunda de homens incultos. Nos ultimos annos porem, a atuação da Roma realista projecta no scenario da Historia uma luz mais viva, focalizadora de traços mais nitidos das suas principaes figuras e dos acontecimentos, permittindo aos historiadores melhor apreciação de uma e de outros.

Como já foi dito, os romanos dos primeiros tempos eram simples, austeros e incorruptiveis, possuindo muita firmeza de character, intenso patriotismo e illimitado devotamento á vida da collectividade. Não tinham exercito permanente e quando se tratava da defeza commum, dos interesses superiores da nação, todos elles pegavam em armas, isto é, era a propria nação em armas contra os numerosos inimigos que se oppunham denodada e persistentemente aos seus surtos de expansão e progresso, defendendo a liberdade e a independencia ameaçadas.

Facil é comprehender-se que esses exercitos improvisados, receptaculos das qualidades eminentes de um tal povo dotado de tanta elevação moral e propriamente civica, só podiam ser, como de facto eram, disciplinados, cohesos, fortes e tenazes, na defeza como no ataque.

Taes exercitos foram pois o reflexo dos sentimentos de tal povo.

A realza elevou-se sempre no conceito publico até Anco Marcio, quando pela morte deste notavel rei, Tarquino Prisco, usurpou o throno, dando o primeiro exemplo de indisciplina governamental. Graças porem ao tino

administrativo e guerreiro, introduzindo grandes melhoramentos na cidade e vencendo os inimigos de Roma, foi tolerado. Succede-lhe Servio Tullio, um dos mais notaveis reis romanos, cujo assassinio por sua ambisosa filha Tullia e pelo marido desta, Tarquino Soberbo, permite o advento deste ao throno.

Este facto degradante e a tyrannia exercida por Soberbo, levam o povo a reivindicar seus direitos. Guiado por Lucio Junio Bruto e Collatino, amotina-se e proclama a republica (510 a. de Christo).

Segue-se logo uma conspiração realista patrocinada por dois filhos de Junio Bruto, que manda decapital-os bem como os cumplices.

Essas occurrencias demonstram á evidencia a coragem civica do povo romano, a sua firmeza de character, a austeridade dos costumes e a inexorabilidade da sua vontade ferrea.

E assim entra elle no periodo republicano, conscio dos seus direitos e deveres, viril e heroico, affirmando os seus designios de grandeza. E' o periodo aureo de Roma, no qual obtem ella a unificação da peninsula itálica, o dominio absoluto do Mediterraneo e a submissão dos povos que o *marginam*. E' o periodo da hegemonia sobre os povos da peninsula; da conquista da Sicilia, Hespanha, Macedonia, Grecia, Syria, do Ponto e do Egypto; da destruição de Carthago.

E' tambem aquelle no qual começa a manifestar-se a decadencia com o surto das lutas civis e sociaes e as rivalidades pela posse do poder, com a vida farta e luxuosa prodigalizada pelas grandes riquezas adquiridas em incessante expansão e principalmente pela osmose das populações — *endosmose* dos maus elementos estrangeiros cheios de vicios e corrupções de toda a especie, *exosmose* de bons elementos romanos.

Roma precisa manter as suas possessões. A cada povo que entrava no seu sequito correspondia um exodo de

autoridades e de famílias romanas cujas virtudes iam contaminar-se ao contacto de populações já pervertidas em abusivas praticas de actos os mais reprovaveis. Em troca recebia em seu seio os elementos escravizados pelas guerras, os homens vencidos e em geral corruptos, os quaes iam infiltrar na grande cidade os germens de todos os vícios e devassidões oriundos de velhas e gastas civilizações, maculando os sentimentos austeros dos seus habitantes naturaes.

A republica não teve exercito permanente, mas é fóra de duvida que para obter tantas victorias e ser a senhora do mundo então conhecido, no qual a guerra era a preocupação maxima da existencia, a razão primordial das actividades para a conquista de terras, thesouros e riquezas, necessario era que possuísse solidas instituições com características militares.

E assim era realmente.

Todo cidadão romano era obrigado ao serviço militar, porem só era convocado quando as circumstancias o exigiam, sendo severamente punido aquelle que faltasse ao chamado, facto aliás rarissimo, pois esse serviço constituia elevada honra.

As legiões romanas, cada uma composta de dez manipulos e sessenta centurias, raramente excediam de 10.000 homens, e sendo ellas em numero de quatro, o exercito tinha assim, quasi sempre, um effectivo de quarenta mil homens facilmente manejavaes e dotados de grande mobilidade. Eram os exercitos commandados pelos consules, escolhidos estes invariavelmente entre os varões mais illustres e capazes.

Essas legiões, assim formadas e dirigidas, obedientes á sabia politica romana daquelles tempos, orientada pelo respeito ás religiões e aos costumes dos povos submettidos, e pelo inflexivel cumprimento das leis, deram a Roma incomparavel grandeza e immenso prestigio, admirados

ainda hoje atravez de tantos seculos decorridos e de tanto progresso realizado pela humanidade.

Dois factos alem do que foi narrado sobre Lucio Junio Bruto, bastam para illustrar a austeridade romana e a disciplina governamental, social e militar do periodo aureo da republica.

— A. Tuberto, nomeado dictador (commandante geral dos exercitos) para levar a guerra aos Equos e aos Volscos, os quaes haviam pegado em armas contra Roma (429 a. de Christo), vence-os. A um seu filho que lutara sem ordem e se lhe apresentara victorioso, dando-lhe conhecimento do triumpho que obtivera e entregando-lhe os despojos do mesmo, mandou decapitar inexoravelmente porque se revelara indisciplinado, pois a sua derrota, caso isso se dêsse, poderia acarretar serios dissabores a Roma.

— Em 540 a. de Christo, na guerra aos latinos, sendo consules Manlio, da familia do grande Camillo, e Decio Mus, o joven Manlio, filho daquelle, acceta um desafio do tusculano Gemino Mecio, para um combate singular. Vence-o e vae apresentar ao pae os despojos do vencido. O consul Manlio manda decapitar o filho por ter violado a disciplina, lutando sem ordem. Trava-se no sopé do Vesuvio cruenta batalha na qual Decio Mus, commandante da ala esquerda, é derrotado e arrojase no meio do inimigo onde é trucidado. Manlio porem, cuja disciplina é inflexivel, desbarata os latinos, esmagando tres quartos do seu exercito, mudando a face da luta e dando a victoria a Roma.

Esse rigor tornou o exercito romano o melhor daquelle epoca e deu-lhe a invencibilidade e ao povo romano o pinaculo da gloria e do poderio.

A intromissão em Roma porem dos excessos de gozo material, do luxo e das devassidões dos povos orientaes, principalmente dos gregos com os seus requintes de civilização, pela endosmose dos maus elementos de que

fallamos, levou o povo romano, enriquecido e inebriado de orgulho e fausto, a esquecer a vida austera e rude, a perder o sentimento de patriotismo e o respeito ás leis.

Surge então a luta social entre patricios e plebeus, pela desigualdade com que eram tratados pelo poder civil enfiado nas mãos dos primeiros. Os plebeus eram pobres e não se lhes reconheciam direitos e sim deveres; os patricios gozavam de todos os privilégios e proventos das riquezas e terras submettidas bem como dos cargos publicos. Essa luta pela manutenção dos privilégios e das riquezas por parte dos nobres patricios e pela igualdade social por parte dos escahecidos plebeus, era ainda aggravada pela existencia de grande numero de escravos, considerados coisa vil, sem direito algum, mesmo da propria vida.

Nessa situação, o exercito deixou de ser uma escola de civismo onde se cultuasse a grandeza da Patria, para tornar-se em bandos de aventureiros que transformavam o serviço militar em um meio de vida e de pilhagem recrutados quasi exclusivamente entre plebeus ao serviço dos mais poderosos, dos que melhor lhe pagassem, e entre escravos ao serviço dos seus senhores.

Foi nesse precario estagio da sociedade que dois eminentes cidadãos — Tiberio e Caio Graccho — netos de Scipião Africano e filhos de Cornelia, eleitos tribunos do povo, prevendo a ruina da republica, procuraram salvá-la, batendo-se corajosamente contra os privilégios e pela equitativa distribuição das riquezas e das terras, levando todos os cidadãos á igualdade social. Não mais encontraram porem a austeridade romana em que podessem apoiar a sua meritoria e desinteressada reacção, que terminou pelo sacrificio das suas preciosas vidas.

Surge em seguida nova luta, civil e social ao mesmo tempo, luta tenaz entre Mario e Sylla, dois grandes generaes cheios de valiosos serviços e de prestigio, o primeiro defensor da igualdade social e paladino das liberdades

publicas, o segundo sustentaculo dos privilegios da nobreza, disputando ambos a posse do poder. Termina o dissidio pela morte de Mario e a dictadura de Sylla.

Sobrevem depois a revolta dos escravos, dominada por Crasso e Pompeu, os quaes aliados com Caio Julio Cezar — eminente politico, grande general, notavel orador e escriptor — o conquistador das Gallias, formam um novo governo — o primeiro triumvirato — repartindo entre si o poder.

Morto Crasso em uma expedição contra os parthos, Pompeu e Cezar, dois grandes ambiciosos do poder, lutam tenazmente pela sua posse, até que vencido Pompeu na batalha de Pharsalia, Julio Cezar toma posse do governo proclama-se dictador e constitue a transição da republica ao imperio.

Duas phrases pronunciadas em occasiões differentes por Julio Cezar, demonstram a desmedida ambição de que era dotado esse grande homem, um dos maiores que até hoje a humanidade produziu. Delle se diz que foi grande até nos vicios e defeitos. Uma dellas, ao completar trinta e dois annos de idade: "Nesta idade Alexandre já havia conquistado o mundo e eu nada fiz que me recomende á posteridade"; a outra: "Prefiro ser o primeiro em qualquer aldeia romana a ser o segundo em Roma".

Não obstante ter sido um habilissimo administrador, politico tolerante e de ampla visão dos negocios publicos, Cezar, que enfeixara em si, com a dictadura, todos os cargos elevados da republica, inclusive o de Imperator que o sagrava commandante supremo do exercito e da armada, foi assassinado por Bruto, seu filho adoptivo, em pieno senado.

Nomeado consul, Marco Antonio, fica então senhor da situação, declarando-se executor testamentario de Cezar. Octavio, porem, sobrinho e filho adoptivo do dictador, declara-se herdeiro politico deste e depois

de um anno de hostilidades entre si, formam com Lépido o segundo triumvirato, tripartindo-se o governo, ficando Octavio no do Occidente, Marco Antonio no do Oriente até o Mediterraneo e Lépido no da Africa.

Octavio, ambicioso e habilissimo, desembaraça-se de Antonio e de Lépido tornando-se senhor unico do governo, eliminando a republica.

Inicia assim o periodo imperial, concentrando discrecionariamente em si todos os poderes, mascarando-os porem com o rotulo de republica. E' o senhor absoluto e omnipotente, tomando simultaneamente os titulos de imperator, principe do senado, prefeito dos costumes, consul, tribuno do povo, pontifice maximo. E' dahi em diante denominado Augusto e só não accita, por calculo, o titulo de dictador.

Era bem o senhor de que estava precisando Roma, cujos cidadãos, pervertidos e enervados pelos prazeres e pelo luxo, nada mais ambicionavam que uma vida commoda e regalada, tão distanciados estavam no tempo e na moral, dos seus gloriosos antepassados, productos que eram estes de uma existencia nobre e austera toda dedicada á causa da collectividade, sem eiva do individualismo corruptor e egoista.

Manceiroso e brando, Augusto organiza paulatinamente a monarchia e restabelece a disciplina e a ordem na administração e no exercito. Profuge as sciencias e as artes, intensifica o commercio e a industria, cobre o imperio de vasta rêde de estradas de ligação dos pontos extremos das fronteiras á capital, que é enriquecida por numerosas construcções sumptuarias que a embellezaram e constituíram novos attractivos a nacionaes e estrangeiros. Já pessoalmente, já por intermedio de Agrippa, seu grande general, dilata os limites do imperio, que só mais tarde, sob o governo de Trajano, são levados ao maximo, extendendo-se por todo o norte da Africa, Hespanha e

Portugal até á Escossia, Belgica, Rheno e Danubio, Mar Negro e Mar Caspio, Euphrates e Mar Vermelho.

Para manter integros e obdientes tão vastos domínios cria um exercito permanente de 400.000 homens, distribuido todo pelas fronteiras immensas.

Reina durante quarenta e quatro annos e foi tal a sua influencia e actuação nas diversas manifestações da actividade humana que ligou seu nome ao seculo.

Succede immediatamente a Augusto uma serie de tyrannos e verdadeiros monstros humanos — Tiberio, Caligula, Claudio e Nero — os quaes de insensatez em insensatez, de crime em crime, de devassidão em devassidão, atiram o imperio na anarchia social e morrem assassinados pelo punhal ou pelo veneno, ás mãos dos pretorianos ou de membros da propria familia, ou suicidando-se como aconteceu a Nero.

Sobrevem depois a epoca em que, ora escolhidos pelos pretorianos, ora pelas legiões, os imperadores, com algumas excepções na familia Flavia, e entre os Antoninos, morrem pelo assassinato ou pelo suicidio e foram outros tantos criminosos e devassos, até que se chega á verdadeira anarchia militar em 193, quasi dois seculos após a morte de Augusto.

E' o tempo em que o imperio, presa do exercito indisciplinado, na mais lamentavel das confusões, na mais triste orgia, descamba cada vez mais para o anniquilamento e a dissolução, nas mãos dos principes syrios, dos usurpadores militares, dos principes illyrios.

E nesse accentuar crescente da decadencia, vai o imperio parar ás mãos de Deocleciano, proclamado imperador pelas legiões da Persia, o qual tenta salvá-o, dividindo-o em quatro partes, cada uma tendo o seu soberano ficando elle com o Oriente e exercendo sobre os outros tres uma certa hegemonia (284).

Manteve assim, embora precariamente, a unidade do imperio, tendo a tetrarchia conservado inviolaveis as

fronteiras, guerreando os barbaros que não cessavam de ameaçal-as. Deu novo prestigio á autoridade imperial, cuidando a administração, applicando as leis com justiça e equidade, porem exerceu tenaz e cruel perseguição aos christãos durante oito annos.

Deocleciano e Maximiano, tetrarcas amigos, foram forçados a abdicar, surgindo então a guerra civil entre os velhos e os novos tetrarcas pela posse unica do poder, até que (324) ficou senhor unico do imperio, Constantino, filho do tetrarca Constancio e genro de Maximiano.

Constantino foi innegavelmente um notavel imperador, tendo illustrado o seu governo pelos seguintes actos : Fundação de Constantinopla, adopção do christianismo como religião do Estado, separação das funcções militares das civis, fortalecimento da autoridade imperial, reorganização da administração publica, reerguimento da disciplina social e militar, superintendencia dos negocios publicos por sete ministros.

Por occasião da sua morte, porem, em 337, surgiram novamente as desordens e após o massacre de dois irmãos e sete sobrinhos seus, os soldados proclamaram imperadores seus tres filhos — Constantino, Constante e Constancio — os quaes reiniciaram a guerra civil pela posse absoluta do poder.

Mortos os tres irmãos, dois delles assassinados, as legiões do Oriente, proclamam imperador a Valentiniano, seu general, que associa no governo seu irmão Valente.

Mortos estes, ficam senhores do Imperio dois filhos de Valentiniano — Graciano e Valentiniano II — pouco depois assassinados.

E' então elevado ao throno Theodosio, filho de um general de Valentiniano I, o qual depois de soerguer a disciplina nas legiões que o proclamaram imperador, teve de combater a revolta das legiões da Bretanha e de Arbogasto, assassino de Valentiniano II.

Theodosio foi um bom monarcha, tendo recebido, embora indevidamente, o título de Grande.

Com a sua morte (394), foi o Grande Imperio Romano dividido definitivamente em Imperio do Oriente e Imperio do Occidente, doados respectivamente a Arcadio e Honorio, filhos de Theodosio.

E após o reinado de alguns pessimos imperadores, vae o Imperio do Occidente cahir ás mãos de Odoacro, chefe dos hérulos, em 476.

Recapitulada a succinta narrativa acima sobre o imperio, vê-se que a Augusto succede, com algumas excepções, uma grande serie de imperadores que vão em seguimento augmentando a indisciplina, a desordem e a corrupção, até que, após cinco seculos de vida, raras vezes brillante, quasi sempre anarchizada e tragica, vae o Imperio do Occidente esphacear-se ás mãos dos barbaros, acarretando a queda da Roma dos Cezares.

Só depois de attingir a sociedade romana o auge da corrupção e da anarchia, determinando o desaparecimento e successão dos imperadores quasi invariavelmente pela violencia e pelo crime, pelo assassinato e pelo suicidio, é que a indisciplina penetra nas fileiras do exercito, que se constitue então o arbitro das situações, escolhidos e aclamados os imperadores pelas facções militares mais poderosas no momento, sempre entre os generaes mais prodigos em dar-lhes diaheiro e prazeres.

E assim se desmorona cada vez mais o Grande Imperio, senhor durante mais de um milennio dos destinos do mundo e de uma invejavel civilização.

Quem meditar criteriosamente sobre a historia romana em seus tres periodos, chegará a conclusão de que Roma teve necessidade de manter todos os cidadãos em estado de pegar em armas afim de defender a independencia,

repellindo os ataques constantes que lhe eram dirigidos de todos os quadrantes. Verificará que attingida a unidade do imperio e o seu pleno desenvolvimento, necessario se tornou a criação de um exercito permanente, distribuido pelas fronteiras para manter integros os vastos dominios. Constatará sem nenhuma duvida que a indisciplina governamental antecedeu a indisciplina social e que esta precedeu a indisciplina militar e que o exercito chegado a este estado de desordem e anarchia, se tornou o flagello do povo romano, sobrepondo-se discrecionariamente ao poder civil, acarretando a ruina e o aniquilamento da mais tenaz, brilhante e gloriosa formação de um grande imperio que a historia do planeta nos apresenta e que tão vasta influencia exerceu no evoluir da civilização. Ficará convencido que em qualquer dos periodos — reino, republica, imperio — o povo romano prosperou sempre que governado por homens austeros, guiados por um grande e sadio patriotismo e que collocavam acima de tudo a grandeza da nação. Quando porem governado por homens mediocres, ambiciosos e autoritarios, que sobrepunham aos interesses da patria a satisfação do seu orgulho pessoal, dos seus caprichos, odios e vinganças, então o povo romano foi pouco a pouco descendo do seu magnifico pedestal, do seu grande e incomparavel poderio, da sua soberba civilização, até chafurdar-se no lodaçal da maior calamidade social, na penuria quasi absoluta de sentimentos moraes.

ALGUNS POVOS BARBAROS

Ciosos do seu immenso poder e da sua pujante civilização, os romanos menosprezavam os povos existentes fóra das suas fronteiras, qualificando-os de barbaros.

As invasões desses povos nos dominios do Grande Imperio Romano começaram na Idade Antiga porem só attingiram pleno desenvolvimento na Idade Media. Os

seus designios eram estabelecer-se em terras de melhores climas, onde pudessem fixar habitat definitivo propicio aos seus interesses.

Mesmo entre elles encontramos exemplos da influencia da disciplina ou da indisciplina nos acontecimentos politicos e sociaes, tornando-os beneficos e progressistas ou maleficos e retrogados, conforme o imperio de uma ou de outra. Esses acontecimentos só fructificaram quando encaminhados por homens superiores, estimados e prestigiados pelos seus povos, consagrados ao bem geral, disciplinados e disciplinadores. Quando porem dirigidos por espiritos trefegos e incapazes, ambiciosos e egoistas, sem orientação para a collectividade e sem disciplina, pouco ou nada produziram de estavel, servindo quasi sempre para retardar o evoluer da civilização.

HUNOS

Habitavam o planalto central da Asia, de onde abalaram para as regiões do Mar Caspio, tendo atravessado o Don em o anno 575 da era christã. Atacaram immediatamente os godos que se haviam estabelecido nas margens do Dnieper procedentes do sul da Scandinavia, rechassando-os para o sul.

Ia em meio o seculo V quando, sob o commando de Attila — o açoite de Deus — como era cognominado, se moveram da Hungria onde se haviam installado. Sommando cerca de 600.000 guerreiros invadiram a Austria, a Baviera e a Allemanha, atravessaram o Rheno, penetraram na Gallia, destruíram a casa reinante da Borgonha e diversas cidades romanas e cercaram Orléans.

Aécio, general romano, auxiliado pelos visigodos, francos e borguinhões, obrigou-os a levantar o sitio e em seguida os derrotou na planicie de Chalons, onde deixaram 160.000 mortos. Acessados, retrocederam para a Hungria

e um anno depois invadiram a Italia, tomando as cidades de Milão, Pavia, Verona e Padua. Marcharam sobre Roma e só não a assaltaram devido a supplicas do papa Leão I.

A morte repentina de Attila, attribuida a sua esposa que era uma princeza borguinã, poz fim ao terror dos hunos, então sem um chefe capaz. Foram absorvidos por outros povos barbaros, principalmente pelos magyares.

As marchas dos hunos ficaram sempre assignaladas por devastações, rapinas, incendio de cidades e massacre de populações, attingindo as raias da ferocidade, as ignobes acções que praticavam. Cruéis e ferozes, entregues á chacina e á pilhagem, destruindo por prazer, foram os mais indisciplinados e inúteis dos barbaros.

A sua actuação foi inteiramente negativa e só correu para o atrazo da civilização, pela matança de populações e destruição de cidades prosperas.

GODOS

Eram de raça germanica e formavam uma grande nação durante muitos annos detida ao norte do Danubio pelas legiões romanas. Dividiam-se em visigodos e ostrogodos, isto é, godos do Oeste e godos do Leste.

Acessados pelos hunos, passaram á margem sul desse rio com permissão de Roma, depondo as armas e abraçando o arianismo. Os visigodos estabeleceram-se na Thracia e os ostrogodos na Asia Menor.

WISIGODOS

No fim do seculo IV sob o commando de Alarico, os visigodos invadiram a Macedonia e a Grecia, saqueando Thebas, Corintho e Sparta.

Stilicão, general de Honorio, imperador romano do Occidente, conseguiu detel-os. Oito annos após Alarico

invadiu a Italia e apoderou-se de quasi todo o valle do Pó, mas foi batido por aquelle general em Polencia e Verona (402-403).

A chacina de milhares de crianças e mulheres godas que haviam ficado prisioneiras como refens, determinada por Honorio, levou os visigodos a clamar vingança. Alarico invadiu novamente a Italia e sitiou Roma que se entregou pela fome. Já então não existia Stilicão, decapitado em 408 por ordem de Honorio. O saque foi ordenado, mas Alarico recommendou aos seus soldados que poupassem as vidas humanas e os templos christãos.

Marchavam em seguida sobre a Sicilia, quando Alarico morreu em caminho. Estimadissimo do seu povo, o notavel rei foi sepultado no leito do rio Bussento, cujas aguas foram para isso desviadas e depois restabelecidas no seu curso natural para que os inimigos não profanassem o seu tumulo.

A Alarico succede Ataulpho que casa com Placida, irmã de Honorio, pondo-se ao serviço deste. Marcha depois para o Occidente, atravessa os Pyreneos e funda a primeira monarchia visigoda (414).

Sucedem-se alguns monarchas illustres, como Valia, Theodorico I, Eurico, Alarico II, Leovigildo, sob os quaes o imperio visigodo vae augmentando seus dominios e firmando seu poderio. Batem os povos barbaros que se haviam estabelecido na peninsula Iberica (alanos, vandalos, suevos, etc.) e conseguem apoderar-se de toda ella e dar unidade ao imperio que teve o seu esplendor.

Ao passar o Danubio abraçaram o arianismo e no terceiro Concilio de Toledo aceitaram o catholicismo. Ao contacto da civilização romana e do christianismo humanizaram-se e disciplinaram-se, chegando a promulgar um codigo de leis.

A esse periodo brilhante segue-se o periodo da decadencia pelo surto de discordias intestinas, ambições desmedidas, usurpações do poder, factos que levam os visi-

godos á indisciplina e á anarchia, até que o imperio cahe em poder dos arabes (711), sob o reinado de Rodrigo, um usurpador.

Como se vê, no reinado de homens notaveis, o imperio foi disciplinado e coheso, cresceu e se impôz. No reinado de homens ambiciosos e incapazes perdeu o prestigio e a cohesão e extinguiu-se impotente para resistir aos primeiros invasores do territorio que haviam conquistado denodadamente.

OSTROGODOS

Estabelecidos na Pannonia (Hungria), após o desaparecimento dos hunos, os ostrogodos tiveram o seu periodo de grandeza com Theodorico, o Grande (493-526).

Apossaram-se da Alta Italia depois de vencerem os hérulos de Odoacro (493) e submetteram toda a peninsula á qual annexaram depois a Illyria, a Norica, a Rhécia, a Provença e a Sicilia, formando um grande imperio.

Apezar de analfabeto, Theodorico foi entre os barbaros um monarcha illustre, só excedido por Carlos Magno. Chamou a Ravenna, sua capital, muitos homens doutos entre os quaes o chronista Magno Aurelio Cassiodoro que foi seu ministro. Conseguiu alliar romanos e ostrogodos, estabelecendo boas relações entre elles. Estimulou a agricultura e o commercio, diminuindo os rigores do fisco. Restabeleceu o dominio da lei e da justiça. Impulsionou letras e artes. Manteve a ordem publica e a paz durante o seu longo reinado. Foi tolerante com os catholicos, sendo ariano. Embellezou Ravenna e outras cidades.

Embora tivesse praticado erros, dos quaes se arrependeu, mandando matar Odoacro, condemnando á morte o philosopho Boecio e o prefeito Lymnacho, encarcerando o papa João I que morreu na prisão, tudo por intrigas e accusações dos seus cortezãos, não se lhe pode negar eminentes qualidades de estadista.

O imperio dos ostrogodos sobreviveu á morte de Theodorico (526) apenas trinta annos, tendo sido incorporado ao Imperio do Oriente por Narsés, general de Justiniano I.

Emquanto tiveram um rei dotado de predicados notaveis, estimado e disciplinador, os ostrogodos não foram vencidos e se engrandeceram, formando um imperio respeitado e temido. Morto Theodorico sem successores capazes, o imperio desapareceu logo absorvido pelo mais forte, demonstrando mais uma vez a influencia benefica ou perniciosa dos homens de governo, isto é, quando se dedicam aos interesses de seu povo ou se consagram ás suas ambições pessoais.

VANDALOS

De origem germanica, os vandalos juntamente aos borguinhões, suevos e alanos, formaram a chamada Grande Invasão no começo do seculo V.

Estabeleceram-se na Bética (Andaluzia) e dahi passaram para a Africa sob o commando de Genserico (455-477), seu mais notavel rei. Alli foram a chamado de Bonifacio, proconsul da Mauritania, cioso da preferencia que Valentiniano III dava ao general Aécio. Os vandalos porem se alliaram ás tribus nomadas da região, derrotaram Bonifacio, se apoderaram dessa possessão do Imperio do Occidente e formaram um grande imperio cuja capital foi Carthago.

Organizaram esquadra e submeteram em seguida a Sicilia, a Corsega, e as Baleares, dominando inteiramente o Mediterraneo.

Licinia Eudoxia, que fôra obrigada a casar com Petronio Maximo, assassino e successor de Valentiniano III, imperador do Occidente e seu primeiro marido, chamou Genserico a Roma por vingança (455). O rei vandalo á

frente de numeroso exercito desembarcou em Ostia e tomou a grande cidade, onde praticou taes tropelias que o nome vandalo ficou na historia como synonymo de bandido.

Morto Genserico (477) que innegavelmente foi um grande soberano, energico e poderoso, temido pelos dois imperios romanos, os vandalos não tiveram outro chefe á altura do seu poderio. Cedo sobrevieram discórdias religiosas e revoltas dos mauritanios cujas consequencias foram a indisciplina, a anarchia e o enfraquecimento desse povo.

Meio seculo após a morte de Genserico, Belisario, general de Justiniano I, imperador do Oriente, derrotou-os e annexou todo o imperio vandalo aos dominios desse soberano.

E ainda uma vez se demonstra que a grandeza, o progresso, o respeito e a vida dos povos dependem em primeiro plano do valor dos seus homens de governo, da comprehensão que elles tenham do momento historico em que vivem, para que possam encaminhal-os na melhor direcção, além de que realizem beneficas acções em seu proveito proprio e não se deixem aniquillar.

FRANCOS

Tambem de origem germanica como quasi todos os povos barbaros que invadiram o Imperio Romano (excepção dos hunos, alanos e arabes), os francos formavam uma especie de confederação de tribus daquela raça, sendo as principaes as dos sicambrios, salios e ripuarios.

Artes da invasão habitavam a região entre o Weser e o Reno.

De todos os barbaros foram os mais notaveis. Valentes e tenazes, tiveram epochas de esplendor e decadencia, assinaladas umas e outras pelo muito ou nenhum valor dos seus chefes. No reinado destes ultimos foram salvos

de total decadencia pelos prefeitos do paço, homens dotados em geral de envergadura moral, os quaes souberam bater-se pela união e predominio dos francos.

Estabelecidos no Occidente da Europa, defenderam palmo a palmo as terras conquistadas, vendo ora augmentados ora diminuidos os seus domínios, porem sempre obstinados na sua fixação ao sólo que occupavam. Formaram assim um grande imperio, do qual sahiram algumas nações modernas, entre as quaes a França immortal, que ainda hoje conserva a bravura, a tenacidade e a indomavel energia dos povos ancestraes.

Desde meados do seculo III da éra christã, tentavam os francos passar á margem esquerda do Rheno, onde os seus esforços se frustravam diante das legiões romanas que a defendiam. Ia em meio o seculo IV quando os romanos lhes deram permissão para essa passagem sob a condição de conterem os outros povos barbaros na margem direita.

Effectuada a passagem, os francos procuraram estabilizar-se na margem occidental desse rio historico, occupando a Gallia Septentrional e extendendo-se para o sul. Assim, em um definitivo reajustamento de fronteiras cabe sem duvida aos francezes manter os seus limites de Leste nesse notavel curso dagua, porque foram elles os mais antigos occupantes e acerrimos defensores depois do Grande Imperio Romano que se esplacelou e desapareceu. Pertence-lhe pois o direito de prioridade.

Escriptas estas considerações, passemos em revista rapida os feitos dos chefes francos — reis e prefeitos do paço mais illustres — os quaes demonstrem como toda a Historia, as theses que formulamos.

Vejamos os merovingios.

Clodion foi o primeiro chefe que conseguiu estabelecer os francos nas Gallias, depois de vencer Aécio, general de Valentiniano III, imperador do Occidente (425-455), tomando aos romanos diversas cidades.

Deu elle Cambray aos ripuarios e Tournay aos salios.

Meroveu, alliado aos romanos de Aécio, aos visigodos e aos borguinhões, ajudou-os a bater Attila em Châlons (451). Seu nome ficou ligado á primeira dynastia franca — a dos merovingios.

Os chefes eram eleitos pelo povo dentro da descendencia de Meroveu. O neto deste, Clovis, foi eleito chefe dos francos salios em 481 e é considerado o verdadeiro fundador da monarchia franco e o mais notavel dos merovingios. Bateu Syagrius, general romano, na batalha de Soissons, tomando-lhe os territorios que defendia e governava, extinguindo assim o dominio de Roma na Gallia e levando o dos francos até o Loire; derrotou na de Tolbiac os allemães (alamanos) que a queriam invadir e cuja posse disputavam, forçando-os a transpor o Rheno, em cuja margem direita se fixaram; venceu os borguinhões na de Dijon, impondo-lhes tributos; repelliu na de Vouillé os visigodos que se haviam estabelecido entre o Loire e os Pyreneus, tomando-lhes quasi todo o territorio que occupavam ao sul da Gallia.

Abraçou o christianismo e nisso foi imitado pelos seus soldados. Reuniu sob seu sceptro todos os francos e quando morreu (511), depois de um brilhante reinado de trinta annos, já havia conquistado toda a Gallia.

O ultimo dos grandes reis merovingios foi Dagoberto (628-638). Embora tenha manchado seu reinado pelo assassinio de um irmão, governou com sabedoria, energia e decisão, mantendo a unidade do reino e o respeito dos povos visinhos. Impoz tributos aos frisios e saxões e submetteu os bretões da Armorica.

Os merovingios ficaram fixados na historia em duas categorias — os reis cabelludos e os reis madraços — estes preguiçosos e indolentes, aquelles energeticos e resolutos. Com os primeiros o reino franco creceu e se manteve unido e respeitado; com os ultimos se dividiu e subdividiu, presa de discordias intestinas e rivalidades de toda

ordem. Sob estes o reino teria succumbido e desaparecido como dissemos, se o não tivessem salvo alguns eminentes prefeitos do paço, aos quaes os madraços, entregues aos prazeres e ao proprio anniquilamento, abandonaram o governo.

Pela morte de Dagoberto -- o ultimo dos reis cabeludos -- começaram as rivalidades e as divisões entre os francos, dando occasião a sangrentas guerras entre a Austrasia, a Neustria e a Borgonha.

A Austrasia era constituida da parte oriental da Gallia e nella preponderavam os francos; a Neustria estava situada na parte occidental e ali sobrepujava o elemento gallo-romano recalcado pelas invasões dos barbaros; a Borgonha ficava tambem a léste da Gallia, entre as Cevennes e os Alpes e tinha Leão como capital, sendo o primeiro reino fundado pelos barbaros, integrado no reino franco por herança de Clotilde, princeza borguinã, esposa de Clovis.

Ao passo que o prestigio dos madraços definhava e desaparecia, crescia o poder dos grandes senhores que apoiavam os prefeitos do paço. Estes, a principio simples funcionarios do palacio real, viram o seu poder augmentar dia a dia até que se tornaram reis de facto, dando um delles nascimento á dynastia carlovingia pela usurpação do throno.

Morto Dagoberto em 638 sobreveio a separação da Austrasia e da Neustria, cabendo esta a Clovis II e aquella a Sigeberto II.

Já no ultimo quartel do seculo VII o poder dos reis era nullo. Pepino de Heristal governava a Austrasia e Ebromno a Neustria, ambos prefeitos do paço. Este pretendeu abater o poder dos grandes senhores, mas foi assassinado em 651; aquelle, ao contrario, a elles se aliou e conseguiu derrotar os neustrios na batalha de Testry (687), mantendo a hegemonia da Austrasia.

Pela morte de Pepino em 714, recommençaram as desordens. Os grandes senhores deram então o poder a Carlos Martel, filho de Pepino.

Carlos, energico e disciplinador, esteve á altura da situação e salvou o reino do anniquilamento, obrigando allemães, bavaros e thuringios a reconhecerem a supremacia dos francos; submettendo borguinhões e provençaes que não queriam obedecer aos reis madraços; derrotando e submettendo os neustrios na batalha de Soissons; vencendo os arabes na de Poitiers (732), os quos haviam invadido a Gallia pelo sul.

A Carlos Martel succederam seus filhos Pepino, o Moço, na Neustria, e Carlomano na Austrasia. Este porem cedeu áquelle os seus direitos e Pepino tornou-se o mais poderoso senhor do reino. Aproveitando essa situação e de accordo com o papa Zacharias, depoz o ultimo rei merovingio Childerico III, cingindo a corôa real (752).

Ahi começa a segunda dynastia franca, a carlovingia.

Nessa epoca, Astolpho, rei dos lombardos, ameaçava Roma.

O papa Estevão II appellou para Pepino que atravessou os Alpes, bateu aquelle rei em Pavia e tomou-lhe o exarchado de Ravena e a Pentapole, entregando-os ao pontifice. Essa doação foi a origem do patrimonio de São Pedro e do poder temporal do papado (756), que só se extinguiu em 1870.

Ao regressar, Pepino bateu os saxões, apoderou-se da Septimania então occupada pelos arabes e submetteu a Aquitania.

Morto em 768, deixou a seu filho Carlos a Neustria e a Aquitania e a seu filho Carlomano a Austrasia e a Borgonha. Pela morte deste em 771, os senhores deram áquelle o governo destas provincias em detrimento dos filhos de Carlomano, tornando-se Carlos unico rei dos francos e tal foi a sua actuação nos acontecimentos que ficou, mercedamente eternizado na Historia como Carlos Magno.

Não sómente para ampliar os seus domínios como também para propagar o christianismo, levou a guerra á Liga Saxonia formada pelos povos que habitavam a região entre o Weser e o Elba. Essa guerra que durou trinta e dois annos (772-804) intermeiados de alguns periodos de paz, teve como epilogo a conquista da Germania e da Baviera, a destruição do paganismo e o estabelecimento do culto christão entre as respectivas populações.

Nos intervallos de paz com a Liga Saxonia, Carlos Magno levou a guerra a outros povos.

Assim, reuniu em Genebra um exercito, atravessou o São Gothardo (Alpes) e derrotou Desiderio, rei dos lombardos, que dera asylo aos filhos de Carlomano, seus sobrinhos, e que ameaçava o papa Adriano I. Os fructos desta guerra foram: Carlos Magno cingiu a corôa da Lombardia (774), annexou a Alta Italia ao reino dos francos e confirmou as doações territoriaes feitas ao papa por seu pae.

Combateu os arabes na Hespanha. Vencendo-os, tomou-lhes Pamplona e Saragoça e annexou a seu reino a Navarra e a Catalunha. Na retirada, a retaguarda das suas tropas commandada por seu sobrinho Rolando, foi batida em Roncesvales (778) pelos arabes. Ahi morreram muitos guerreiros francos e o proprio Rolando, porem Carlos Magno manteve a quasi totalidade das terras submettidas.

Suas esquadras expulsaram os arabes da Corsega, Sardenha e Baleares.

Formou assim um grande imperio só excedido pelo romano. A elle pertenceram parte da Hespanha; grande porção da Italia; a Germania, comprehendendo quasi toda a Austria, o Hannóver, Saxe, Silesia, Brandeburgo; as terras das duas margens do Rheno; e França.

Havia chegado ao auge do poder quando o papa Leão III ameaçado pelos sobrinhos de Adriano I, seu

antecessor, lhe pediu auxilio. Carlos Magno foi á Italia immediatamente e livrou-o dos seus inimigos. Por essa occasião, estando o rei a ouvir a missa do Natal na Igreja de S. Pedro em Roma, Leão III collocou-lhe na cabeça a corôa de ouro dos imperadores romanos, conferindo-lhe o titulo de Grande e Legitimo Imperador do Occidente (800), sob as aclamações do povo.

Carlos Magno falleceu em 814, succedendo-lhe seu filho Luiz, o Pio, monarcha fraco e incapaz, o qual após tres annos de governo destruiu a unidade do imperio, dando reinos aos seus tres filhos Lothario, Luiz e Pepino (817). Do segundo matrimonio realizado depois da partilha nasceu o quarto filho — Carlos, o Calvo — para quem arranjou um quarto reino, a Suabia, formado de territorios arrancados aos tres outros filhos.

Deu isso occasião a graves desordens entre pae e filhos e entre os irmãos. Com a morte de Pio em 840, tendo-lhe precedido no tumulo seu filho Pepino, pretendeu Lothario restabelecer a unidade do imperio em proveito proprio. Luiz e Carlos moveram-lhe guerra e o derrotaram na batalha de Fontenoy, tripartido-se o Imperio Franco pelo tratado de Verdun (843), cabendo a Luiz a Allemanha, que havia sido submettida mediante duros sacrificios pela energia e tenacidade de Carlos Magno; a Carlos o Calvo, a França; a Lothario a Italia e uma faixa de terra que se chamou Lotharingia.

Esses acontecimentos deram origem aos grandes Estados modernos da Allemanha, França e Italia.

Carlos Magno, o fundador do segundo Grande Imperio do Occidente, foi sem duvida um grande general e eminente estadista, dotado de excepcionaes qualidades moraes. A sua acção foi sempre brilhante no interior e no exterior.

Foi o grande protector dos papas do seu tempo e de toda a christandade do mundo occidental. Dahi sur-

giu a ideia da união dos christãos nos dominios espiri-
tual e temporal, este sob a sua chefia e aquelle sob a do
papado.

Manteve relações internacionaes com soberanos il-
lustres, entre os quaes Egberto, fundador da heptarchia
anglo-saxonia, origem da Inglaterra de hoje ; Irene, im-
peratriz do Oriente ; Harun-al-Raschid, grande khalifa
de Bagdad, o qual lhe enviou diversos presentes e entre
elles as chaves do Santo Sepulchro.

Habil administrador e legislador, Carlos Magno
reunia annualmente em conselho os grandes do imperio
e o alto cléro, de onde sahiram as leis conhecidas pelo
nome de *capitulares*. Para applicação dessas leis creou
a hierarchia dos duques, condes, barões, etc., funcionarios
cujos actos eram fiscalizados quatro vezes ao anno por
delegados régios.

Apezar de analfabeto foi protector das letras.
Chamou para Aix-la-Chapelle, sua capital, homens doutos
como Alcuino, da Inglaterra ; Pedro, de Pisa ; Paulo
Diacono, da Lombardia ; Eginhard, historiador franco.
Fundou muitas escolas nas abbasias onde eram ministra-
dos os conhecimentos da época e no proprio paço creou a es-
cola palatina para o ensino aos filhos dos nobres da côrte.

Resalta de tudo isso que os francos sempre prospera-
ram e se engrandeceram quando governados por homens
eminentes, culminando com Carlos Magno, o mais illustre
de todos. Quando porem sob a chefia de homens incapazes
que aos interesses collectivos sobrepunham as suas pai-
xões, os seus desejos de mandonismo, as suas ambições
nunca bastante satisfeitas, entravam logo em decadencia,
consequencia natural das desordens e da anarchia nas
quaes eram mergulhados, dividindo-se e subdividindo-se
pelas guerras civis, sempre provocadas pelos dirigentes
indisciplinados e egoistas, nunca pelo povo e forças ar-
madas.

IMPERIO ARABE

Viviam os arabes quasi isolados do mundo. Os seus limites eram : Ao Norte a Syria e a Mesopotamia ; a Leste o golpho persico e o mar de Oman ; ao Sul, este mar e o golpho de Aden ; a Oeste o mar Vermelho. A grande península arabica fórma um dos tres planaltos da Asia Anterior, deprimido para o interior, possuindo extensos desertos de areia ao N., L. e S. A parte então habitada ficava entre esses desertos e o mar Vermelho.

Não tinham os arabes um governo central. Viviam dispersos, sem orientação definida, divididos em sedentarios e nomadas, formando tribus com uma civilização primaria. Os da costa do mar Vermelho eram sedentarios, mais ou menos insulados em diversas cidades ; os do lado dos desertos levavam uma existencia nomada, entregues ao commercio das caravanas, de oasis a oasis. Cada tribu tinha o seu cheik que exercia um governo patriarchal.

Eram idolatras. Adoravam o sol e as estrellas. Possuam templos entre os quaes o mais notavel era a Kaaba, em Méca, onde adoravam um enorme aerolitho negro que diziam ser um anjo petrificado e ennegrecido pelos beijos dos peccadores, rodeado de trescentos e sessenta idolos inferiores consagrados aos trescentos e sessenta dias do anno, segundo o calendario de então.

Nessa época o mundo de Christo possuia cinco grandes metropoles — Roma, Constantinopla, Alexandria, Carthago e Jerusalem — as tres primeiras disputando a supremacia do poder espirital. Dahi resultaram grandes discordias religiosas, principalmente no Imperio Romano do Oriente, que se viu envolvido em guerras externas e internas, as quaes acarretaram para a Igreja um lamentavel estado de anarchia. Eram frequentes os con-

cilios cujos verdadeiros objectivos ficavam cuidadosamente dissimulados como inconfessaveis.

Dessa anarchia resultaram nada menos de doze seitas christãs que se gladiavam ferozmente por questões de doutrina, caracterizando-as um odio profundo e uma irreconciliavel e ferrenha intolerancia de cada uma por todas as outras. Ficaram ellas conhecidas na Historia pelos nomes de arianos, basilidianos, collyridianos, carpocracianos, eutychianos, nestorianos, sabellianos, valentinianos, gnosticos, jacobitas, marcionitas e marionitas.

Dessas lutas resultaram as mais atrozes vinganças contra os vencidos que eram inexoravelmente perseguidos pelos vencedores. Só não eram massacrados os que conseguiam fugir.

A Arabia foi então a providencia desses fugitivos que eram alli tolerados quaesquer que fossem suas opiniões, como já vinha acontecendo desde a tomada de Jerusalem pelos romanos, occasião em que numerosos judeus e o proprio Paulo de Tarso, já convertido, se refugiaram na grande peninsula quadrilonga da Asia.

As costas dos desertos ficaram então povoados de muitos anachoretas christãos que edificaram igrejas em pontos diversos e obtiveram muitos proselytos entre as principaes tribus arabes. Os principes da Abyssinia que haviam abraçado o nestorianismo eram nessa occasião os senhores de Yemen, provincia meridional da Arabia.

Assim foram os arabes tomando conhecimento das doutrinas do christianismo, bem como por intermedio das suas caravanas que se dirigiam á Syria e á Mesopotamia.

Antes de proseguirmos a explanação dos acontecimentos demonstrativos das nossas theses, narremos o mais succintamente possivel os principaes factos acima

alludidos para illustração das nossas asserções, necessários á perfeita comprehensão do rápido successo dos arabes.

Constantino, o Grande (306-337), fundador da nova Roma, mais tarde Constantinopla em sua homenagem, para alli transferiu a capital do Imperio Romano. Havia adoptado, como já dissemos, o christianismo religião official. Habil politico, instituiu o culto das imagens não só para evitar possiveis revoltas de pagãos pela suppressão absoluta dos idolos que adoravam, embora o prestigio destes já naquella época estivesse bastante abalado, como para facilitar a accitação por elles do novo culto.

Então o christianismo já se havia infiltrado lentamente em todas as provincias do imperio, apezar das perseguições que lhe moveram os imperadores antecedentes.

Com os progressos da nova religião surgiram logo as discordias intestinas por questões de doutrina, as quaes se accentuaram após o reinado brilhante desse illustre soberano e culminaram com as pretensões de dominio dos patriarchas de Roma, Constantinopla e Alexandria, baseando as suas ambições de primazia, respectivamente, no primado do novo culto e nas tradições romanas; no facto de ser a metropole do Bosphoro a capital do imperio; na intensidade e extensão do seu commercio e no esplendor da sua litteratura a cidade de Alexandre.

Já em 325 reunira o imperador o concilio ecumenico de Nicéa para deliberar sobre divergencias de doutrinas, tendo sido accita a de Athanasio, patriarcha de Alexandria, a qual igualava Jesus a Deus, contra a de Ario, padre da mesma cidade, que sustentava ser Jesus filho de Deus por adopção.

Proseguiram essas lutas religiosas por muitos annos sem interrupção, porem só merecem menção para esclarecimento do advento do Imperio Árabe as que seguem.

Nestorius, bispo de Antiochia, fôra chamado para Constantinopla em 427 pelo imperador Theodorico II,

tornando-se patriarcha desta cidade. Adépto da philosophia de Aristoteles, regeitava o anthropomorphismo e o culto das imagens, acreditando na existencia de um principio divino enchendo o Universo e extranho aos attributos humanos. Cyrillo, patriarcha de Alexandria, era pelo culto das imagens e quiz instituir o da Virgem Maria, Mãe de Deus. Nestorius se oppoz, dizendo que a Virgem não devia ser nomeada Mãe de Deus e sim mãe da humanidade de Christo, humanidade tão distincta da divindade como distincto é Deus do templo em que é adorado.

Os monges de Alexandria instigaram os de Constantinopla á revolta e estes pegaram em armas pelo culto da Mãe de Deus. Theodosio reuniu um concilio em Epheso. Cyrillo obteve a adhesão da "virgem santa de Constantinopla", irmã do imperador, e foi ao cenaculo seguido por uma turba-multa de homens e mulheres de baixa classe. Apoderou-se da presidencia e leu o rescripto do imperador no meio de grande balburdia, sem esperar a chegada dos bispos syrios. Regeitadas todas as propostas de accôrdo partidas de Nestorius, nem mesmo sendo lidas suas explicações, foi elle preso e condemnado sem ser ouvido. Abandonado pela côrte, foi exilado e morreu em um oasis do Egypto.

Apezar disso as doutrinas de Nestorius foram propagadas pelos seus adeptos e conhecidas na Syria, Arabia, Tartaria, India, China e Egypto.

No anno 590 era Mauricio imperador do Oriente. Khosroes, principe herdeiro do throno da Persia, nesse mesmo anno obrigado a expatriar-se devido a uma revolução, encontrou abrigo e protecção junto ao imperador. Este em uma rapida e feliz campanha o collocou no throno dos seus antepassados, tomando elle o titulo de Khosroes II.

Os persas adoptavam o magismo como religião e o Imperio do Oriente o christianismo com o reconhecimento

do filho de Deus, da Trindade, da Virgem Mãe e do culto das imagens.

Maurício, acusado de ser marcionita pela população em delírio, excitada á revolta pelo centurião Phocas, foi decapitado depois de assistir á decapitação dos seus cinco filhos varões. A imperatriz e tres filhas que se haviam refugiado na igreja de Santa Sophia, foram dalli expulsas, torturadas e mortas. Os amigos da familia imperial foram victimas das maiores crueldades e torturas e depois assassinados.

Phocas foi então sagrado imperador pelo patriarcha de Constantinopla com approvação do patriarcha de Roma, que recebeu o titulo de Bispo Universal e passou á Historia como Gregorio I e São Gregorio Magno.

O centurião que só possuia de notavel um physico horrendo, uma mentalidade primaria e uma execravel moral, enviou a Khosroes as cabeças do imperador e seus filhos. O rei persa indignado jurou vingar a morte do seu amigo e protector.

Antes porem que o persa tomasse armas, uma revolta irrompeu dentro do imperio. O exarchado da Africa cuja capital era Alexandria pertencia ao Imperio do Oriente. Heraclio, o exarcha, já velho e doente, indignou-se contra o usurpador a quem negou obediencia, recusando-se a pagar-lhe tributo. Nessa situação, concitou seu filho do mesmo nome a arrancar a Phocas o sceptro usurpado.

O joven Heraclio marchou rapidamente á frente de um exercito e chegou ás portas de Constantinopla onde o clero, o senado e o povo o receberam entre manifestações de alegria, abandonando o usurpador. Phocas foi preso e decapitado e Heraclio proclamado imperador (610).

Estes factos não detiveram Khosroes. Atravessou o Euphrates e obteve logo a adhesão dos sectarios syrios que provocaram diversas revoltas, indo cahir em poder

do rei persa as cidades de Antiochia, Cesárea e Damasco. Em seguida tomou de assalto Jerusalem, onde mandou incendiar o sepulchro de Jesus Christo e as igrejas de S. Constantino e de Santa Helena, despojando os templos das suas riquezas. As reliquias encontradas foram lançadas ao vento e a cruz do Salvador foi mandada para a Persia como trophéu de guerra. Após estes successos invadiu o Egypto e o annexou ao Imperio Persa, levando as suas conquistas até Tripoli. O patriarcha de Alexandria salvou-se pela fuga.

Senhores de toda a Asia Menor, os persas mantiveram durante dez annos um forte exercito na margem Sul do Bosphoro, de frente a Constantinopla. Heraclio pagou-lhes um grande tributo, tendo porem em vista tomar a contra-offensiva logo que se offerecesse oportunidade. Esta se apresentou por occasião de nova revolta na Persia, durante a qual Siroes fez assassinar seu pae Khosroes II, tomando-lhe o throno.

Incitado pelo patriarcha Sergio que poz á sua disposição os thesouros da Igreja, Heraclio invadiu a Asia Menor pelo sul e de victoria em victoria penetrou na Persia onde impoz a paz a Siroes (628), recuperando os dominios que Khosroes havia tomado ao Imperio do Oriente, inclusive Jerusalem para onde foi reconduzida a cruz do Salvador.

Assim como da destruição dos idolos pagãos havia decorrido o desprestigio do paganismo entre as populações, impotentes que foram elles para evitar-lhes a propria ruina, assim tambem o prestigio do christianismo ficara abalado pelos acontecimentos de Jerusalem anteriormente narrados.

Foi nesse ambiente politico, social e religioso que nasceu, cresceu e se educou Mahomet.

Filho de Abdallah, guardião da Kaaba, orphão aos seis annos de idade, tendo nascido em Méca em 571, foi

elle entregue a seu tio Abu-Taleb que o destinou ao commercio. De familia nobre porem pobre, já aos dez annos de idade começou a acompanhar seu tio nas viagens frequentes que este emprendia á Syria. Assim chegou a Borsrah, cidade ao sul de Damasco, em 581, em uma caravana carregada de ricos productos da Arabia. Elle e o tio foram sempre acolhidos benevolmente pelos monges do convento nestoriano alli existente, onde foi instruido nas doutrinas de Nestorius e na philosophia de Aristoteles. Isso e o conhecimento que teve das perseguições soffridas por esse patriarcha, levaram Mahomet a consagrar um odio profundo ás praticas idólatras e a não admittir Jesus como filho de Deus e sim como filho de Maria.

A riquissima viuva Khadidjah, encarregou-o, já homem feito, do seu commercio na Syria, o que lhe permittiu viajar frequentemente a esse paiz, occasiões que aproveitava para proseguir e aprimorar seus estudos. Impressionada a viuva pela intelligencia, a honradez e a belleza physica de Mahomet propoz-lhe casamento que foi acceto. Tinha elle 25 annos de idade e ella 40 e, coisa notavel em um paiz em que a polygamia era permittida, Mahomet foi sempre um esposo fiel enquanto Khadidjah viveu, isto é, 24 annos após o casamento.

Viuvo, casou com Ayesha, filha de Abu-Beker e uma das mulheres mais lindas da Arabia. Certa vez sua segunda esposa referindo-se a Khadidjah perguntou-lhe :

— Não era velha ! Deus não vos deu em mim uma melhor esposa do que ella ?

— Não, em verdade ! exclamou Mahomet. Jamais houve uma melhor. Ella acreditou em mim quando os homens me desprezavam ; veio a mim quando eu era pobre e perseguido pelo mundo.

Taes palavras em tal occasião revelam sem qualquer duvida o bello caracter de Mahomet.

Abastado pelo casamento e impressionado pelas discordias e perseguições religiosas, bem como pela situação

dispersiva da Arabia, concebeu elle em 610, o projecto de dar unidade politica ao paiz por meio das doutrinas religiosas nas quaes julgava estar a verdade. A isso consagrou toda a sua vida, tendo aproveitado habilmente a unidade de lingua e a unidade de costumes do seu povo.

O seu odio ás praticas idólatras mais se accentuou depois de haver tido frequentes entrevistas com seu primo Varaka, judeu convertido ao christianismo, o primeiro que traduziu a Biblia para o arabe. A sua crença na unidade de Deus e na immortalidade da alma mais se fortalecia após os retiros espirituaes a que se entregava em uma gruta do Monte Hiraah proximo a Méca. Assim tambem maior vigor tomavam em seu espirito as ideias de negação da Trindade, da filiação divina de Jesus, da Virgem Mãe.

Logo que iniciou em Méca a propaganda publica das suas doutrinas foi repellido pelos Koreichitas, tribu idólatra a que pertencia, tendo sido obrigado, afim de salvar a vida, a fugir para Yatrib, em 622, anno em que começa a hégira, éra dos maussulmanos.

Nesta ultima cidade que passou a chamar-se Médinat-al-Nabi (cidade do propheta), segundo uns, e Medinat-al-Mahdi (cidade do enviado), segundo outros, foi Mahomet muito bem recebido pela população, em grande parte judeus e nestorianos. Entretanto após seis annos de pregação só havia obtido cerca de 1.500 adeptos.

Foi nessa situação que elle resolveu impor o islamismo pelas armas e conseguir assim a unificação da peninsula arabica.

Prégou a guerra santa a todos os inimigos do Islam e declarou que os adeptos da nova religião "encontrariam o Paraíso á sombra das espadas cruzadas".

Preparado um pequeno exercito, começou por submeter diversos cheiks arabes e os judeus de Kaibar, aos quaes foi logo impondo o seu credo. Em seguida á frente de 10.000 homens se apoderou de Méca (630) e destruiu

todos os ídolos da Kaaba, abrindo as portas da cidade á peregrinação obrigada a todos os mussulmanos. Tendo adquirido grande prestigio não lhe foi difficil augmentar sempre suas tropas, com as quaes e mediante operações bem dirigidas derrotou inteiramente seus inimigos, varrendo da Arabia a idolatria e proclamando a unidade de Deus geralmente aceita pelo seu povo, assim como toda a doutrina islamica.

Submettido e unificado quasi todo o paiz, pretendia Mahomet impor pelas armas o islamismo no Oriente, invadindo a Syria e a Persia, quando a morte o surprehendeu em 632, aos sessenta e dois annos de idade.

Seus successores tomaram o nome de *khalifa* (vigario) e a principio foram escolhidos por eleição. Reuniram sob o seu governo directo a autoridade civil, militar e religiosa. As operações militares não foram por elles dirigidas e sim por habéis generaes por elles escolhidos, como Abu-Obeidah, Khaleb, Amrú, Moavia, Akbah, Hassan, Musa, Tarik, Abd-er-Rahman e outros.

Abu-Béker (632-654), sogro de Mahomet, foi o primeiro khalifa. Reuniu no livro sagrado dos mussulmanos — Alkorão — as doutrinas do propheta, terminou a conquista e unificação da Arabia e iniciou a da Syria.

Khaleb, seu general, sitiou Bosrah cujas portas lhe foram abertas secretamente pelo governador Romanus, que trahiou os seus deveres e abraçou o islamismo. Em seguida marchou Khaleb para o norte e poz cerco a Damasco. Um exercito de 70.000 homens enviado por Heraclio, imperador romano do Oriente, obrigou os sarracenos a levantar o assédio, mas foi batido nas planicies de Jaraden. Renovado o sitio, Damasco rendeu-se no fim de setenta dias.

Os exercitos arabes eram formados por turbas de fanaticos e nelles até mulheres combatiam. Não eram tropas regulares que tivessem apreciaveis instrucção e disciplina militares. Tinham entretanto a disciplina reli-

giosa, cohesos nas crenças da unidade de Deus e da autoridade do seu propheta, levadas essas crenças até o fanatismo. Attendendo todavia a que os exercitos romanos se possuíam instrução não tinham nessa época disciplina alguma e attendendo ainda á corrupção e ás discordias que lavravam no imperio do Oriente, principalmente entre as numerosas seitas christãs que se hostilizavam, explica-se a victoria dos sarracenos.

Morto Abu-Bécker, Omar foi eleito khalifa (634-644) e ultimou a submissão da Syria.

De Damasco marchou o exercito sarraceno rumo ao norte, apossando-se das povoações que encontrava, entre as quaes as importantes cidades de Balbec e Emesa. Para fazer frente á situação reuniu Heraclio um exercito de 140.000 homens. Travada a batalha em Yermuck, foram os romanos derrotados, ficando a Syria inteiramente aberta aos arabes que se apossaram de Jerusalem após um cerco de quatro mezes, pela capitulação do patriarcha Sophronius. Ali Omar mandou construir a mesquita que tem seu nome, no mesmo local do templo de Salomão.

Heraclio, que innegavelmente foi um grande imperador, digno dos gloriosos tempos de Roma, quiz ainda salvar as possessões orientaes do seu imperio, mas os seus esforços foram improficuos diante da anarchia das populações divididas e irreconciliaveis pelas discordias do sectarismo impenitente e das ambições desmedidas. Os seus exercitos recrutados entre taes populações nunca lograram a disciplina e a cohesão necessarias ás emergencias difficeis da sua época. Alem disso, essa época da Historia foi talvez a de maior abundancia de apostatas e traidores, vendo Heraclio os seus esforços nullificados frequentemente por felonias innumerar.

Assim, proseguiram os sarracenos as suas victorias e em seu poder cahiram Cesarea, Alepo, Antiochia, finalmente toda a Syria, salvando-se Heraclio em um navio que o reconduziu a Constantinopla. Levava elle a cer-

teza de que o berço do christianismo havia cahido para sempre nas mãos dos infieis quando de bordo exclamou : "Adeus Syria, para sempre Adeus !"

No khalifado de Omar foi iniciada a submissão da Persia. Pela batalha de Nehavend (642) que os arabes denominaram "a victoria das victorias" devido aos immensos despojos que lhes deixou e aos muitos resultados militares que lhes proporcionou, ficou aberto aos conquistadores o caminho do Oriente.

O Egypto foi tambem submettido no reinado de Omar. O general Amrú que se celebrizára nas campanhas da Syria foi o escolhido para levar a cabo a grande empreza. Os egypcios acolheram-no como um libertador que os ia livrar do dominio dos jacobitas, segundo declaravam. Memphis cahiu logo, mas Alexandria só foi tomada após quatorze mezes de sitio no qual os sarracenos perderam 25.000 homens. Era tida como a rainha do Occidente com "seus quatro mil palacios, seus quatro mil banhos, seus quatro mil theatros, suas quatro mil casas para o commercio de escravos e doze mil outras para a venda de generos alimenticios e sua população de 40.000 judeus que pagavam tributo."

O imperador Heraclio que tudo fizera para livrar essa metropole do christianismo do jugo dos mussulmanos, morreu um mez depois, considerando deshonrado o seu reinado após tal desastre.

Duas vezes tentou Constantinopla reaver Alexandria, porém suas esquadras e seus exercitos foram sempre rechassados, acabando as tentativas por ter Amrú desmantellado a cidade tirando-lhe todo o valor militar. Sua celebre bibliotheca que vinha sendo destruida desde os tempos de Caio Julio Cezar e que fóra na antiguidade o apogeo das sciencias, letras e artes, onde se illustraram muitos espiritos eminentes, teve o seu fim nesse eclipse do christianismo, incendiada casualmente segundo se acredita hoje.

Omar foi assassinado por um persa em 644. Energico e disciplinador, soube impor-se a seu povo, dando-lhe tranquillidade interna, augmentando-lhe os dominios e com estes a expansão das doutrinas mussulmanas. A sua morte porem acarretou a irrupção de revoltas e guerras civis, o desencadeamento de odios e paixões politicas, os quaes o seu espirito varonil havia represado durante o seu glorioso khalifado.

Othman foi então eleito khalifa (644-656). No seu reinado foi ultimada a conquista da Persia pela tomada de Persopolis, sua capital, e pela morte do ultimo rei sassanida Iezdegerd III. Proseguiram durante elle as tentativas de submissão das regiões septentrionaes da Africa.

O general Abdallah que havia substituido Amrú no commando do exercito do Egypto, marchou de Memphis á frente de 40.000 homens, atravessou o deserto de Barca e sitiou Tripoli. Uma peste obrigou-o a regressar ao Egypto sem haver tomado essa cidade. No mesmo reinado, Moavia, governador da Syria, levando uma esquadra de 1.700 navios, tomou Rhodes e pretendia atacar Constantinopla quando soube do assassinato de Othman.

Ali, genro e primo de Mahomet, foi eleito khalifa (656-661). Por occasião da morte do propheta, Ali já se manifestára indisciplinado e ambicioso, disputando a successão a Abu-Béker, facto que deu lugar mais tarde a um schisma que se eternizou. Os mussulmanos ficaram então divididos em dois campos oppostos. Os *schiiitas* (separatistas) não reconheceram a autoridade dos tres primeiros khalifas e sim a de Ali e seus descendentes, considerados os legitimos representantes de Mahomet, os *sunnitas* (tradicionalistas), ao contrario, tinham aquellos khalifas e seus descendentes como os verdadeiros interpretes e herdeiros da obra do mestre.

Inhabil e intolerante, Ali assignalou logo o seu reinado pela destituição dos governadores nomeados pelo seu antecessor, os quaes em represalia fomentaram uma

guerra civil chefiada por Moavia que se-lo assassinar por um fanático, depois de havel-o vencido na batalha de Siffin com o auxilio de Amrú.

Moavia (661-681) assim iniciou a dynastia hereditaria dos Omnyadas, do nome do seu bisavô Omnyah.

Logo no começo do seu reinado mudou a capital do imperio para Damasco não só porque a maioria dos seus partidarios estavam na Syria como porque herdara dos seus antepassados um odio profundo ao propheta e aos descendentes deste, satisfazendo ao mesmo tempo esse odio e o dos syrios que eram tambem rivaes dos iranianos e dos irakianos, defensores de Ali.

Moavia determinou diversos ataques a Constantino-ple, os quaes foram todos repellidos graças ao celebre *ogo grego*, invento de um syrio, o qual tinha a propriedade de arder mesmo na agua.

O general Akbat vinte annos após a retirada de Abdallah de Tripoli, reiniciou a conquista do norte da Africa, tendo partido das margens do Nilo e chegado até o Atlantico, já no khalifado seguinte, em 682. Foi elle o fundador da cidade de Kniruan, na Tunisia de hoje. Ao chegar ao extremo das terras occidentaes africanas, Akbat impelliu o seu cavallo até a praia e exclamou "Grande Deus! si meu caminho não fosse detido por este mar eu iria até os reinos desconhecidos do Occidente para prégar a unidade do teu nome e para destruir com a espada as nações rebeldes que adoram outro Deus que não tu".

Ao de Moavia succederam tres curtos khalifados durante os quaes o Imperio Arabe esteve sempre perturbado per lutas intestinas, paralyzado na sua expansão e desenvolvimento.

Vem logo depois o khalifado de Abd-al-Malek, que resolveu atacar a cidade de Carthago, então a mais importante da costa africana. Tomou-a de assalto seu general Hassan, mas foi obrigado a abandonal-a diante das tropas

enviadas de Constantinopla, entre as quaes se encontravam sicilianos e godos. Hassan logo que pôde voltou ao ataque e, tomando-a, reduziu-a a cinzas.

Estavam assim perdidas para o christianismo tres das cinco metropoles da religiãõ christã.

A Abd-al-Malek succede Walid (705-715), homem culto, intelligente, possuidor de excelsas qualidades de character. factores que o sagraram o mais notavel dos omnyadas, mesmo muito superior aos abbassidas. Durante o seu reinado os arabes conquistaram a Armenia, o Turkestan e a India, tendo dominado inteiramente o valle do Indus inclusive todo o Pendjab.

A Hespanha estava submettida aos wisigodos, que alli se haviam estabelecido e formado um imperio prospero e coheso sob o reinado de homens capazes. Como já dissemos, abraçaram o catholicismo no terceiro Concilio de Toledo. As ambições de mandonismo, porem, cedo levaram os wisigodos a intrigas e desavenças e o imperio foi decahindo até que na época de que tratamos havia chegado ao auge das dissensões intestinas, occupado o throno pelo usurpador Rodrigo, em detrimento de Vitiza, quem devêra ser o verdadeiro rei.

O conde Julião, inimigo de Rodrigo, achava-se á frente de numeroso bando de descontentes. Impotente para vencer o usurpador e seus partidarios, chamou os arabes á Hespanha, secundado pelo arcebispo de Toledo. Musa, lugar-tenente de Walid, na Africa, attendeu-o sem demora, determinando ao general Tarik se transportasse á Iberia para operar contra Rodrigo. O general atravessou o estreito que separa Marrocos daquelle paiz e ao monte que lhe fica a cavalleiro deu o nome Gibel-al-Tarik (montanha de Tarik), de onde proveio o nome de Gibraltar para esse canal. Encontraram-se os dois exercitos nas proximidades da cidade de Xerês, nas margens do Guadalète (Cryssus), e após tres dias de luta foram derrotados os wisigodos de Rodrigo que, obrigado a fugir do campo de

batalha, foi perseguido e morreu afogado no Guadalquivir (Boetis) (711). O conde Julião, general godo, que á frente das suas tropas formara ao lado do usurpador, na hora mais cruenta da pelega bandeou-se com o seu exercito para as hostes mussulmanas.

Em pouco tempo os arabes ficaram senhores da peninsula, excepto apenas uma pequena parte das Asturias, onde se refugiaram o conde Pelagio e um grupo de leaes servidores que o não abandonaram.

Assim, as paixões politicas e as ambições pessoais levaram o arcebispo de Toledo e o conde Julião a entregarem a Hespanha catholica aos sarracenos, trahindo os seus deveres e as suas crenças, deslembados do respeito que de si mesmo deviam guardar. E isso em toda a parte tem acontecido e acontecerá sempre que os homens subordinem os interesses das collectividades aos seus proprios interesses, preferindo que a patria se degrade e succumba a vel-a governada por adversarios.

Tarik pois submetteu a Hespanha e atirou o exercito wisigodo para alem dos Pyrineus. Nesse interim, Musa foi á Peninsula Iberica e invejoso das glorias do seu general, tratou-o indignamente e annunciou que marcharia sobre a Italia e iria prégar no Vaticano a existencia de um Deus unico, dahi passaria a Constantinopla que tomaria e finalmente iria a Damasco depôr nas mãos do khalifa sua espada victoriosa. Os amigos que Tarik tinha na côrte porem agiram de um modo tal que Walid I mandou um emissario a Hespanha prender Musa, que foi levado a Damasco onde depois de publicamente açoitado morreu deshonrado e desgostoso.

Nos khalifados seguintes tentaram os arabes a conquista da França, apoderando-se do territorio que va da embocadura do Garonne ao Loire. O seu general Abd-er-Rahman dividiu o exercito em duas columnas, uma das quaes sitiou Arles e desbaratou um exercito christão que foi defendel-a; a outra columna passou o Dordogne e

destruiu outro exercito christão. Assim chegaram os sarracenos ás margens do Loire, despojando dos seus thesouros igrejas e mosteiros.

A invasão arabe foi detida em 732 pelos francos de Carlos Martel, como já tivemos occasião de referir. Encontraram-se os exercitos mussulmano e christão na planície entre Tours e Poitiers e após sete dias de encarniçada luta foram os arabes derrotados e morto o seu chefe Abd-er-Rahman. Perseguidos por Carlos Martel foram obrigados a regressar a Hespanha, repassando os Pyræus.

Já então haviam ascendido ao mais alto gráo as discordias e as lutas civis entre os arabes, as quaes poucos periodos de tregua tiveram durante a vida do seu imperio. O poder dos khalifas era immenso e teriam elles conquistado toda a Europa se as desavenças e desordens quasi ininterruptas desencadeadas pelas ambições do poder e do mandonismo não houvessem embaraçado os seus desígnios de dominar o mundo.

Varios historiadores affirmam criteriosamente que a Europa deveu a sua salvação mais a essas lutas estereis do que á intervenção de Carlos Martel.

Raramente, em curtos periodos, a indisciplina dos khalifas, dos emires e dos generaes deixou de manifestar-se e de infiltrar-se no povo arabe. Vivêra este durante seculos disperso em agrupamentos ou seitas independentes na vasta península, dividido em nomadas e sedentarios, isto é, errantes uns, preguiçosos outros. A tendencia natural de uma parte de tal povo era pois para a vida aventureira, livre, sem peias; a da outra parte para a negligencia e a maquinação. Difficilmente se adaptaria a primeira a uma existencia ordeira, systematica, disciplinada e cohesa; a segunda facilmente se conformaria ao dominio de um chefe energico e resolutivo. Aquella forneceu soldados a Mahomet; deu-lhe adeptos esta.

Os nomadas porém eram ambiciosos e sedentos de riqueza. Debaixo das ordens de chefes capazes seriam excellentes soldados. Sob a direcção porém de homens ambiciosos e egoistas dariam expansão ao seu atavismo, batendo-se, não por um ideal, mas para satisfazer os seus instinctos e pendoros. Dahi a disciplina ou indisciplina dos soldados arabes na razão dos sentimentos dos chefes occasionaes.

Os omnyadas em geral, adversarios do propheta e seus descendentes, desprezaram a concepção de Mahomet da formação de um estado theocratico e esqueceram que a sua maior força provinha justamente da sua religião, em nome da qual se uniram, combateram e venceram, não obstante as discordias e as dissensões que nunca os abandonaram e que nunca lhes permitiram outra disciplina a não ser a da sua fé. Transformaram assim o imperio em uma autoocracia, culminando o desrespeito aos preceitos do Alkorão no reinado de Walid II.

Accresce que os partidarios dos omnyadas fóra da Syria eram em numero diminuto e que os seus exercitos estavam então mesclados de arabes, persas, syrios e heréberes, faltando-lhes um centro de convergencia dos esforços, uma vez que não mais os uniam os preceitos religiosos que haviam constituido o principal factor do seu colossal desenvolvimento.

Assim, o formidavel imperio que teve para limites as muralhas da China, o Oceano Indico, o Alto Nilo, o deserto de Sahara, o Oceano Atlantico, os Pyreus e as montanhas caucasicas, estava condemnado a desaparecer, mesmo antes de attingir o apogéo.

Como aconteceu a Alexandre da Macedonia que se deixou influenciar e mesmo escravizar pelos costumes persas, a corrupção destes, dos syrios, dos africanos e romanos daquella época, proveniente de velhas civilizações que se desfaziam ao choque das ambições e dos prazeres materiaes, invadiu o imperio arabe, cujos khalifas, emires e

generaes se tornaram os emulos dos mandões que levaram à ruina essas civilizações e se fizeram presas de todos os desregramentos e devassidões que as avassallaram.

As sedições e revoltas que eram endemicas, augmentavam e se multiplicavam á medida que os arabes se expandiam e dilatavam os limites do seu imperio.

E só se explica o seu rapido e assombroso progresso, porque surgiram e actuaram elles em uma época em que o Oriente e o Occidente se debatiam em violentas commoções politicas e religiosas, theatros de formidavel anarchia entre homens e povos e que sómente nos tempos actuaes apresentam um simile, mais barbaro e mais grave, porque parece tender para o completo anniquilamento da civilização contemporanea, de cujos escombros talvez resulte melhores designios para a humanidade, se tiver ella estadistas capazes de crearem novos fundamentos para as organizações politicas e sociaes do futuro. Os arabes appareceram pouco mais de um seculo após a queda do Imperio do Occidente e em plena decadencia do Imperio do Oriente; quando as invasões dos barbaros assolavam o Occidente e o Sul da Europa; na ambiencia da terrivel effervescencia das lutas religiosas entre as numerosas seitas christãs que se entredevoravam pela hegemonia das suas doutrinas; no tempo em que tres das cinco metropoles do christianismo disputavam entre si o primado da Igreja; na éra em que não existia á face da Terra nenhuma grande nação que tivesse forças para se oppôr ao seu surto expansionista e dominador.

Não fôra isso, logo após á morte de Mahomet, os arabes, cujos chefes desde o primeiro khalifado se revelaram indisciplinados, interesseiros e egoistas, teriam voltado ao marasmo em que viviam, segregados dentro do seu quadrilatero no extremo Sudoeste da Asia.

Os alidas (antigos schiitas) nunca se desarmaram, mantendo sempre designio de retomarem o poder. Este

foi porém cair nas mãos dos abbassidas (do nome de Abbas, tio do propheta).

No reinado de Merwan II, ultimo dos khalifas omnyadas, rebentou uma seria revolta nos dominios africanos, a qual se propagou á Asia, intensificando o grande odio dos syrios pelos iranianos e irakianos. O khalifa mandou assassinar o iraniano Ibrahim, então chefe da casa abbassida, e reuniu numeroso exercito para suffocar a rebellião. Abul-Abbas, o sanguinario, como foi cognominado, filho de Ibrahim, á frente de outro exercito, deu-lhe ba'alha nas margens do Zab e derrotou-o. O khalifa fugiu, mas foi perseguido e morto (750), iniciando assim Abul-Abbas a dynastia dos abbassidas.

O novo khalifa, feroz e deshumano, nada poupou para abater os seus adversarios. Depois de os amastiar, offereceu-lhes um banquete de paz durante o qual let-os trucidar, apenas salvando-se pela fuga um joven emir omnyada - Abd-er-Rahman. Entre os massacrados estavam noventa e dois enires.

Abul-Abbas deveu a corõa a Abu-Moslim, um dos principaes chefes abbassidas e o que mais tenazmente trabalhou para as revoltas que destronaram os omnyadas. Morto esse khalifa, surgiram como sempre as desavenças e as costumeiras ambições pela posse do poder. Abu-Moslim removeu as difficuldades indicando Abu-Djafar, irmão de Abul-Abbas e cognominado dahi em diante Al-Mançur (o victorioso), para successor.

Fundou este em 760 á margem do Tigre a cidade de Bagdad e para ella transferiu a capital do imperio, grave erro de consequencias desastrosas para a unidade politica da nação, pois que assim deslocava mais ao Oriente a séde do governo, descentralizando-a ainda mais, quando deveria mudal-a visando o centro dos vastos territorios sobre os quaes exercia a sua autoridade. A esse prejuizo accrescia um outro tambem de grande inconveniencia,

como seja o acirramento dos odios que nunca se extinguiram entre arabes, persas e syrios.

Feroz e sanguinario como todos os abbassidas, Abu-Djafar mandou matar seu tio Abdallah e Abu-Moslim, por haver desconfiado de ambos.

Nesse mesmo khalifado, Abd-er-Rahman, que havia escapado do tragico nauquete de Damasco, homisiou-se na Hespanha onde tinha parentes que gozavam de grande influencia. Uma vez alli tomou o titulo de Emir-al-Mu-medin (chefe dos crentes), alliou-se aos kelbitas, adversarios dos kaisitas, partidos que se gladiavam, e moveu guerra ao emir abbassida Iussuf a quem venceu (755), fundando no anno seguinte o governo independente do Occidente ao qual deu Cordova para capital, facto que constituiu o primeiro desmembramento do Grande Imperio Arabe.

Abu-Djafar ainda praticou outro erro que com o tempo mais augmentou a indisciplina, as desordens e as rivalidades existentes, acarretando o enfraquecimento e o desmoronamento progressivos do immenso imperio. Creou corpos miitares formados de mercenarios recrutados no Khorasan e no Turkestan para defesa do khalifado. Esses corpos mais tarde se transformaram em flagellos dos proprios khalifas e do imperio, impondo-lhes a sua vontade discrecionista até o desaparecimento final pelo advento dos turcos.

Quiz Al-Mançur recuperar o dominio da Iberia porem nada obteve. Os governadores da Hespanha apenas reconheceram a supremacia espiritual do khalifa de Bagdad e isto até o advento em 912 de Abd-er-Rahman III no governo do Occidente. No reinado deste foi quebrado esse ultimo elo que ainda o prendia ao Oriente, tendo reivindicado para si e seus descendentes o titulo de khalifa.

A Abu-Djafar succedeu Mahdi que se limitou no seu reinado a embellezar Bagdad, nada tentando para restabelecer a unidade do imperio.

Seguiu-se-lhe Harun-al-Raschid (765-809), que foi o mais illustre dos khalifas abbassidas. Proseguiu elle o embellezamento de Bagdad, cercou a sua côrte de esplendor e pompa, deu festas sumptuosas, protegeu o commercio, a agricultura, a industria, sciencias e artes. Combateu os exercitos de Bysancio, obrigando o Imperio do Oriente a pagar-lhe tributos. Tentou improficuamente reaver a Hespanha.

Neste khalifado o chefe alida Edris estabeleceu-se no extremo occidental da Africa (788) com os seus partidarios, fundando mais tarde a dynastia dos edrissitas que teve Fez para capital, por elles construida.

A grande distancia que separava Bagdad do extremo oeste do imperio tornava precaria e inefficiente sua autoridade nos dominios africanos do Occidente. Para remediar esse inconveniente praticou o khalifa o erro de investir Ibrahim Ben Aglab no governo hereditario da Africa (800), o que deu azo á dynastia dos aglabitas, constituindo isso mais um incentivo para novas ambições e futuros desmembramentos.

A morte de Harun-al-Raschid intensificou ainda mais as perennes rivalidades entre persas e syrios-e-arabes, levando-os a uma guerra civil. Al-Mamun e Emin, seus filhos, lutaram tenazmente pela posse do poder, até que vencido este, subiu aquelle ao throno (813-833), revelando essa guerra intestina a inconsistencia da autoridade dos abbassidas, a falta de cohesão e disciplina que os tornaria mais cedo ou mais tarde impotentes para salvaguardarem o imperio da ruina que se approximava e proseguiria ininterrupta, cada vez mais célere.

Al-Mamun foi o ultimo dos abbassidas illustres. Protegeu e cultivou sciencias e letras. Por sua ordem foram traduzidas para o arabe importantes obras de escriptores gregos; dedicou especial carinho á Mathematica e á Astronomia; teve sempre em alto conceito as producções literarias.

Morreu em 835.

Seus successores Motacein e Motawakel revelaram-se incapazes, considerados geralmente insensatos e loucos. Desfibrados e pusillanimes, subiram ao poder e ficaram attonitos em presença das lutas civis e religiosas e das ambições que se desencadeavam em todo o imperio, sem que soubessem como deveriam conduzir-se em tão criticas emergencias. Desconfiados dos seus subditos, elevaram cada vez mais os effectivos dos mercenarios, que assim attingiram a 70.000 homens, a elles entregando a guarda dos seus palacios e das suas pessoas.

Proseguiram as desordens em todo o vasto imperio os ultimos abbassidas já sem qualquer influencia nos actogovernamentais. Segregados nos seus palacios, ignoravam o que se passava nos seus dominios, administrados e dirigidos pelos vizires e emires á revelia delles, sempre em uma ambiencia de dissensões e lutas intestinas, propicia ao surto das ambições dos chefes de todas as categorias que pouco a pouco vão minando a estabilidade e a unidade da nação.

Trava-se na Africa uma luta entre edrissitas e agébitas pela posse unica do poder na região, até que, já no seculo X, Moezz-Leddin-Allah, que se dizia descendente de Ali e Fatima, filha unica do propheta, e portanto descendente deste, conseguiu formar e chefiar um poderoso partido que sobrepondo-se áquellas dynastias, instituiu juntamente com os remanescentes destas a dos fatimitas fundando o khalifado do Kairo.

Os tres khalifados independentes de Bagdad, Kairo e Cordova, ainda tiveram algum tempo de esplendor e poderio, respeitados e temidos pelos outros povos.

Herdeiros entretanto das permanentes discordias e ambições que colaparam e desfizeram a unidade do imperio, carcomidos pela indisciplina governamental, social e militar, aos poucos se desmantelaram e desmoronaram perante as invasões de povos asiaticos e diante das revol-

fas de príncipes que só se preocupavam dos seus interesses e de satisfazer a vontade de dominar que os devorava. Tudo isso foi pouco a pouco desagregando e espedaçando os tres khalifados em emirados que eternizaram por sua vez as lutas intestinas.

Na Africa os successores de Moezz mantiveram durante alguns annos a integridade dos seus dominios. No seculo XI porem começou a desagregação pela tomada da Cíçilia pelos normandos e pela divisão do noroeste africano entre as seitas mussulmanas dos Almoravides (1060-1146) e dos Almohades que prolongaram o seu reinado até o seculo XIII, ambos tendo tambem governado durante algum tempo parte do sul da Hespanha.

O fundador da primeira dessas seitas foi Abd-al-ben-Yasim, morto em 1069. Teve a cidade de Marrocos para capital e o seu ultimo chefe morreu assassinado em 1146. O fundador da segunda foi Mohamed-al-Mahdi e seu discipulo Abd-el-Mumen o chefe da dynastia. Vencidos os Almohades pelos cyristãos na batalha de Tolosa (1212) foram expulsos da Hespanha. O ultimo dos seus emires tombou assassinado em Marrocos.

Na Asia os mesmos factos se reproduziram em maior escala, enfraquecendo progressivamente a autoridade dos khalifas de Bagdad.

Motacem havia commettido a imprudencia de crear uma guarda turca de 50.000 homes, a qual, invadida pela indisciplina que tudo e todos avassalara, praticou as maiores tropelias em proveito de dynastias ephemeras que satisfizessem os caprichos e ambições dos soldados.

A Syria tinha cahido em poder dos emires turcos a serviço dos fatimitas do Kairo ; aquelles porem cedo comprehendem que deviam libertar-se do jugo africano.

Dahi em diante generalizou-se a rebeldia dos emires contra os khalifas e essa calamidade foi aggravada pelas invasões procedentes do centro e do sul da Asia.

O Khoraçan foi invadido pelos Taheritas, depois pelos Saffaridas e finalmente pelos Samanidas, estes ultimos de origem turca. A Persia foi submettida pelos Buidas que alli fundaram uma ephemera dynastia, logo destruida pelos Ghaznevidas procedentes de Ghazna, no Afghanistan. Venceram estes tambem os Samanidas, mas por sua vez foram derrotados pelos Seldjucidas.

Os Turcomanos formavam nessa epoca diversas tribus nomadas que vagavam pelo valle do Amu-Daria. Seldjuk, um dos seus chefes, pouco a pouco se impôz a essas tribus. Premidos poren pelas hordas turcas vindas da Tartaria, invadiram elles o Khoraçan e dalli expulsaram os Ghaznevidas que se refugiaram no Pendjab. Os Seldjucidas então ás ordens de dois irmãos — Togrul Beg e Yaghri Beg — marcharam até as montanhas da Armenia onde bateram os bisantinos que vieram em auxilio do khalifa Kahim, 26.º abbassida (1051-1075).

Vivia este indeciso entre os sumitas e schiitas, seitas que continuavam a se hostilizar mesmo dentro de Bagdad, quando, já impotente a qualquer resistencia, resolveu entregar a Togrul Beg o poder temporal, conferindo-lhe o titulo de rei do Oriente e do Occidente. O poder espirital que manteve como chefe da religião mussulmana de nada valeu aos khalifas posteriores, cuja autoridade sempre diminuida e cada dia mais menos prezada terminou em 1258 pelo assassinato do ultimo delles por ordem de um principe mongol.

Na Europa, o khalifado de Cordova prosperou no reinado dos primeiros khalifas, culminando no de Abd-er-Rahman III, o mais notavel de todos. Bateu elle o rei christão de Leão e a dynastia latinita de Fez. Protegeu sciencias e letras, intensificou a agricultura e o commercio, dando prosperidade á Hespanha.

Nos reinados seguintes começou e proseguiu sem interrupção o declinio da dominação arabe, solapada pelas discordias e lutas civis.

O duodécimo e último khalifa de Cordova, Hescham III, impotente para combater a revolta nos seus domínios e resistir ao mesmo tempo aos repetidos ataques dos christãos, abdicou em 1051. Desmembrou-se nessa occasião o khalifado nos emirados independentes de Murcia, Badajoz, Granada, Saragoça, Maiorca, Valença, Sevilha, Toledo e Cordova, os quaes se hostilizaram e se tornaram assim por sua vez impotentes para rebater os ataques frequentes dos christãos. Desse modo vão pouco a pouco desapparecendo, enfraquecidos pelas guerras civis, vencidos pelos visigodos de Pelagio e os successores deste, em uma luta de oito seculos, da qual sahio a Hespanha moderna, unificada sob o reinado de Fernando de Aragão, o Catholico, a quem coube apoderar-se do ultimo emirado arabe — O de Granada — em 1492.

Refugiara-se Pelagio nos reconceavos das Asturias após a batalha de Guadalete, como dissemos. Alli reuniu elle todos os christãos que pôde e iniciou a guerra aos sarracenos. Bateu-os na batalha de Covadonga e foi nessa occasião proclamado rei das Asturias, que tinha Gijon como capital, no littoral do golpho de Biscaia, então Mar Cantabrico. Foi esse minuscuro reino que constituiu o nucleo de formação da Hespanha actual, tomando á medida que se engrandecia outros nomes como os de Reino de Oviedo em 760, Reino de Leão em 914, etc.

Da resumida narrativa que fizemos sobre os principaes acontecimentos do Imperio Arabe resultam á evidencia as demonstrações das nossas theses.

Sob o governo de homens eminentes, cultos e desinteressados, disciplinados e disciplinadores, consagrados á propaganda e expansão da sua fé religiosa, intensificadores das fontes de trabalho, producção e commercio, cultores e protectores das sciencias, letras e artes, o povo arabe prosperou, cresceu e foi invencivel. No governo porem de homens mediocres, gozadores ambiciosos e egoistas, a nação arabe tornou-se presa da indisciplina, da desordem

e da anarchia, calamidades estas que a levaram ao desmembramento e á dissociação.

Os perniciosos exemplos dos chefes incapazes cedo se infiltraram nas massas populares e nos exercitos.

As ambições pela posse do poder e a obcecção de predomínio foram males irremediaveis que mantiveram sempre os chefes e dirigentes em constantes desavenças, discordias e guerras civis. Desde a eleição do primeiro khalifa começaram as rivalidades politicas que não mais desapareceram enquanto o imperio existiu. Dessas rivalidades passaram elles ás controversias por questões de doutrina religiosa, as quaes não se appoiavam em nenhum principio novo, tendo sempre por finalidade a posse do poder supremo. Nunca os dividiu o sectarismo baseado em antagonismo de ideias fundamentaes á religião musulmana. As seitas formavam-se em geral em torno de chefes que se disputavam a posse das posições elevadas e não em virtude de crenças que elles mascaravam e interpretavam a seu modo para satisfação das suas ambições.

Estas seitas, ou antes, partidos politicos, se constituíam assim ao redor de homens cujos supremos ideaes eram a realização dos seus interesses sordidos, dos seus egoismos ferozes, falsamente jogando com principios religiosos doutrinarios.

Os khalifas em geral, quer os do Imperio Arabe quer os dos tres khalifados em que este se desmembrou, succediam-se pela violencia e pelo crime. Essa indisciplina dos chefes passou aos numerosos partidos ou seitas e destas aos exercitos, que nellas recrutados, teriam que espelhar esse estado politico-social-religioso. Quando mais não poderam depositar confiança nos seus exercitos nacionaes. indisciplinados e corrompidos, os khalifas, incapazes de restaurarem a ordem e a disciplina em suas fileiras, recorreram aos mercenarios, tropa ainda mais perniciosa porque sem nenhuma orientação moral, sem directrizes firmes e seguras, sem sentimentos elevados que a tornem susce-

ptivel de inspirar dedicação e lealdade. Ao serviço deste ou daquele, do que mais lhe pague e melhor satisfaça a sua cupidez, os mercenários acabam sempre por se tornar os senhores de facto e obedecidos em vez de obedientes.

Na Historia, já o dissemos, só se conhece o exemplo de Annibal Barca, o unico general que conseguia manter sempre bem disciplinados e obedientes os seus exercitos de mercenários. Elle foi porem um super-homem no triplice aspecto da personalidade humana — physico, intellectual e moral.

De origem semítica e intelligentissimos, os arabes assimilaram todos os conhecimentos humanos então adquiridos e muitos foram por elles engrandecidos notavelmente. Pode-se mesmo affirmar sem receio de erro, que o chaos e a anarchia em que o mundo se debateu nos ultimos seculos da Idade Antiga e nos primeiros da Idade Média não destruíram esses conhecimentos, ou pelo menos, não os fizeram esquecer, porque os arabes delles se apossaram e os transmittiram aperfeiçoados e accrescidos ás novas nacionalidades que se formavam. Cultivaram e expandiram a Arithmetica, a Algebra, a Geometria, a Trigonometria, a Astronomia, a Physica, a Chimica, a Pharmacia, a Medicina, a Cirurgia, o Commercio, a Agricultura, a Industria, a Architectura, a Navegação. Nas artes certamente não desenvolveram a Pintura e a Esculptura porque o Alkorão prohibe a representação dos seres humanos.

Nas suas escolas e universidades alem desses conhecimentos ensinavam Grammatica, Rhetorica, Historia, Religião, Direito, Geographia e Cartographia. Estudaram os systemas philosophicos da antiguidade, principalmente as escolas de Platão e Aristoteles.

Muitas das suas cidades e entre ellas Bagdad, Kairo, Cordova, Damasco, Bassorá, Granada, Sevilha, Barcelona, Alexandria, Kairuan, Toledo, eram centros de cultura geral, de agricultura, industria e commercio.

Fundaram muitas bibliothecas, tornando-se bastante conhecidas as de Kairo, Cordova e Chiraz (cidade persa), alem de outras. Entre as universidades ficou celebre a de Kairo.

É tal a influencia da disciplina nos phenomenos politico-sociaes, que esse notabilissimo povo, intelligente, activo, emprehendedor e progressista, depois de formar um grande imperio constituido de ricas regiões, repleto de cidades cheias de esplendor e conforto só excedidos nos tempos actuaes, integrado de todos os conhecimentos humanos do seu tempo e por elle aperfeiçoados e augmentados, esse povo, foi pouco a pouco decahindo e aluindo-se até succumbir aos effectos delaterios da indisciplina que não soube subjugar.

Antes de serem derrotados pelos inimigos externos, os arabes já estavam vencidos por si mesmos nas suas prolongadas lutas civis, decorrentes da indisciplina dos seus dirigentes, transmittida ao povo e ás suas classes armadas.

Assim, o Imperio Arabe suicidou-se pelo veneno corrosivo da indisciplina, irreparavel e lethal se não acudido a tempo, infiltrado no amago do seu organismo que nasceu forte e resistente. Elle não succumbiu ás garras dos seus inimigos impotentes e tão ou mais indisciplinados do que elle proprio e sim corroido pelo virus que paulatina e longamente infeccionou, apodreceu, desaggregou e derriu os seus orgãos vitaes.

OS BOURBONS E A REVOLUÇÃO FRANCEZA

Vimos que a primeira dynastia franceza foi a dos merovingios fundada por Clovis, neto de Meroveu, eleito chefe dos francos salios em 481. Governou ella até 752, quando pela deposição de Childerico III, o ultimo dos merovingios, foi iniciada a segunda dynastia — a dos car-

lovingios — por Pepino o Moço. Teve esta o seu mais eminentemente representante em Carlos Magno, rei da França e imperador do Occidente, cujos domínios quasi iguallaram os do Grande Imperio Romano.

Vimos tambem que morto esse grande rei em 814, succedeu-lhe seu filho Luiz o Pio, que em 817 dividiu o imperio entre os tres filhos que possuia — Lothario, Luiz e Pepino. Pio casou-se segunda vez e nasceu-lhe depois da partilha o quarto filho — Carlos o Calvo — para quem formou elle o reino da Suabia de territorios arrancados áquelles. Morto Pepino e logo depois o Pio (840), quiz Lothario unificar o imperio sob seu sceptro. Vencido porem por seus irmãos, tornou-se definitivo o desmembramento pelo tratado de Verdun (843), cabendo a Luiz (o Germanico) a Allemanha, a Carlos a França e a Lothario a Italia e a Lotharingia.

Já então grande era o poder dos senhores feudaes. Mortos Lothario e seus filhos, Carlos apoderou-se dos seus domínios (855) e recebeu do papa o titulo de imperador. Fraco e incapaz porem, não soube defender o imperio das invasões dos barbaros normandos nem abater os senhores feudaes cada dia mais poderosos e ameaçadores. Morreu em 877. Seus successores Luiz II o Gago (877-879) e Luiz III (879-882), se revelaram ainda mais incapazes e fracos durante os seus curtissimos reinados.

Os senhores feudaes sempre mais poderosos, deram a corôa a Carlos III o Gordo (883), filho de Luiz o Germanico, o qual então reinava na Allemanha, esperançados de que elle reconstituisse o imperio de Carlos Magno. No seu reinado os normandos cercaram Paris durante um anno e meio e em vez de os combater quando á frente de um exercito de 32.000 homens veio da Allemanha, comprou-lhes a paz. Esse facto indignou os senhores que o depuzeram na diéta de Tribur (887), ficando o imperio dividido em muitos reinos: Allemanha, França, Italia, Lorena, Navarra, Borgonha Cisjurana e Borgonha Transjurana.

A corôa da França foi dada nessa occasião a Eudes, conde de Paris, por se haver elle notabilizado na defeza dessa cidade contra os normandos, batendo-os duas vezes. Depois de Eudes que reinou de 877 a 898, occuparam o throno diversos carlovingios cada vez mais ineptos e desastrados até que após Luiz V o Preguiçoso, filho de Lothario II, a corôa foi dada pelos senhores ao duque de França, Hugo Capeto (987), filho de Hugues o Grande. Eudes e Hugo Capeto descendiam de Roberto o Forte, duque de Anjou.

O novo rei que era um dos grandes senhores feudaes inaugurou assim a terceira dynastia franceza, a dos capetos, justamente no apogêo do feudalismo, a qual governou até o seculo XIX, a principio com os capetos directos e depois com os collateraes das casas de Valois, Bourbon e Orléans.

Os capetos directos governaram de 987 a 1328, extinguindo-se após os curtos e successivos reinados dos tres irmãos — Luiz X o Barulhento, Philippe V o Comprido, e Carlos IV o Bello. Nenhum deixou descendencia.

Verdadeiramente não estava extincta a linha directa dos capetingsios. A mãe de Eduardo II da Inglaterra, Isabel, era filha de Philippe IV o Bello (1285-1314). Os francezes porem afim de evitar a vassalagem aos inglezes, appellaram para a lei salica, sophismando-a. Essa lei se referia apenas a bens allodiaes, pondo as mulheres fóra da herança e posse de terras e dominios; não incluia a successão politica. Assim, estenderam elles os termos da lei ao caso politico e deram a corôa a Philippe de Valois, sobrinho de Philippe IV e chefe da casa dos Valois, que governou com o titulo de Philippe VI de 1328 a 1350.

Esta successão serviu de pretexto á Guerra dos Cem Annos, cujas causas mais remotas foram a conquista da Inglaterra em 1066 por Guilherme o Bastardo (1027-1087), duque da Normandia, que tomou o titulo de Guilherme I, e a tomaça de varios dominios que os inglezes tinham na

França, por Philippe II Augusto (1180-1225) que combateu e derrotou João Sem Terra.

Os Valois governaram de 1328 a 1589. Do mesmo modo que os capetos directos, terminaram elles com os reinados successivos de tres irmãos fracos e incapazes que não deixaram descendencia legitima: Francisco II (1559-1560), Carlos IX (1560-1574) e Henrique III (1574-1589), filhos de Henrique II (1547-1559) e Catharina de Medici, habil politica que exerceu grande influencia durante os quatro ultimos Valois.

Na transcorrença dos dois ultimos reinados houve oito guerras religiosas na França entre catholicos e protestantes em um periodo de quarenta annos.

Henrique III não tinha descendencia e por sua morte a corôa caberia a Henrique de Navarra o Bearnez, chefe dos protestantes, seu mais proximo parente. Para evitar essa successão foi creada em 1578 a Santa Liga Catholica formada de todas as ligas catholicas parciaes existentes, sob a presidencia do duque Henrique de Guise, pretendente ao throno.

A ultima dessas guerras foi a denominada Guerra dos Tres Henriques, na qual o exercito catholico de Henrique III e Henrique de Guise foi batido em Coutras (1587) pelo exercito protestante de Henrique de Navarra.

O rei era um despota execrado que levava uma vida dissoluta, sem a menor preocupação pelo bem publico. O chefe da Liga ao contrario era o mais poderoso dos senhores e gozava de grandes sympathias e enorme influencia. O partido catholico muito mais numerozo de que o protestante queria a corôa para o duque de Guise.

Temeroso de perder o throno, Henrique III mandou assassinar o duque traiçociramente por occasião da reunião dos Estados Geraes em Blois (1588). Uma revolta irrompeu em Paris e em outras grandes cidades, chefiada pelo duque de Mayenne, irmão de Henrique de Guise. O rei então alliou-se a Henrique de Navarra e ambos cer-

caram Paris, quando aquelle foi morto pelo punhal do monge Jacques Clément (1589).

A Liga Catholica alliou-se á Hespanha cujo rei Philippe II desejava a corôa de França para sua filha Isabel. Os exercitos alliados dez vezes mais numerosos do que o de Henrique de Navarra foram por este derrotados em Arques (1589) e pouco depois em Ivry (1590).

Henrique de Navarra subiu assim ao throno com o nome de Henrique IV e para firmar o seu governo, vendo que a grande maioria dos seus subditos era de catholicos, abjurou o protestantismo em 1593. Filho de Antonio de Bourbon e Joanna d'Albret, reis da pequenina Navarra e descendentes de Roberto, sexto filho de Luiz IX (São Luiz), iniciou na França o governo da casa de Bourbon.

Nos reinados dos principes dessa casa o absolutismo dos reis que começara com Luiz XI, um Valois-Orléans, se firmou e attingiu o apogêo com Luiz XIV. Foi ainda durante o reinado dos Bourbon que se preparou e realizou a Grande Revolução Franceza, que operou profundas e radicaes transformações politico-sociaes, as quaes deram fim á Idade Moderna da Historia e nascimento á Idade Contemporanea.

O Bearnez foi um grande rei, amado e querido do seu povo. Ao entrar em Paris logo depois de haver abjurado foi recebido debaixo de enthusasticas acclamações populares. Uniu a França até ali sempre dividida; abateu a Liga Catholica e o poderio dos Guise; destruiu as facções partidarias que fomentavam constantemente as guerras civis; promulgou o Edicto de Nantes pelo qual reconheceu a liberdade de consciencia, permitindo aos protestantes o exercicio do seu culto e a admissão aos cargos publicos; concedeu-lhes ainda as praças fortes de Montauban e La Rochelle onde estivessem em segurança, a ultima das quaes mais tarde se tornou celebre pelo cerco que lhe poz o Cardeal Richelieu.

Teve elle a habilidade de escolher um grande homem para ministro — Maximiliano de Béthune, senhor de Rosny — que o auxiliou com raro talento e notavel energia. Em attenção aos inestimaveis serviços que lhe prestou o rei deu-lhe o título de duque de Sully.

Sob este reinado a França prosperou muitissimo ; diminuiu os tributos ; fomentou a agricultura, a industria e o commercio ; construiu estradas e canaes ; fundou a bibliotheca real e embellezou Paris ; augmentou os seus dominios, vencendo em rapida campanha Philippe II da Hespanha; fundou a colonia do Canadá e a cidade de Québec, na America do Norte.

Não obstante as suas grandes qualidades de guerreiro e estadista, não conseguiu destruir inteiramente o fanatismo religioso, tendo perecido victima do punhal do catholico fanatico Francisco de Ravailac, que pagou o seu nefando crime esquartejado pelo povo indignado (14 de Maio de 1610).

Henrique IV é um dos mais notaveis exemplos de disciplina em homens de governo. Ao passo que Henrique de Guise e depois o irmão deste, o duque de Mayenne, tudo fizeram para apoderar-se do throno que lhes não cabia por direito de successão, Henrique de Navarra portou-se sempre lealmente na defeza dos seus direitos. Henrique de Guise incorporou um numeroso exercito, tornou-se o mais poderoso senhor inclusive o proprio rei, procurou abater Henrique III e até eliminá-lo para assombrar-se do throno. Henrique de Navarra nunca attentou contra a vida do seu conhado pois era então casado com Margarida de Valois, irmã do rei.

Ao assumir o poder abraçou o catholicismo porque a maioria da nação era catholica ; respeitou a liberdade de consciencia dos seus subditos ; acabou as prolongadas guerras civis e religiosas de ha quarenta annos ; dedicou-se ao bem estar do povo e ao progresso da patria que muito lucraram com o seu notavel governo.

Foi assim um eminente homem de Estado, disciplinado e disciplinador, sem odios e sem rancores, bravo, generoso e cavalheiresco. Conhecem-se dezeseite conspirações para eliminá-lo e sempre procurou que os seus inimigos se arrependessem e confessassem as culpas, só os sentenciando quando se mostravam irreductiveis e altaneiros diante da sua longanimidade.

Sucedeu-lhe seu filho Luiz XIII, contando apenas nove annos de idade, tendo tido como regente durante a menoridade sua mãe Maria de Medicis, com quem casara Henrique IV logo após haver obtido annullação do seu primeiro matrimonio.

A regente teve a infelicidade de substituir Sully pelo vallido Concino Concini, ambicioso e rapace, que soubera insinuar-se no seu animo por influencia da esposa — Leonora Galigai — irmã de leite de Maria de Medicis. Enri-quecido no cargo de ministro, Concini comprou o Marquezado de Ancre e fez-se marechal de França. Apesar de haver chamado á côrte os nobres que della viviam afastados era por elles odiado.

Declarada a maioridade do rei (1614), continuou elle no governo, exercendo sobre o fraco espirito de Luiz XIII enorme influencia, até que foi assassinado pela multidão em revolta urdida pelos seus inimigos, tendo sido o seu cadaver arrastado e mutilado na rua e sua mulher decapitada como feiticeira (1617).

Julga-se que a ascendencia do ministro causava já, pessoalmente, serios aborrecimentos ao rei, augmentados pelas intrigas palacianas que não cessavam, o que levou este a permittir e mesmo a mandar eliminá-lo.

Foi então elevada a ministro o duque De Luynes, falcão do rei e um dos chefes da conspiração, o qual nada fez de notavel, tendo conseguido o exilio da rainha Anna d'Austria, infanta da Hespanha, com quem Luiz XIII havia casado em 1615.

Em 1624 foi nomeado ministro o Cardeal de Richelieu (Armand Jean Duplessis,) que se revelou eminente homem de Estado. Governou dezoito annos e foi esse o periodo aureo do reinado de Luiz XIII. Abateu o poder da nobreza e fortaleceu o absolutismo real; venceu os protestantes, arrancando-lhes as praças fortes que Henrique IV lhes havia dado, pondo fim ás lutas de religião com a tomada de La Rochelle e arrasamento das suas fortificações em 1628; combateu a Austria, elevando a França e tornando-se o arbitro da politica européa.

Vencidos os protestantes no terceiro periodo da guerra politico-religiosa dos Trinta Annos, a França entrou nessa guerra (4.º e ultimo periodo), alliando-se á Suecia, Hollanda, Suissa e ducado de Saboia, da qual sahio vencedora graças ao eminente general o Grande Condé, principe collateral da casa Bourbon, que ganhou as batalhas de Rocroi (1643), Friburgo (1644), Nordlingen (1645) e Lens (1648).

O tratado de Westphalia (1648) que regulou e estabeleceu as consequencias immediatas dessa guerra já no reinado de Luiz XIV e sob a direcção do ministro Cardeal Mazarino, creou o celebre principio do equilibrio europeu, politica que até esta data se procura firmar ampliada aos demais continentes. Equilibrio instavel hontem, hoje e amanhã, porque cada uma das grandes potencias não perde occasião que se lhe offereça para sobrepujar as outras, ora se armando cada vez mais poderosamente, ora entrando em allianças ou entendimentos cordiaes que lhe dêem a sempre ambicionada hegemonia politico-militar.

O equilibrio estavel, unico capaz de levar as nações a uma paz duradoura e leal, só será possivel pelo unanime estabelecimento das bases apontadas no Capitulo I deste livro. Isso equivale a dizer que só em um futuro bem distante e depois de novas guerras se poderá alcançar esse equilibrio, tal a situação chaotica actual do mundo.

E este tem que passar por profundas transformações em gerações successivas que melhor se eduquem, se instruam, se comprehendam e se auxiliem com perfeito conhecimento de causas e effectos, indefectivelmente, para que se possa chegar a tão nobre objectivo.

Luiz XIII morreu em 1643 e Richelieu em 1642. Ao primeiro succedeu seu neto Luiz XIV que tinha apenas cinco annos de idade. Anna d'Austria foi regente durante a sua menoridade. O segundo indicou o Cardeal Julio Mazarino para ministro e foi quem o substituiu, tendo elle dahi em diante dominado inteiramente a rainha mãe e governado discrecionariamente até morrer (1661).

Se o grande Richelieu já não tivesse feito jús pelo seu notavel governo ao titulo de estadista, bastaria a sua resolução de levar a França a tomar parte na Guerra dos Trinta Annos para consagra-lo como tal. A Europa achava-se dividida e os seus principaes paizes enfraquecidos por essa guerra que começára em 1618. Era portanto a occasião de arrancar á Austria a hegemonia politico-militar, embora em alliança com as nações protestantes. E se as primeiras operações não lhe foram favoraveis, atacada como foi em todas as suas fronteiras, a França não demorou a impôr a sua vontade, levadas a bom termo as operações subseqüentes pelo eminente general principe de Condé.

Mazarino foi habilissimo nas conclusões do tratado de Westphalia (*Codigo das Nações Modernas*, como foi chamado). A França sahia engrandecida e durante um seculo manteve a hegemonia politico-militar no continente.

O novo ministro proseguiu sem desfallecimentos a politica do seu antecessor de fortalecimento do poder real absoluto e da preponderancia da França no concerto europeu.

Não foi porem feliz na administração, tendo soffrido grande opposição os decretos que promulgou para melho-

rar as finanças. O parlamento de Paris cujas funções se limitavam ás inherentes a um tribunal superior de justiça e ao registro dos edictos reaes, tenazmente se oppoz ao cumprimento desta ultima prescripção relativamente áquelles decretos. Proveio dahi uma guerra civil que durou cinco annos (1648-1653), dividida em dois periodos conhecidos por Velha Fronda ou Fronda Parlamentar e Nova Fronda ou Fronda dos Príncipes.

Historiadores ha que filiam a revolução franceza de 1789 ás lutas das Frondas, principalmente da primeira, indo buscar os pródromos do grande drama nessas guerras civis. Consideramol-as porem como as ultimas tentativas de vulto por parte da nobreza para readquirir a sua perda de preponderancia e os seus velhos privilegios em declinio.

E assim parece ter sido realmente.

O absolutismo dos reis iniciado por Luiz XI em detrimento dos senhores feudaes accentuou-se com Henrique IV e desde então creceu sempre nos governos de Richelieu e Mazarino.

Quando este foi nomeado primeiro ministro (1642) estava a França envolvida na Guerra dos Trinta Annos desde 1635. Dedicado quasi exclusivamente ás operações militares até então desfavoraveis aos francezes, o grande homem viu-se impossibilitado de adoptar medidas sobre o aproveitamento dos recursos do paiz para melhorar a situação financeira que se tornava dia a dia mais precaria. Proseguiu elle como dissemos a politica de Richelieu favoravel ao absolutismo em prejuizo da nobreza. Ambicioso e avarento, começara a accumular enormes haveres em proveito proprio. O povo, eterno espoliado pelo fisco a serviço da ambição dos dirigentes, estava exaustão. De tudo isso resultou a antipathia que o cercava accrescida pela circumstancia de ser elle estrangeiro.

O parlamento de Paris não era uma assembléa do povo cujos membros tivessem sido eleitos por qualquer

systema de suffragio. Os que alli tinham assento adquiriam da corôa por compra os respectivos lugares. Era como já dissemos um tribunal superior de justiça, tendo a mais a missão unica de registrar os edictos reais e isto sem duvida simplesmente como base para os seus julgamentos nas questões que lhes fossem impostas. Faltava-lhe pois autoridade para insurgir-se contra a decretação de impostos tornando-se arbitraria toda a resolução que a isso oppuzesse. Desde 1643 vinha elle entretanto resistindo á creação de novas taxas. Viu-se o Cardeal em 1648 na contingencia de suspender por quatro annos os vencimentos de varias côrtes de justiça, tendo por prudencia exceptuado o parlamento de Paris. Este porém não se conteve e reuniu todos os magistrados prejudicados para discutir a reforma do reino de onde resultou o Arresto de União.

Esta especie de codigo tinha apenas vinte e sete artigos entre os quaes possuia dispositivos mais tarde adoptados pela revolução franceza. Entre aquelles existiam os seguintes: Nenhum edicto teria execução sem ser discutido e registrado pelo parlamento; os processos de funcionarios prevaricadores passava á alçada deste; ninguém poderia ser preso sem culpa formada por mais de vinte e quatro horas.

Mazarino oppoz resistencia ao parlamento, mandando prender tres dos membros mais influentes. Instigado pela nobreza e pelo arcebispo coadjutor Paulo de Gondi, mais tarde Cardeal de Retz, o parlamento alluçiou tropas, conseguindo levantar 100.000 homens que barricaram muitas ruas de Paris. O tribunal incorporado foi ao palacio exigir a soltura dos presos e a rainha regente viu-se obrigada a ceder e irritada recolheu-se a Saint-Germain com o rei e Mazarino.

Foi a primeira Fronde.

Não foi ella um movimento popular de caracter democratico com o qual o povo quizesse reivindicar direi-

tos postergados. Os membros do parlamento não eram seus representantes e sim funcionarios nomeados pelo governo que lhes vendia os cargos. Não foi também represalia por diminuição de autoridade, visto como o parlamento tinha funções restrictas que não podiam ser ampliadas a seu talante. Só o governo real poderia elevá-las se o julgasse necessario. O parlamento attribuiu-se indevidamente, illegalmente, uma autoridade que não tinha, qual a de querer legislar.

A Fronda Parlamentar resultou de um jogo de ambições em que o parlamento agiu influenciado pela nobreza que aproveitou o ensejo que se lhe deparou favoravel para tentar readquirir a antiga preponderancia politica e pelo arcebispo coadjutor de Paris que desejava derrubar Mazarino para occupar o cargo de ministro. A nobreza foi mais lunge e quiz imitar a Santa Liga Catholica dos Guise, chamando os hespanhoes que, alliados aos allemães, se achavam na occasião em guerra contra a França e os alliados desta. Verdade é que o parlamento mascarou a sua altitude, fazendo crêr que o seu objectivo era poupar mais sacrificios ao povo, o que lhe valeu poder alliciar numerosos combatentes.

Assignada a paz de Westphalia (1648), ficou disponivel o exercito sob as ordens do Grande Condé, que poz termo á luta civil, collocando-se ao lado do governo. Subscripta em seguida por Mazarino e Matheus Molé, presidente do parlamento, a Convenção de Rueil, a côrte regressou a Paris. (1649).

A segunda Fronda ou Fronda dos Príncipes foi um movimento exclusivamente da nobreza embora o parlamento pouco depois se lhe alliasse.

Mazarino não gozava de popularidade alguma pela sua sovinice e por ser italiano. Era odiado pelos nobres aos quaes tratava sem a cortezia a que se julgavam merecedores. O rei era uma criança e Anna d'Avstria obedecia cegamente a Mazarino que vivia em sua intimidade. A

ocasião era a mais favorável possível á nobreza para satisfazer as suas ambições e impor-se á realleza.

Condé cobrira-se de gloria na Guerra dos Trinta Anos pelas importantes victorias que tivera e acabava de bater a primeira Fronda, vencendo os amotinados. Julgou-se indispensavel e não houve exigencias que não fizesse em seu beneficio e dos seus amigos. Tantas foram e tão arrogantes que Anna d'Austria mandou prendel-o. Os seus partidarios pegaram em armas e revoltaram-se. Paulo de Gondi a quem Mazarino promettera o cardinalato e não cumprira a promessa, por sua vez levantou o parlamento de Paris. Assim começou a segunda Fronda.

Em face da nova guerra civil, Mazarino cedeu até que a situação se lhe tornasse favorável. Mandou soltar Condé e submetteu-se ao exílio que lhe fôra imposto em Colonia, de onde continuou a dirigir os negocios publicos por intermedio da rainha mãe.

Foi mais longe o principe de Condé. Alliou-se aos hespanhóes que não haviam assignado a paz de Westphalia. Em vista da gravidade da situação Mazarino voltou á França e reassumiu o governo, nomeando Turenne commandante do exercito real. Travou-se uma batalha nos arredores da capital, ganhando-a Condé, que, triumphante entrou na cidade. O povo porem manteve-se ao lado do poder real, mostrando-se hostil a Condé que se tornara odioso pela sua arrogancia e ambição. O parlamento por sua vez em vista da attitudo do povo passou-se para a realleza e pediu o regresso de Mazarino a Paris onde elle entrou sob aclamações. Paulo de Gondi foi preso, Condé sentenciado á pena de morte e depois perdoado e o principe Gastão de Orléans, seu alliado, exilado para Blois.

Assim terminou a Fronda dos Principes (1653).

Como a do parlamento esta foi um movimento de caracter aristocratico e exclusivamente aristocratico. Não foram tentativas democraticas encabeçadas pelo povo

para reivindicação dos seus direitos ainda bem longe de serem comprehendidos pelas massas incultas de então. E se Condé bateu a Fronda Parliamenter foi para satisfazer suas ambições egoísticas como demonstrou logo após, querendo impôr sua vontade á realza e tornar-se o arbitro da situação. E se no primeiro movimento o povo acompanhou o parlamento faccioso que o não representava foi porque este apparentou defender os direitos daquelle e pelo odio que votava a Mazarino. No segundo movimento o povo não só ficou ao lado da realza como obrigou o parlamento a prestigial-a.

Não ha pois como descobrir os germens da revolução de 1789 nas Frondas.

Encontram-se elles entretanto no reinado de Luiz XIV como veremos.

Attingiu este a maioria ao termo da Nova Fronda e illustrou logo o seu reinado por dois actos notaveis — a reconducção de Mazarino como primeiro ministro e a prohibição formal de immiscuir-se o parlamento nas questões politicas. Ambos esses actos revelavam a sequencia da politica da hegemonia franceza, do fortalecimento da realza absoluta, do combate á nobreza para manter integral a unidade da França.

A Hespanha, alliada á Allemanha contra a colligação encabeçada pela França no ultimo periodo da Guerra dos Trinta Annos, não assignara a paz de Westphalia, como dissemos. Vendo os francezes a braços com as Frondas, apoderou-se ella de Dunkerque, expulsou-os do Piemonte e da Catalunha e os seus exercitos avançaram até a Picardia e a Champagne. Condé por despeito estava ao serviço da Hespanha. Mazarino obteve então a alliança de Cromwell, o dictador inglez, e deu o commando do exercito a Turenne, que derrotou os hespanhóes na batalha das Dunas a qual poz fim á guerra contra a Hespanha.

Pelo tratado dos Pyreneus (1659) que a regulou a Inglaterra obteve Dunkerque, a França o Artois, algumas

idades da Flandres, do Roussilon e parte do Luxemburgo. Nesse tratado ficou ajustado o casamento de Luiz XIV com a princeza hespanhola Maria Thereza, filha do primeiro matrimonio de Philippe IV.

Mazarino morreu em 1661. Luiz XIV tomou a direcção pessoal dos negocios publicos, não mais os confiando até morrer a primeiros ministros. Nomeou João Baptista Colbert ministro das Finanças e Francisco Miguel le Tellier, depois marquez de Louvois, ministro da guerra. Estes dois grandes homens o auxiliaram efficazmente no seu glorioso reinado. O primeiro incentivou todas as fontes de producção e poz ordem nas finanças, mediante um formidavel trabalho intelligente e methodico, gerindo habilmente diversas pastas — Interior, Fazenda, Agricultura, Commercio, Justiça e Marinha. O segundo remodelou o exercito, introduzindo-lhe importantes melhoramentos que lhe deram grande efficiencia; aproveitou o talento do notavel engenheiro Marechal Marquez de Vauban para cercar as fronteiras francezas de grandes obras de fortificação as quaes naquelles tempos eram inexpugnaveis.

Luiz XIV elevou ao maximo o poder real absoluto. Era um trabalhador infatigavel que tudo dispunha e tudo fiscalizava, dedicado ao progresso da França e ao bem publico. Diversas phrases suas caracterizam a sua personalidade, confirmadas plenamente na pratica através dos seus actos. Disse aos seus secretarios ao assumir o governo pessoal: "De ora em diante serei o meu primeiro ministro. Haveis de ajudar-me com os vossos conselhos quando vol-os pedir". Seguidamente exclamava: "Fiz o melhor que pude". O seu juizo a respeito dos chefes de Estado era este: "Os reis existem apenas para o bem publico". As suas responsabilidades foram por elle assim expressas: "Cabe-me tomar em maior consideração o bem estar dos meus subditos do que o meu proprio pois o poder que ma

foi dado sobre elles só deve redundar em trabalho mais efficiente em pról da sua felicidade”.

Com taes predisposições de espirito, dotado de natural magestade, animado de grande força de vontade e sendo um profundo psychologo, Luiz XIV poderia bem ter dito: “O Estado sou eu”.

No combate que deu á nobreza soube cercar-se de homens eminentes que muito o auxiliaram e que por sua vez tiveram oportunidade de illustrar-se.

A nação estava dividida em tres classes sociaes — Nobreza, Cléro e Terceiro Estado — este comprehendendo a burguezia e o povo.

Luiz XIV escolhia sempre seus ministros entre os homens mais capazes, em geral no Terceiro Estado. Todos os cargos de administração eram dados a membros desta classe. Cada provincia tinha um governador da nobreza cuja autoridade era mais nominal que real, cabendo-lhe apenas as honras do cargo. A administração de cada uma dellas era effectivamente exercida por um intendente, sempre escolhido no Terceiro Estado, o qual enfeixava os poderes inherentes ás altas autoridades civis e militares na provincia.

O rei apoiava-se assim na burguezia e no povo com desprestigio da nobreza trefega e turbulenta que tanto embaraçara o reinado em sua menoridade. O Terceiro Estado viu assim crescer dia a dia o seu prestigio, dando-lhe este a consciencia do seu poder nascente e da influencia preponderante que dali em diante teria que exercer nos destinos do paiz. Não mais lhe seria possível recuar quando porventura o poder real quizesse tirar-lhe a importancia adquirida. Ou os reis governariam com elle para o bem delle ou o teriam pela frente prompto a reivindicar direitos que não mais allienaria.

Ahi estão os pródromos da revolução de 1789, que o povo deflagraria quando estivesse cansado e descrente dos maus governos. Ella teria sido adiada se Luiz XV

e Luiz XVI tivessem a nobreza pessoal e a envergadura de estadista de Henrique IV ou de Luiz XIV.

Prosigamos a narrativa dos principaes acontecimentos do reinado do rei Sol. Foram elles que prepararam os factos de 1789, os quaes se tornaram inevitaveis pela mediocridade dos seus successores, incapazes da missão difficil e perigosa de governo absoluto, em uma época em que o povo começava a ter consciencia do seu valôr e dos seus direitos.

Para comprehensão da politica franceza de Richelieu, Mazarino e Luiz XIV, tornam-se necessarios alguns esclarecimentos que evitem erroneas conclusões dos actos praticados por esses eminentes estadistas.

No seculo XIII os imperadores da Allemanha eram eleitos pelos grandes senhores feudaes. O ultimo representante da casa dos Hohenstaufen foi Frederico II, fallecido em 1250. Seguiu-se um periodo de vinte e tres annos de plena anarchia denominado "Grande Interregno", durante o qual muitos foram os pretendentes á corôa imperial. Formaram-se então algumas ligas defensivas entre as quaes se tornou notavel a Liga Hanseatica ou Hansa Teutonica. Foi a época do apogêo do feudalismo na Allemanha.

Afirm de pôr um termo a essa agitada situação de indisciplina social e de desordem governamental, o papa Gregorio X patrocinou a causa de Rodolpho, conde de Habsburgo, eleito imperador em 1273. Foi este o fundador da casa d'Austria e da dynastia dos Habsburgos que governou até o fim da Grande Guerra. Entretanto a autoridade dos principes dessa casa só se firmou definitivamente com o advento de Maximiliano I (1493-1519), archiduque da Austria, quando este se tornou senhor de vastos dominios territoriaes. Desposou elle a princeza Maria de Borgonha que lhe levou os Paizes Baixos; casou seu filho Philippe o Bello com Joanna a Doiça, filha de Fernando de Aragão e de Isabel de Castilla, os reis catholicos, resul-

tando deste matrimonio a reunião da Hespanha com os seus vastos dominios na Italia (Napoles e Sicilia) e na America á corôa da Austria, pelo advento de Carlos V ao throno em 1519, visto Philippe o Bello, seu pae, haver precedido Maximiliano I no tumulo.

Francisco I da França disputou a dignidade imperial a Carlos, que teve a preferencia dos eleitores.

Datam dahi as rivalidades entre as casas da Austria e da França, vendo-se esta cercada de inimigos ao Norte, a Léste e ao Sul, ameaçada portanto em todas as suas fronteiras pela poderosa rival que sonhava com o Imperio Universal. Seguiram-se longos annos de guerra entre as duas casas, procurando a França alargar os seus dominios para contrabalançar o poderio da sua adversaria, tendo em vista principalmente separar a Allemanha da Hespanha. Era-lhe imprescindivel essa politica de defeza a todo transe e para isso necessitava ella de um governo forte e persistente. Dahi o imperioso designio de abater os senhores feudaes e toda a nobreza pelo surto de um vigoroso governo absoluto.

Estiveram á altura do momento historico os tres grandes homens que successivamente governaram a França — Richelieu, Mazarino e Luiz XIV.

Ao tempo deste a situação das fronteiras não soffrera modificações apreciaveis, permanecendo o legendario paiz cercado de inimigos pelos tres quadrantes alludidos, Impunha-se pois o proseguimento da politica iniciada pelo Cardeal Richelieu.

Passemos em revista os mais notaveis factos do governo pessoal do rei Sol, os quaes levam a conclusões que demonstram a continuação dos preparativos da Grande Revolução.

Philippe IV da Hespanha morreu em 1666. Maria Thereza, esposa de Luiz XIV, era filha do primeiro casamento desse rei. Pelo direito de devolução em pleno vigor nos Paizes Baixos, os filhos do primeiro matrimonio ex-

cluíam da successão os do segundo. Luiz XIV reclamou para sua mulher os Paizes Baixos Hespanhóes. A Hespanha não acquiesceu e Luiz XIV declarou-lhe guerra, mandando invadir a Flandres, onde o seu exercito de 50.000 homens tomou em um anno varias praças fortes, entre ellas Lille e Charleroi.

Hollanda, Inglaterra e Suecia, temerosas do avanço dos francezes, colligaram-se e propuzeram a paz que foi firmada pelo tratado de Aix-la-Chapelle (1668) e pelo qual foram annexadas á França doze praças fortes da Flandres.

Após um periodo de cerca de quatro annos de paz, nova guerra foi desflagrada pela França — a da Hollanda (1672-78).

Este paiz havia abandonado aquelle no final da Guerra dos Trinta Annos, assignando com a Hespanha a paz em separado. Na guerra da Flandres fôra elle que encabeçara a alliança que propoz a paz de Aix-la-Chapelle. Luiz XIV, resentido por essas attitudes da Hollanda, por habéis meios diplomaticos isolou-a das demais nações e declarou-lhe guerra. A frente de um exercito de 120.000 homens sob as ordens dos eminentes Generaes Turenne e Condé, Luiz XIV invadiu a Hollanda e chegou ás proximidades de Amsterdam.

Governava os batavos João de With com o titulo de Grande Pensionario, o qual tentou entrar em accôrdo com os francezes, talvez porque apenas dispuzesse de 25.000 homens mal instruidos. Irrompeu uma revolução, With foi morto e o principe de Orange, Guilherme de Nassau, foi proclamado Stathouder. Mandou este immediatamente abrir as comportas dos diques de Muyden e inundou o paiz, obrigando os francezes a uma retirada apressada.

Inimigo irreconciliavel da França, Guilherme de Nassau chamou a attenção das outras nações para a desmedida ambição de Luiz XIV e para o perigo que todas corriam com o formidavel poder que elle então já possuía. Obteve

assim a alliança da Dinamarca, da Austria, da Hespanha, e varios Estados allemães. A Suecia uniu-se á França e a Inglaterra ficou neutra. A guerra tornou-se quasi geral.

A victoria coube á França. Turenne ganhou diversas batalhas na região rhenana na ultima das quaes, Salzbach, perdeu a vida (1675); Condé foi vencedor em varias outras na Flandres; o almirante Duquesne bateu o celebre almirante hollandez Miguel de Ruyter, tres vezes successivas no Mediterraneo, na ultima das quaes pereceu o marinheiro batavo.

Luiz XIV impoz aos vencidos a paz de Nymégue (1678) pela qual obteve o Franco Condado e mais doze praças fortes dos Paizes Baixos. Em seguida o povo de Paris deu-lhe o titulo de Luiz o Grande, tendo sido essa a epoca do seu maximo poder. Estava quasi a realizar a aspiração que Richelieu assignalara: Integrar a França no que fóra a Gallia.

Maria Thereza e Colbert falleceram em 1683. O grande ministro fóra sempre um protector dos protestantes contra a intolerancia do rei que era catholico fervoroso. A 17 de Outubro de 1685 revogou este o Edicto de Nantes, determinando ainda a demolição de todos os templos reformistas, a expulsão dos sacerdotes calvinistas e o baptismo dos filhos das familias protestantes, os quaes deviam ser educados no culto catholico. Embora houvesse promulgado leis severas prohibitivas da sahida delles de França, cerca de 50.000 dessas familias sommando mais ou menos 250.000 pessoas conseguiram emigrar, as quaes geralmente dedicadas ao trabalho ordeiro e pacifico foram levar á Inglaterra, á Allemanha, á Hollanda e outras regiões, preciosos conhecimentos que haviam adquirido, principalmente nas industrias. Antes da revogação d'aquelle Edicto os calvinistas já haviam soffrido as mais atrozes perseguições, taes como a prohibição de exercerem profissões liberaes, o enterro dos seus mortos só se effe-

ctuavam á noite, as escolas protestantes não podiam ministrar ensino religioso, etc.

O Marechal Vauban, insuspeito porque era catholico, assim se pronunciou sobre o caso: "A Revogação provocou a deserção de cem mil francezes, a ruina do commercio, o reforço das esquadras inimigas por nove mil marinheiros dos meliores, o dos exercitos por seiscentos officiaes e doze mil soldados mais instruidos do que os delles".

Essas perseguições attingiram principalmente a burguezia e os prejudicados tornaram-se inimigos do seu proprio paiz.

Luiz XIV deixou-se dominar pelo cléro catholico, sobretudo pelos jesuitas, que augmentaram no final do seu reinado as controversias e perseguições. As lutas entre elles e os jansenistas são um exemplo disso. O grande rei desviou-se lamentavelmente da sabia politica interna dos seus illustres predecessores.

Henrique IV, bom e magnanimo, tendo ampla visão de estadista, bem comprehendeu a necessidade da união sagrada dos francezes para que della resultasse a grandeza da França. Abraçou o catholicismo mas fez respeitar os sentimentos dos calvinistas, dando-lhes garantias effectivas. Foi assim um verdadeiro Chefe de Estado, imparcial, e justo, rei de todos os francezes e não de uma parte delles embora muito respeitavel e a mais numerosa, apesar do erro que praticou concedendo praças fortes aos protestantes.

Richelieu, o Grande Cardeal, sabiamente arrebatou a estes as praças fortes, combatendo-os politicamente para que não existisse um Estado dentro do Estado a dividir ainda a nação que precisava ser una para ser forte. Respeitou-lhes entretanto os sentimentos religiosos, mantendo-lhes o pleno exercicio do culto que professavam.

Mazarino, o outro Grande Cardeal, proseguiu a politica interna do seu antecessor, conservando a liberdade

de culto para que a união sagrada dos francezes continuasse a favorecer como até ali a politica externa.

Colbert, genio pratico e polymorpho, enquanto viveu e sempre que pôde conteve até certo ponto as investidas do rei em desfavor dos protestantes, apreciando-lhes a collaboração no progresso do paiz.

Luiz XIV, sem duvida alguma um dos chefes de Estado mais ciosos da sua autoridade, devia ter sempre presente uma das estipulações do tratado de Westphalia, a que reconhecia aos soberanos o direito de imporem a sua fé religiosa aos seus subditos. Instigado alem disso pelo clero, foi aos poucos cercando a liberdade religiosa dos protestantes a principio, depois perseguindo-os e obrigando-os a abraçarem o culto catholico pela revogação do Edicto de Nantes e pelo decreto de expulsão dos seus sacerdotes e baptismo dos seus filhos, levando-os todos assim ao desespero e muitos ao abandono da terra natal, dividindo os seus concidadãos pelo odio e enfraquecendo a uoidade nacional! tão necessaria á manutenção da hegemonia politico-militar do paiz, sempre cercado de inimigos que procuravam nas colligações frequentes abater o innegavel poderio a que attingira.

O que se deu com Luiz XIV, em geral acontece aos governos absolutos e discrecionarios. Attingido o auge do poder tornam-se os seus detentores arrogantes e impulsivos, julgando-se a si mesmos necessarios, imprescindiveis e insubstituiveis. Não admittem desde então quaesquer restricções á sua vontade suprema que deve ser obdecida sem discussão. Esse facto entretanto é prenuncio de decadencia que se vae accentuando sempre até que novo dirigente reconduza o paiz ao estado anterior de prosperidade ou o despenhe na revolução.

O rei teve ainda a instigal-o o Marquez de Louvois, que o levou a fomentar guerras sobre guerras.

Vejamos os ultimos factos notaveis do seu reinado.

Jacques II succedera a seu irmão Carlos II em 1685 no throno da Inglaterra. A principio fez um bom governo, porem dentro em pouco se tornou odiado do seu povo, por haver decretado impostos sem autorização do parlamento, por ter praticado ostensivamente o catholicismo no paiz protestante e haver pedido a Luiz XIV um subsidio pecuniario. Guilherme de Nassau, então stathouder da Hollanda como vimos, cunhado de Jacques, aproveitou a situação para tramar a deposição do rei e substituiu-o no throno. Irrompeu a revolução em 1688 e as camaras dos lords e dos commons depois de redigirem a Declaração dos Direitos onde ficaram expressas as prerogativas liberaes do povo inglez, deram a corôa a Guilherme. Este accitou aquella declaração e subiu ao throno com o titulo de Guilherme III.

Jacques II assim deposto recolheu-se á côrte de França onde foi recebido por Luiz XIV com as honras de soberano. Não satisfeito ainda, quiz Luiz ir mais longe e começou a preparar-se para repor Jacques no throno.

Já em 1686 a Austria, Hollanda, Hespanha, Saboia, Succia e alguns Estados allemães, haviam firmado a Liga de Augsburgo para equilibrar o poder da França. Os acontecimentos da Inglaterra acima narrados e os preparativos em favor de Jacques II levaram essa nação a entrar na liga, tornando-a mais poderosa.

Luiz XIV não vacillou e atirou-se á guerra em numerosos theatros de operações: Irlanda, Rheno, Italia, Hespanha, Paizes Baixos. A esquadra franceza de inicio desbaratou uma esquadra ingleza na Bahia de Bantrey, permitindo o desembarque de um corpo de exercito na Irlanda. A derrota de Jacques II porem nas margens do Boyne, obrigou os francezes a abandonarem essa ilha. A esquadra franceza do almirante Conde de Tourville a principio victoriosa na Inglaterra, foi obrigada a retirar-se pelo desastre de La Hougue (1692). Esse mesmo almirante e os corsarios Duguay-

Trouin e Jean Bart perseguiram tenazmente os navios ingleses e holandeses, prejudicando o commercio marítimo dos seus inimigos. No Reno os francezes se mantiveram na defensiva e do mesmo modo no Palatinado onde foram praticados os maiores horrores que acirraram fortemente os odios entre os combatentes. Nos Paizes Baixos o Marechal de Luxemburgo derrotou os alliados em Fleurus (1690), em Steinkerque (1692) e Neerwinden (1693). Na Italia o illustre general Catinat submetteu grande parte do Piemonte (1693).

Arrastou-se essa guerra dahi em diante em represalias e hostilidades de parte a parte até que já cansados e exhaustos os contendores firmaram a paz de Ryswick (1697), pela qual a França restituia algumas das conquistas feitas e reconheceu Guilherme de Nassau como rei da Inglaterra, factos que revelam sem duvida o declinio do imenso poder de Luiz XIV.

Pequeno foi o periodo de paz não obstante a pessima situação economica e financeira dos paizes europeus. Nova guerra irrompeu e que em pouco tempo se tornou geral — a Guerra da Successão da Hespanha (1701-1714).

Carlos II da Hespanha, filho de Philippe IV, morreu em 1700 sem descendencia directa. Antes mesmo da sua morte começaram as intrigas para a successão. Luiz XIV, cunhado do rei, queria a corôa para o duque Philippe de Anjou, seu netto; Leopoldo I da Austria, tambem cunhado de Carlos II, disputava-a para seu filho o archiduque Carlos; o eleitor da Baviera, para seu filho Carlos, neto de Leopoldo I.

Luiz XIV que era sem duvida o mais poderoso dos monarchas europeus, percebendo que a successão de Carlos II para seu neto acarretaria geral opposição das potencias e o levaria a uma guerra na qual ficaria isolado, propoz accôrdo á Inglaterra e á Hollanda no sentido de ser reconhecido como herdeiro o archi-

duque Carlos, sob a condição de que o quinhão que lhe coubesse pela morte do rei da Hespanha, isto é, Nápoles, Sicília e Milanez, fosse trocado pela Saboia e a Lorena, procurando assim satisfazer a sua política de integração da França nos seus limites naturais.

Inglaterra e Hollanda aceitaram a proposta. Leopoldo I porem se oppoz porque almejava para seu filho a herança total da Hespanha.

Nova proposta de Luiz XIV que importava no desmembramento da Hespanha indignou os hespanhóes. Carlos II então designou para seu successor o filho do elector da Baviera.

A morte prematura do principe Carlos renovou as intrigas entre Leopoldo I e Luiz XIV. Este fez nova proposta áquelle, a qual foi ainda recusada, pois Leopoldo ambicionava a herança total. Nessa conjunctura o papa e o Conselho de Castella decidiram intervir junto a Carlos II em favôr do duque de Anjou. Assim foi este declarado herdeiro da corôa e subiu ao throno com o nome de Philippe V.

Leopoldo I vendo prejudicado o direito de seu filho, protestou. Em seguida chamou a attenção das potencias para o perigo que ameaçava o equilibrio europeu a posse das côroas da França e Hespanha pela familia Bourbon, concitando-as a renovar a Grande Liga de Haya (guerra da Hollanda). Guilherme III cujo odio pela França nunca arrefeceu foi a alma da nova colligação na qual entraram a Inglaterra, Hollanda, Dinamarca, Suecia, Austria, a maior parte dos Estados allemães e pouco depois Portugal e Saboia. Ao lado da França estiveram a Hespanha e a Baviera até o fim da guerra e Portugal e Saboia sómente no inicio, aliando-se depois á liga a instancias da Inglaterra.

A 7 de Setembro de 1701 foi assignada em Haya a Nova Liga contra a França e a luta irrompeu na Hes-

panha, Itália, Alemanha, Países Baixos e Flandres Franceza, no Atlântico e no Mediterrâneo.

A esquadra inglesa já dominava então os mares, apenas embaraçada aqui ou ali pelos corsários francezes Forbin, Pontis e Duguay-Trouin. Há muito deixara de existir o grande Colbert que tanto fizera pela esquadra franceza, ora sem eficiência.

Em terra os colligados tiveram habéis chefes e generaes como Malborough, generalissimo inglez; o Príncipe Eugénio de Saboia, da casa de Condé ao serviço da Austria; e o grande pensionario da Hollanda, Heinsius, chefe do partido whig. A França teve os não menos illustres Marechal de Villars e o Duque de Vendôme.

Os francezes tomaram a offensiva com dois exercitos, o da Itália sob o commando de Vendôme, o do Reno sob o de Villars. Deviam elles convergir os esforços em direcção ao centro da Alemanha, para se unirem ás tropas bavaras e marchar sobre Vienna. Vendôme derrotou os colligados em Luzzara e Villars os rechassou em Friedlingen e em seguida os venceu em Hochstedt (1705). Nesse interim sobreveio a revolta dos camisards, montanhezes calvinistas que se haviam refugiado nos montes Cevennes por occasião das medidas tomadas contra os protestantes por Luiz XIV. Dois annos foram gastos em abater os insurrectos, facto que muito prejudicou a politica exterior da França, impedindo que o seu plano de operações sobre Vienna se realizasse.

O erro de Luiz XIV sobrepondo os interesses religiosos aos interesses sagrados da patria que era a união dos francezes cedo produziu os seus maleficos effeitos, tornando seriamente difficil a situação do grande paiz latino.

No mesmo anno da revolta (1703) teve lugar a defeecção da Saboia, augmentando as difficuldades que assoberbavam os francezes.

Em 1704 as tropas inglezas de Malborough se reuniram ás do Principe Eugenio e derrotaram o exercito franco-bavaro sob as ordens de Tallard e Marsin em Hochstedt. Nesse mesmo anno os inglezes se apossaram de Gibraltar que lhes deu o dominio da entrada do Mediterraneo que ainda conservam e do proprio mar. Em seguida desembarcaram em Catalunha e se verificou a defeecção de Portugal cujas tropas entraram em Madrid (1706) e proclamaram o Archiduque Carlos rei da Hespanha, depondo assim Philippe V.

Em 1707 o exercito francez sob o commando do Duque de Berwick, filho natural de Thiago II da Inglaterra naturalizado francez, derrotou o exercito anglo-luso em Almanza, obrigando o Archiduque Carlos a deixar a Hespanha e restituindo o throno a Philippe V.

A situação na França não melhorara entretanta. Luiz XIV propoz a paz que não foi ultimada devido ás desmedidas exigencias dos colligados.

Em 1709 os exercitos inglez e austriaco ás ordens de Malborough e do Principe Eugenio derrotaram em Malplaquet o exercito francez de Villars que foi gravemente ferido. No campo de batalha ficaram mortos 25.000 austriacos e inglezes e 8.000 francezes. Em 1710 Vendôme derrotou os anglo-austriacos na batalha de Villaviciosa. Luiz XIV aproveitou a victoria para novamente propor a paz que não levou a effeito devido ás imposições que lhe foram exigidas. O imperador da Austria José I que succedera a seu pae Leopoldo I em 1705, reclamou a Flandres, Strasburgo e Alsacia. O rei da França quiz ceder, mas os colligados exigiram que elle depuzesse seu neto do throno da Hespanha e nelle collocasse o Archiduque Carlos.

Luiz XIV repeliu altivamente a humilhação, declarando: "Uma vez que a guerra é necessária, mais vale combater os meus inimigos do que os meus filhos" (Julho de 1710).

Era o periclo decisivo.

Lutaram os francezes defendendo palmo a palmo o seu territorio dentro da cinta de fortificações de Vauban.

Em 1711 subiu ao throno da Austria o Archiduque Carlos (Carlo VI) por morte de seu irmão José I.

Este facto levou a Inglaterra aos preliminares de Londres (1711) que regulou o armisticio entre ella e a França, pois não lhe convinha o restabelecimento do imperio de Carlos V pela junção das corôas da Austria e da Hespanha.

Preparava-se o Principe Eugenio para marchar sobre Paris quando foi detido e derrotado em Denain (1712) pelo exercito francez de Villars, que em seguida tomou a offensiva contra os holandezes que por sua vez se desligaram da colligação, já sem objectivo para elles.

Foi então firmado o tratado de Utrecht (1713) pela Inglaterra, Prussia, Hollanda, Saboia e Portugal de um lado e de outro pela França e Hespanha.

Ficaram sós na luta Austria e França. Vencedora esta pela tomada de Landau e Freiburg por Villars, viu-se aquella obrigada a assignar o tratado de Rastadt (1714), o qual confirmou o de Utrecht.

Resultados :

Foi reconhecido Philippe V como rei da Hespanha mediante a condição de renunciar os seus direitos á corôa da França : Esses dois paizes não podiam ficar reunidos sob o mesmo sceptro.

A Austria recebeu Toscana, Lombardia, Sardenha, Napoles e Paizes Baixos.

A Saboia formou com a Cíclia e o Milanez um reino independente.

A Prússia foi também erigida em reino e recebeu Gueldria.

A França manteve as conquistas de Luiz XIV mas teve que ceder á Inglaterra a illha de Terra Nova e a Acadia (Nova Escóssia).

A Inglaterra além desses territorios que eram a chave marítima do Canadá na America do Norte, obteve mais Minorca e Gibraltar, isto é, a chave do Mediterraneo, tornando-se sem rival nesse mar e no Atlantico.

Portugal ficou senhor das duas margens do Amazonas, regulando com a Hespanha os seus limites na America do Sul.

A nação verdadeiramente vencida foi a França que viu diminuido o seu poder militar, supprimido por assim dizer o seu commercio marítimo, decrescido o seu imperio colonial, abalado o seu prestigio politico, esgotado o seu erario e individada.

Assim chegou Luiz XIV já velho, ao fim do seu reinado.

Colbert fallecera em 1685, depois de haver trabalhado exhaustivamente nos diversos sectores da administração publica que lhe foram confiados, a tudo prevendo genialmente, tendo-se revelado habil economista e financista. As despesas colossaes do reinado de Luiz XIV sobrepujaram os recursos do paiz e amarguraram os dois ultimos annos de vida do grande administrador, impotente para satisfazer os enormes gastos que lhe impunham tantos e tão variados actos governamentais.

Para dar uma ideia da grandiosidade das despesas publicas bastam os factos seguintes. Luiz XIV sustentou como vimos guerras frequentes, augmentando sempre os effectivos do exercito que era de 125.000 homens na de Flandres, 170.000 na da Hollanda, 500.000 na Liga

de Augsburgo, 450.000 na da Successão da Hespanha. A marinha de guerra que era apenas de 39 navios em mau estado em 1660, passou a ter 120 náus em 1678 ; 176 em 1685 ; 365 em 1692. As fronteiras immensas foram cobertas de grandes obras de fortificações modernizadas e inexpugnaveis na época, formando a celebre cinta de Vauban. Foram construidas obras vultosas como Versalhes, os Invalidos, a Academia das Inscripções e Bellas Letras, a Academia de Sciencias, o canal de Midi, estabelecimentos notaveis na Luiziania e em Madagascar ; a Bibliotheca Nacional foi accrescida de dez mil volumes ; etc., etc. A côrte nunca teve tanta majestade e esplendor como no tempo do grande rei, regulada por um cerimonial rigoroso, dispendiosissimo e cheio de etiquetas, contando a casa civil cerca de 4.000 serventuarios e a casa militar 10.000 homens. A rainha, o delphim e a delphina tambem possuíam a sua côrte. Foram creadas cinco companhias de commercio marítimo : do Norte, do Levante, das Indias Orientaes, das Indias Occidentaes, do Senegal.

Para fazer face a tantos gastos, os impostos foram augmentados consecutivamente e as dividas publicas sempre accrescidas por empréstimos que mais e mais oneravam o thesouro. A situação deste e do povo era mais precaria e miseravel por occasião da morte de Luiz XIV. Este havia casado secretamente em 1684 com a viuva do poeta Scarron — Madame Francisca d'Aubigné, Marquiza de Maintenon — e dominado por ella já não procurava para auxiliares do governo os mais competentes e sim os mais cortezãos.

O rei falleceu em 1715 aos setenta e sete annos de idade, deixando o thesouro sem dinheiro ; augmentada a divida publica que então se elevava a dois billiões e quatrocentos millhões de francos ; o povo exausto e incapaz de supportar novos tributos ; a politica externa sempre delicada e cheia de intrigas no recesso

dos governos europeus, que tudo envidavam para se engrandecerem uns a custa de outros em uma notavel instabilidade de lindas fronteiriças, remanescentes do feudalismo, alem da ideia fixa dos homens de Estado de manterem o equilibrio instituido desde o tratado de Westphalia; a politica interna, golpeada de morte a nobreza que pouco sobreviveria, esclarecidas a burguezia e as massas populares pela sua actuação nos negocios publicos e pelos grandes espiritos que illustraram o seculo como Descartes, Pascal, Locke, Spinoza, Bacon, La Bruyère, La Fontaine, La Rochefoucauld, Boileau, Corneille, Racine, Molière, Bossuet, Fénelon, Gallileu, Torricelli, Papin, Leybnitz, Newton, Lagrange, Kepler, Harvey; e outros que floresceram no seculo anterior como Cervantes, Camões, Shakespeare, etc., etc., a politica interna, dissemos, ficava a exigir grandes capacidades para que o governo absoluto se mantivesse á altura da difficilissima situação.

Foi esse melindroso estado economico-finaucceiro-politico-social que levou o historiador Alberto Sorel a escrever: "Se um grande rei não apparecer virá uma grande revolução".

Desleito o poder da nobreza, descambiado para o despotismo e suas inevitaveis consequencias maleficas o poder absoluto, a ascendencia do povo teria que vir á tona pela impossibilidade de retrogradar ao feudalismo. A luta annunciar-se-ia formidavel, sem peias e sem treguas, entre um regimen que succumbiria inevitavelmente por não mais estar em concordancia com o momento historico e um outro que surgiria dos escombros do que se extinguiu apodrecido, para traçar novas diretrizes á marcha inexoravel da civilização cujos retrocessos e paradas não podem deixar de ser momentaneos.

A Luiz XIV succedeu seu bisneto Luiz XV, tendo apenas cinco annos de idade.

Felippe de Orléans, Duque de Chartres, sobrinho do Rei Sol, inteligente, astuto e mansueto, agiu junto ao parlamento de Paris no sentido de ser annullado o testamento de seu tio em seu favor, para que assim pudesse cingir a coroa. Não obteve o que almejava mas conseguiu ser nomeado regente durante a menoridade do novo rei. Governou oito annos apenas, pois morreu em 1725.

Dotado de excellentes qualidades que poderiam levar-o á execução de um bom governo, foi entretanto vencido pela sua incuravel libertinagem. O relaxamento dos costumes, o rebaixamento da moral publica e o descalabro da administração do paiz, foram as consequências da sua vida destregada e corrupta, creadora de uma época de immoralidade e cynismo revoltantes.

Reacendeu a questão religiosa, dando liberdade de acção aos jansenistas e obrigando os jesuitas a abandonarem a côrte, creando assim difficuldades ao seu governo logo de inicio.

A pessima situação financeira caracterizada pela formidavel divida a que alludimos e por um deficit annual de cerca de oitenta milhões de francos, levou-o a aceitar os serviços do economista escossez John Law, que, illudido pelos seus planos atrevidos, lançou mão de expedientes para tentar pôr ordem no erario publico. Creou o Banco Real de Emissão que a principio gozou de grande credito e chegou a emprestar ao thesouro a quantia de um billião e duzentos milhões de francos. O excesso de papel moeda sem lastro ouro que o garantisse levou o instituto bancario á desconfiança geral e cedo se desmoronou o plano de Law, acarretando a ruina da fortuna particular, do banco e do Estado, tornando ainda mais precaria a situação do paiz. O illustre historiador e moralista francez Duclos, contemporaneo de Luiz XV, assim resumiu o descalabro financeiro do escossez: "O systema enriqueceu apenas os

velhacos e velhaquetes, arruinou a classe media, corrompeu os costumes e alterou o caracter nacional”.

Para gerir as relações exteriores chamou o abbade Guilherme Dubois, que fôra seu preceptor. A acção deste teve principalmente o objectivo de satisfazer a propria ambição que era cingir a purpura cardinalicia. Para isso começou por fomentar a ambição do regente que era de coroar-se rei de França, jogo em que entrou o rei da Inglaterra Jorge I com promessas solemnes, corrompendo o ministro. Dahi a alliança anglo-franco-hollandeza firmada no tratado da Triplice Alliança de Haya (1717), pelo qual ficava a Hespanha abandonada pela França á politica ingleza. Esse abandono foi tambem favorecido pela politica do ministro de Philippe V — Julio Alberoni — que appoiava as pretensões do seu rei á coroa de França, procurando alijar o regente do governo francez.

Sem compostura, intrigante e cynico, a quem o regente appellidara de maroto, Dubois alcançou o seu objectivo em 1721 quando obteve a dignidade de Principe da Igreja.

No mesmo anno em que foi declarada a maioridade de Luiz XV apenas com treze annos de idade (1723), falleceu o cardeal. Philippe de Orleans assumiu o cargo de primeiro ministro e morreu logo depois, ainda no mesmo anno, succedendo-lhe nesse cargo o Duque de Bourbon, por influencia do abbade Fleury, preceptor do rei.

O novo ministro, ignorante e vaidoso, deixou-se dominar inteiramente pela sua amante a marquesa de Prie. O seu curto e pessimo governo foi assignalado por um despotismo irritante e pela intolerancia religiosa. Sem nenhuma capacidade politica e desconhecendo os problemas fundamentaes do paiz cada dia mais enfraquecido, levou Luiz XV a repudiar a infanta da Hespanha, filha de Philippe V, a qual lhe estava promet-

tida por esposa, afim de contrahir nupcias com a princeza Maria (1725), filha de Estanislaú Leszczyński, então ex-rei da Polonia.

Esse facto levou o rei da Hespanha a approximar-se da Austria e a reconhecer como seu legitimo successor no throno hespanhol o imperador Carlos VI.

A Inglaterra cujos interesses principaes estavam no mar, fomentava e defendia sempre a politica do equilibrio europeu. A sua diplomacia entretinha invariavelmente as vistas dos paizes europeus para esse lado afim de que a deixassem livre no seu commercio maritimo protegido pela sua poderosa esquadra, já então dominadora dos mares. Fiel a essa politica procurou approximar-se da França para que o equilibrio não fosse perturbado.

Foi nesse interim que o abbade Fleury assumiu o governo, depois de aconselhar o rei a demittir o Duque de Bourbon, assim obrigado a exonerar-se (1726). O abbade, depois bispo de Fréjus e cardeal, governou até 1743, anno em que morreu. Honesto e prudente, dedicou-se inteiramente aos interesses da França. Não tinha entretanto a envergadura de um estadista.

Entregou a direcção das finanças a Orry, que se dedicou á consolidação do credito publico e á estabilização da moeda, conseguindo melhorar a situação financeira. Teve na politica interna o auxilio de Henrique Francisco d'Aguessau, que lhe prestou serviços notaveis como legista.

Possuia a França um grande imperio colonial a exigir-lhe uma poderosa marinha de guerra para defendel-o, bem como para proteger a marinha mercante. Desde a morte de Colbert vinha a armada nacional soffrendo elegues seguidos da Inglaterra que se tornára senhora dos mares. Um estadista teria immediatamente voltado as suas vistas para o mar, onde se achava o maior e mais premente interesse do paiz. Em vez disso, Fleury empre-

gou sua actividade nas intrigas da diplomacia cuja preocupação principal era o equilibrio europeu ameaçado pela successão do throno da Austria, visto como o imperador Carlos VI não tinha herdeiro directo á corôa. Antes, porém, se viu envolvido nas intrigas da successão do throno da Polonia.

Carlos XII, notavel rei succo, subira ao throno em 1697 tendo quinze annos de idade. A Suecia era então uma das grandes potencias, senhora do mar Báltico e de quasi todas as terras littoraneas. Reinava na Russia Pedro I o Grande, cuja preocupação maior era conquistar uma sahida do seu paiz por aquelle mar e pelo mar Negro. Alliou-se para isso á Dinamarca e á Polonia, cujos interesses no Báltico eram oppostos aos da Suecia, alim de atacar esta e tirar proveito da pouca idade e inexperiencia do novo rei succo. Este invadiu subitamente a Dinamarca e obrigou o seu rei, Frederico IV, a capitular dentro de quinze dias. Immediatamente marchou á frente do seu exercito de 8.000 veteranos e bateu completamente os 40.000 russos que sitiavam Narva no golpho de Finlandia. Em seguida derrotou Frederico Augusto II, eleitor de Saxe, que fôra eleito rei da Polonia em 1696, depondo-o do throno que entregou a Estanisláu Leszczyński, a quem fizera eleger em 1700.

Em 1709, Pedro I, depois de bater Carlos XII em Pultava, repoz Frederico Augusto II, que falleceu em 1733. Estanisláu Leszczyński foi então eleito novamente rei da Polonia. Disputou a corôa o principe Frederico Augusto, filho do rei precedente, mas foi derrotado na eleição. Russia e Austria declararam-se por este; França, Hespanha e Saboia por aquelle.

Fleury, embora contrariando o seu modo de pensar, foi levado a interceder em favor de Estanisláu por Chauvelin, então ministro do exterior da França.

Tinha este um vasto plano para reerguer os paizes então enfraquecidos como a Suecia e a Turquia e para

libertar a Itália da influencia austriaca, a fim de formar uma confederação, sob a hegemonia da França. Obcecado no seu sonho e sobrepondo a sua vontade á de Fleury, Chauvelin proseguia a politica de aniquilamento da Austria, que só poderia ser alcançado a custa do enfraquecimento da sua patria, não percebendo o poder sempre crescente da Inglaterra que se regosijava com as lutas continentaes, nem o poder nascente da Russia que já apparentava serios desejos de expansão, nem as ambições da Prussia que começava a fazer-se notar.

Um exercito de 20.000 russos invadiu a Polonia acariciado pela minoria que fôra vencida na eleição real, depoz Estanisláu e collocou no throno Frederico Augusto III.

A França e seus alliados atacaram a Austria na Itália e no Rheno, obtendo as victorias de Palma, Guastalla e Philippsburgo, seguindo-se o tratado de Vienna (1738), pelo qual Frederico Augusto III foi reconhecido rei da Polonia e Estanisláu Leszczyński conservou o titulo de rei, recuperou os seus bens nesse paiz e recebeu a Lorena que por sua morte passaria á França.

Esta, pois, não obstante os sacrificios que a guerra lhe custou e as victorias que obteve sobre a Austria, não conseguiu vantagens immediatas, soffrendo, antes, um cheque no seu prestigio.

A' Guerra da Successão da Polonia seguiu-se a guerra da Successão da Austria (1740-1748).

Carlos VI não tinha filho varão. A fim de evitar a divisão da Austria e o desaparecimento dos Habsburgo do throno, procurou o assentimento dos Estados Europeus e uma vez obtido este revogou a lei salica e creou a Pragmatica Sancção, documento pelo qual firmou os principios da indivisão dos Estados da casa da Austria e da successão feminina na falta de filhos varões.

No mesmo anno (1740) em que Frederico II que mais tarde conquistou o título de Grande, ascendeu ao throno da Prussia, morreu Carlos VI.

Não obstante a Pragmatica Sanção ter sido aceita por quasi todas as nações, apresentaram-se cinco pretendentes ao throno da Austria: A Archidueza Maria Thereza, filha de Carlos VI; Carlos Alberto, eleitor da Baviera; Frederico Augusto III, rei da Polonia e eleitor de Saxe; Philippe V, rei da Hespanha; e Carlos Manoel, rei da Sardenha.

Agitou-se a diplomacia européa em torno do caso e enquanto entrava ella em confabulações, Frederico II que herdara com o throno um forte exercito, bem organizado, bem instruido, bem armado e melhor disciplinado por seu pae o rei Sargento (Frederico Guilherme I), aproveitou o ensejo favoravel que se lhe offerencia para pôr em pratica o prosequimento da politica de engrandecimento da Prussia pela expansão territorial e pela união dos Estados allemães sob a hegemonia prussiana. A' frente de 40.000 homens invadiu a Silesia e della se apossou, offerecendo em seguida a sua aliança a Maria Thereza em troca dessa rica provincia que lhe tomára. Reagiu a princeza e mandou ao encontro de Frederico um exercito sob o commando do Principe Eugenio, tendo sido este derrotado em Molwitz (1741).

A França, fiel a sua politica contra a Austria, regozijou-se pela victoria do rei da Prussia e influenciada por Chauvelin, embora o Cardeal Fleury relutasse por estar convencido do erro da politica externa então adoptada por sua patria, que julgava a Austria unico obstaculo á sua hegemonia, a França, alliou-se a Frederico II, á Hespanha, á Baviera e a Napoles. Um exercito francez invadiu aquelle paiz e penetrando na Bohemia reuniu-se a Carlos Alberto, eleitor da Baviera, que foi proclamado imperador da Austria em Francfort (1741) com o nome de Carlos VII.

Era difícil a situação de Maria Thereza, porém ella; energica e resoluta, esteve á altura do momento. Recorreu aos húngaros que contra ella se haviam rebellado e obteve não só a submissão como a adhesão delles a sua causa. Ao mesmo tempo cedeu a Silesia a Frederico II e conseguiu assim se retirasse elle da luta (tratado de Breslau, 1745). Obteve ainda a adhesão da Saxonia, Sardenha, Hollanda e Inglaterra, esta sempre apegada á sua politica de manter o equilibrio europeu, evitando que a Austria se enfraquecesse muito e que a França realizasse os seus designios de hegemonia.

O cardeal Fleury morreu em 1745 e d'Argenson succedeu-lhe no cargo de primeiro ministro.

A guerra começou mal para os francezes, tendo Luiz XV adoecido gravemente em Metz quando á frente do seu exercito fôra soccorrer a Alsacia, ameaçada por um exercito de 50.000 anglo-hannoverianos commandados por Jorge II da Inglaterra e que exercia forte pressão no Rheno. Embora o Marquez de Noailles tivesse alcançado uma victoria em Dettingen (1745), o exercito francez foi obrigado a retirar-se para a Alsacia. Foi logo depois desse facto que a Sardenha entrou na luta pelo tratado de Worms (1744) e que a França se approximou da Hespanha. Frederico II receioso do ascendente que a Austria ia recuperando resolveu entrar novamente na guerra ao lado da França (1744). O rei da Prussia penetrou na Bohemia e alliviou a pressão exercida pelos austro-saxões na fronteira do Rheno. Isso permittiu ao Conde Mauricio de Saxe, general allemão, filho natural de Augusto II da Polonia, então no commando do exercito francez, uma offensiva ao norte, na qual derrotou completamente em Fontenoy o exercito anglo-hollandez de 55.000 homens, apoderando-se de algumas praças fortes dos Paizes Baixos (1745). Por sua vez Frederico II alcançava sobre os austro-saxões as victorias de

Friedeberg e Kesseldorf, as quaes forçaram Maria Thereza a concluir com elle a paz de Dresden (1745).

Novamente França e Hespanha isoladas tiveram que combater a alliança da Inglaterra, Austria, Hollanda e Saxonia.

Carlos Eduardo, neto de Jayne II, tentou apoderar-se da Escocia protegido pela França, chegando a dirigir-se a Londres á frente das tropas que conseguira formar. Chamado Cumberland para deter aquelle principe, regressou elle ás pressas do continente, tendo o seu exercito esmagado inteiramente as hostes de Carlos Eduardo em Culloden (1746).

A guerra prolongou-se por mais dois annos na Europa, nas colonias da America e da Asia e nos mares. Na Europa o Conde Mauricio de Saxe continuou a obter grandes victorias, obrigando as praças fortes do Mosa a capitular, vencendo os austriacos em Rocoux, tomando a praça de Berg-op-Zoom, esmagando os hollandezes em Lawfeldt (1747). Na Asia os inglezes tomaram as colonias francezas, excepto Pondichery (1748). No Canadá os francezes resistiram heroicamente. No mar a Inglaterra firmou a sua preponderancia.

Cançadas e exhaustas, as potencias entraram em accôrdo e firmaram o tratado de Aix-la-Chapelle (1748), tendo como base a situação anterior á guerra. Assim as nações retituíram umas ás outras as conquistas effectuadas durante elle, excepto a Silesia que foi definitivamente annexada pela Prussia. Foi reconhecido o Duque Francisco de Lorena, marido de Maria Thereza, imperador da Austria, com o titulo de Francisco I.

Só lucraram nesta guerra a Inglaterra e a Prussia. Esta firmava a sua entrada entre as nações mais poderosas e se engrandecia com a Silesia; aquella conseguia a realisação da sua politica de hegemonia nos mares.

A França nada lucrou não obstante os enormes sacrificios que fizera e as grandes batalhas que ganhara. O seu prestígio diminuiu e a hegemonia político-militar que gozou durante um século já não lhe pertencia, nem no mar nem em terra. Não lhe faltaram bravos e destemidos soldados e marinheiros, nem notáveis generaes e almirantes. Faltaram-lhe estadistas.

A Guerra da Successão da Austria seguiu-se um período de oito annos de paz, durante o qual a França se refez. D'Argenson reorganizou o exercito, dando-lhe disciplina, instrucção e material. Machault d'Arnouville melhorou a situação financeira e a justiça, reorganizou as marinhas de guerra e mercante e incentivou o commercio marítimo.

A Inglaterra alarmou-se com a prosperidade franceza e procurou embargal-a antes que maior se tornasse seu poderio. Serviu de pretexto á ruptura da paz a questão de limites da Acadia, vizinha do Canadá, a qual fôra cedida pela França á Inglaterra em 1713 pelo tratado de Utrecht, cuja clausula respectiva dizia: "com todos os seus antigos limites", sobre os quaes as duas potencias não chegaram a accôrdo.

Foram essas as razões da Guerra dos Sete Annos (1756-1763).

A Inglaterra, sempre fiel á velha politica que adoptara de conseguir alliados que entretivessem no continente seus inimigos, immediatamente procurou a alliança de Frederico II (1756), que, por sua vez, tinha receio da Austria, porque Maria Thereza não se esquecera da perda da Silesia e buscava alliados contra elle. Além disso a Inglaterra temia que a França atacasse o Hannover, então pertencente á corôa ingleza. Já em 1755, antes de qualquer declaração de guerra, o almirante inglez Boscawen se apoderara de dois navios de guerra francezes e iniciara o ataque systematico aos navios mercantes. Nessa situação não restava ao paiz latino outro alvítre a não ser a

alliança que Maria Thereza lhe offerecia. Regulou-a o tratado de Versailles (Maio de 1756), approximando assim as inimigas de tres seculos, facto que não causou o menor entusiasmo entre os francezes e que foi hostilizado pelo parlamento de Paris, por generaes e almirantes, fornecendo esse estado de animo em tão critica situação a medida da indisciplina que reinava nas camadas superiores.

Era então ministro do exterior da França o abbade Bernis, autor do tratado, o qual não conseguiu interessar a opinião publica, descrente e indifferente aos manejos dos seus politicos e dirigentes, sem mesmo ligar importancia á perda de suas colonias.

Luiz XV já ha muito se tornara o joguete das suas concubinas.

Essa alliança não desejada e antipathica ao povo francez era mais um facto a influir na revolução que se approximava. Entraram pouco depois na alliança franco-austriaca a Russia, Suecia, Hespanha e Saxonia, formando-se assim a formidavel colligação que teria de ser vencida por Frederico, que se revelou nessa guerra um dos maiores generaes do seculo XVIII, desvencilhando-se habilmente por manobras executadas com precisão e maestria, de grandes exercitos que procuravam cercal-os, batendo-os successivamente, evitando-lhes a junção.

Tanto no mar como em terra as operações a principio foram favoraveis aos aliados. Logo depois as esquadras franceza e hespanhola muito inferiores á ingleza foram por esta batidas e destroçadas. Em terra Frederico II superou a grande superioridade numerica dos colligados pondo em acção o seu enorme talento militar, empregando movimentos rapidos e desconcertantes, aproveitando os menores descuidos e as desavenças dos seus inimigos para batel-os separadamente, tactica mais tarde applicada e desenvolvida genialmente pelo grande corso.

Logo de inicio o almirante La Galissonière derrotou a esquadra ingleza do almirante Byng diante da ilha Mi-

norca e o marechal Duque de Richelieu apoderou-se de Porto-Mahon, capital da Maiorca. Byng foi processado, condemnado e fuzilado no navio capitanea da sua esquadra. Dahi em diante as operações navaes foram sempre favoraveis aos inglezes que destroçaram o renascente poder maritimo francez, bem como abateram a esquadra hespanhola.

O exercito angle-hannoveriano foi derrotado em Hastenbeck (1757) pelo general d'Estrées e o exercito inglez de Cumberland foi cercado em Closterseven pelo de Richelieu e obrigado a capitular. O general francez porem não esteve á altura da situação e criminosamente não desarmou o exercito vencido, liando-se no compromisso que elle assumiu de não mais combater, o qual não foi cumprido. Essa falta de pundonor deveria entrar nas cogitações de Richelieu, em uma época em que não havia lenidade e na qual a palavra empenhada era geralmente negada e desmentida sem o menor constrangimento.

Era critica e difficil a situação de Frederico, mas o grande capitão agiu firme e decidido. Invadiu immediatamente a Saxonia cujo exercito aprisionou e incorporou pela força ás suas tropas. Em seguida invadiu a Bohemia e tomou Praga. Ia proseguir em seu avanço quando foi surpreendido pelo general Daun á frente de um exercito austriaco que o derrotou em Kollin. Novamente em situação difficil e quasi envolvido por esse exercito e pelo franco-germanico de Soubise e Hildburghausen, retrocedeu celere á Saxonia. Ahi se refez e á frente de 22.000 homens atacou os franco-germanicos em numero de 55.000 e os derrotou completamente em Rosbach (1757). Um mez após bateu outro exercito austriaco em Leuthen e em Dezembro do mesmo anno á frente de 55.000 homens foi a marchas forçadas á Silesia onde um exercito austriaco havia tomado Bresláu e infligia a este formidavel derrota em Lissa, na qual seus inimigos perderam 40.000 homens.

Assim terminaram as operações do segundo anno da guerra. E não poderia ser de outro modo. De um lado um grande general exercendo o commando unico, disciplinado e disciplinador, cegamente obedecido, envolvendo desconcertantes actividade e nobilidade as quaes lhe permittiam bater os alliados separadamente.

De outro lado grandes exercitos embora, porem sem commando unico que lhes permittisse a coordenação das operações, sob as ordens de generaes mediocres, invejosos uns dos outros, cada qual desejando para si a gloria de vencer definitivamente o formidável adversario.

A campanha de 1758 foi mantida por Frederico sem maiores difficuldades. Enquanto elle enfrentava os russos e os austriacos, seu lugar-tenente Ferdinando de Brunswick mantinha em respeito os exercitos francezes de Soubise, Clermont e Broglie. Os russos sob o commando de Apraxine haviam derrotado um exercito prussiano em Yaegersdorf e penetrado na Prussia Oriental. Frederico foi ao encontro delles e derrotou-os em Zorndorf, obrigando-os a retroceder e repassar o Niemen.

A situação da França tornara-se difficil, sem probabilidades de victoria. Madame Pompadour, amante de Luiz XV, conseguiu que este exonerasse Bernis e nomeasse em seu lugar o Conde de Steinville (Duque de Choiseul) que começou como ministro de estrangeiros, tornando-se depois primeiro ministro. Celebrou este o conhecido Pacto de Familia, unindo todos os Bourbon reinantes. Formou assim nova colligação em que entraram França, Hespanha, Duas Sicilias, Parma e Placencia (os Bourbon) e mais a Austria. A Russia e a Suecia retrahiram-se diante das victorias de Frederico, a primeira voltando mais tarde a tomar parte na guerra.

Choiseul reorganizou o exercito francez, apparelhando-o para a luta. Esteve elle á altura do momento,

porém não teve generaes capazes de enfrentarem o rei da Prússia.

Entrava o anno de 1759 e pela primeira vez durante esta guerra os alliados conseguiram coordenar as operações. O general russo Soltkyov invadiu a Prússia e bateu um exercito prussiano, ligando-se em seguida aos austriacos do general Laudon. Frederico marchou celere ao encontro dos inimigos mas foi derrotado em Kunersdorf. Outra vez se encontrava elle em difficil situação que classificou de horrorosa em carta a Brunswick, na qual dizia que só esperava salvar-se pelos erros dos adversarios. E assim foi realmente. Sem commando unico e invejosos uns dos outros, os generaes Soltkyov, Daun e Contades (este francez), não se entenderam e não mais foi possível a coordenação das operações. Frederico aproveitou habilmente a inercia dos inimigos e desenvolvendo febril actividade conseguiu salvar-se. Chegara o fim do anno e um exercito francez foi derrotado em Minden por Brunswick.

Em 1760 e o lugar-tenente de Frederico inflige nova derrota aos francezes em Clostercamp. Por sua vez o rei bate Daun em Liegnitz e Laudon em Torgau.

Não obstante essas brilhantes victorias a situação de Frederico ainda se apresentava cheia de incertezas, rodeado de inimigos que só o não vencem decisivamente porque os seus esforços são dispersivos e discordantes, sem um chefe supremo e unico a que obedecam e que lhes coordene as acções. É a luta da disciplina contra a indisciplina.

Em 1761 se vê obrigado a abandonar a Saxonia, então occupada por numerosos inimigos. Por sua vez a Inglaterra cujos interesses principaes estão na guerra maritima não lhe fornece auxilios. Esgotados os seus proprios recursos, Frederico vê passar esse anno apprehensivo pela sorte que o aguarda, esperando ser atacado e cercado por numerosas forças. Os colligados entre-

tanto deixam de aproveitar a occasião que se lhes apresenta de todo favoravel, despercebidos da situação delicada e quasi irremovivel do seu terrivel adversario. Não o atacam e permanecem inactivos.

Surge o anno de 1762 e a morte da czarina Isabel Petrowna vem salvar-o. Sobe ao throno da Russia Pedro III, seu admirador, que immediatamente lhe propõe paz, lhe restitue as terras conquistadas durante a guerra e com elle se allia. Era a victoria que lhe sorria. Um unico general de valôr o enfrentava e esse era russo — Solytkow.

Frederico alcança victorias em Frëiberg sobre os austriacos de Daun, em Langensalza sobre os francezes de Broglie, em Wilhelmstadt contra os de d'Estrées.

Seguiu-se a paz assignada em dois tratados — o de Paris em 10 de Fevereiro de 1763 entre a Inglaterra e a França e Hespanha; o de Hubertsburg em 15 de Novembro do mesmo anno entre a Prussia e a Austria e Saxonia.

Disse o abbade Bernis que "a França representara papel extravagante e vergonhoso" nessa guerra. E assim foi realmente. Desde longa data a sua politica era a do anniquilamento da Austria para arrebatara a esta a hegemonia politico-militar no continente e tornar-se o fiel do equilibrio europeu. Obrigada pela Inglaterra a entrar na luta ao lado da sua antiga rival, o seu papel devêra cingir-se em terra a crear difficuldades a Frederico sem todavia se sacrificar pela Austria como o fez, seguindo-a qual satellite, abandonando quasi por completo a luta no mar, onde os seus interesses exigiam o maior esforço em uma guerra sem treguas e sem desfalecimentos contra a Inglaterra que procurava destruir suas esquadras, apoderar-se das suas colonias e anniquilar seu commercio maritimo. A sua delicada situação impunha-lhe tudo empenhar para triumphar da Inglaterra ou pelo menos para mantel-a em respeito, apenas

entretendo a luta em terra de modo que Austria, Prussia e Russia se enfraquecessem ao mesmo tempo, para que ella, França, sahisse engrandecida e podesse adquirir a firme posição porque ha muito se batia. Em vez disso, fez tudo o que pôde em terra onde lançou a quasi totalidade dos seus recursos, quasi deixando á revelia dos acontecimentos o desfecho no mar.

Se a Austria fosse vencedora, só o seria a custa de enormes sacrificios, embora readquirisse a Silesia. A Prussia, esgotada na guerra, ficaria reduzida ás anteriores proporções; transferido o seu sonho de engrandecimento para época mais remota. A Russia não lhe daria inquietação evidentemente, não só pela situação geographica como porque o seu poder nascente estava longe de ameaçar a França. Adoptada por esta a politica aconselhada pelos seus mais prementes interesses, participaria do triumpho da Austria em condições vantajosas, mantendo em terra invejavel posição e no mar as suas colonias. Vencidos os aliados como foram, sahindo todos enfraquecidos, e bem assim a Prussia, ficaria a França em situação favoravel em relação ás potencias, inclusive a Inglaterra, se o seu esforço principal fosse no mar.

Senhora dos mares e possuindo uma esquadra muito mais poderosa do que a franco-hespanhola, esta potencia foi a instigadora da guerra com o objectivo de aniquilar o renascente poder marítimo francez. Está visto empenharia o seu maximo esforço no mar. E assim foi. Apesar das resistencias encontradas bateu os franco-hespanhoes na Europa, na Asia, na America, na Africa, apoderando-se das possessões mais importantes dos seus inimigos.

Qualquer que fosse o desfecho da guerra, a França pela politica que adoptou seria a nação mais sacrificada. Vencedores os aliados em terra, não teria ella na Europa vantagens compensadoras das perdas que fatalmente

sufriera em outras partes do mundo, porque a Inglaterra só teria a alienar o Hannóver e não em beneficio da França. Nada mais tinha a temer a Gran-Bretanha, pois não entregaria certamente as colonias que tomára, uma vez que seria em qualquer hypothese vencedora no mar. Vencidos em terra os alliados como foram a situação resultante para a França foi de verdadeiro desastre.

Tudo isso dá a medida da incapacidade e da mediocridade dos dirigentes francezes daquella época, sem a menor noção das consequencias que resultariam dos acontecimentos que se estavam processando. A França gastou nesta guerra cerca de 1.550 milhões de libras francezas; perdeu as suas possessões nas Indias Orientaes menos cinco cidades; perdeu o Canadá inteiro, o valle do Ohio, a margem esquerda do Mississipi menos Nova Orléans, o Senegal; cedeu Luiziania á Hespanha para que esta entregasse Florida aos inglezes; teve anniquilados o seu commercio maritimo e a sua marinha de guerra; foi obrigada a evacuar o Hannóver e a ficar neutra na guerra que proseguia entre a Prussia e a Austria.

Como ultimo resultado a hegemonia politica no continente passava a pertencer a essas duas ultimas potencias.

O illustre Duque de Choiseul não conseguiu pois levar a bom termo a Guerra dos Sete Annos. O povo tornara-se indifferente e desinteressado da luta pela antipathia que votava á alliança com a Austria, tradicional inimiga da França; o parlamento negava registro aos edictos reais e encabeçava a opposição á nova politica de approximação entre as duas rivaes tri-seculares; os generaes, mediocres e invejosos uns dos outros e dos proprios alliados, não commungando nessa politica, agiam sem decisão e sem convergencia de esforços; os almirantes embora resistindo heroicamente e guerre-

ando sem desfallecimentos, não dispunham de recursos capazes de enfrentar vantajosamente o poder marítimo inglês. A accrescer a tudo isso as lutas religiosas internas entre o cléro ultramontano e os philosophos e jansenistas, procurando a Igreja Catholica manter os seus privilegios por intermedio da Companhia de Jesus em detrimento da liberdade de pensamento advogada pelos protestantes, livres pensadores e philosophos e pelos parlamentos provinciaes e de Paris.

Era a indisciplina geral em franca manifestação em uma época em que o rei era o primeiro a dar o exemplo de uma vida desregrada e sem moral, governado pelas amantes — Duqueza de Chatauroux; Madame de Pompadour, tratamento que Luiz XV dava a Madame Le Normand d'Étiolles; Joanna Bécu, que ficou conhecida por Madame du Barry.

Choiseul foi um patriota dotado de muito talento e que poderia ter elevado bastante a França, integrando-a ao seu antigo prestigio. Foi porem a cada passo embaraçado pelo rei invejoso, dissimulado e mediocre, que não soffria conquistassem os homens de valor um renome á sua sombra. Ainda assim o notavel ministro prestou valiosos serviços á patria, remodelando o exercito que recebeu nova organização, uma melhor dotação de artilhria e engenharia, transformadas as milicias provinciaes em reservas promptas a secundal-o; ampliou os arsenaes navaes e os estaleiros de Brest e Toulon, activando-lhes os trabalhos de modo que já em 1770 possuia a França uma nova esquadra de 64 náus e 50 fragatas; incentivou o commercio, a agricultura e a industria; augmentou o patrimonio territorial pela incorporação da Corsega e da Lorena; e tendo plena certeza de que a Inglaterra era o maior inimigo da sua patria, preparou-se para enfrental-a.

As lutas religiosas a que alludimos acima concorreram não pouco para augmentar a grave situação da França e o desprestigio do poder absoluto do rei.

O papa Clemente XI (1700-1720) havia baixado a bulla "Unigenitus" tendo em vista hostilizar as seitas religiosas que não obedeciam ao cléro catholico, principalmente os jansenistas. O arcebispo de Paris accitou as prescripções da bulla. O parlamento dessa cidade recusou-as porem por um accórdão. Luiz XV procurou intervir em favor do acto papal sob a influencia da Companhia de Jesus. Formou-se então uma grande colligação contra esta na qual entraram todos os elementos que lhe eram hostis. Dois partidos extremados terçaram armas, ambos lançando mão de todos os recursos. Nesse interim veio aggravar a situação a fallencia da casa bancaria dirigida pelo padre jesuita La Valette na Martinica, causando grandes prejuizos repercutidos em França. O processo sobre o caso foi levado aos tribunaes, que exigiram a apresentação das constituições (estatutos) da Ordem de Jesus. A Companhia se oppoz terminantemente. Na propria côrte os dois partidos tinham adeptos — o Delphim abraçara a causa da Companhia contra Choiseul e Madame Pompadour. Luiz XV obrigado a intervir manifestou-se pelos ultimos e pediu ao papa a modificação dos estatutos. Lourenço Ricci, Geral da Ordem, ao ter conhecimento da representação do rei, respondeu altivamente: "Sejam o que são ou não sejam". O parlamento de Paris, em represalia declarou dissolvida a Ordem (1762), que foi expulsa da França e de outros paizes. Dahi em diante esse parlamento e alguns provinciaes não tiveram mais limite no seu odio aos adversarios, esquecendo lamentavelmente os seus deveres para tornarem-se facciosos, o que levou d'Alembert a qualifical-os de "fanaticos, parvos e tyrannicos".

A Marqueza de Pompadour falleceu em 1764. Choiseul, secretamente alliado do parlamento de Paris, prosequia a sua politica contra os jesuitas, tendo influido para que o novo papa Lorenzo Ganganelli que ponti-

ficou sob o nome de Clemente XIV (1769-1774) decretasse a abolição da Companhia pela bulla "Dominus ac Redemptor" (1773).

Luiz XV, que ha muito vivia irritado com os parlamentos por se negarem estes a registrar certos edictos reaes, augmentou sua colera pela intransigencia e intolerancia delles na questão religiosa e ainda mais se exasperou quando o de Rennes, apoiado pelo de Paris, protestou contra novos impostos exigidos pela corôa, chegando até a admoestalo. Dominado inteiramente pela nova amante — a Du Barry — o rei impoz a Choiseul o exilio e substituiu-o por um triumvirato de pessoas a ella dedicadas — o abbade Terray na fazenda, Renno Nicoláu de Maupeou (chancellor) na justiça e Armando Vignerol Duplessis Richelieu, Duque d'Aiguillon, nos estrangeiros. Esse triumvirato governou de 1770 a 1774, isto é, até o fim do reinado de Luiz XV que falleceu neste ultimo anno.

Na fazenda, Terray augmentou os impostos, diminuiu os juros dos titulos da divida publica, prejudicou o commercio mediante extorsões de toda a sorte, levando o paiz ás portas da bancarrota. Ao clamor publico que se levantava por taes desmandos respondeu cynicamente: "meus amigos o rei é o senhor e tudo se acha justificado pela necessidade". O descontentamento do povo tomou vulto quando soube elle existir uma sociedade secreta de funcionarios publicos com privilegios para acquisição illicita do trigo — o Pacto da Fome — como a denominou e á qual attribuiu a carestia da vida. O proprio rei foi accusado de ser parte nella.

Esse mal estar geral era accrescido pelas violencias, extorsões, vinganças e prisões a que estavam sujeitos os cidadãos pelos poderosos protegidos da côrte, que obtinham facilmente as celeberrimas *Ordens Regias*, mediante as quaes praticavam toda a sorte de iniquidades.

No Ministerio dos Estrangeiros os serviços publicos em nada melhoraram. O prestigio da França entre as nações decahiu ainda mais. Foi ella impotente para evitar se consumasse o primeiro desmembramento da Polonia (1772) sua protegida, pelas tres potencias que predominavam no continente — Russia, Austria e Prussia. O proprio Luiz XV que pouco ou nada influiu no governo do seu paiz condemnou no caso a attitudo do seu ministro, exclamando: "As coisas teriam outro rumo se Choiseul estivesse no poder".

Na Pasta da Justiça, Maupeou embora tivesse boas intenções para melhorar os processos, corrigir abusos e modificar as penas vexatorias, de então, não conseguiu reorganizar a magistratura de modo que melhorasse de vez a situação dos cidadãos. Na luta entre os parlamentos e o rei portou-se como um verdadeiro cortezão, procurando satisfazer a vontade do soberano cujos odios acirrou em vez de procurar a aproximação entre essas entidades para o bem estar geral, mesmo para o proprio Luiz XV, já ha muito detestado pelo seu povo. Em 1771 supprimiu os parlamentos e os substituiu por seis Conselhos Superiores, formados de homens em geral incapazes. Era nada mais nada menos que provocar o descontentamento popular esse acto prepotente da abolição de instituições seculares, portanto tradicionaes, que, muito embora se tivessem tornado facciosas em certos casos, eram todavia consideradas como as defensoras dos interesses dos cidadãos contra os desmandos da côroa. Irrouperam diversos motins em Paris, os quaes foram suffocados, vencendo ainda uma vez o despotismo.

Luiz XV falleceu a 10 de Maio de 1774. A sua meninice até a adolescencia passou-se sob a influencia de seu tio e tutor Philippe de Orléans, cujos bons predicados foram apagados pela incuravel libertinagem que o empolgou. Nesse meio foi elle educado e sua

personalidade se resentiu sempre das taras dos maus elementos que o cercaram na mocidade. A accrescer isso as pessiimas qualidades que formavam o seu caracter, como cynismo, dissimulação, inveja, egoismo, odio, nenhuma preocupação pelo bem publico nem pela respeitabilidade do cargo e do proprio nome. Governado a principio pelos ministros quasi sempre incapazes e depois pelas amantes que o levavam a nomear e demittir ministros conforme fossem elles dellas apaniguados ou desaffectedos, o absoiutismo real que tanto fôra elevado pelo seu bisavô, cahira na maior desmoralização e no descredito do povo.

Nunca houve como Luiz XV, por tanto tempo, um chefe de Estado tão indisciplinado e inepto. Em vez do grande rei de que fallara Alberto Sorel, substituiu o Grande Reiam pigmeude proporções mesquinhas e ridiculas. Se a Marqueza de Pompadour não pronunciou a phrase: "Aprés nous le déluge", nem Luiz XV: "Aprés moi le déluge", qualquer cidadão poderia ter exclamado com a maior certeza que a verdade permite: "Aprés Louis XV, le déluge".

A morte d'esse homem que ao regressar de Metz onde adoeecera gravemente por occasião da Guerra da Successão da Austria, recebera uma grande manifestação de carinhoso apreço do povo de Paris, pronunciando então a phrase cynica: "Que fiz eu para ser tão amado?", a morte desse homem foi por esse mesmo povo "considerada como fim de uma calamidade social".

Em synthese: A França que se unira, progredira, se impuzera e dictara leis quando governada por homens eminentes como Henrique IV, Sully, Cardeal Richelieu, Mazarino, Luiz XIV, Colbert, dividiu-se, retrogradou e perdeu o seu anterior prestigio no reinado de Luiz XV, pessimo rei cujos ministros foram em geral incapazes e quando raramente os teve capazes os embaraçou no

seu descortino pela inveja tacanha da sua ignorancia e mediocridade ou pela vontade das suas amantes. A disciplina governamental, social ou popular propriamente dita e militar, do tempo do Rei Sol, estava por terra ao tempo da morte do rei devasso.

Nessa situação da monarchia absoluta, sem ter a appoial-a o povo e a burguezia, na impossibilidade de retrogradar ao regimen feudal, só um rei excepcional de grande envergadura intellectual e moral, exclusivamente dedicado aos interesses superiores da patria e do povo poderia evitar o desencadeamento da revolução.

Ora, em vez de um grande rei dotado de eminentes qualidades de caracter, subiu ao throno um ainda mais mediocre do que Luiz XV, embora sob outros aspectos da personalidade humana, justamente os mais preciosos e necessarios a um homem de governo. Luiz XVI, neto do seu antecessor, casara-se aos dezeseis annos de idade com a princeza austriaca Maria Antonietta, filha de Maria Thereza, e aos vinte annos foi rei. Honrado, justo e bondoso, teve em vista melhorar a situação do seu povo e foi por este recebido entre manifestações de alegria e de regosijo geral. Intelligencia abaixo da vulgar, sem força de vontade para querer e agir, sem descortino, tendo uma acanhada visão dos negocios publicos, pacatão (quasi escrevemos patacão), foi sempre dominado pela mulher e os thuriferarios desta, deseioso sobretudo que o deixassem saborear as suas refeições em calma e paz de espirito. Não exercia vigilancia alguma sobre os seus ministros e a administração publica processava-se quasi á sua revelia, incapaz de exercer sobre ella qualquer controle, bem como de qualquer acto de energia ainda nos transes mais delicados e perigosos porque passou. A rainha, que o dominava inteiramente, era uma linda mulher, intelligente, culta, voluntariosa e leviana, que se desejava requestada e cortejada,

para quem a satisfação do seu luxo estava acima de tudo, não querendo saber se o povo soffria ou não, se estava exaustão ou prospero, tratando-o com desprezo. Tornou-se em pouco tempo antipathica aos francezes que desdenhosamente a chamavam *a austriaca*.

Em uma phase de abundancia e prosperidade na qual imperasse o bem estar do povo, em que o trabalho se processasse em calma e fosse remunerador, Luiz XVI teria sido um bom rei. Herdara porem de seu antecessor uma situação difficilima em todos os ramos dos negocios publicos, o povo descontente e exaustão, a França endividada e quasi sem prestigio internacional, os governos mal vistos e divorciados dos interesses nacionaes. Em tal caso taes personagens levariam bem ceo o povo á reacção fatal contra o absolutismo, que exigia á sua frente um homem e um estadista e não um titere.

Luiz XVI nomeou chanceller o Conde de Maurepas ; ministro da guerra o Conde de Saint-Germain ; da justiça o Snr. Lamoignon de Malesherbes ; dos estrangeiros o Snr. De Vergennes ; da fazenda o Snr. Jacques Turgot. Excepto o primeiro, um cortezão sem qualquer interesse pelo bem publico naquella época melindrosa que a França atravessava, esses homens agiram tendo em vista as necessidades mais prementes da nação, procurando pelos seus actos reerguerem-na ao anterior prestigio, e tel-o-iam conseguido se apoiados sempre pelo soberano.

Tornou-se sobre todos notavel o ultimo, que era um espirito brilhante, eminentemente liberal, dotado de invejavel cultura philosophica, de grandes qualidades de caracter, perfeito conhecedor da situação politica, social, economica, financeira e administrativa do paiz, profundamente compenetrado do momento historico da sua terra. Teve em vista realizar grandes reformas que levassem ao novo governo os applausos

da opinião publica, conciliando os interesses do povo com os da corôa, certo de que só assim poderia esta readquirir o prestígio perdido e ser apoiada pelo unico elemento capaz de a salvar na dura emergencia.

De inicio Luiz XVI tomou uma medida que agradou geralmente: Restabeleceu os parlamentos que tinham sido dissolvidos em 1771. Esta resolução foi promulgada contra a vontade de Turgot que previra os embaraços que elles opporiam ás reforças que idealizara, devido ao facciosismo a que se entregaram anteriormente, sobrepondo-se á vontade real mesmo nos actos imprescindiveis á bôa marcha dos negocios publicos.

Quiz o grande ministro remodelar as velhas organizações que prejudicavam o commercio, a lavoura e a industria, carcomidas pelos vicios arraigados desde seculos. Preconizou e sustentou a abolição dos privilegios; a repartição do imposto territorial de modo justo e equitativo entre todos os subditos, imposto esse que recahia sobre os menos abastados e do qual eram isentos os maiores latifundios; o livre transitio dos cereaes em todo o reino, cujo commercio estava sujeito aos manços dos especuladores gananciosos que usufruam grandes lucros em prejuizo dos consumidores menos favorecidos de meios pecuniarios; a readmissão dos protestantes nos cargos publicos pela outorga á nação da liberdade de consciencia supprimida desde Luiz XIV.

Todos aquelles aos quaes as honestas resoluções do ministro prejudicavam, isto é, os privilegiados, os especuladores e certa casta de funcionarios, se insurgiram e tramaram nas massas rurais verdadeiras revoltas que foram juguladas energicamente. O parlamento de Paris por sua vez manifestou-se contra Turgot, declarando legaes impostos que elle havia supprimido, como a côrvea e outros. Apesar disso Luiz XVI obrigou o

parlamento a registrar os edictos, exclamando: "Já vejo que somente eu e o Sr. Turgot amamos o povo".

É esse rei que assim se dizia amigo do povo e que se mostrava bem intencionado, pouco depois mandava a Turgot uma carta para que elle se exonerasse. É que os prejudicados pela sabia administração do ministro recorreram á rainha e seus cortezãos, entre os quaes Maurepas. Maria Antonietta, imperiosa nos seus gestos, insaciavel de dinheiro para os seus grandes gastos incompatíveis com a penuria do thesouro, tornou-se inimiga de Turgot porque elle não lhe satisfazia todos os frequentes pedidos de numerario. O fraco rei não soube resistir á mulher e começou assim a cavar a propria ruina. A demissão de Turgot (1776) em taes condições foi o primeiro passo de Luiz XVI no caminho do despenhadeiro em que teria de perder a cabeça.

Malesherbes acompanhou o ministro demissionario seu grande amigo.

Foi então chamado ao governo o banqueiro suíço Jacques Necker, que não podendo ser ministro por ser estrangeiro, teve o titulo de Director Geral da Fazenda. Era um habil profissional de reconhecida honestidade e trabalhador emérito. Estava longe porem de ser um estadista a Turgot.

Nesse interim os Estados Unidos proclamaram a sua independencia, reconhecida logo depois pela França. A Inglaterra declara guerra a esta. Uma expedição sob o commando do Marquez de La Fayette é enviada áquella nova nação, onde grande numero de francezes se bate pela independencia dos americanos do norte e se impregna das novas ideias republicanas que dominavam o meio ambiente. De Vergennes consegue levantar o prestigio internacional da França, mas as despezas da guerra augmentam consideravelmente as aperturas do thesouro. Necker precisa fazer face á situação e envereda pelo caminho de severas economias.

Isso porem não basta. Recorre aos empréstimos garantidos pelo Estado, cujos juros irão augmentar os encargos do thesouro.

Turgot creara as Municipalidades em todas as localidades do paiz com a missão principal de votar e distribuir os impostos em accôrdo com o governo central. Necker as substituiu por Assembléas Provincias nas provincias. Fez mais: Aboliu a tortura, supprimiu a escravidão pessoal nos dominios reaes, estendeu os impostos ás classes privilegiadas, diminuiu os empregos publicos pela suppressão de cargos, frequentemente deixava de satisfazer os pedidos de dinheiro da rainha. Entra o anno de 1781 trazendo apprehensões pela falta de recursos no thesouro e pela delicada situação financeira. Necker precisa novo empréstimo e apresenta á nação um ficticio relatório de receita e despeza em que ha um deficit de cerca de dez milhões de libras francezas, quando o verdadeiro deficit é de mais de cem milhões. Consegue o novo empréstimo, mas os prejudicados pela sua politica — rainha e cortezãos — se alliam ao parlamento de Paris e promovem uma guerra surda ao banqueiro. Appella elle para o rei e pede o titulo de ministro effectivo e admissão no Conselho de Estado, certamente com o fim de se defender e expôr sem embaraço a verdadeira situação do paiz. Impõem-lhe condições vexatorias e offensivas á sua dignidade, as quaes responde pedindo demissão.

Surgem então os chamados ministros cortezãos entre os quaes De Calonne, válido da rainha. Prosegua pois Luiz XVI o caminho do despenhadeiro, em cada etapa levando melhor sequito.

Cynico, sem escrupulos, sem se preocupar absolutamente com a grave situação que se desenhava nitida, sem que o seu espirito abrigasse o menor vislumbre pelo bem publico, De Calone só lançou mão de expe-

dientes, realizando empréstimos onerosos por meio dos quaes distribuía dinheiro a mancheias, satisfazendo todos os pedidos da rainha sem olhar as consequencias. Ficou celebre a phrase que certa vez pronunciou em resposta a Maria Antonietta, quando esta lhe pedia mais dinheiro: "Majestade, o possivel já está feito e o impossivel far-se-á".

Quando De Calonne deu conhecimento ao rei da situação financeira a divida publica se elevava a quatrocentos milhões de libras francezas e o deficit annual a oitenta milhões. Luiz XVI apavorado convocou a Assembléa dos Notaveis (1787) na qual tomaram parte principes, nobres, bispos e altos funcionarios. O ministro nada obteve dessa assembléa, não só porque pretendia extinguir privilegios de que gozavam os seus membros, como porque elle não lhe inspirava confiança, accusado como era de delapidador dos dinheiros publicos.

Obrigado a exonerar-se, De Calonne foi substituido por Loménie de Brienne, arcebispo de Tolosa, candidato da rainha. O novo ministro tambem nada obteve dos *notaveis* e a assembléa foi dissolvida pelo rei.

Recorreram ao parlamento que aceitou algumas das medidas propostas e recusou outras, declarando pertencer á nação a outorga de subsidios de evidente necessidade, terminando por preconizar a convocação dos Estados Geraes, cuja ultima reunião fôra realizada em 1614. Luiz XVI influenciado pela rainha e por Brienne quiz obrigar pela força o parlamento a registrar os edictos que recusara, porem elle se manteve irreductivel. Os palamentares foram então desterrados para Troyes. O povo de Paris insurgiu-se contra esta medida e o governo a revogou, regressando á capital os magistrados entre entusiasticas manifestações populares.

A luta entretanto proseguiu sem treguas dahi em diante entre o governo e o parlamento que como já

dissemos era um tribunal de justiça que tinha também a missão de registrar os edictos reais. Consciente da força que adquirira pelo apoio cada dia maior do povo, o parlamento negou a licença pedida por Brienne para lançar um empréstimo, embora obrigando-se o ministro a convocar os Estados Geraes para 1792. Esse tribunal exigia a convocação immediata. Luiz XVI mais uma vez pretendeu obrigar-o a registrar os edictos. Elle porem mais uma vez reagiu, declarando-se inviolável e mantendo-se em sessão permanente.

Diante desse impasse, o rei convocou o parlamento para Versailles em Maio de 1788 e alli o transformou em Côrte Suprema, diminuindo as suas prerogativas juridicas e politicas. Augmentavam as desordens e a indisciplina popular crescia dia a dia em face da fraqueza do governo cada vez mais impopular e impotente, sem que houvesse nos conselhos da corôa um estadista capaz de salvar a situação que se entremostrava cheia de apprehensões e prehe de difficuldades. Aos clamores do povo de Paris juntaram-se os das provincias habilmente explorados pelos parlamentares que se não conformaram com o cerceamento das suas attribuições. Populares na Capital e nas Provincias enfrentavam corajosamente as tropas de repressão aos motins. O bispo de Tolosa, abandonado pelo proprio clero, sente-se impotente, convoca os Estados Geraes para 1789 e exonera-se.

O rei novamente reúne a Assembléa dos Notaveis em Versailles (em 1788), a qual nada resolve, julgando impossivel agir sobre a difficilissima situação economica e financeira do paiz sem um appello a toda a nação. Aconselhou tambem o rei a chamar Necker ao governo, reclamado insistentemente pela opinião publica. Voltou assim ao poder o notavel banqueiro suiso.

Procedeu-se á eleição para os Estados Geraes na qual votaram cerca de tres milhões de eleitores, ficando

a representação dos tres estados assim constituida : Cléro 291, nobreza 279, povo (terceiro estado) 575. Tinha este pois a maioria de cinco votos sobre os dois outros estados em conjuncto. Reuniu-se a grande assembléa em Versailles a 5 de Maio de 1789 e logo de inicio adheriram ao terceiro estado os membros do cléro Sieyès e Talleyrand, e os da nobreza Conde de Mirabeau, o mais formidavel e talentoso orador daquelles tempos, indisciplinado e libertino, dominador das massas; Marquez de La Fayette que regressara dos Estados Unidos com ideias democraticas, tendo se tornado bemquisto e popular; e o Duque de Orléans — Philippe Egalité — alcunha esta que muito agradava ao populacho.

O resultado da eleição e as adhesões ao terceiro estado levaram os dois primeiros (nobreza e cléro) a pretender a formação de duas assembléas separadas, computando-se a apuração das votações nellas realizadas por ordens, o que lhes daria dois votos contra um. Os representantes do povo guiados por Mirabeau oppuzeram-se e exigiram a contagem individual dos votos, o que lhes dava a maioria. Não chegaram a accôrdo e os eleitos do povo depois de cinco semanas de espera, vendo que os da nobreza e do cléro não se lhes reuniam para as deliberações, como representassem a maioria da nação, resolveram constituir-se em Assembléa Nacional Constituinte (17/6/1789).

Era isso um acto evidentemente revolucionario.

Luiz XVI quiz reagir e mandou dizer aos representantes do povo que evacuassem a sala das sessões. Mirabeau levantou-se e respondeu ao enviado do rei: "Ide dizer a vosso amo que nós estamos aqui pela vontade do povo e que daqui só sahiremos pela força das baionetas". Determinou então o soberano o fechamento da sala e quando a 20 de Junho os representantes iam reunir-se para a sessão encontraram-na interdita.

Era presidente da Assembléa o sabio João Silvano Bailly que resolveu se reunissem na sala do Jogo da Pella, onde tomaram a deliberação sob juramento solemne de não se separarem sem dar uma constituição á França, facto que causou viva satisfação ao povo. A 25 de Junho o rei ordenou-lhes que dissolvessem a Assembléa e foi ainda Mirabeau quem respondeu ao transmissor da vontade real: "Ide dizer a vosso amo que quando a nação está em assembléa não recebe ordens de ninguem".

Luiz XVI cedeu momentaneamente, aceitando a reunião das tres ordens em commum a instancias de Necker. Começou porem a tomar providencias para uma reacção pelas armas, concentrando tropas nas proximidades de Paris, a maioria das quaes eram mercenarios suissos, allemães, croatas, etc. A 11 de Julho Necker e os outros ministros populares foram demittidos e substituidos por partidarios do absolutismo, devido á influencia da rainha no animo do fraco rei, aconselhada ella pelos seus cortezãos os Polignac, o Conde de Artois e outros.

Em face dessas provocações o povo se amotinou, formou a Guarda Nacional cujo commando deu a La Fayette, adoptou o laço tricolor por lembrança de Camille Desmoulins (azul, vermelho e branco) e a 14 de Julho atacou a Bastilha, prisão do Estado considerada como symbolo do despotismo real, cuja guarnição se rendeu.

Não obstante as obras de varios escriptores então em voga, entre os quaes Montesquieu, Voltaire e Rousseau, a adopção do laço tricolor no qual o branco era a côr da realza demonstra que a ideia de republica ainda não estava amadurecida e popularizada e que o povo ainda não descrera do regimen monarchico. Péde-se objectar que elle assim procedendo apenas contemporizava, porem isso contraria o determinismo

da psychologia das multidões em revolta. Ora, o rei, de fraqueza em fraqueza, de recuo em recuo, já demonstrara cabalmente a precariedade da sua desmantelada autoridade. Estivesse arraigado no povo o sentimento republicano não deixaria elle de aproveitar o ensejo da victoria de 14 de Julho para depôr o rei e mudar a face do governo. Mas nem nessa nem em outras occasiões opportunas agiu elle nesse sentido. Luiz XVI foi desmoronando aos poucos, foi se diluindo dia a dia na sequencia dos acontecimentos, pela sua inepecia, ignorancia e pouca intelligencia.

Amedrontou-se diante do povo em revolta e mais uma vez recuou dos seus propositos. Ordenou a retirada das tropas; chamou novamente e pela terceira vez Necker ao poder; foi pessoalmente ao recinto da Assembleia declarar-se identificado á causa da nação; e seguiu de Versailles a Paris onde La Fayette lhe preparara uma recepção respeitosa por parte do povo.

A 4 de Agosto em sessão nocturna a Assembleia pelos votos das tres ordens aboliu os ultimos privilegios feudaes. Foi decretada a igualdade dos impostos para todos os francezes, a admissão de todos elles aos cargos publicos, a extincção das justicas senhoriaes, a abolição dos direitos feudaes, a igualdade civil para todos os cidadãos.

A 20 do mesmo mez votou a celebre *Declaração dos Direitos do Homem*, synthese dos principios compendiados no anno seguinte na constituição politica e que foram pouco a pouco adoptados por todas as nações civilizadas. Desde esse dia a conflagração se tornou geral, excepto na Vendéa. Os camponezes substituíram a Flôr de Lis, symbolo da realza, pelo laço e bandeira tricolores e atacaram os palacios e castellos dos nobres senhores saqueando-os e queimando-os. A indisciplina não havia contaminado o exercito que se mantinha fiel a realza. O rei negava-se a sancionar a Declara-

ção dos Direitos do Homem e queria reagir. Um grande banquete realizou-se em Versailles, nelle tomando parte toda a officialidade da guarnição. Boatos foram espalhados de pretender a realza dissolver a Assembléa Constituinte por um golpe de força. A effervescencia popular augmentou e uma grande massa humana tendo á frente cerca de sete mil mulheres foi a Versailles onde se achava a côrte, invadiu os aposentos reaes, saqueou-os aos gritos de — Pão! — tendo a rainha fugido por uma porta secreta.

Esses acontecimentos tiveram lugar a 5 e 6 de Outubro e o povo só se acalmou porque La Fayette que gozava de grande popularidade intercedeu, declarando que o rei voltaria a Paris. A multidão regressou acompanhada da familia real e entrou triumphante na cidade, onde se installaram a Constituinte e a côrte. Ali proseguiu a notavel assembléa os seus trabalhos. Em Janeiro de 1790 a França foi dividida em oitenta e tres departamentos; em Março foram abolidas a taxa sobre o sal (gabella) e as Ordens Regias Secretas; em Abril creou-se o tribunal do Jury; em Setembro foram supprimidos os antigos parlamentos.

Além dessas resoluções a Constituinte havia votado a liberdade religiosa, a liberdade de imprensa, a abolição dos conventos e declarados nacionaes os bens do cléro, a extincção da nobreza, a escolha por eleição dos bispos e curas.

Já então o prestigio da familia real era quasi nullo e ella teria que caber mais dias menos dias. Entretanto ao commemorar-se em 14 de Julho de 1790 o primeiro anniversario da tomada da Bastilha, foram realizadas grandes festas populares nos departamentos e em Paris, tendo-se associado a ellas a familia real que foi recebida no Campo de Marte por cerca de cem mil pessoas, sem desconfiança, confraternizando ella, a Assembléa, o povo e os soldados. Nessa occasião o rei jurou a consti-

tuição elaborada, a qual lhe dava o direito de veto suspensivo por tres legislaturas. Parecia dominada a crise e bem assim reconciliados o povo e Luiz XVI, este talvez satisfeito pela solução que lhe permittia continuar como rei ainda que constitucional.

Durou pouquíssimo essa tregua. O elemento popular tão duramente explorado e massacrado durante seculos, sentiu-se senhor da situação pelas medidas votadas pela Constituinte, todas em seu favor e contra a nobreza e o cléro. O soberano nunca tivera um gesto de energia e decisão capaz de tornal-o *sympathico* entre os cidadãos. Assim, não mais existindo autoridade que se lhe oppuzesse e que o pudesse conter, o povo entregou-se á pratica de actos violentos, atacando e pilhando as propriedades dos nobres e do cléro, injuriando-os nas ruas da cidade, principalmente em Paris, onde eram apupados e escarnecidos. A propria Assembléa Constituinte não podia deliberar em liberdade porque o povo enchia as tribunas diariamente e dahi insultava e ameaçava os oradores cujas ideias lhe não agradassem. A sommar a tudo isso, por essa epoca appareceram diversos jornaes que atacavam a familia real, a nobreza em geral, ministros e funcionarios, exaltando e fulminando homens publicos, endeusados hoje, villependiados amanhã, tendo-se tornado tristemente celebre o mais violento de todos o *Ami du Peuple*, de Marat. A accrescer ainda a formação de clubs politicos que se gladiavam e se entredevoravam, menos ou mais radicacs, moderados uns, exaltados outros, salientando-se nessa época o dos *Jacobinos*, defensor das ideias mais avançadas.

Até então a Assembléa Constituinte fôra dominada pela eloquência de Mirabeau que se puzera ao serviço da familia real e tinha em vista conciliar os interesses desta com os do povo. Mas até isso faltou ao monarcha, pois o grande orador morreu a 2 de Abril de 1791.

Os nobres desde que se sentiram sem garantias começaram a emigrar para o estrangeiro, entre muitos outros o Conde de Artois, irmão do rei, o Príncipe de Condé, os Polignac, etc., attingindo o numero de retirantes a cerca de seiscentas mil pessoas. Outros homi-siaram-se no interior do paiz e destes a maior parte na Vendéa onde preparavam uma insurreição a favor da realza.

Luiz XVI amedrontou-se diante da indisciplina popular provocada pela sua fraqueza, desde que se tornara submisso aos desmandos e á indisciplina da côrte, capitaneados uns e outra pela rainha cada vez mais odiada, e diante do abandono em que o deixaram os nobres. A 20 de Junho de 1791 disfarçado em cocheiro fugiu de Paris em uma carruagem onde tambem seguiu a familia real, acreditando alguns que para o estrangeiro outros que para acolher-se a Metz cujo governador, o Marquez de Bouillé, lhe era fiel e dedicado. Em Varennes, já proximo á fronteira, foi reconhecido e preso com sua familia, assim obrigado a regressar a Paris.

Em face desses factos forçoso é concluir que Luiz XVI mais não era do que a sombra de um rei, joguete de todos, sem autoridade, sem amparo, incapaz de um acto decisivo de energia que mantivesse o respeito do povo por sua pessoa, uma vez que se tornara impossivel a reconciliação entre elle e esse mesmo povo que não mais o poderia supportar como rei.

A Assembléa Nacional Constituinte cuja maioria era de monarchistas, em vez de decretar a deposição do rei que se tornara ridiculo pela fuga e pelo disfarce em cocheiro, apenas o suspendeu das funcções de soberano. Deu isso causa ao motim de 17 de Julho de 1791 no Campo de Marte, que fôra preparado para a deposição. La Fayette e Bailly á frente da Guarda Nacional dis-

persaram o povo a bala, augmentando assim o odio deste pelo rei, cavando ambos a propria impopularidade.

A 30 de Setembro desse mesmo anno dissolveu-se a Constituinte para que a Assembléa Legislativa podesse realizar as suas sessões immediatamente, tendo aquella dado por terminados os seus trabalhos, ultimados pela declaração de inegibilidade dos seus membros para a nova assembléa, pela reintegração de Luiz XVI nas funcções de rei e pela votação final da constituição.

Reunida a Assembléa Legislativa no dia immediato (1.º de Outubro), começaram a esboçar-se nella os partidos politicos pela separação de grupos com tendencias mais ou menos radicaes, todos elles procurando obter a preponderancia. Tornaram-se notaveis tres desses grupos: 1.º — o dos *Realistas*, formado de monarchistas constitucionaes, appoiado pela Guarda Nacional e pelos funcionarios do Estado; 2.º — O dos *Girondinos*, republicanos federaes moderados, cujas figuras principaes eram deputados pelo departamento da Gironda, tendo entre os seus membros os vultos notaveis de Vergniaud, Gensonné, Brissot, Condorcet, Roland; 3.º — o dos *Montanhezes*, assim chamados porque occupavam no recinto da camara os lugares mais altos, republicanos vermelhos appoiados pelos clubs populares, principalmente o dos Jacobinos, e pela Comuna de Paris, onde eram apresentadas frequentemente violentas moções contra a monarchia. Do ultimo grupo faziam parte Danton, Marat, Robespierre, Saint-Just.

Os realistas estavam em minoria e os girondinos em maioria.

Os primeiros netos da Legislativa revellaram logo a tendencia para a demagogia e para o extremismo. Decretou a abolição dos titulos de *Senhor* e de *Majestade*, a suspensão da congrua aos padres que não juraram

a constituição, a pena de morte aos nobres que não regressassem á França até o fim do anno (1791).

Luiz XVI, que tantas demonstrações já havia dado da sua mediocridade, mostrou-se ainda uma vez incapaz de julgar a grave situação na qual a sua autoridade já não existia, reduzido a farrapos o seu antigo prestigio de rei. Teve a velleidade em taes circumstancias de vetar os dois ultimos decretos, instigado por Maria Antonietta e seus asseclas.

O povo irreverentemente cognominou-os logo de Mr. Veto e Mme. Veto, tratamento sem duvida revelador do desprezo que lhe mereciam o rei e a rainha. Em seguida preparou-se uma grande manifestação de desagrado ao soberano e no dia 30 de Julho de 1792, depois de se dirigir á Assembléa Legislativa, atacou o Palacio das Tulherias, valentemente defendido pelos suissos que lhe montavam guarda. Nessa emergencia Luiz XVI deu ordens para cessar o fogo. O povo então penetrou no palacio e obrigou o rei a beber um copo de vinho em honra á nação e a pôr na cabeça um barrete phrygio. Não foi mais longe porque La Fayette á frente da Guarda Nacional o conteve.

Nesse interim, a Austria cujo imperador Leopoldo II era irmão de Maria Antonietta, e a Prussia a instancia dos emigrados francezes, resolveram atacar a França assim de alli restabelecerem o regimen absoluto de Luiz XVI, conforme se vê da *Declaração de Pilnitz*. Nomeado commandante dos exercitos alliados o Duque de Brunswick, publicou elle um manifesto em 25 de Julho de 1792, no qual declarou que seriam incendiadas as povoações que hostilizassem os invasores e fuzilados os guardas nacionaes encontrados de armas na mão. Agitou-se então o povo de Paris e unido a diversas secções de guardas nacionaes, a voluntarios bretões e aos marselhezes que haviam entrado na cidade cantando a Marselheza, marchou resolutamente sobre o Palacio

das Tulherias e atacaram todos elles os soldados suíços da guarda real, trucidados em grande numero. Luiz XVI ainda uma vez se mostrou fraco. Ordenou aos seus guardas que cessassem o fogo e refugiou-se na Assembléa Legislativa onde a 10 de Agosto do mesmo anno (1792) ouviu decretar a sua destituição do throno, a sua prisão e a de toda a familia real, sendo recolhidos ao Templo, prisão do Estado.

La Fayette impopularizado por ter defendido o rei varias vezes fugiu para a Hollanda e ficou prisioneiro dos austriacos.

Não parou ali a rebellião. A populaça, instigada pela Communa de Paris (municipalidade) formada de extremistas, e por Danton, Marat e outros montanhezes, ao saber da invasão do territorio nacional, agitou-se furiosamente, invadiu as prisões e durante tres dias (3 a 6 de Setembro), trucidou os prisioneiros a ellas recolhidos como suspeitos realistas. Esses massacres estenderam-se a outros lugares como Versailles, Lyon, etc.

A revolução havia desorganizado o exercito regular por não lhe merecer confiança, creando a Guarda Nacional. Diante da invasão austro-prussiana recorreu a Assembléa Legislativa ao voluntariado, proclamando "a patria em perigo". Graças ao patriotismo francez poderam os illustres Generaes Damouriez e Kellermann bater os inimigos que já haviam penetrado no departamento do Marne e se dirigiam a Paris (batalha de Valmy em 20 de Setembro de 1792).

Em face da deposição do rei que alterou a constituição de 1791 em um dos seus fundamentos, a Assembléa Legislativa deu por finda a sua missão e fez eleger uma nova camara — a Convenção Nacional — que iniciou os seus trabalhos a 22 de Setembro de 1792, proclamando immediatamente a Republica, abolindo a

realeza "para sempre", dando a todos os francezes o tratamento de *cidadãos*.

O povo passou a designar os reis depostos por Cidadão Capeto e Cidadã Capeto.

O novo parlamento compunha-se de 721 representantes, todos republicanos. Os realistas não foram ás urnas. Formaram-se tres partidos dentro da Convenção: Os *Girondinos*, que se mantiveram moderados; os *Montanhezes*, radicaes exaltados, chefiados por Danton, Marat, Robespierre, Saint-Just, etc, eleitos sob a influencia dos clubs jacobinos e da *Communa de Paris*; da *Planície*, cujos membros se assentavam no centro e dariam a maioria a um ou outro dos dois primeiros, conforme se desenhasse a situação. Queriam os Girondinos a republica federativa e burgueza, a votação regular de uma constituição, o predominio da lei, a extincção do autoritarismo da *Communa de Paris* e da população. Queriam os Montanhezes a republica unitaria e democratica, com um governo discrecional e medidas extremas de excepção visando os inimigos do novo regimen. Dentro em pouco os ultimos dominaram a situação e entre elles Danton, Marat e Robespierre.

A 6 de Novembro os Generaes Dumoriez e Kellermann, obtiveram nova victoria sobre os austro-prussianos em Jemmappes (Belgica), repellindo-os para alem do Rheno. Desopprimidos assim da proximidade dos exercitos inimigos, os convencionaes, após calorosas discussões, resolveram submeter Luiz XVI a processo como réo dos crimes de conspiração e traição contra a patria.

Nem conspirador nem trahidor. Homem honesto e amigo de sua patria e do seu povo, era entretanto de apoucada intelligencia e inculto. Não tinha força de vontade. Por tudo isso era incapaz de se impor á nação em occasiões difficeis, mórmente no momento

histórico mais cheio de apprehensões e incertezas porque até então ella passara.

Impellido pela rainha e pelos thuriferarios desta, tantas vezes investiu os inimigos em defeza das prerogativas reaes para outras tantas recuar amedrontado, cada vez mais desprestigiado, cada dia mais enfraquecida a sua autoridade. Maria Antonietta, intelligente, culta e animosa, ou queria como austriaca a humilhação dos francezes, ou o seu orgulho reconhecido a levava a commeter actos reprovaveis, sacrificando os interesses do paiz e os da propria realza.

Condemnado á morte, Luiz XVI sem demonstrar a menor fraqueza no acto extremo foi guilhotinado a 21 de Janeiro de 1793. Injusta a sentença do improvisado tribunal. Apeada do poder, teria sido mais digno a deportação de toda a familia real. Entretanto possível é que os convencionaes tivessem receio de uma coalisção das potencias obtida pelo rei si exilado. Se assim foi, a sentença alem de injusta foi um erro, porque a colligação se formou em defeza da ideia monarchica contra a republicana que as nações tanto temiam e em defeza do delphim, pelos emigrados proclamado rei da França sob o nome de Luiz XVII e por ellas reconhecido como tal.

Para atacar a França se uniram Austria, Russia, Holanda, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Napoles e Piemonte, formando uma cinta de ferro que teria asphixiado a republica se essas nações tivessem tido unidade de vistas e um commando unico a dirigir as operações. Alem da gravidade da situação externa, a interna se apresentou não menos difficil, pois surgiram revoltas em Lyão, Normandia, Bretanha, Toulon e Vendéa, tramadas pelos realistas.

Nessa emergencia a Convenção Nacional nada esqueceu para salvar a republica, tendo-se excedido

a si mesma, tomando resolutamente medidas drásticas, entre ellas as seguintes :

1.^a — Sem exercito a bem dizer, tal a sua desorganização, decretou o levantamento em massa, declarando que todo o cidadão era um soldado e assim conseguiu mobilizar 1.200.000 homens, formando quatorze exercitos sob o commando de illustres generaes que ás vezes vencidos mas quasi sempre vencedores, conseguiram abater os inimigos internos e externos. Tornaram-se notaveis entre outros na sequencia dos acontecimentos, os Generaes Kellermann, Dumouriez, Pichegru, Jourdan, Moreau, Moncey, Hoche e Bonaparte.

2.^a — Decretou a criação de um Tribunal Revolucionario (1.^o de Março de 1793) para julgar os crimes politicos sem appellação, revestido de poderes discretionarios sobre pessoas e bens, tornando-se tristemente celebre pelo grande numero de condemnações que effectuou, muitissimas vezes por simples denuncia, sem provas.

3.^a — Decretou a criação de Juntas de Segurança em todas as localidades e votou a lei contra os suspeitos, medidas estas que collocavam a vida dos cidadãos a mercê dos dominadores da occasião.

4.^a — Creou a Junta de Salvação Publica composta de tres membros que a haviam dominado inteiramente : Danton, Marat e Robespierre.

Ahi teve inicio o chamado Regimen do Terror, durante o qual tudo esteve inseguro, as cabeças rolando diariamente sob o formidavel alfange da guilhotina, innocentes ou não, obscuras ou celebres, ignorantes ou sabias, monarchistas ou republicanas, contando-se por milhares as victimas.

Na Convenção, como já dissemos, os Girondinos representavam as ideias moderadas, oppondo-se ás medidas extremas. Foram elles presos em plena sessão

de 2 de Junho de 1793 pelos Montanhezes, que assim se tornaram senhores da situação, exercendo a Junta de Salvação Pública uma verdadeira ditadura, aumentando o terror.

A 15 de Julho desse anno a joven Carlota Corday apunhalou mortalmente em pleno banho o mais estúpido, feroz e sanguinario dos homens em evidencia naquella epoca — João Paulo Marat — membro da junta que avaliava em 270.000 as cabeças a cortar para a tranquillidade publica, pagando com a vida a moça a audacia do seu gesto cuja finalidade pretendia ella fosse em beneficio da patria, livre assim do tyranno execravel. Assanha-se o animo dos demagogos e a zuilhotina transforma-se em matadouro humano, quotidianamente offerecendo o mais lugubre e nojentoso dos espectaculos para gaudio da populaça em delirio, sequiosa do banditismo a que se acostumara. A 16 de Outubro é a vez de Maria Antonietta que morre corajosamente e a 31 do mesmo mez a de vinte e um dos mais illustres girondinos que vão ao cadafalso cantando a Marselheza, entre os quaes vão Bailly e Barnave. Nem Madame Roland, senhora de grande representação social e de bellissima intelligencia, escapou á sanha assassina; era filha de Necker e esposa de Roland de La Platière, ministro girondino, que fugira diante das persiguições ao seu partido e que se apunhalou ao saber da morte de sua mulher. O delphim foi entregue a um sapateiro odioso, despido de qualquer sentimento nobre, em consequencia de cujos maus tratos succumbiu a indefeza creança mais tarde na prisão do Templo (8 de Junho de 1795).

Logo depois os demagogos se dividiram em tres grupos, tomando cada qual o nome do chefe mais influente: Herbertistas, Dantonistas, Robespierristas. Os primeiros eram exaltados, os segundos moderados e os ultimos ultra-radicaes apoiados pela Comununa de Paris e pelos clubs jacobinos.

Robespierre sentindo-se forte procurou dominar a situação e concebeu a ideia de tornar-se dictador omnipotente pela eliminação dos adversarios. Os Herbertistas mais notaveis foram denunciados como agentes da invasão estrangeira ao tribunal revolucionario que os enviou á guilhotina a 24 de Março de 1794. Em seguida (Abril) coube a vez aos dantonistas que revelaram a maior coragem em face da morte. Assim pereceram em 1794 figuras de grande relevo na politica, nas sciencias, nas artes, como, entre muitos, a princeza Isabel, irmã de Luiz XVI, o Duque de Orléans — Philippe Egalité — que havia votado pela morte do rei, Danton, Camille Desmoulins, Hérault, Malesherbes, Lavoisier, André Chénier.

Robespierre tornou-se então omnipotente e acolytado pelos fanaticos Marquez de Saint-Just e Couthon, seus amigos, cometteu toda a sorte de excessos. O regimen do terror chegara ao apice. Ninguem se considerava seguro. As cabeças, fossem de homens ou de mulheres, rolavam da guilhotina á menor accusação, bastando para isso a suspeita de não amar a republica. Era prohibido ao tribunal revolucionario outra sentença que não a de morte. Cadafalsos foram elevados em todas as cidades. Houve massacres em massa, tornando-se tristemente celebre o delegado dos terroristas em Nantes — o miseravel Carrier — que mettia em navios os suspeitos e os afogava no Loire, dando a tal façanha o nome de *deportação vertical*. A parca rondava todos os lares. O pavôr emmudecia todas as boccas. O proprio silencio acarretava suspeição. Ninguem ia ás igrejas que se conservavam fechadas e ninguem ousava declarar o seu culto.

No entanto não era covardia o sentimento que coarctava a livre manifestação das ideias; era a desconfiança generalizada em uma epoca em que qualquer denuncia levava á guilhotina homens e mulheres.

Mas, como é inevitável sempre, a reacção tinha que se declarar. Tallien e Billaud, Fréron e Vadier, estes convencionaes, aquelles membros da Junta de Salvação Publica, sentindo-se ameaçados, denunciaram o tyranno perante a Convenção Nacional que decretou a accusação de Robespierre, Saint-Just, Couthon e outros (27 de Julho de 1794). A Communa de Paris tentou sublevar a população e atacar a Convenção, mas as tropas enviadas por esta subjugarão os amotinados, cercaram o edificio daquelle (Hotel de Ville) e alli prenderam os accusados, que, sentenciados immediatamente, foram guilhotinados no dia seguinte.

Foi o fim do Terror.

Por essa época os quatorze exercitos de que falámos, immunes da indisciplina que avassallava a nação franceza, batiam-se galhardamente, vencendo os inimigos da republica, internos e externos. As insurreições da Normandia, Bretanha e Lyão eram abafadas. Toulon que se declarara pela realza e fôra occupada por tropas inglezas e hespanholas, foi abandonada a 18 de Dezembro de 1793 por essas tropas devido principalmente á notavel efficiencia da artilharia franceza dirigida por Napoleão Bonaparte, que ahi iniciou a popularidade e a celebridade que o evidenciariam dentro em pouco. Só a Vendéa, maior centro de resistencia do antigo regimen combatia demoradamente, porem teria que ser vencida pela bravura e pela competencia militar de Hoche, "o heroico general de vinte annos". Na guerra externa as batalhas de Tournay, Flenschoff e Fleurus, ganhas sobre os inglezes, austriacos e prussianos, pelos francezes commandados por Pichegru e Jourdan, abriram a este o caminho de Léste, levando-o a atirar o inimigo para alem do Rheno, e áquelle o caminho do Norte, permittindo-lhe conquistar a Hollanda que foi erigida em Republica Batavia e assegurar á França a posse da Belgica. Essas victorias obrigarão Prussia e Hesper-

nha a assignar o tratado de paz de Basileá em 5 de Abril de 1795, pelo qual o limite oriental da França ficou sendo a margem esquerda do Rheno.

Vencedora a Convenção Nacional, seu primeiro acto foi abolir a constituição de 24 de Junho de 1793 a qual não fôra posta em vigor, votando em seguida uma outra — a do anno III. Por esta o poder executivo era confiado a um Directorio de cinco membros e o poder legislativo a dois Conselhos — o dos Anciões formado de 250 representantes maiores de cincoenta annos e o dos Quinhentos formados de quinhentos deputados.

Os membros mais importantes do Directorio foram Barras e Carnot.

Com a extincção do Terror os realistas começaram a voltar á França e procuraram occasião favoravel para um novo golpe d'Estado que lhes dêsse a posse do poder. Obtida a adhesão de parte da Guarda Nacional, insurgiram-se a 5 de Outubro de 1795 e marcharam levando o objectivo de derrubar a Convenção: Barras que fôra nomeado commandante em chefe das tropas de Paris, deu a Bonaparte, já então general de brigada, a incumbencia de bater os revoltosos que haviam reunido 40.000 homens. Apesar da superioridade numerica destes, Bonaparte os venceu por meio de habéis manobras que o recommendaram ao Directorio.

Carnot a quem estava affecta a defeza da França contra os inimigos externos organizou tres exercitos: O do Rheno sob o commando de Moreau; o de Sambre e Mesa ás ordens de Jourdan; o da Italia sob a direcção de Bonaparte. Esses tres exercitos tomaram a offensiva (1796). Jourdan foi batido pelo Archiduque Carlos e obrigado á retirada. Moreau, embora houvesse derrotado os austriacos em Radstad, viu-se coagido a retroceder para o Rheno, effectuando essa delicada operação

em território inimigo sem perder um único soldado. Napoleão invadiu a Itália e atrahiu para allí os exercitos austriacos. Pondo em execução arrojadas concepções do seu genio militar, manobrando celeremente, bateu successivamente os exercitos de Beaulieu, Wurmser e Alvinzi, não lhes permittindo junção e em seguida se apossa de Mantua que lhe deixa aberto o caminho de Vienna. Francisco II da Austria pede a paz á aproximação do vencedor, a qual foi regulada pelo tratado de Campo Formio (18 de Outubro de 1797), ficando a França de posse dos Paizes Baixos austriacos (Belgica) e de importantes regiões á margem esquerda do Rheno. O norte da Italia foi erigido em Republica Cisalpina, independentemente do poder austriaco, constituida pelo ducado de Módena, a Lombardia, Mantua, Cremona, Verona e Rovégio. Em seguida cahiu Veneza em poder dos francezes e Genova que se revoltara foi erigida em Republica da Liguria. Depois chegou a vez da Suissa e de Roma, tendo sido aprisionado o papa Pio VI que morreu ao ser levado a Paris.

Napoleão regressou á França aclamadissimo e tornou-se o mais popular e querido dos homens publicos. Por essa occasião o Directorio se debatia em dissensões intimas e tinha sua autoridade diminuida pela impopularidade que o cercava. Receioso do prestigio do grande general quiz afastal-o, projectando um ataque á Inglaterra que proseguia a sua velha politica de isolamento da França, já fornecendo numerario aos numerosos inimigos desta no continente, já atacando suas colonias, já bloqueando portos e prejudicando enormemente o seu commercio. Napoleão opinou pelo ataque ao Egypto para dali marchar de etapa em etapa até os dominios inglezes na India. Aceito este alvitre, foi preparada a celebre expedição sob o seu commando (Maio de 1798), a qual teria tido o exito esperado se a esquadra franceza não tivesse soffrido a derrota de

Aboukir (1.º de Agosto de 1798) que privou Napoleão dos recursos indispensaveis, principalmente de artilharia, não obstante haver elle dominado o paiz africano e extendido a sua acção até a Syria.

Durante esse tempo o Directorio creou as republicas Romana, Helvetica e Parthenopica. As potencias, Russia inclusive, Hespanha e Prussia exceptuadas, formaram nova coalisção contra a França, alarmadas pela expansão que iam tomando as ideias republicanas. A guerra recommçou, tendo como theatro principal a Italia, onde os francezes pouco a pouco iam perdendo suas conquistas anteriores, ameaçadas já suas fronteiras. Massena consegue manter-se na Suissa e Brune na Hollanda. Lecombe faz prodigios na Italia, onde as tropas francezas puderam bater Mack e tomar Napoles. Entretanto o General Suwarow (russo) e o Archiduque Carlos conseguem derrotar Mac-Donald e Joubert, tornando difficil a situação das tropas francezas na peninsula. Ao mesmo tempo os exercitos francezes do Rheno são batidos.

No interior o thesouro estava exausto, os recursos escasseavam, o credito desaparecia; a agricultura, a industria e o commercio paralyzados, quasi em colapso. A accrescer a essa precaria situação economica e financeira que sobremaneira tolhia a acção do Directorio, via-se este embaraçado a cada instante pelos partidos politicos que se agitavam nas costumeiras lutas estercis pela posse do poder, desviando a attenção dos seus membros e não pequenos recursos para a manutenção da ordem publica, attenção e recursos que melhor effi-cencia teriam se empregados na defeza das fronteiras e no combate aos inimigos externos.

Ao saber desses desastres, tanto externos como internos, Napoleão transmite ao General Kleber o commando da expedição no Egypto e regressa á França que o recebe de braços abertos, desilludida do Dire-

torio. Aproveita sem demora a situação que se lhe apresenta favorável e apoiado pelo povo e o exercito dissolve violentamente o Conselho dos Anciões e o dos Quinhentos e põe fim ao Directorio que substitue pelo Governo Consular trino (Novembro de 1799), sendo elle um dos membros.

O novo governo decreta em seguida a Constituição do Anno VIII, sendo Bonaparte investido no cargo de Primeiro Consul (13 de Dezembro de 1799), o que lhe dava preponderancia sobre os seus dois collegas, Sieyès e Ducos a principio, Cambacères e Lebrun depois. Esse era o poder executivo. O legislativo formava-se de tres assembléas: Conselho de Estado, cuja missão era redigir as leis; Tribunado, que as discutia; Corpo Legislativo, que as votava. Além dessas assembléas foi creado o Senado Conservador formado por oitenta cidadãos nomeados vitaliciamente, a cujo cargo ficava a observancia da constituição e a escolha dos membros do Tribunado e do Corpo Legislativo, tirados de uma lista nacional.

Nesse interim, os exercitos da coalisção se preparavam para invadir a França. Napoleão marcha immediatamente sobre a Italia, atravessa os Alpes pelo desfiladeiro de São Bernardo, chega á planicie, corta a retirada do exercito austriaco forte de 120.000 homens sob o commando do Barão de Melas e bate-o completamente em Marengo (14 de Junho de 1800). Moreau á frente do exercito do Rheno invade a Baviera, obriga o General Kray a capitular e em seguida (13 de Dezembro) ganha a batalha de Hohenlinden e marcha audaciosamente sobre Vienna. A Austria pede paz e assigna a 9 de Fevereiro de 1801 o tratado de Luneville cujo protocollo escripto a 3 de Janeiro, confirmou os resultados do de Campo Formio. A Inglaterra proseguia a guerra maritima sem obter vantagens, tendo finalmente assignado a paz de Amiens a 25 de Março de 1802.

A essa segunda campanha da Italia seguiu-se um periodo de paz.

Napoleão que já era considerado o maior dos capitães daquelles tempos, revelou-se habil politico e grande administrador. O seu prestigio era enorme e o seu poder incontrastavel. Enfeixou em suas mãos a autoridade absoluta. Promoveu a prosperidade da agricultura, do commercio e da industria. Celebrou um accôrdo com a Santa Sé do qual resultou o apasiguamento dos odios religiosos. Instituiu a Legião de Honra e restaurou os antigos titulos nobiliarchicos sem os privilegios que haviam sido abolidos pela revolução. Estradas e monumentos foram construidos no seu tempo. Paris foi embellezada e dotada de bibliothecas, museos e escolas diversas. Promulgou o Codigo Napoleão onde ficaram compendiadas as doutrinas juridicas mais adiantadas da epoca.

Assim surgia a França dos escombros da Revolução e do Terror, prospera, forte, respeitada, coberta de gloria. E isso era innegavelmente devido ao genio de um homem e ao patriotismo do povo francez.

Napoleão fôra nomeado consul por dez annos. A 2 de Agosto de 1802 o povo deu-lhe o consulado vitalicio e o direito de nomear seu successor. Era a dictadura da qual se aproveitou elle habilmente para satisfazer a ambição que o empolgava de crear uma dynastia. Ampliou as attribuições do Senado Conservador, dando a este a faculdade de expedir senatus-consultus. Essa corpôração não se demorou a solicitar ao consul que governasse a nação como imperador hereditario sob o nome de Napoleão I (18 de Março de 1804), acto que o povo homologou por uma eleição na qual quatro milhões de cidadãos se manifestaram favoravelmente.

Não proseguiremos a narrativa dos acontecimentos por desnecessarios aos nossos objectivos.

Deixamos patente a indisciplina governamental quer durante o reinado de Luiz XV e Luiz XVI quer durante o período republicano. Essa indisciplina contagiou o elemento popular cujas massas se entregaram a toda sorte de excessos e não só apoiavam todas as medidas violentas da Communa de Paris, da Convenção Nacional e da Junta de Salvação Publica, como excitavam e exigiam a pratica diaria de taes violencias. A anarchia governamental e social foi o triste resultado dessa situação em que os homens ainda os mais eminentes se entredevoravam pelo choque das ambições, dos desvãos e dos odios que os dividiam.

O Exército que se mantivera fiel á realza e que fôra conservado nas fronteiras sempre ameaçadas de invasão, desorganizado e desarticulado pela republica, não merecia confiança e foi substituído pela guarda Nacional.

A situação da França parecia irremediavel quando as primeiras colligações estrangeiras se formaram para combater o regimen republicano. A Assembléa Legislativa recorreu ao voluntariado e a Convenção Nacional ao levantamento em massa. Assim se organizaram os gloriosos exercitos que sob o commando de eminentes generaes salvaram a nação dos inimigos externos e da anarchia interna.

A realza, desmoralizada e impotente, cahira aos poucos, aos pedaços. A republica surgira no meio do chaos sem um forte partido politico que a amparasse e a organizasse em bases solidas e duradouras. As facções creadas no seio da Convenção Nacional extremaram-se em lutas por principios divergentes e antagonicos, tendo obtido cada qual um dominio ephemero sem conseguir enraizar-se na opinião. De violencia em violencia chegou-se á flecha maxima da curva da demagogia sanguinaria. Ao povo exausto e miseravel

só restava uma salvação: Lançar-se nos braços dos generaes victoriosos.

Entre estes avultava a figura inconfundivel de Napoleão excitando enthusiasmos na imaginação popular. Nessa emergencia elle seia tudo quanto quizesse. Inteligencia superior, comprehendeu o seu tempo e aproveitou habilmente a situação para satisfazer suas ambições. É assim, quer queiram quer não queiram, salvou a França da anarchia, quicá do esphaceamento. Deram-lhe o consulado por dez annos e logo depois o vitalicio. Era a dictadura, como dissemos. O momento historico exigia um governo forte e duradouro. Seria a dictadura esse governo? Absolutamente não.

Quer os pseudo-sociologos e pseudo-philosophos aceitem quer não, a dictadura é um governo republicano porque ella só será viavel e só se manterá pela vontade popular. Fóra disso será dictadura bastarda, será despolismo, será tyrannia, fatalmente condemnada. Foi ensaiada e praticada nos tempos da Republica Romana, em occasiões de calamidade publica que exigia um governo forte, porem ephemera e temporariamente. A de Caio Julio Cesar com tendencias á permanencia só serviu como transição entre a Republica e o Imperio. E isso é historia antiga porque o desaparecimento do Imperio Romano foi o termo inevitavel da evolução de um cyclo historico e politico para dar nascimento a um outro pela formação das nações modernas que, por sua vez, terão que percorrer novos cyclos até que se firme no planeta una ordem universal e definitiva.

Ora, no alvorecer do seculo XIX a França como as outras nações longe estava ainda de attingir o momento historico e politico em que seria viavel o governo dictatorial, unico talvez nos tempos modernos capaz de obter a necessaria e imprescindivel unidade de direcção e a convergencia de esforços dos cidadãos no sentido do bem estar geral. A dictadura naquella hora histo-

rica seria logo ameaçada pelos próprios acontecimentos porque ainda incompreendida pelas massas, as quaes teriam que agir em torno das ambições dos homens, derrubando-os e elevando-os periodicamente. A simples ideia de republica não estava amadurecida nas massas francezas e muito menos a ideia de dictadura que é o termo final da evolução aguda do governo republicano, pela simples razão de que só ella é capaz de dar a unidade politica, hoje e sempre indispensavel, e pela impossibilidade de retrogradarem as nações ao governo monarchico absoluto.

Assim o momento historico francez favoreceu as ambições de Napoleão Bonaparte que, consciante ou inconsciente da realidade politica do seu tempo, evitou grandes calamidades á sua patria, fazendo-se proclamar imperador.

Em que pése aos fanaticos que disseram de Napoleão: "O bandido penetra fascinado no grande scenario, cobre-se com o manto glorioso de Cesar...", não foi elle inferior a este. Ambos foram estadistas de valor, habéis politicos e administradores, eminentes capitães, Napoleão muito maior que Cesar, este certamente melhor orador do que aquelle pois que no seu tempo só lhe foi superior Marco Tullio Cicero. Ambos foram grandes ambiciosos.

E' que o acauhado e exclusivista espirito de seita restringe e reduz a visão dos homens, não lhes permitindo um exame imparcial dos factos e as consequencias e conclusões logicas que delles derivam no tempo e no espaço. Se ao tempo de Napoleão era inviavel o regimen dictatorial, muito mais o foi dezoito e meio séculos antes, razão porque a dictadura implantada por Cesar realmente grande homem e dos maiores, foi ephemera e apenas serviu como transição da republica carcomida e desmoralizada ao imperio absoluto, unico regimen compativel com o estado de civilização daquella epoca.

Em resumo: Desmoralizada irrevogavelmente nos seus dois últimos períodos (Luiz XV e Luiz XVI), a realza absoluta acarretara a miseria e a desgraça do povo francez; fracassada apesar das suas Assembléa Legislativa, Convenção Nacional, Junta de Salvação Publica e Communa de Paris, a republica levava o povo á descrença e ao desespero; ameaçada pelas colligações estrangeiras que lhe queriam impor a realza decabida, reduzindo-lhe assim a frangalhos a soberania, a França lançou-se nos braços do exercito que foi então a sua providencia e dentro d'elle nos braços de Napoleão que era o mais insigne e glorioso dos seus generaes.

Que a lição aproveite aos homens que governam actualmente o Brasil e aos que governarem daqui em diante, para que elles o encaminhem ás suas finalidades de accôrdo com os ensinamentos da Historia e suas leis, evitando-lhes desgraças que podem ser irreparaveis como as frequentes revoluções que poderão leval-o ao desmembramento e á dissolução.

Desmoralizado no Brasil o regimen republicano presidencial com os seus tres poderes politicos fallidos na pratica, principalmente pela dispersão dos esforços dos cidadãos em rumos diversos, sem ter conseguido dar ao paiz a cohesão que elle precisa, só um prolongado e bem orientado regimen dictatorial poderá dar-lhe as necessarias homogenidade e unidade imprescindiveis á formação de uma grande nação.

E isso ficará evidenciado desde que se considere a impossibilidade de retrogadar a qualquer regimen monarchico e a um regimen republicano parlamentar.

E isso nos levará seguramente a um regimen republicano presidencial puro, com um só poder dirigente, governado dentro de uma constituição liberal, porem que dê a esse poder uma grande somma de autoridade e uma grande somma de responsabilidade correlativa.

Esse será o regimen final.

CAPITULO III

O BRASIL E A DISCIPLINA

- D. José I de Portugal reinou de 1750 a 1777. Teve elle a clarividencia de escolher para ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, depois Marquez de Pombal, eminente estadista de rara envergadura moral, que muito illustrou o governo e muito se interessou pelos negocios da colonia portugueza na America.

Morto D. José I, succedeu-lhe no throno sua filha D. Maria I. Catholica fanatica e inimiga irreconciliavel de Pombal, iniciou o seu governo por uma atroz perseguição a este e pelo anniquilamento das suas grandes obras liberaes, fazendo Portugal regressar ao regimen anterior de parasitismo e decadencia.

Declarada demente em 1792, assumiu a regencia em 10 de Fevereiro desse anno seu filho D. João, que em 20 de Março de 1816 subiu ao throno com o nome de D. João VI por morte de sua mãe. Sem a educação e o preparo necessarios á difficil missão de rei absoluto, fraco e irresoluto, pusillanime, sob o ponto de vista da medocridade era o que se podia chamar uma "edição correcta e augmentada" de Luiz XVI. Casado com a princeza hespanhola D. Carlota Joaquina, mulher de baixos instinctos, leviana e devassa, que chegou a conspirar contra o marido auxiliada pelos fidalgos e clérigos que formavam o seu sequito (1805), tornou-se o rei mais incapaz de governar, corroido pelo desanimo e pela indifferença, sem lampejos de energia para reagir. Bondoso por temperamento, nunca praticou vinganças, jamais effectuou perseguições. Era por tudo isso passivel de piedade e quasi de commiseração.

Os politicos e fidalgos que o cercaram, em geral trefegos, pobres de espirito como elle proprio, sem des-cortino, sem visão dos acontecimentos que se precipitavam naquella epoca de renovações sociaes e politicas, não estavam á altura das tremendas responsabilidades que pesavam sobre os homens de governo, nem ao menos de servirem de conselheiros do rei. Ése porventura algum existia capaz de salvar a melindrosa situação que Portugal atravessava, não sabia o rei onde o encontrar para entregar-lhe a direcção dos negocios publicos. Foi assin D. João como nenhum outro chefe de Estado o juguete dos interesseiros e das camarilhas.

São terminantemente elucidativos os seguintes factos: Quando Napoleão decretou o *bloqueo continental* contra a Inglaterra determinou a seu ministro em Lisboa que intimasse o governo portuguez a declarar guerra a essa potencia, a fechar seus portos aos navios inglezes, a incorporar seus vasos de guerra á esquadra franceza, a sequestrar as propriedades dos subditos britannicos e a prender os que estivessem em Portugal. O regente nem por palavras reagiu e solicitou a Inglaterra que simulasse guerra a Portugal, proposta recusada peremptoriamente. Mandou então D. João ricos presentes a Napoleão bem como propor-lhe o casamento de D. Pedro com uma filha de Luciano Bonaparte, proposta que foi repellida. O primeiro consul decretou logo a deposição da familia Bragança do throno portuguez. Abandonado pela Hespanha no tratado assignado em Fontainebleau por esta e a França (27/10/1801), D. João resolveu submeter-se áquellas imposições e por decreto de 8 de Novembro ordenou a prisão dos subditos britannicos e o sequestro dos bens destes. O governo inglez mandou em represalia bloquear os portos

portuguezes e occupar a Madeira. A esse tempo já as tropas francezas de Junot invadiam Portugal pelo norte. Mettido entre dois inimigos e sem possibilidade de reacção a qualquer delles, D. João desfez os seus actos hostis á Inglaterra e atirou-se aos braços desta que lhe aconselhou e protegeu a fuga para o Brasil.

Camões no seculo XVI já havia dito que "um fraco rei faz fraca a forte gente", verso que quasi tres seculos depois calhou em D. João como a nenhum outro principe.

Se a estadia da cõrte portugueza no Brasil trouxe a este grandes beneficios que ninguem pode negar, acarretou desde sua chegada até seu regresso constantes attritos e desavenças entre brasileiros e portuguezes. A fraqueza do chefe do Estado nunca lhe permittiu tomar resoluções firmes e decisivas para pôr termo ás intrigas e desintelligencias entre uns e outros, as quaes eram accrescidas pelos desmandos da rainha e seus asseclas.

D. João não distinguia portuguezes de brasileiros, a todos considerando e bem querendo. O mesmo não acontecia a D. Carlota Joaquina e em geral aos fidalgos portuguezes, os quaes procuravam denegrir e prejudicar os naturaes do paiz.

São do eminente João Ribeiro as seguintes palavras: "Honras e dignidades monarchicas, com a perda do sentimento da hierarchia e do merito, tornaram-se logo ridiculas na ridiculez dos seus indignos possuidores. Os bajuladores e favoritos e a numerosa comitiva do rei, aos milhares, sem trabalho, aquinhoaram-se em empregos novamente creados pela prodigalidade insensata da cõrte, que via nesse improvisado das personagens uma necessidade do seu culto externo. De toda parte, á varinha magica do rei, surgiam barões

e viscondes sem conta. Desde logo, com tão perverso officialismo que se derramou pelas capitánias, renasceu com extranho vigor a antiga corrupção e a venalidade dos magistrados e funcionarios, e parecia-se voltar áquelle tempo em que frei Manoel do Salvador dizia serem quatro caixas de assucar as bastantes para vergar a vara da justiça”.

A consequencia disso tudo foi uma indisciplina generalizada a infiltrar-se nas diversas camadas sociais, inclusive as forças armadas, e que se traduzia em perennes divergencias e continuas discordias e desordens.

Era tão precaria a autoridade desse rei absoluto, que as tropas portuguezas no Brasil, junto d'elle, não lhe obedeciam. Por occasião da revolução constitucionalista de 1820 em Portugal, não só essas tropas adheriram ao movimento, como obrigaram D. João a baixar um decreto (26/2/1821) em que “se compromettia a approvar e fazer cumprir a constituição da Junta Revolucionaria de Lisbôa”, e isso depois de reunidas revolucionariamente no Largo do Rocio.

Foi nesse meio que se educou e cresceu D. Pedro, imperador primeiro do Brasil, conjuncto de predicados oppostos, incoherente hoje, consequente amanhã, impulsivo agora, cavalheiresco daqui ha pouco, bohemio incorrigivel, o mais desabusado e indisciplinado dos principes. Era um temperamento prompto sempre a reagir a qualquer imposição que se lhe quizesse fazer. Quando explodia em colera nada o detinha porque perdia a faculdade de raciocinar. Tornava-se nessas occasiões brutal e incapaz de comprehender as consequencias dos actos reprovaveis que praticava.

E foi ao influxo desse homem que se realizou a independencia do Brasil.

Aconselhado ou não por D. João VI a que cingisse a corôa do Brasil, elle só se resolveu a isso porque as côrtes portuguezas o reduziram a simples capitão-mór

do Rio de Janeiro, como diz João Ribeiro, submettendo as provincias directamente ao governo da metropole, restringindo ao minimo a sua autoridade na colonia, e ainda pelas imposições que lhe faziam continuamente, culminando pela ordem terminante de regressar a Portugal.

Essas attitudes das côrtes portuguezas seriam fundo o orgulho do principe, excitando á rebeldia o temperamento já por si aggressivo de D. Pedro. Alem disso foi elle encerrado no circulo de ferro dos brasileiros que tramavam e queriam a todo transe a emancipação politica, a qual se realizaria com elle ou sem elle, menos dia mais dia.

D. João VI partira de regresso a Portugal a 26 de Abril de 1821 e D. Pedro ficara como regente, tendo logo nomeado o seu ministerio do qual fazia parte o Conde de Louzã, na pasta da fazenda, portuguez enfatuado que systematicamente só nomeava patricios seus para os cargos que vagavam. Em Maio chegou ao Rio a noticia de que havia sido decretada em Lisboa a constituição, cujas disposições, como declarava o proprio decreto, só seriam obrigatorias para o Brasil depois de assignada ella na côrte pelos deputados brasileiros. Entendeu por isso D. Pedro que o Brasil estava desobrigado de jural-a enquanto, não fosse satisfeita essa assignatura, o que demandaria algum tempo, isto é, até que chegassem a Portugal aquelles deputados. As tropas do Rio incitadas pelo Conde de Louzã revoltaram-se e concentraram-se a 5 de Junho no Largo do Rocio onde obrigaram o Principe Regente a jurar a constituição. Em seguida e á revelia de D. Pedro foi preso pelas tropas portuguezas o Conde dos Arcos, ministro do reino, assim obrigado a partir para Portugal a 15 de Junho.

Esses dois episodios são caracteristicos da indisciplina reinante naquella epoca.

D. João VI chegou a Lisbôa a 5 de Julho do mesmo anno de 1821 e os acontecimentos se precipitaram em uma luta entre as côrtes dessa cidade e o Príncipe Regente. Succedem-se de um lado as providencias cercadoras da autoridade deste e de outro lado os actos de rebeldia contra essas providencias. São os decretos de 29 de Setembro chegados ao Rio em 9 de Dezembro, supprimindo os principaes tribunaes dessa cidade e determinando o regresso de D. Pedro a Portugal afim de viajar e completar a educação. E' o 9 de janeiro de 1822 -- o dia do *Fico*. E' a tentativa de prisão do principe pela Divisão Auxiliadora ás ordens do General Jorge Avilez, a qual foi obrigada a capitular e a retirar-se para Portugal a 15 de Fevereiro. E' a convocação do conselho de procuradores das provincias a 16 desse mez. E' o decreto de 21 ainda desse mez, declarando que as leis vindas de Portugal só seriam observadas depois do — cumpra-se — de D. Pedro. E' a esquadra do vice-almirante Francisco M. de Souza aportando ao Rio em 5 de Março, trazendo a incumbencia de levar o principe e obrigada a regressar a 24 do mesmo dimuuida da fragata "Real Carolina" que se collocou ao lado do regente. E' a prohibição de 7 de Março da remessa de armas e munições para o Brasil e a comunicação em represalia feita aos agentes consulares extrageiros de que esses artigos seriam desembarcados nas alfandegas do Brasil sem as formalidades fiscaes em vigor, dispensado o visto das autoridades portuguezas. E' a aclamação de D. Pedro como Defensor Perpetuo do Brasil em 15 de Maio. E' o decreto do regente datado de 3 de Junho, convocando uma assemblea constituinte e legialativa de deputados de todas as provincias. E' a noticia de que Portugal ia mandar tropas ao Brasil e o manifesto de 1.º de Agosto no qual se declarava que tropas de quaesquer nações que se destinassem ao Brasil sem aviso prévio seriam tidas como

inimigas. É finalmente o 7 de Setembro do celebre grito do Ypiranga e com elle a independencia e o Imperio.

As mudanças de regimen politico sejam quaes forem suas modalidades acarretam sempre um desequilibrio organico nos paizes em que se operam, pela divergencia das ideias, principios e doutrinas dos homens sob cujas directrizes ellas se realizam bem como das facções e partidos em evidencia nessas commoções politico-sociaes. Nação alguma deixou de sentir mais ou menos profundamente os effeitos desses movimentos inherentes á renovação imperiosa e periodica do evoluer da civilização, a cada cyclo historico porque atravessa no seu desenvolvimento progressista. Dahi as crises mais ou menos agudas e profundas com o seu cortejo de dissensões, ambições, invejas, malquerenças e odios a dividir os homens e até que se firmem as instituições que deverão permanecer durante o novo cyclo a percorrer.

É se assim é no ambito exclusivo de um povo que se renova pelas grandes revoluções a que não pode furtar-se devido ás proprias leis da evolução e crescimento das collectividade já soberanas, com razões mais fortes e poderosas pela maior complicação do phenomeno, se processam as revoluções que visam a independencia e soberania de povos coloniaes cujos crescimento e madureza as fecundam e determinan no tempo apropriado.

Neste caso a complicação do phenomeno se opera não só pela interferencia de mais de um povo, como pela escolha do regimen a adoptar, que deve estar de accôrdo com o cyclo historico em que se realiza elle, sob pena de fallhar aos seus fins, preparando desde logo outras revoluções talvez mais agudas e que teriam sido evitadas se os homens de Estado estivessem ao par do

tempo em que vivem e agem e do espaço no qual sua actividade se exerce.

No Brasil a independencia foi proclamada no momento historico preciso em que a ideia estava preparada, pelo consenso unanime dos brasileiros de então, guiados por um grupo de eminentes concidadãos. A forma de governo adoptada pela revolução — a monarchia constitucional — foi justamente a que estava em evidencia no seculo, a que era propria. O phenomeno assim facilitado em sua realização, teve entretanto a complicação o meio indisciplinado em que se effectuou, ambiente de desconfianças generalizadas pelas intrigas, ambições, suspeitas e odios entre brasileiros e portuguezes.

D. Pedro, principe portuguez sob cujos auspícios se ultimou a revolução, viu-se assim coagido entre uns e outros do mesmo modo que seu pai, tambem como elle não distinguindo uns de outros, porem sem a força de vontade e firmeza imprescindiveis para dar aos brasileiros, e só a estes, salvo raras excepções, os cargos publicos que lhes cabiam por equidade e como era necessario para a estabilidade da autoridade imperial.

Em vez disso, ora estava ao lado dos brasileiros ora ao lado dos portuguezes, fazendo assim periclitar o seu prestigio e a sua autoridade. Essa attitude dubia foi a causa principal dos acontecimentos que se succederam, indispondo o imperador com os brasileiros, factor importante da recrudescencia do antagonismo entre elles e os portuguezes, augmentando consideravelmente a indisciplina das classes sociaes, entre as quaes as forças armadas, que revoltadas na praça publica deram causa, sem o prever, á abdicção. Desse estado de coisas surgiram as agitações que determinaram o 7 de Abril e as revoluções no Rio e nas provincias na epoca dos governos regenciaes, as quaes tanto ameaçaram a integridade do Brasil, que só não se des-

membrou porque o regimen politico adoptado o preservou de maiores ambições, bem como dos caudilhos que infestaram a America hespanhola.

Se em lugar de um principe portuguez a enfeixar em suas mãos a autoridade maxima por occasião da independencia, tivesse tido o Brasil um principe brasileiro a altura do momento historico, a disciplina e a ordem teriam voltado aos espiritos e a organização da nova nacionalidade ter-se-ia processado em um ambiente de calma e segurança, evitadas as commoções e disturbios que se lhe seguiram.

O grande imperio colonial hispano-sul-americano ao raiar para elle a independencia desmembrou-se todo em nove republicas quando as ideias republicanas ainda não estavam amadurecidas, justamente quando se começava a discutil-as e ensaiar-as. Dahi o surto dos caudilhos, despotas e tyrannos, os quaes sem um sufficiente preparo politico e sem os conhecimentos historicos por onde auferil-o, foram em geral mais nocivos do que uteis aos seus paizes. Dessas republicas a que entrou mais cedo e mais se deteve em um periodo de ordem e segurança foi o Chile, devido innegavelmente ao regimen parlamentar que adoptou, então já bem conhecido e praticado por quasi toda a Europa, na epoca historica que lhe era propria e em que ascendia para o ponto culminante da parabola da sua existencia. As outras republicas adoptaram o regimen presidencial em vigor nos Estados Unidos, com pequenas modificações.

A grande republica norte-americana teve necessidade por occasião da sua emancipação politica de um governo forte, de união e convergencia de esforços para enfrentar a Inglaterra que já nesse tempo era a maior potencia naval do mundo.

Por isso creou e adoptou o regimen presidencial pela federação dos Estados autonomos em defeza

commun. Esse systema politico nasceu pois da situação particular dos Estados Unidos e na falta de outro que lhes fosse adaptavel no momento historico preciso em que a união de todos era a principal condição da victoria. A manutenção desse regimen provem de tres causas que o têm preservado de modificações e de convulsões politicas e sociaes : 1.ª — A origem racial conservadora na qual o respeito á lei, á autoridade e á tradição formam um patrimonio moral e uma característica do povo ; 2.ª — as grandes riquezas do solo e sub-solo do paiz as quaes lhe permittiram um rapido desenvolvimento no meio da abastança e bem estar ; 3.ª — a existencia de um nucleo de grandes homens, verdadeiros estadistas que encaminharam os primeiros passos da nação pela estrada larga da ordem e do progresso, sobrepondo a tudo os interesses da collectividade.

Presentemente os Estados Unidos conseguiram vencer a maior crise de que ha memoria em toda a sua historia, na qual foi paralyzado o escoamento das suas grandes produções agricola e industrial, com duas dezenas de milhões de desempregados, não obstante a detenção em seus cofres da maior porção de ouro amodado e em barra existente no globo. Se a Grande Guerra os elevou a um poderio sem rival e a uma fartura sem precedentes, cedo alli se fizeram sentir paradoxalmente as consequencias dessa situação privilegiada, pelo retrahimento dos mercados externos, procurando as demais nações bastarem-se a si mesmas, reduzindo ao minimo sua acquisições alem das fronteiras proprias. Devedoras aos Estados Unidos, tiveram necessidade de restringir o mais possivel a sahida do ouro não só para poderem fazer face aos seus compromissos como para arripararem os valores das suas moedas. E a formidavel crise estadunidense levou eminentes personagens a pensar no advento da dictadura, prevendo a substituição do regimen presidencial, isto é,

a sua fallencia no proprio theatro que tão proprio lhe foi, como dissemos, augmentando em muito as prerogativas do Poder Executivo.

Excepção do Chile, como dissemos, as nações hispano-americanas adoptaram o regimen presidencial por imitação aos Estados Unidos, cuja independencia muito influiu na dessas nações, aproveitando-se ellas do estado de fraqueza da Hespanha consequente ás guerras napoleonicas em que se viu envolvida pela propria independencia e soberania. Esse regimen politico assim preferido pelo pequeno grupo de homens em evidencia nesses paizes, onde as circumstancias eram diversas das do paiz imitado, não poderia dar os mesmos lisongeiros resultados obtidos em Norte America. Dahi a degenerescencia em despotismo e tyrannia, com o cortejo de revoltas e motins determinantes da instabilidade dos governos hispano-sul-americanos e advento do caudilhismo.

As desordens brasileiras provieram da indisciplina geral consequente á fraqueza de D. João VI, aos actos publicos e particulares da desordenada personalidade de D. Pedro, ao odio entre brasileiros e portuguezes, ao proprio movimento libertador, e não ao regimen politico adoptado, que foi o mais condizente á situação e ao momento historico vivido e que permittiu a integração dos vastos dominios portuguezes na America do Sul em um imperio unico. Mas entre essas causas das desordens tem o primeiro lugar o chefe do novo Estado, homem que personalizava em si a propria indisciplina pela pratica constante de actos incoherentes que desnorteavam os homens que o cercavam, os ministros, o povo, as classes armadas. O acto da abdicção é um exemplo concludente pois deixou perplexas as proprias tropas em revolta na praça publica para obrigarem-n'o a chamar ao governo o ministerio demittido no dia anterior (5 de Abril). Longe estavam os chefes

da sedição de pensar em tão extrema resolução que os deixou desorientados. D. Pedro, sempre impulsivo e apparentando uma soberba calma, paradoxal ainda uma vez, foi-se para Portugal, atirando a corôa ás faces dos revoltosos que ficaram entregues á indisciplina que elle não creara porem que entretivera e desenvolvera nos seus dez annos de governo.

A indisciplina governamental, a social propriamente dita ou popular e a militar nasceu como vimos, no governo de D. João, que a legou a D. Pedro, que por sua vez a ampliou e generalizou por todas as camadas da nação. Não obstante os immensos serviços que prestaram ao Brasil engrandecendo-o, preparando-lhe a independencia e executando-a, os principes portuguezes deixaram aos governos regenciaes o triste legado de uma indisciplina generalizada que os absorveu inteiramente e que elles souberam combater e jugular, salvando a nacionalidade do desmembramento e preservando-a da anarquia militar que a ameaçava. Os homens da regencia estiveram á altura do momento historico, agindo firmes e vigorosos, vencendo as muitas revoltas que se desencadearam, debellando o espirito caudilhesco, amortecendo a violencia das paixões politicas em evidencia, preparando o advento do segundo imperador.

Diante da situação creada pela abdicção inesperada, os 26 senadores e 36 deputados residentes na côrte reuniram-se e nomearam uma regencia interina para governar o paiz até que convocado o Parlamento deliberasse este definitivamente. D. Pedro II tinha apenas seis annos incompletos.

Essa regencia trina da qual faziam parte o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, o Marquez de Caravellas (J. J. Carneiro de Campos) e o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, governou até 18 de Junho de 1831, reintegrou o penultimo ministerio de D. Pedro I e cuja demissão motivara a revolta das tropas e a abdi-

cação, approvou a nomeação de José Bonifácio para tutor dos príncipes e em manifesto ao povo concitou-o á ordem e á obediência.

Reunida a Assembléa Geral elegeu esta em 18 de Junho uma regencia trina permanente composta do alludido brigadeiro e dos deputados José da Costa Carvalho e João Braulio Moniz. O seu governo prolongou-se até 12 de Outubro de 1835.

Periodo agitadissimo o da regencia, na qual esteve em jogo o destino do Brasil e em que a unidade politica da nação esteve em cheque, conveni fazamos um resumo dos acontecimentos, para que melhor evidenciemos as theses que vimos sustentando, do pleno conhecimento das quaes possamos tirar as consequencias que nos levem nas lutas do presente e do futuro a preservar a unidade nacional não só para o bem estar dos brasileiros como da humanidade em geral dada a marcha da civilização no planeta.

O delicadissimo momento então vivido pelo Brasil, de indisciplina geral, de antagonismos de doutrinas politicas, de ambições pessoais, de interferencia dos militares nos negocios publicos, ameaçado o paiz de um regimen de anarchia militar dissolvente pelos frequentes pronunciamentos da tropa, tudo isso exigia um governo forte e resolutivo, agindo energica e decisivamente, que collocasse acima de todos os interesses particulares, das ambições dos partidos, do predominio da casta militar, o supremo bem da nação una e eterna e com elle o bem supremo de todos os brasileiros, periclitante no meio do cháos que se abria com a desordem que lavrava intensa e profunda.

Os homens da Regencia Trina Permanente bem comprehenderam a delicadeza da situação e tiveram a clarividencia de nomear ministro da justiça o padre Diogo Antonio Feijó, a quem deram absoluta liberdade de acção como exigiu elle (4 de Julho de 1831). E essa

exigencia é característica dos homens superiores e Feijó foi o super-homem da situação, o pulso de aço de que falamos no Capitulo II, aquelle que a golpes de energia e decisão implantou a ordem no meio da desordem, aquelle que mais garantiu e fortificou o poder civil contra a demagogia dos quartéis, o estadista que mais preservou a novel nacionalidade de succumbir fraccionada em republiquetas irrequietas e caudilhescas.

Tres partidos se haviam formado no seio da Assembléa Geral, cada qual pugnando pela victoria das suas ideias. O Restaurador ou Caramurú que trabalhava pela restauração de Pedro I; o Exaltado que queria um regimen republicano; o Moderado que apoiava a regencia.

Nomeado ministro a 4 de Julho, Feijó foi obrigado a dissolver nesse mesmo mez alguns corpos do Exercito amotinados no Rio de Janeiro e a crear a Guarda Municipal e a Guarda Nacional com as quaes pôde submeter em Outubro seguinte um batalhão de artilharia de marinha sublevado na ilha das Cobras.

A creação da Guarda Nacional foi um acto imposto pelas circumstancias extremas a que chegou o governo regencial não podendo confiar no Exercito que se chafurdara quasi inteiramente na indisciplina e se tornara o maior factor da desordem, verdadeiro flagello da nacionalidade em formação, cono vamos ver.

Como Ministro da Justiça, Feijó teve que reprimir a revolta das tropas do Maranhão, a qual se prolongou pos seis mezes, tendo sido expulsos dos cargos pelos revolucionarios os magistrados, o presidente da provincia e o commandante das armas. Suffocou ainda a revolta das ilhas das Cobras e Villegaignon, capitaneadas peio major Miguel de Frias e Vasconcellos, a qual se propunha implantar no paiz o regimen republicano. Commandou nessa emergencia as tropas imperiaes fieis ao governo o então major Luiz Alves de Lima e Silva.

Suffocou mais duas tentativas de revolta organizadas pelo partido restaurador e instigadas por José Bonifácio, então tutor dos príncipes imperiaes.

Não tendo conseguido do Parlamento a destituição desse grande brasileiro do referido cargo, Feijó exonerou-se do de Ministro da Justiça.

A Regencia Trina Permanente teve que proseguir a politica de Feijó, de reprimir as rebeldias constantes das tropas que ameaçavam pela sua indisciplina e insubordinação subverter as instituições politicas, quizá desmembrar a nação.

Em Pernambuco, encabeçada pelo 14.º btl. de infantaria, irrompeu uma revolta que poz em saque durante tres dias a cidade de Recife e ficou conhecida pelo nome de Setembro (Setembro de 1832). No Ceará, um Coronel, não se conformando com a abdição, trouxe a provincia em polvorosa cerca de um anno, até que foi obrigado a render-se, tendo sido sentenciado á morte e executado em 28 de Novembro de 1834. Chamava-se elle Joaquim Pinto Madeira. No Pará as tropas se amotinaram em Abril de 1835 e assassinaram o presidente da provincia e o commandante das armas, e só foi suffocada já na regencia Feijó, em 1836, após tres annos de lutas. No Rio de Janeiro proseguiram as desordens provocadas então pelo partido restaurador cuja séde foi invadida pelo populacho em delirio, onde damnificaram tudo o que encontraram, terminando os motins pela prisão de José Bonifácio, um dos chefes do partido, o qual foi então destituído do cargo de tutor dos príncipes, isto em 15 de Dezembro de 1835.

Nomeado regente unico a 12 de Outubro de 1835, Diogo Antonio Feijó permaneceu no poder até 19 de Setembro de 1837, tendo conseguido dominar, como dissemos pouco acima a revolta do Pará. Durante sua regencia irrompeu no Rio Grande de Sul a mais formidavel revolta da época, a Guerra dos Farrapos,

como passou á Historia, cheliada por Bento Gonçalves da Silva, então Coronel do Exercito, a qual durou cerca de dez annos, só terminando já no governo de D. Pedro II.

Essa revolução teve alternativas de victoria de parte a parte e o episodio da fuga de Bento Gonçalves do Forte Mar na Bahia, aonde fora recolhido prisioneiro, determinou o pedido de exoneração de Feijó e a nomeação do Senador Pedro de Araujo Lima para regente (19/9/837).

Araujo Lima teve que proseguir na repressão á Guerra dos Farrapos, conseguindo suffocar as revoltas que surgiram no seu governo, na Bahia e no Maranhão, conhecidas pelos nomes respectivamente de *Sabinada* e *Balaçada*. A primeira prolongou-se de Novembro de 1837 a Março de 1838; a segunda de Dezembro de 1838 a Fevereiro de 1840.

Exterminou esta o Coronel Luiz Alves de Lima e Silva, agraciado então com o titulo de Barão de Caxias.

Araujo Lima governou até 25 de Julho de 1840, data em que foi declarada a maioridade de D. Pedro II.

Os primeiros annos do seu governo foram ainda de inquietações e revoltas, ainda não bem extinctos todos os focos da indisciplina que se generalizara no paiz e que attingira todas as classes sociaes, della apenas ficando immune um grupo não muito numeroso de homens eminentes, que collocaram os supremos interesses do Brasil acima de quaesquer outras considerações, respeitaveis que fossem, assim salvando a nação da anarchia e do desmembramento, permittindo que ella se organisasse e vencesse as vicissitudes porque passou e pudesse proseguir a sua evolução e preparar-se para cumprir o seu destino historico.

Dentre esses homens cumpre salientar dois grandes vultos aos quaes se deve principalmente a integridade

da nação pujante de hoje e que prevejo será a leader da Civilização do futuro: Padre Diogo Antonio Feijó e Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, as columnas mestras em que se appoiou a construcção do edificio que é o orgulho dos brasileiros que se votaram e devotaram á perpetuidade do mesmo pelos tempos em fora, em que pése aos degenerados que procuram solapal-o com a dynamite da sua myopia intellectual e moral.

E se isso affirmamos sem medo de erro, sem tibieza, é porque a situação brasileira foi sempre precaria e incerta até que foi possível a jugulação das desordens quasi endemicas e da indisciplina que se apoderou de todas as camadas sociais, provenientes essas calamidades da indisciplina chronica das Carlotas, de D. João VI, de Pedro I e das commoções inherentes ás lutas da independencia.

A 17 de Maio de 1842 irrompe em Sorocaba a revolta chefiada pelo General Raphael Tobias de Aguiar e logo suffocada pelo Barão de Caxias em 20 de Junho do mesmo anno, no combate de Venda Grande. Nesse mesmo mez e anno rebentou em Minas Geraes uma revolta chefiada pelo Barão de Coaeas (Jesé Feliciano Pinto Coelho), a qual foi tambem jugulada pelo Barão de Caxias, que derrotou os insurrectos no combate de Santa Luzia.

Em 1844 irropmpe uma revolta em Alagoas, chefiada por Vicente Tavares da Silva Coutinho, tendo sido deposto o presidente da provincia. Dominou-a o brigadeiro Antonio Correa Seara.

Ainda em 1842 foi Caxias nomeado presidente e Commandante das Armas do Rio Grande do Sul, tendo afinal conseguido a pacificação em 28 de Fevereiro de 1845, data em que os revoltosos foram amnistiados e em que elles depuzeram as armas.

Não estava ainda terminado o cyclo das revoltas daquelles tempos memoraveis nos quaes se jogava anno por anno o destino do Brasil. Em 1848 rebentou em Pernambuco a celebre Revolução Praieira que foi jugulada no anno seguinte.

Após essas lutas intestinas, todas ellas aniquiladas pelos poderes publicos que se revelaram capazes da missão historica que lhes coube em acontecimentos de tanta delicadeza como esses, em consequencia dos quaes a indisciplina se arraigara em quasi todos os espiritos, surge a guerra contra o dictador argentino D. João Manoel Rosas, na qual o Brasil esteve aliado aos presidentes das provincias de Corrientes e Entre Rios e ao presidente do Uruguay, auxiliando-os com um exercito de 4.000 homens sob o Commando do brigadeiro Manoel Marques de Souza, mais tarde Conde de Porto Alegre, e uma esquadra de 17 navios sob a chefia do Vice Almirante João Pascoe Grenfell.

Data dos preparativos dessa guerra a entrada definitiva do Exercito no regimen da disciplina que se vinha operando morosa porem seguramente pelo exterminio das numerosas revoltas acima narradas, permitindo esse auspicioso facto que o Brasil entrasse em uma phase de ordem e de progresso.

Não mais se registraram revoltas de quartéis no regimen monarchico, embora o Imperador, pacifista por temperamento e mais dado ás letras do que á administração, pouco interesse tivesse revelado pelas forças armadas, mantidas sem o preparo, a efficiencia e a aparelhagem necessarios a uma bôa organização militar. A esse ambiente entre o chefe da nação e as forças armadas, accresce que officiaes do Exercito e da Armada se tornaram politicos e estavam em geral ligados a um ou outro dos dois partidos existentes, os quaes se revezavam no poder quasi periodicamente, á vontade do Imperador.

Uma vez no governo, o partido então chamado da *Ordem*, dava aos militares seus co-religionários os melhores lugares nas classes armadas, os melhores commandos e chefias, transferindo os do outro partido para guarnições longinquoas, quasi sempre sem importancia.

O effectivo do Exercito não chegava a 20.000 homens. As promoções eram morosas e cabiam em geral aos mais protegidos do partido governante. Os officiaes em sua maioria permaneciam annos e annos em um mesmo posto, sem qualquer estimulo que os levasse ao pleno cumprimento do dever, ao respeito pelo Imperio, ao enthusiasmo pela profissão. Os capitães esperavam vinte annos a mais para ascenderem ao posto de major e para não deixar duvida sobre o assegurado, relataremos o seguinte facto concludente: Aureliano Augusto de Azevedo Pedra, foi promovido a alferes em Janeiro de 1868 por actos de bravura, a tenente em Janeiro de 1869 por distincção em combate, a capitão em Maio de 1869 por actos de bravura. Pois bem, aquelle bravo e digno official só foi promovido a major em 1889, vinte annos depois, já no regimen republicano e pelo principio de merecimento.

Em tal estado de coisas não pôde causar admiração a nenhuma influencia da monarchia no animo dos officiaes, que, em grande maioria, não ligavam a menor importancia á Familia Imperial e em pouca estima tinham os estadistas do Imperio. Essa precaria situação das forças armadas creada e mantida pelos poderes publicos cedo ou tarde teria que provocar reacções contra as instituições politicas vigentes, as quaes eram alem disso consideradas espurias na America do Sul republicana.

E assim foi.

O manifesto republicano de 1870, ao termo da guerra com o Paraguay, assignado por 59 cidadãos,

entre os quaes havia vultos notaveis e de reconhecidos meritos, muito concorreu para que officiaes descrentes da monarchia, se desinteressassem desta e abraçassem o ideal republicano.

A propaganda republicana assim iniciada foi crescendo de anno para anno morosamente, no seio do povo e do Exercito, com a indiferença da Armada, não obstante a sympathia que esta emprestava ao Imperador. A displicencia deste e dos gabinetes governamentais favoreciam o surto das novas ideias, cujo advento seria fatalmente procrastinado para a successão de D. Pedro II, se acontecimentos que envolveram a economia da nação e o Exercito não tivessem accelerado o movimento em prol do regimen republicano. A abolição da escravidão que empobreceu em poucas horas os ricos fazendeiros, levou estes para o partido republicano; a *Questão Militar* surgida no ministerio de 20 de Agosto de 1887, presidido pelo Barão de Cotegipe, o qual negou aos officiaes do Exercito permissão para se manifestarem pela imprensa sem licença do Ministro da Guerra, augmentou a antipathia daquelles pelo regimen; a fuga em massa em 1888 de escravos das respectivas fazendas e cuja captura era embaraçada pelo povo e a cuja perseguição se negaram os officiaes do Exercito, tornaram ainda mais precaria a situação do regimen já combalido e desacreditado.

O ministerio do eminente Visconde de Ouro Preto (7 de Junho de 1889) de franca reacção á expansão das ideias republicanas nada mais poderia praticar em defeza do regimen monarchico, já sem apoio no povo e nas classes armadas.

Proclamada a Republica a 15 de Novembro de 1889 pelo Exercito sob o Commando do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, inspirado este pelo Tenente-Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, foi ella aceita sem relutancia e sem qualquer protesto colectivo.

Diante desses factos é logico concluir que a disciplina se ausentara ha muito dos governos, do povo e das classes militares e que isso acarretaria bem cedo á nação graves acontecimentos que a levariam ás portas do desmembramento se nova era de reformas urgentes não surgisse no scenario nacional.

Isto não se deu e os antecedentes determinaram consequentes que se foram aggravando no tempo e culminaram com a Grande Revolução de 1930.

O Governo Provisorio, desde o inicio, não esteve á altura da situação. O Marechal Deodoro foi logo após o advento da Republica aclamado Generalissimo, o Contra-Almirante Eduardo Wandenkolk, aclamado Almirante e o Tenente Coronel Benjamin Constant aclamado General, este ultimo á propria revelia. Surgiram as promoções por serviços relevantes dos officiaes que influíram na proclamação do regimen republicano e de alguns protegidos. Os desgostos eram inevitaveis, principalmente de parte dos prejudicados com taes accessos hierarchicos, os quaes augmentaram a indisciplina reinante, a qual devera ter sido antes de tudo jugulada para que a reorganização da nação se pudesse processar em ambiente de ordem e harmonia geral.

Assim, o republicanismo dos militares de então foi logo pago com prejuizo de officiaes dignos, competentes e cheios de serviços ao paiz, augmentando o numero de descontentes que vinham do regimen abolido.

Eleito primeiro presidente da Republica, Deodoro pouco depois deu um triste exemplo de indisciplina governamental, arbitrariamente dissolvendo o Congresso Nacional, dando causa a que se revoltassem algumas guarnições do Rio Grande do Sul e a Esquadra, esta sob o commando do Contra-Almirante Custodio José de Mello. Deodoro dispunha de algum prestigio e podia certamente organizar a defesa do seu governo. Prefe-

riu porem nobremente renunciar á presidencia a envolver o paiz na guerra civil.

Assume a chefia do Governo o Marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica, o qual desde logo praticou acto reprovavel de desobediencia á Constituição, não consentindo se realizasse a eleição para escolha do novo presidente como alli estava prescripto sem possível subterfugio. A nação absolveu-o dessa manifestação de indisciplina governamental pelo modo decidido, austero e integro pelo qual defendeu o regimen, consolidando-o. Outra grande manifestação de indisciplina dada por Floriano foi a deposição no mesmo anno em que subiu ao poder de dezenove governadores de estados eleitos legalmente, os quaes tacita ou ostensivamente se conformaram ao golpe de estado de Deodoro, fracos e incapazes de qualquer reacção ao Executivo mesmo platonica como a de Lauro Sudré, no Pará.

Claro e logico que todos esses factos reprovaveis e illegaes no começo do novo regimen não podiam ser propicios a que elle creasse raizes nas diversas classes sociaes e se não lhe foram fataes, deve-se simplesmente a que tambem o regimen deposto não se firmara na consciencia dos homens e nenhuma saudade deixaram os membros da Familia Imperial que nunca souberam approximar-se do povo e das classes armadas, auscultando-lhes os interesses, deixando-se levar pelos ministerios, fixando-se todos em um commodismo de sybaritas.

Surgiram entretanto manifestações de indisciplina militar e serias reacções a ameaçarem o governo, cuja autoridade foi mantida energeticamente por Floriano Peixoto a despeito de tudo. Havia este assumido o governo a 23 de Novembro de 1891 e já em Janeiro de 1892 se revoltaram as fortalezas de Santa Cruz e Lage, promptamente dominadas. A 13 de Março

do mesmo anno, generaes e almirantes em numero de treze publicaram um manifesto na imprensa, intimando Floriano a mandar proceder á eleição para presidente da Republica como determinava a Magna Carta, sendo todos elles reformados arbitrariamente. Esses generaes e almirantes foram deportados todos a 10 de Abril por terem homenageado o Marechal Deodoro, procurando em manifestação de apreço que lhe fizeram nesse dia, captar as sympathias do Exército com o objectivo de collocar aquelle novamente no governo.

Pareciam serenados os animos, porem o espirito de revolta contra o usurpador do poder era latente e não se dissiparia facilmente. Em Março de 1895 irrompe no Rio Grande do Sul uma seria revolução contra Julio de Castilhos, que apeiado do governo desse Estado por ter appoiado o golpe de Deodoro dissolvendo o Congresso, a elle reverteu com o tacito consentimento de Floriano. Durou essa luta mais de dois annos, só terminando em 25 de Agosto de 1895, no governo de Prudente de Moraes. A 6 de Setembro de 1895 revolta-se parte da Esquadra sob o Commando do contra-almirante Custodio José de Mello, tendo adherido mais tarde o contra-almirante Saldanha da Gama. Esta revolta e a do Rio Grande do Sul agiram de accordo algum tempo, tendo sido a da Armada demorada em Março de 1894.

No governo de Prudente de Moraes (1894/98) houve dois levantes na Escola Militar, um em 1895 e outro em 1897, os quaes foram dominados logo de inicio. No mesmo quadriennio foram inteiramente anniquilados o fanatico Antonio Conselheiro e os seus adeptos, os quaes reunidos no arraial de Canudos, no sertão bahiano, ahí se estabeleceram fóra da lei, não reconhecendo autoridades legaes. Das quatro expedições organizadas para submettel-os, as duas primeiras retiraram-se, reconhecendo os seus chefes a impossibilidade de vencerem os fanaticos. A terceira, de dois

mil homens, commandada pelo Coronel Moreira Cezar, foi inteiramente destroçada pelos jagunços de Conselheiro e morto aquelle Coronel. A quarta expedição, de 4.000 homens, tomou e arrasou Canudos, tendo soffrido perdas importantes, inclusive muitos officiaes superiores do Exercito. Ao regressar ao Rio de Janeiro a expedição, compareceu ao desembarque o Presidente da Republica, acompanhado do Ministro da Guerra Marechal Carlos Machado de Bittencourt e do Chefe da Casa Militar Coronel Luiz Mendes de Moraes. Por essa occasião um anspeçada tentou contra a vida de Prudente, tendo sido feridos os dois ultimos, o Ministro mortalmente, na occasião em que se collocaram entre o assassino e o chefe da nação, em defeza deste.

O digno varão Dr. Prudente de Moraes, assumiu o governo com o proposito inabalavel de pacificar o paiz e levou a effeito o seu desideratum. Tornou-se por isso antipathico aos florianistas que em geral desejavam o exterminio dos revolucionarios gaúchos, inclusive o governador do Rio Grande Dr. Julio de Castilhos, que se manteve sempre em opposição ao governo da Republica nesse quatriennio, soffrendo por isso o Estado represalias do Governo Federal.

Foi uma época de intrigas e rivalidades e se bem que não ficasse provada a quem coube a responsabilidade de mandante do attentado executado por um irresponsavel que se suicidou na prisão, não é difficil conjecturar de onde partiu.

Por essa época já se extremara a imprensa partidaria no ataque aos adversarios, concorrendo assim para augmentar as animosidade existentes.

Quando Campos Salles assumiu o governo (1898/1902) a situação financeira do paiz era pessima e tida quasi em bancarrota. Tendo entrado em entendimentos com os credores estrangeiros e obtido moratoria, dedicou-se sem desfallecimentos, elle e seu illustre Ministro

da Fazenda, o íntegro Dr. Joaquim Martinho, a melhorar essa situação e a pôr em ordem as finanças publicas.

Houve necessidade de crear novos impostos e restringir ao mínimo as despesas do erario, incidindo aquelles nos artigos de consumo. Essas providencias acarretaram a impopularidade ao eminente presidente, que se viu rudemente atacado pela imprensa amarella que lhe não dava tregua, indispondo o povo que o hostilizou e vaiou ao deixar o governo.

Como vemos, a indisciplina na Republica augmentava o seu raio de acção, embora não generalizada, ora latente, ora em effervescencia, ora em surtos de desordens, mantendo os espiritos inseguros, em geral sempre desconfiados dos governos, não acreditando quizessem estes o bem estar do povo e o bom nome do Brasil.

Assumiu a presidencia da Republica depois de Campos Salles, o grande patriota Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902/1906), sob cujo governo se dirimiram questões importantes de fronteiras, se remodelou e saneou a Capital da Republica, prestando inestimaveis serviços ao paiz, tendo sabido como nenhum outro escolher os seus ministros e auxiliares, em geral homens dignos e respeitaveis pelo character, pelo saber e pela dedicacão aos interesses da nação, sobresahindo entre elles Rio Branco, Oswaldo Cruz, Lauro Müller, Pereira Passos.

Não obstante a benemerencia dos actos do governo Rodrigues Alves, contra o qual nada havia a articular senão interesses sordidos da imprensa amarella, irrompeu a 14 de Novembro de 1904, na escola Militar, um levante chefiado pelo General Sylvestre Travassos e Tte Coronel Lauro Sodré com o objectivo de apeal-o do poder, tendo sido tal movimento dominado em algumas horas. Um anno depois deu-se um levante na Fortaleza de Santa Cruz, á barra do Rio de Janeiro, tambem dominado promptamente.

Um dos males do regimen republicano no Brasil tem sido a indebita immistão dos presidentes da Republica na escolha dos successores embora politicos interesseiros e de vistas curtas defendam essa intromissão como necessaria ao bem publico. Em que pése a taes politicoides tal ingerencia não se appoia na moral e muito menos na pureza do regimen e isto é uma verdade que não podemos desconhecer por que as constituições de 1901 e 1934 prohibem a reeleição presidencial.

Porque?

Esse dispositivo foi inscripto em ambas as constituições simplesmente para que aquelle que exercer o poder maior não possa utilizar-se desse poder para influir na eleição, porque se assim não fosse elle poderia facilmente reeleger-se empregando a seu favor a enorme força de que dispõe.

Como justificar diante do que as constituições prohibem, a interferencia do governo que termina na escolha do que vai começar a exercer o mandato popular?

Em que situação vexatoria e constrangida não ficará o presidente cujo candidato fôr derrotado?

Não. O presidente, perante o Direito não pode imiscuir-se no pleito, em qualquer das suas phases. Nem perante a Moral. Assiste-lhe unicamente o dever de tomar todas as providencias para que elle se processe em inteira ordem e completo respeito ao voto.

Fôra disso é dar um triste exemplo de indisciplina governamental, perturbando a acção serena do povo na escolha do seu mandatario á magistratura suprema, salvo se esse povo, unico soberano na liberal democracia, outorgar poderes plenos ao presidente que sahe para a escolha do presidente que entra e neste caso nem haveria necessidade de eleição porque o escolhido deveria assumir o governo sem mais formalidades.

Foi o erro do eminente presidente Affonso Penna, desejar impôr á nação um candidato á sua successão. Este era innegavelmente um illustre brasileiro, mas ainda sem as credenciaes necessarias á honrosa investidura. Dahi a collisão de interesses politicos entre o presidente e o seu ministro da guerra, cujo epilogo foi a morte daquelle digno cidadão e a escolha deste para succeder-lhe, sem nenhuma elegancia dos que o designaram e do designado.

Elcito o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (1910/1914), certamente um patriota e honrado cidadão, educado fóra dos meandros da politica, cujas tricas desconhecia, difficil foi a sua tarefa de Chefe de Estado. Logo de inicio teve que conjurar a revolta dos principaes navios da Esquadra sob a chefia de um marinheiro, na qual pereceu heroicamente o capitão de mar e guerra João Baptista das Neves, commandante do couraçado "Minas Geraes". Pouco depois revolta-se o Batalhão Naval, tambem dominado e sem demora.

Nesse quatriennio tivemos a lamentar as deposições dos governadores do Ceará, Pernambuco, Alagoas e Bahia, os quaes vieram reviver episodios que pareciam extinctos para sempre e que tanto desmoralizaram o regimen republicano e os politicos.

Foi tambem nesse quatriennio o ponto culminante do dominio politico do Senador José Gomes Pinheiro Machado, bem como o da sua impopularidade, a qual lhe acarretou a morte pelo punhal, victimado por um individuo fanatizado pela imprensa amarella. Homem energico, voluntarioso, probo, destemido, com uma enorme folha de serviços á Patria na paz e na guerra, faltava-lhe uma solida cultura que lhe permittisse descortinar o momento historico que o Brasil estava vivendo, necessaria a todo o conductor de homens na phase evolutiva da civilização a que tinha chegado o paiz. Essa falta de cultura lhe foi ruinosa e bem assim

ao paiz que supportou por muitos annos a sua direcção politica eivada de erros grosseiros, não obstante pensar que assim agia em beneficio da sua terra.

Dominado indiscutivelmente por elle, o Senado em quasi unanimidade nada fazia que lhe podesse desagradar, tendo-se tornado um feudo politico do chefe incontestado. A Camara dos Deputados, se lhe não era inteiramente dedicada e se por vezes teve maiorie na opposição que lhe moveu em algumas legislaturas, possuiu sempre um numero respeitavel de membros que lhe eram fiéis. No Senado só tomava assento quem elle quizesse e não quem houvesse obtido maioria de votos nas urnas. Este, se não pertencesse á politica de Pinheiro Machado, era inexoravelmente depurado, arranjando-se sempre um outro que lhe fosse dedicado para ser reconhecido, embora poucos votos tivesse obtido na eleição. Assim tambem acontecia na Camara dos Deputados nas legislaturas em que conseguisse elle maioria de votos.

Os escandalos dos reconhecimentos fraudulentos nas duas casas do Congresso, muito desmoralizaram o regimen que, sem raizes no passado, não as podia crear no presente cuja atmospherá se tornara intoxicada de desanimo e descrença.

Voluntarioso e indisciplinado, Pinheiro Machado exigia submissão e disciplina de todos os que se lhe cercavam, incapaz de comprehender-se a si proprio e de se impôr uma politica nobre e elevada em beneficio da collectividade.

Por tudo isso e não obstante os muitos e grandes serviços prestados ao paiz, foi elle, no terreno politico, nocivo ao regimen que ajudou a implantar, concorrendo durante annos para o seu desprestigio e com este para que um grande numero de cidadãos fosse procurar alhures a salvação publica que ambicionavam para o paiz, descrentes do presidencialismo.

O quadriennio seguinte (1914/1918) foi o do Sr. Wenceslão Braz Pereira Gomes, coincidindo com o da Grande Guerra, presos todos os espiritos aos acontecimentos europeus.

Torpedeados pelos allemães cinco navios mercantes brasileiros, o Brasil em Outubro de 1917 entrou na guerra ao lado dos alliados, tendo enviado a Europa uma divisão da Esquadra composta de seis navios, uma missão medica e alguns officiaes do Exercito que obtiveram permissão para servir no Exercito francez.

Para o quadriennio de 1918/1922 fôra eleito presidente da Republica novamente o grande presidente de 1902/1906, Dr. Rodrigues Alves, que não pôde tomar posse em virtude da molestia que o victimou logo depois. Assumiu o governo o vice-presidente Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, a quem coube presidir nova eleição do qual sahiu triumphante o Dr. Epitacio Pessoa, que se achava na Europa como presidente da delegação brasileira ao congresso da paz reunido em Versalhes.

Energico e destemeroso, cultura invulgar, talentoso, character respeitavel, eminente jurisconsulto, o Dr. Epitacio Pessoa fez um governo brilhante e benefico ao paiz e ter-se-ia processado sem commoções intestinas se outro que não o Dr. Arthur Bernardes fosse o candidato á sua successão.

Sem duvida alguma este illustre brasileiro podia aspirar á cathedra suprema da Republica não só pelos seus dotes mentaes e moraes, como pelos serviços que já prestara ao paiz como deputado e presidente de Minas. Entretanto o seu ícicio arredo de popularidade, a sua vida austera e retrahida, administrador emerito do Estado porem sem a espectacularidade generalizada nos politicos brasileiros, tudo isso concorreu para que não estivesse bem conhecido no paiz e dahi o véto opposto á sua candidatura. A opposição foi deveras formidavel em todas as classes sociaes, tendo

lançado mão de todos os recursos para incompatibilizar o candidato com a nação, inclusive a mentira, o suborno e a calúnia. Todo o Brasil conhece o infame subterfugio das cartas falsas as quaes submettidas ao simples exame de homens intelligentes não lhes resistiriam ao veriditum, se a cavalleiro de ideias preconcebidas estivessem elles.

As agitações em torno do caso recrudesciam sempre e não obstante os desvarios e as intrigas de toda sorte, o Dr. Arthur Bernardes foi eleito e reconhecido pelo Congresso. Não se lhe deu tregua e foi dia a dia atacado na sua reputação, com o odio velho que não cansa.

Foi nesse interim o governo do Dr. Epitacio envolvido nesse triste espectaculo quotidiano, no qual a todo transe se procurava achincalhar o Exercito, cujos brios eram excitados com o objectivo de lançal-o em revoltas. Houve na imprensa do Rio um diario de grande circulação e innegavel prestigio que levou o seu odio ao Dr. Bernardes a ponto de declarar que os officiaes do Exercito deviam trocar suas calças por saias, uma vez que se não oppuzessem á posse desse politico.

E a campanha tenaz ia aos poucos surtindo effeito.

Regressara da Europa em principios de 1921 o Marechal Hermes R. da Fonseca, que terminara o seu quadriennio governamental sob grande impopularidade, como se a nação inteira sentisse o conforto de um allivio depois de irritante pesadelo. O proprio Exercito que o sustentara até o fim do seu periodo de governo, todo elle processado em um ambiente de achincalhe e desrespeito á autoridade, sentiu-se alliviado. Numerosos officiaes que certamente mais se occupavam de politiquices do que do cumprimento dos seus deveres profissionais, resolveram desaggraval-o, porem com o fim occulto de tornal-o candidato á successão presidencial. Promoveram-lhe um banquete no Club Militar e o elegeram seu presidente.

Apezar disso a eleição presidencial se processou entre dois candidatos civis — os Snrs. Nilo Peçanha e Arthur Bernardes — este candidato official. O Marechal não encontrou apoio nos meios politicos e a sua candidatura morreu no nascedouro.

Entra o anno de 1922 no meio da effervescencia politica consequente á successão presidencial, extremados os animos entre os partidarios dos candidatos, o Dr. Bernades combatido e achincalhado ainda pelos militares que acreditaram nas alludidas cartas e lhe votaram por isso um entranhado odio.

Tudo servia de pretexto para agitações nessa conturbada época de apprehensões e desvarios, não se podendo prevêr aonde nos levariam os acontecimentos, embora a nação confiasse na energia nunca desmentida do Dr. Eptacio Pessôa.

Processava-se tambem a esse tempo a successão governamental do Estado de Pernambuco, tendo surgido disturbios e derramamento de sangue em Recife. Diversos officiaes do Exercito alli em guarnição, indisciplinadamente, em vez de se dirigirem ás autoridades militares competentes, isto é, áquellas a que estavam subordinados em virtude dos cargos que exerciam, consultaram o Marechal Hermes como deviam proceder. Este, cedendo mais aos impulsos da politicagem do que aos de um general, traçou-lhes como presidente do Club Militar uma norma de conducta que se afastava do bom senso e da disciplina que devia aconselhar e que era a de se dirigirem elles aos chefes aos quaes estavam militarmente subordinados. Essa intromissão indebita de uns e outro na politica, valeu uma reprehensão e depois uma prisão ao Marechal e ao Club Militar o seu fechamento pouco elegante, o Presidente da Republica baseando o seu acto em uma lei de repressão aos desordeiros e anarchistas e no qual declarava a auto-

ridade suprema que o club "em vez da defeza dos interesses legitimos da classe convertera-se em centro de indisciplina militar".

E augmentava sempre a indisciplina, dia a dia, sem solução de continuidade depois do interregno da Grande Guerra, infiltrando-se no povo e nas classes armadas, deixando prever novas sedições e revoltas a ameaçarem a estabilidade do regimen.

E assim, em consequencia dos acontecimentos acima, irrompeu na madrugada de 5 de Julho de 1922, a revolta do Forte de Copacabana com a adhesão do Forte do Vigia, dos alumnos da Escola Militar, da Escola de Aperfeiçoamento e parte da Escola de Aviação Militar, tendo por objectivo principal evitar que o Sr. Arthur Bernardes tomasse posse do governo. Devia assumir o commando dos revoltosos o Marechal Hermes R. da Fonseca, preso antes que tivesse podido organizar as operações e articular os rebeldes.

O fracasso dessa revolta acarretou tambem o do levante da guarnição de Matto Grosso sob a chefia do respectivo commandante General Clodoaldo da Fonseca, o qual irrompera na mesma occasião.

O quadriennio do Sr. Arthur Bernardes (1922/26) foi o mais agitado de todos a partir do segundo inclusive, processado em estado de sitio quasi permanente, os seus adversarios guiados mais pelo odio que lhe votavam do que pelo patriotismo e pelos elevados ideaes que os deviam nortear.

Não soube o digno homem de Estado escolher os seus auxiliares de governo, entre os quaes havia figuras de nenhum ou de secundario relevo, alguns odiados pelo povo e pelo Exercito, incultos e rancorosos, incapazes de approximar a figura respeitavel do presidente desse mesmo povo e desse mesmo Exercito, o que teria evitado muitos dissabores ao seu chefe e ao paiz. Homem leal e sincero, o Sr. Bernardes tolerou-os e isso lhe alie-

nou para sempre a sympathia e a amizade de muitos cidadãos que lhe teriam sido proveitosos. Os que o cercaram e serviram foram na maioria ambiciosos vulgares que propositalmente procuravam isolal-o, afastando os homens dignos que lhes podessem fazer sombra e "arrancar-lhes o quinhão pelo qual se batiam interessadamente no governo.

Consideravel maioria de officiaes do Exercito acreditou na authenticidade das cartas attribuidas ao Sr. Bernardes e desde então essa maioria se lhe tornou infensa. Os chefes militares em evidencia no quadriennio pouco ou nada emprehenderam para remover essa malquerença. Se na occasião opportuna tivessem vindo a publico a demonstrar em declarações incisivas a inanidade da accusação maldosa que se levantara ao candidato com o objectivo de indispor-o com o eleitorado, teriam certamente prestado inestimavel serviço á nação. Eram elles porem, em geral, mediocres e apenas gozadores das posições que não mereciam occupar porque incapazes de eleva-las e bem servil-as. O Sr. Bernardes não os conhecia, como tambem não conhecia outros, e isso não lhe permittiu uma selecção de valores que teria sido de grande utilidade e de immenso proveito para o seu governo.

Essa falta de conhecimento foi a mais forte das razões que de inicio nos levaram a ter como falsas as referidas cartas, porque ellas só poderiam ter sido escriptas ou dictadas por um militar ou por um civil que tivesse privado e muito no meio militar.

O Sr. Bernardes tomou posse da presidencia em pleno estado de sitio, cercado de desconfiança quasi geral, no meio da apprehensão de todos, assediado pelo odio de adversarios irreductiveis que tudo empenhariam para o fracasso do seu govono. Como dissemos, agiam estes pelo rancor que lhe votaram e não pelo patriotismo que os devia inspirar em melhor direcção.

Por sua vez, o Presidente não era homem que fosse capaz de immolar o seu amor próprio e o seu orgulho ás graças dos seus adversarios impenitentes. Um manifesto opportuno, antes da posse, curto e incisivo, de homem forte, animado de força de vontade para desarmar os espiritos a bem dos interesses sagrados da collectividade, despido de odios e de vinganças, sedento de ordem e de justiça, acima de todas as considerações dedicado ao bem publico e á prosperidade das classes sociaes, em particular das classes armadas sem a sympathia das quaes não é possivel bem governar, teria a virtude, dado o feitio romantico do brasileiro, de manter o povo e talvez seus inimigos militares em expectativa de esperanças de um bom governo.

E o Sr. Bernardes era e é um homem capaz de bem governar e de praticar uma optima administração, mas não foi susceptivel de contemporizar com os seus desaffectedos. Tratado por estes como inimigo, como tal respondeu aos ataques injustos que lhe moveram; sem que tivesse meditado que elles eram brasileiros e servidores da Patria e que por isso deviam ser chamados á razão insistentemente e sem vinganças, guardados certamente o respeito e o decoro devidos á autoridade de que se achava investido.

Ao contrario disso, de parte a parte, tudo se fez para que os odios se acirrassem, para que o mal estar se perpetuasse. As consequencias dessa situação eram faccis de prever e não podiam deixar de preparar os animos para as revoltas que surgiram e que, se foram juguladas, não permittiram entretanto que elles se acalmassem e assim facilitassem uma administração progressista como seria licito esperar, certo como é que o trabalho só se processa proficuamente em um regimen de ordem.

Um dos grandes males da primeira republica foi a frequente dualidade de governos e de assembléas

legislativas nos Estados, situações essas creadas pela ambição de trefegos politicoides que não cogitavam dos interesses materiaes e do patrimônio moral da nação, querendo viver a custa dos cofres publicos e sacrificando para isso o decoro da Republica. Assim, logo de inicio teve o governo do Sr. Bernardes o caso do Estado do Rio, o qual determinou ao paiz a prorrogação do estado de sitio decretado no governo antecedente.

Em 1925 irrompeu no Rio Grande do Sul mais uma revolução, conseqüente esta á quarta reeleição do Sr. Borges de Medeiros para governador daquelle Estado. Eram os tradicionaes partidos adversarios que alli se lançavam em nova guerra intestina, os revoltosos contando se não com o apoio do Presidente da Republica ao menos com a sua sympathia. O Partido Republicano Rio-Grandense para manter o seu chefe no governo, eternamente, valia-se da constituição politica do Estado em flagrante opposição á Constituição da Republica, esta não permittindo a reeleição do Chefe da Nação aquella permittindo a do governador do Estado indefinidamente, embora artigo expresso da Carta Magna Geral houvesse determinado que as organizações estaduaes obedecessem aos principios da organização federal. O Partido Libertador, antigo Partido Federalista, batia-se, como sempre se bateu, pelo respeito ás liberdades publicas, pela lisura do voto, pela pureza do regimen, embora adoptasse como principio cardinal da sua politica o regimen parlamentar. Os seus homens podiam ser denominados os campeões do Direito. Essa revolução terminou pelo accôrdo de Pedras Altas, realizado sob os auspícios do Sr. Bernardes, modificados diversos dispositivos da constituição sul-rio-grandense. Representou o Governo Federal nas negociações desse accôrdo o General Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, que fôra ao Rio Grande do Sul para esse fim.

Não arrefecera o odio ao Sr. Bernardes por parte dos seus rancorosos inimigos, civis e militares, aos quaes preocupava insistente a ideia da sua deposição. Prepararam elles um movimento armado em que tomariam parte unidades do Exercito aquarteladas no Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná e S. Paulo, articuladas com outras do Rio. Deveria ser preso no Paraná o Ministro da Guerra em seu regresso do Sul. Conhecedor da conspiração, o governo tomou providencias urgentes e adequadas, conseguindo evitar a defflagração, marcada para Janeiro de 1924.

Não esmoreceram os conspiradores. Proseguiram no deliberado proposito de desencadear a revolta logo que fosse possivel aliciar os elementos sufficientes ao exito. O governo tinha sciencia de que irromperia ella em S. Paulo, tendo o Chefe de Policia do Districto Federal avisado o Commandante da 2.^a Região Militar, General Abilio Noronha. Este, confiando em demasia nos seus meritos de chefe estimado pela officialidade do Exercito não acreditou no movimento, julgando-se a cavalleiro de um golpe de mão, deixando por isso de tomar as providencias que se lhe impunham afim de não ficar como ficou na situação do "capitão que não cuidou".

O plano fôra meticulosamente preparado em todas as suas minucias. Entretanto os acontecimentos se precipitaram, não dando tempo a que todos os elementos em conjura se reunissem em S. Paulo ou que se revoltassem *in loco*. Isso permittiu ao governo, já de sobre-aviso, tomar medidas urgentes, insulando o movimento na Capital do Estado, não dando margem a que os seus chefes podessem articular todas as forças que haviam assumido compromissos e que eram numerosas. Não puderam assim os revoltosos de 5 de Julho de 1924 dominar o Estado de S. Paulo e marchar sobre

Rio de Janeiro onde esperavam sem duvida alguma o auxilio valioso de unidades alli aquarteladas.

Não tendo sido batidos, os revoltosos viram-se obrigados entretanto a retirar-se para o interior, onde permaneceram em constantes correrias sem outros objectivos que não os de cansarem as tropas governistas enviadas em sua perseguição e de manter em sobresalto o governo federal. E assim se conservaram até quasi se extinguir o praso do governo Bernardes, acarretando a intranquilidade da nação, cujas torças vivas não poderam nesse quadriennio ser compostas no sentido da melhor resultante.

A rebelião em S. Paulo juntaram-se outras em Matto Grosso, Sergipe, Pará e Amazonas, todas ellas juguladas, porque as forças armadas, embora possuindo em seu seio fortes elementos indisciplinados e irrequietos se mantiveram sempre em grande maioria obedientes ao poder civil e fideis aos seus imperativos de mantenedoras da ordem e do respeito ás leis.

No mesmo anno dessa rebelião, 1924, novos levantes e novas manifestações de indisciplinada e de desordem se pronunciaram no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e outros pontos do paiz. Em Outubro e Novembro revoltaram-se algumas unidades do Exército no extremo Sul, que foi invadido por uma columna ao mando de Honório de Lemos, do Partido Libertador, então em opposição ao Sr. Bernardes, seu alliado de 1923. A 4 de Novembro foi o couraçado "S. Paulo" que se revoltou sob o commando de um official subalterno, para perseguir pelo proprio Ministro da Marinha, sahir barra a lóra e ir entregar-se a um paiz estrangeiro e amigo.

Rebeldes de S. Paulo se haviam estabelecido no Paraná, procurando novas adhesões que lhes permitissem proseguir a luta, mas foram obrigados, pelas forças legaes que os derrotaram na foz do Iguassú, a internar-se na Republica Argentina.

Entra o anno de 1925 em estado de sitio e as corrierias de ligeiras columnas montadas dos rebeldes proseguem, pelos sertões, de Sul a Norte, lançando a inquietação entre as populações, determinando a formação de columnas governistas lançadas em perseguição, em geral sem eficiencia e sem resultado apreciavel.

Surgem as costumeiras agitações das candidaturas presidenciaes, estas em geral lançadas pelo presidente que sahe, o qual assim se torna o grande eleitor do presidente que vae entrar. Não seria novidade a escolha do Sr. Washington Luiz pelo Sr. Arthur Bernardes. Quando aquelle se pronuaciou pela candidatura deste, afirmando que a attitude de S. Paulo era conhecida e definitiva, firmou a sua propria candidatura como substituto do Sr. Bernardes.

Assim foi e assim será enquanto o povo brasileiro precisar de mentor, isto é, enquanto não houver cada cidadão conseguido a instrucção necessaria para que possa dirigir-se por si no scenario politico do paiz.

E dizem que essa olygarchia é liberal democracia....

A opposição ao governo quiz aproveitar o ensejo para agitar o paiz, acenando ao Sr. Mello Vianna com a sua candidatura ao posto supremo, mas o então governador de Minas deu por findas as velleidades dos seus novos panegyristas, entrando como vice na chapa Washington Luiz.

Ao findar do governo Bernardes os espiritos sentiam-se fatigados de tantas commoções, sempre apprehensivo durante o quatriennio pela sorte dos dirigentes, dos mandatarios do povo brasileiro, mesmo pela sorte do regimen, ameaçado no seu arcabouço, na sua estrutura pela onda perenne de indisciplina e de anarchia que solapava pela erosão a estabilidade das instituições politicas e a tranquillidade da nação.

O 15 de Novembro de 1926 foi um dia de desafogo para o povo brasileiro, esparsos os remanescentes grupos de revoltosos, sem recursos para o proseguimento das suas incursões estereis.

Subia ao poder o Dr. Washington Luiz, cuja folha de serviços ao paiz era das mais respeitaveis, tendo-se notabilizado como Prefeito da cidade de S. Paulo, como Secretario da Justiça no governo do Sr. Albuquerque Lins, como presidente do Grande Estado Bandeirante. Força de vontade inquebrantavel, honrado e energico, patriota e intrépido, habil administrador, homem de acção, todos os brasileiros nelle depositavam confiança quasi absoluta, esperançados todos de vel-o realizando um governo de pacificação, de ordem e progresso, de união e concordia. Os espiritos desarmaram-se espontaneamente de quaesquer prevenções logo ao inicio do governo do eminente concidadão.

Tudo fazia prever um sopro de vida nova a infiltrar-se benefico no organismo combalido da nação, revigorando-o. Os brasileiros em geral exultavam de sympathia pelo seu novo presidente, que elles julgavam capaz de grandes realizações.

Assim era realmente.

Mas o Sr. Washington Luiz possuia em sua inconfundivel personalidade um grave defeito: o Sr. Julio Prestes. Este por sua vez tinha tambem o seu grave defeito: o Sr. Washington Luiz.

Amigos até a raiz dos cabellos, amigos como pae e filho, foram sem o querer a perdição um do outro.

Fossem quaes fossem as razões, mesmo as de Estado, o Sr. Washington Luiz as collocava abaixo das suas amizades preferidas. Ao fixar-se a todo transe pela candidatura do seu amigo, desprezando todas as considerações, avisos e prevenções dos seus correligionarios, tornou-se incapaz de comprehender o momento histo-

rico que estava vivendo e cavou a sua propria ruína politica e a do Sr. Julio Prestes. Este, ainda moço, estava em pleno viço da sua carreira politica, pois ascendera rapidamente a deputado federal, a *leader da maioria*, a presidente de S. Paulo, investidura esta que certamente lhe completaria as credenciaes que ainda não possuía para o posto supremo na Republica.

Sem a teimosa insistencia da candidatura preferida e privilegiada, o Sr. Washington Luiz teria completado um optimo governo sob os applausos da nação e o respeito dos seus concidadãos e o Sr. Julio Prestes não soffriria o vexame de se ver inexoravelmente despojado do mandato a que deveria ser guindado e de vêr assim sustada a sua invejavel trajectoria politica.

Nesse ponto foi o Sr. Washington Luiz um indisciplinado, julgando talvez que o seu interesse e o do Sr. Julio Prestes coincidissem com os do paiz, quando, naquelle momento historico tudo aconselhava um honroso entendimento entre as forças politicas para uma candidatura de reconciliação. Ter-se-ia evitado a agitação dos meios politicos, um ambiente de serias apprehensões e prevenções, e o ultimo anno do quadriennio não teria sido esteril.

Tres graves erros commetteu o Sr. Washington Luiz :

1.º) — Ter sido irreductivel contra a amnistia aos revoltosos politicos dos dois governos antecedentes, cuja concessão teria sido a virtude de trazer á Patria numerosos patricios que se viram obrigados a permanecer no estrangeiro, assimilando doutrinas que longe estão de se adaptarem ao Brasil. Recebido pela maioria dos revolucionarios sob os melhores auspicios, o governo do Sr. Washington Luiz, que era considerado um homem forte, honrado e patriota, teria com a amnistia não só desarmado os espiritos cheios de prevenções daquelles

revoltosos como teria feito jús ao apoio da maioria d'elles, entre os quaes não se podia negar a existencia de optimos elementos.

2.º) — Ter considerado como simples questão de policia a questão social, o mais importante e opportuno dos problemas governamentais, aquelle *justamente* que solucionado mais concorreria para que os extremismos não lograssem a extensão que alcançaram mais tarde, a qual estacionou e mesmo diminuiu porque os poderes publicos de após 1950 d'elle cuidaram carinhosamente, resolvendo-o a contento de operarios, commerciaris, funcionarios e trabalhadores em geral, todos os quaes pacificamente reivindicaram velhas aspirações legitimas.

3.º -- A insistencia da candidatura Prestes, contra a qual era quasi todo o Estado de S. Paulo, inclusive o proprio partido do candidato, o qual possuia em seu seio numeroso grupo de homens eminentes com invejavel folaa de serviços, possuindo credenciaes mais valiosas. Nesse ponto a acção do Sr. Washington foi a de um despota porque quiz impôr a sua vontade discrecionaria á nação contra os sentimentos e a acquiescencia desta. A opposição accitaria qualquer outro correigionario do Sr. Washington Luiz, por elle escollido entre os maiores do P. R. P. A nada attendeu o então Presidente da Republica, obstinado a favor do Sr. Julio Prestes, que passou a ser considerado deselegantemente como pupillo daquelle.

O caso já se havia tornado algo ridiculo e iriamos assistir á repetição do quatriennio Hermes, *sem o apoio* que este obtivera das classes armadas, mantendo a sua autoridade até o fim.

Outro exemplo de indisciplina governamental deu por essa occasião o Presidente da Republica, no caso da successão do Sr. Julio Prestes no governo de S. Paulo. Todo o Estado queria para candidato unico o eminente Secretario da Agricultura Sr. Fernando Costa, homem

culto e energico, moço e cheio de vigor, dotado de rara capacidade de trabalho, dedicado em extremo ao cumprimento do dever. A elle deve o Estado, e já então devia, uma somma consideravel de providencias e actos que o tornaram um dos celloiros do Brasil e um dos maiores productores de utilidades enriquecedoras do seu patrimonio e dos erarios da Nação e do Estado.

Entretanto a candidatura desse homem illustre por muitos titulos foi vetada pelo Sr. Washington Luiz em favor do Sr. Ataliba Leonel.

A partir do lançamento da candidatura Julio Prestes as agitações e apprehensões foram augmentando sempre, sem tregua nem descanço, os animos cada dia mais exaltados, cada vez mais extremados os defensores dessa candidatura e da do Sr. Getulio Vargas. O governo até então respeitavel do Sr. Washington Luiz foi sendo demolido aos poucos e o prestigio do digno homem foi solapado num crescendo que presagiava um inteiro descredito dentro em pouco tempo.

A imprensa governista do paiz, em particular a de S. Paulo, em linguagem por vezes desabrida, não só atacava os politicos opposicionistas, como achincalhava os Estados que não acompanhavam a candidatura official, o maior quinhão dos insultos cabendo ao Rio Grande do Sul, que era inexoravelmente ironizado nas chronicas diarias dos jornaes e nas revistas hebdomadarias, cujos *clichés* em sua maioria vinham pejados de grosseiros ataques á dignidade de um Estado cujo crime fôra julgar-se tão merecedor como outro qualquer de investir um seu filho na suprema direcção do paiz.

Foi nesse ambiente de invectivas grosseiras e reciprocas que se feriu o simulacro de pleito presidencial, a maior orgia eleitoral da velha republica, na qual se excederam gregos e troyanos, porliando cada parte interessada em mostrar-se mais agil e mais intelligente no preparo e realização da fraude, desde que lhe desse

na urna, ou fóra della, a mentirosa maioria que lhe sagraria a indecente victoria do seu candidato.

As actas verdadeiras, abundantes de votos fraudulentos de mortos de muitos annos, ainda eram julgadas insufficientes. Foram em grande numero, na calada da noite como se diz vulgarmente, substituidas por actas falsificadas em que não poucas appareceram com maior numero de votos do que o de eleitores da circumscripção respectiva.

Impossivel assim saber qual o candidato que obteve maior numero de votos verdadeiros. Impossivel pois saber-se qual o eleito honradamente. Foi considerado como tal o que dispunha de mais amplos elementos de corrupção e de campo mais vasto para as falcatruas eleitoraes. E' possivel que isso coincidissem com o eleito de verdade, mas o indiscutivel é que uma tal eleição nenhum prestigio daria ao presidente cuja autoridade seria sempre precaria aos olhos do povo brasileiro.

Facto curioso e notavel que nunca deveria abandonar a memoria do governante: A grande magestade da curul presidencial de 15 de Novembro de 1926, transformara-se em 1930 em uma simples cadeira carcomida pelo cupim do interesse subalterno, demonstrando que aquillo deve ser um symbolo da nacionalidade a pairar acima de quaesquer considerações, a exigir do que nella se assenta um perfeito equilibrio de acções e manifestações para que a respeitabilidade da nação não soffra o menor abalo, a mais leve arranhadura, para que o prestigio do occupante se conserve intangivel do começo ao fim do mandato.

Apezar de tudo, após a eleição os animos pareciam mais serenados, presagiando ao Sr. Julio Prestes uma posse no meio de flôres e festas. Entretanto, o Legislativo mais do que nunca docil ás determinações do Executivo, roubou os mandatos de todos os eleitos da Parahyba para com elles presentear os amigos do

Cattete, bem como surriprou os mandatos de quatorze eleitos por Minas para com elles galardoar indefectivos servidores dos mandões. E os bem aquinhoados com taes falcatruas nunca mostraram o menor pejo em assentarem-se em cadeiras que não lhes pertenciam de direito, fingendo-se de legisladores, quando eram apenas comedores de subsidios e nunca representantes da nação, que ainda não havia descido o sufficiente para lhes outorgar qualquer mandato e muito menos o de seus representantes nas altas espheras da politica.

Esses factos degradantes exigidos pelo Cattete e servilmente praticados pelos seus apaniguados do Legislativo exarcebaram de novo os animos, vendo o povo brasileiro que só uma revolução seria capaz de salvar o decoro e a dignidade da nação, enxovalhados quotidianamente para que os mandões satisfizessem os seus caprichos de despotas.

O assassinato do grande presidente da Parahyba — o integro João Pessoa — não foi crime politico, mas o assassino só se aventurou ao nefando attentado porque se julgava com boas credenciaes para ser absolvido, dado que a victima era sem duvida o mais temivel adversario da situação dominante no paiz, a qual chegára nesse tempo ao proprio descontrolo.

Esse crime desesperou o povo brasileiro que tinha em alto conceito o emerito João Pessoa, que se notabilizara pela integridade do caracter e nobreza das acções, que, se o evidenciaram com tanta exuberancia, foi justamente porque o abastardamento do caracter valia na occasião por um symptoma de degenerescencia quasi geral.

Vem a revolução.

O Sr. Washington Luiz foi deposto e o Sr. Julio Prestes não tomou posse.

Venceu a nação e salvou-a ainda uma vez da anarquia a disciplina das forças armadas que não se deixaram contaminar pelos exemplos perniciosos da indisciplina governamental.

A arrancada de 1930, como qualquer outra, em qualquer época, em qualquer lugar, trouxe no seu ímpeto e nos seus golpes, numerosos germens de indisciplina que pouco a pouco foram conspurcando os organismos sadios do povo e das classes armadas, com especialidade das que se revoltaram contra o poder civil a que estavam subordinadas.

Fornidável e instructivo paradoxo: Essas forças em revolta para depôr a autoridade que se havia indisciplinado, exorbitando o cumprimento do dever, se indisciplinaram por sua vez e começaram a imiscuir-se nos negócios publicos, pondo em saque a ordem civil da nação. Os factos são de hontem e quanto mais violentos foram mais cedo se vão apagando da memoria dos contemporaneos que os relegaram para o ról das coisas sem importancia, despercebidos hoje porque nenhum traço vigoroso deixaram das suas frageis linhas que nada delinearão de constructivo e duradouro. Os "Tres de Outubro" quizeram dictar leis ao paiz e á imprensa predispostos os seus associados a imporem a sua vontade discrecionista á nação, que deveria obedecer aos seus salvadores. Os interventores em geral improvisaram-se do dia para a noite habéis administradores, geniaes estadistas, insignes patriotas, capazes de salvar o mundo. Generaes de verdade e de mentira se misturaram aos tenentes para a feitura de um Brasil dos seus sonhos, assim uma coisa grandiosa que sahisse dos seus cerebros privilegiados, embora ninguem a comprehendesse nem elles proprios.

Nesse pandemonium de homens e ideias o que havia de notavel era o "deserto de homens e ideias" do Sr. Oswaldo Aranha.

No leme porem havia um Homem, cuja Mão de Mestre foi modelando essa obra prima de inutilizar os inuteis que foram muitos e utilizar os uteis que foram poucos.

Como já asseveramos, a Disciplina se obtem sobretudo pelo exemplo partido do alto da hierarchia e o Sr. Getulio Vargas é, sem favor, o mais disciplinado dos brasileiros.

E ainda uma vez, para felicidade do Brasil, a disciplina vae penetrando nas consciencias, armazenando-se em todas as classes sociaes, pouco a pouco, decisivamente. E para que ella perdure e se firme definitivamente como convem á nação e ao seu desenvolvimento, é imprescindivel hoje, amanhã e sempre, ao leme, um Homem.

CAPITULO IV

LEMMAS

LIBERDADE — IGUALDADE FRATERNIDADE

Lemma instituido ha cerca de quinze decennios com toda oportunidade e propriedade pela Grande Revolução de 1789, traduzia sem duvida alguma as aspirações dos homens daquella epoca memoravel da Historia.

Nesses tempos de profundas commoções sociaes e de grandes ensinamentos civicos e politicos, era elle de todo procedente e constituia na sua trilogia sonora e retumbante um nobre anhelos da humanidade, que entrava em nova phase da sua evolução, abrindo-se nesse despertar de energias amplos horizontes nos quaes

se processaria nova organização politico-social, mais consentanea com o grão de civilização já attingido e cujos pródromos podemos filiar á Renascença.

Os povos não tinham liberdade. Eram governados discrecionariamente e despoticamente pelos reis e senhores. O mesmo acontecia aos individuos, escravizados á vontade desses reis e senhores, não para o serviço do povo ou da pátria, porem para o serviço pessoal dos dominadores e mandões do tempo. Homens e povos não tinham direitos e sim deveres a cumprir em obediencia ás exigências quaesquer dos chefes e chefetes de todas as categorias, interesseiros, egoistas e des-humanos.

Dessa situação vexatoria entenderam povos e homens dever *sahir*, desde então julgando-se capazes de agirem por conta propria. Dahi dimanou a primeira e principal aspiração — a Liberdade.

Achavam-se os homens no seculo XVIII separados e divididos em castas ou classes: Aristocratica, sacerdotal, militar e plébe. A plébe era constituída pelo povo, sem liberdades e sem direitos, joguete das ambições das outras classes sociaes. Não passava de uma coisa ao alvedrio destas, que destructavam o melhor do producto das actividades daquella. Proprietarios e propriedade.

Com a ascendencia porem sempre crescente do povo a plano superior, já sciente e consciente das liberdades e direitos que lhe deviam caber, a igualdade das classes sociaes tornou-se aspiração geral entre os plebeus, vencedores na Grande Revolução.

Dahi promanou a segunda aspiração e o segundo termo da trilogia — a Igualdade.

Adquiridas e asseguradas as liberdades e igualdades politicas e sociaes entre os homens, isto é, as liberdades e as igualdades possiveis dentro das verdades scientificas, regidas pelas leis naturaes inexoraveis que

governam o planeta, era obvio que os plebeus considerassem todos os individuos como irmãos e idealizassem desejos de harmonia e cooperação, trabalhando todos igualmente para a conquista de objectivos identicos, em beneficio da communitade.

Dahi a terceira aspiração dos revolucionarios — a Fraternidade.

Ao julgar-se porem livre e igual a qualquer outro, o homem não mais admittiu limites a essa liberdade e a essa igualdade. Ninguem era mais livre do que elle, nenhum outro lhe era desigual. Escravo do mundo, julgou que o mundo era d'elle, que devia ter sido creado para seu uso e gozo. Era o rei da creação e como tal pensou poder manejar o globo a seu talante. Não podia admittir fronteiras á liberdade, nem lindas á igualdade. Dahi o individualismo dispersivo e egoista que o levou ao desamor e á indifferença, á inveja e ao odio dos outros individuos, tornando impossivel a fraternidade.

Da concepção erronea da igualdade absoluta entre os homens, bem como da liberdade excessiva de que estes se arrogaram, nasceu esse individualismo usurpador e dissolvente em prejuizo dos interesses geraes e superiores das collectividades, relegados estes assim a plano secundario, causa principal do cháos em que o mundo hoje se debate, esquecidos todos de que o homem não póde viver isolado e que a sua acção é em cada lugar e a cada instante limitada pelas acções dos outros homens.

Vaidosos, e incitados pelas conquistas das liberdades e das igualdades que julgavam poder desfructar, cedo olvidaram que essas conquistas são limitadissimas pela propria natureza dos phenomenos sociaes, cujas leis não podem ser transgredidas sem graves dammos para os individuos e para as collectividades humanas.

Orn, o direito de um vae até o limite do direito de outrem. Do mesmo modo, a liberdade de cada cidadão vae até o limite da liberdade de todos os outros cidadãos. Esta, pois, como aquelle, é limitadíssima no tempo e no espaço.

O conhecimento dessa limitação levou um escriptor a dizer: "O homem é a cada instante e em toda parte escravo das circumstancias que o cercam" — e levou Augusto Comte, o grande philosopho francez, a crear o lema: "O homem se agita e a humanidade o conduz".

Dahi se infere que o homem já conquistou, e definitivamente, os direitos, as liberdades e as igualdades que lhe eram possiveis, os quaes estão consagrados e consubstanciados no artigo 72 da Magna Carta de 24 de Fevereiro de 1891. Fóra disso tudo que elle adquiriu a custa de esforços immensos, de trabalho persistente e de muito sangue derramado, não tem nem pode ter outros direitos, outras liberdades, novas igualdades, porque, se assim não fosse, possível não seria a estabilidade das organizações politicas e sociaes.

Meditae com segurança e serenidade sobre a vida dos povos e verificareis o acerto dos assertos que ahi ficam. As nações em que os cidadãos mais se têm empanturrado de liberdades e igualdades, são justamente as que mais têm soffrido de commoções intestinas. Ahi os vinculos sociaes mais se afrouxam á medida que os cidadãos mais se compenetraram de que são livres e que as suas vontades e resoluções não podem ter peias. Nellas os liames familiares se distendem e se desagregam com pasmosa facilidade, os individuos de um mesmo lar indifferentes uns pela sorte e destino de outros.

E' o individualismo com o seu egoismo corrupto e corruptor que çampeia infrene.

O caso do Brasil é typico, não obstante assertivas em contrario de escriptores de apressados juizos.

No Imperio, após os motins e revoltas dos primeiros decennios da Independencia, a união sagrada das provincias formava uma cadeia de elos indestructiveis, a qual se perpetuaria pelos tempos em fóra, se persistisse a forma de governo. Embora com immensa maioria de analfabetos, havia em todas as classes sociaes, mesmo nas mais desfavorecidas em dotes intellectuaes, uma accentuada noção de patria e consequentemente um arraigado patriotismo que mantinha intangivel aquella união sagrada, os homens ainda os mais rudes conservando no coração e no espirito embryonario uma respeitosa admiração pelo Imperador.

Decretada a Abolição, centenas de milhares de individuos são atirados ao léo da vida, sem o menor indicio de capacidade para se orientarem, sem guias, sem força de vontade, sem quaesquer directivas e objectivos, inaptos para qualquer acção que os integrassem na communkão social e os levassem a qualquer especie de trabalho proficuo e remunerador das suas actividades. Eram centenas de milhares de homens e mulheres a perambular no paiz sem a menor noção de sociabilidade, de cooperação, de scldariedade, de qualquer coisa util e proveitosa.

Os fazendeiros em geral, viram-se empobrecidos de um momento para outro, sem os escravos, nos braços dos quaes exerciam o melhor das suas actividades e dos quaes tiravam o custeio das fazendas e o sustento da prole. Educados e empedernidos no seio do trabalho escravizado, sem outra noção de economia a não ser essa, despojados abruptamente da vergonhosa propriedade que era a sua razão de existencia, impotentes quasi todos para iniciarem uma nova ordem de trabalho que lhes compensasse o prejuizo, passaram a viver dos poucos recursos que lhes restaram, indifferentes á sorte do throno e da nação.

É nesse ambiente político e económico proclama-se a República dezoito mezes depois, no meio do indifferentismo quasi geral, aceita com enthusiasmo apenas pelos pequenos nucleos de homens cultos que se consagraram á sua propaganda, iniciada em 1870, sem repercussão porem no espirito popular, sem fortes vibrações entre intellectuaes e politicos. E assim, em um meio nem hostil nem favoravel, proseguiu essa propaganda até 15 de Novembro de 1889.

Com o advento do regimen republicano surgiu a influencia do Positivismo de Augusto Comte nas questões politicas e sociaes do paiz, devido ao prestigio de alguns homens eminentes que o haviam assimilado e que se bateram pela adopção de muitos dos seus postulados. Não obstante algumas reformas de real valor e de consequencias salutaes para a nação, como sejam a separação da Igreja e do Estado, a secularização dos cemiterios, a grande naturalização, a par de uma nobre educação internacional dos homens publicos, a qual os levou ao respeito aos tratados, ao pleno reconhecimento das fronteiras terrestres e maritimas dos povos sul-americanos em particular, ao absoluto reconhecimento e garantia da soberania das nações pequenas ou grandes, etc., a influencia do positivismo foi entretanto nefasta, principalmente porque inopportuna, sob o ponto de vista das liberdades individuaes e do decoro da historia-patria, menosprezada pelos positivistas em acontecimentos de grande vulto e de grandes responsabilidades, achincalhados por elles o paiz e os inexcediveis estadistas do Imperio.

Que o digam os motins da vaccina obrigatoria e bem assim numerosos pamphletos do Apostolado Positivista do Brasil e artigos publicados na imprensa periodica daquelles tempos, endeosando os Manoel Rosas, os Dr. Francia, os Solano Lopez, etc., e censurando

os grandes nomes do Imperio que combateram aquelles tyrannos, inimigos declarados e impenitentes do Brasil.

Como Augusto Comte tenha preconizado as pequenas patrias governadas por dictaduras scientificas, os positivistas brasileiros em geral, mais realistas do que o rei, entenderam que quaesquer tyrannos, ignorantes ou não, escravizassem ou não os seus povos e sobre elles tripudiassem, inimigos gratuitos que fossem do Brasil, mereciam os seus applausos e os seus amores, simplesmente porque eram dictadores. Em compensação, ai dos governos brasileiros que procuraram defender os brios patrios, frequentemente conspurcados por esses tyrannos, pela simples razão de não poderem vencer o Brasil e obrigar-o a render-lhes as homenagens de super-homens a que se julgavam merecedores como semi-deuses deste mundo.

A isso tudo acrescentemos o desnivel em baixo relevo do parlamento republicano comparado ao altissimo relevo do Parlamento do Imperio. Neste tomavam assento os homens mais representativos e eminentes do Brasil nas espheras intellectual, moral, social e politica: naquelle, excepto algumas bancadas que se fizeram notaveis pela presença de vultos de indiscutivel valor, a maioria era de creaturas desconhecidas, de poucas letras, talvez por isso respeitaveis, sem titulos, sem serviços ao paiz, sem capacidade para investidura de tamanha envergadura.

O Parlamento do Imperio formava um grande conselho de estadistas consagrados ao culto da Patria, defensores capazes e imperterritos da integridade moral do paiz, dedicados aos interesses da collectividade, os quaes, para elles, foram sempre mais respeitaveis do que os interesses individuaes.

O parlamento da Republica foi sempre um feudo do Poder Executivo, a que servia submisso e subserviente. Assim procedeu indefectivel a maioria parla-

mentar no regimen republicano. A minoria, tendo entre os seus membros, quasi sempre, nobres personalidades, fazia, tambem indefectivel opposição systematica a tudo que agradasse ao Executivo, fosse ou não do interesse da collectividade. Nunca houve meio termo: ou incondicionalismo da maioria ou irreverentismo da minoria.

Nas discussões não poucas vezes estereis de problemas relevantes não se procurava, como seria curial, qual o interesse da nação e sim se era do agrado do Presidente da Republica ou não.

Um das características do regimen republicano, e das mais importantes, é a abolição de privilégios. Não obstante isso, creou-se o privilegio do Poder Judiciario, que teve assim diminuidos de muito a sua respeitabilidade, o seu prestigio e o gráo de confiança que até então inspirara ao povo. Os juizes tornaram-se inamoviveis e seus vencimentos uma vez fixados poderiam ser augmentados mas nunca diminuidos, por muito que o custo da vida pudesse baratear, por muito difficil que fosse a situação economica do paiz. Creado mais de uma vez imposto de emergencia sobre os vencimentos do funcionalismo publico em virtude de graves situações financeiras da nação, delle ficavam excluidos os magistrados sob pretexto de que isso contrariava a lei que os privilegiava, não obstante serem elles os funcionarios melhor remunerados.

Como os militares de terra e mar, os juizes precisam perceber elevados vencimentos, obrigados como estão moralmente a não exercerem outras funções differentes das que lhes são peculiares; obrigados tambem a manter um accentuado decoro em todas as situações, lugares e épocas; obrigados ainda, se quizerem bem cumprir os seus deveres, a não terem horas limitadas de trabalho.

A inamovibilidade dos juizes creou-lhes uma situação privilegiada prejudicial aos interesses da collectividade, vendo-se o Estado embaraçado ás vezes por isso em resolver casos delicados na magistratura. Em certa Capital assistimos á desmoralização de um juiz que vivia aos abraços e aos bofetões com os seus subalternos no juizo em que era chefe, isto em consequencia de factos vergonhosos nos quaes todos ou quasi todos elles eram conniventes. Denunciado ao governo, foi o juiz suspenso e removido. Recorreu elle ao Supremo Tribunal Federal e teve ganho de causa como não podia deixar de ter, voltando ao cargo e á Capital onde compromettera a justiça e onde estava em perfeito estado de descredito.

A prohibição de diminuir-se-lhes em absoluto os vencimentos foi providencia vexatoria aos proprios juizes, transformados em casta privilegiada, unicos funcionarios na Republica que não tinham os seus ordenados sujeitos aos impostos de emergencia e de renda.

Senadores, deputados, juizes, felizmente com honrosas excepções porque nem tudo está perdido, tornaram-se verdadeiros pedinchões de graças e empregos ao Executivo, para si, para seus filhos, genros, irmãos, sobrinhos, afilhados, amigos etc., e já se sabe, em geral com prejuizo da nação que assim adquiria maus servidores ou pelo meros não adquiria os melhores, os que tivessem documentadas a sua competencia e capacidade de trabalho.

Presidentes da Republica e Ministros, muitos houve que ao deixarem o governo não tinham mais parentes consanguineos e affins para empregarem e sugarem o thesouro. A ideia de Patria, de collectividade, fôra relegada para posição secundarissima. O individualismo primava em tudo, sobre todas as considerações e os cidadãos em numero impressionante

tor-naram-se gozadores e parasitas, sem patria, sem principios, sem doutrinas, sem religião e até sem familia.

Esse o resultado a que chegamos na actualidade, processado em quasi meio seculo de regimen republicano presidencial, dictadura incoherente e chaotica, e que mais proprio seria se denominasse — regimen republicano corruptor.

O favoritismo, a deslealdade politica, o surto das mediocridades inconscientes, o suborno, a felonía politica, o desconhecimento e negação da Patria, não existiam em 15 de Novembro de 1889.

O regimen republicano presidencial inteiramente desconhecido no paiz, sem homens experientes que o tivessem assimilado e comprehendido, não podendo portanto ser praticado com acerto e sinceridade, só poderia levar a nação a esse estado de anarchia economica, financeira, intellectual, moral, politica e social a que chegou, no qual a nobreza de character dos brasileiros outr'ora tão respeitavel, se chafurdou tanto na ignominia, que attingimos ao cumulo da desfaçatez e do cynismo — vendo matar em pleno somno leaes servidoures da Patria só porque eram incapazes de trahir seus deveres e não serem susceptiveis de emprestar seu concurso para ignobeis transformações sociaes e politicas; assistindo ao acto miseravel e nojento de numerosos representantes do povo desertarem os seus partidos e os seus chefes politicos, trahindo-os despu-doradamente para obterem as boas graças dos dominadores da occasião.

E tudo isso sob a égide do chavão — Liberdade, Igualdade, Fraternidade — com que bachareis de todas as idades, especies, categorias e ritos, cultos ou incultos, enchem os discursos á falta de melhor assumpto para as suas arengas, incapazes de um raciocinio e um julgamento sadio sobre os acontecimentos historicos de grande transcendencia que estamos vivendo.

Ainda hoje, quando alguém se aventura a demonstrar que o famoso lemma teve sua época e não mais satisfaz ás aspirações das sociedades politicas na actualidade e no porvir, esse alguém é logo acimado por bachareis interesseiros e interessados, de inimigo da democracia, e quejandas tolices, como se ainda houvesse lugar no globo para aristocracias e autocracias.

Homens e povos, em notavel maioria, vão attingindo tal gráo de cultura politica, que as nações modernas hoje não podem ter governos que se não apoiem na opinião publica e quando porventura os tenham serão elles contraproducentes e ephemeros.

Certo, devemos manter a todo transe as liberdades e igualdades conquistadas e dedicar os nossos melhores esforços para a consecução da fraternidade, que leve homens e povos a melhores entendimentos, a uma cooperação constante, a um respeito mutuo, tornando esta humanidade chaotica da actualidade verdadeiramente humana e altruista.

O homem não se pertence porque pertence ao lar, ao districto, ao municipio, ao Estado, á Patria, á Humanidade. Não se governa porque é governado, mesmo no proprio lar, para o qual elle tem o dever de trabalhar, afim de que a esposa e filhos se alimentem, se vistam, se eduquem. E tem o dever de trabalhar, cooperando com todos os outros seres humanos, para o bem estar das outras collectividades em geral.

Perante essa realidade eterna como o mundo não têm significação pratica e verdadeira os palavrões, os chavões, com os quaes se procura mascarar a inexorabilidade daquella realidade.

Do mesmo modo que a liberdade, a igualdade é uma excepção no mundo. Adquirida a igualdade politico-social de homem a homem, não restam outras igualdades a obter, pela razão muito simples e irretorquível de que a regra é a desigualdade dos homens.

O que verdadeiramente existe é a desigualdade de epidermes, de traços physionómicos, de intelligencia, de cultura, de saúde, de actividade, de gostos, de predilecções, de meio ambiente, de alimentação, de indumentaria, de concepções, etc., Dentro da mesma officina, diversos operarios que executam obras identicas não as fazem perfeitamente iguaes : uma tem melhor acabamento do que outra, esta do que aquella outra, e quando porventura iguaes no acabamento, as minucias, os modos de trabalhá-las differem sensivelmente. A propria machina não realiza o mesmo trabalho sempre com igual perfeição, porque desde que ella executou a primeira peça começou a gastar-se e as outras peças que se lhe seguem não são rigorosamente iguaes e é por isso que em toda empresa bem organizada, na pagina das despesas da sua contabilidade deve existir o debito de dez por cento para a deterioração do material.

Ora, se as liberdades possiveis já foram adquiridas, se as igualdades admissiveis já foram obtidas, e se dellas a fraternidade não resultou nem resultará, perguntamos : Que significação tem hoje o lema : Liberdade, Igualdade, Fraternidade ?

Elle não mais satisfaz as aspirações humanas e é forçoso substituil-o por outro ou outros que na realidade guie ou guiem essas aspirações, por toda a parte e sempre, fixando directrizes seguras e eternas que levem o homem e o mundo a gloriosos destinos, a finalidades consentaneas e condignas ao progresso e á civilização de cada época.

Embora reconheça o autor lhe falte autoridade e competencia para traçar directivas ás sociedades em geral, ousa elle apresentar sua opinião desassombrada porque o temor da responsabilidade, o medo de errar nunca lhe entibiaram o animo, nunca o detiveram quando se lhe offereceu occasião de manifestar sua convicções. Se os seus julgamentos forem acertados terá prestado

um serviço á collectividade ; se errados ainda o terá prestado, porque o reconhecimento do erro é o mais seguro caminho para chegar á verdade, ao acerto.

E é por isso que propõe os dois lemmas abaixo, sem a observancia dos quaes lhe parecem inatingiveis os objectivos das sociedades em geral, qualquer que seja o gráo de complexidade das suas organizações.

O primeiro comprehende os meios de acção a empregar para alcançar o segundo que deve ser o objectivo final de toda collectividade. Pelo primeiro dirigiremos intelligente e coordenadamente as nossas actividades e alcançaremos a paz entre os homens, a verdadeira solidiedade humana ; pelo segundo attingiremos o bem estar geral da humanidade, em um mundo melhor organizado, se não perfeito, em todo caso menos imperfeito, menos dividido por preconceitos quaesquer.

1.º — *Disciplina, União, Cooperação, Fraternalidade.*

2.º — *Ordem, Trabalho, Progresso, Civilização.*

A disciplina é o mais importante dos factores da ordem e do progresso e por isso tivemos como necessario e imprescindivel dedicar-lhe um capitulo especial neste livro.

Podemos synthetizar em poucas palavras tudo o que alli foi explanado com esse titulo : "Disciplina é obediencia, respeito mutuo, união, cooperação, ordem. E' necessaria no individuo, no lar, na escola, na officina, no commercio, na industria, na lavoura, nas repartições publicas, nas forças armadas, nas forças politicas e sociaes inclusive governos, em todos os aggregados humanos enfim, como base da ordem que é o esteio do progresso e da civilização — derradeiros objectivos do trabalho e do aperfeiçoamento."

Ella é uma invencivel e proeminente força moral, mental e mesmo material, por absurdo que pareça este

asserto. Ella é necessaria até em todos os actos physiologicos do individuo, afim de que elle conserve a saúde e o espirito são para o emprego util da sua actividade e para o seu desdobramento proficuo no meio das collectividades nas quaes lhe é dado agir.

O homem sem disciplina é um anormal. As associações sem disciplina não subsistem ou vivem precariamente em discussões estereis até que se disciplinem ou succubam. O indisciplinado é um paranoico e uma reunião de indisciplinados é uma coisa parecida com um congresso de loucos em um hospicio se possivel fosse um tal congresso.

As duas principaes preoccupações dos paes ao iniciarem a educação dos filhos devem ser conservar-lhes a saúde e disciplinal-os para que melhor se encaminhem na luta pela vida e melhores fructos colham do trabalho a que se dediquem em qualquer idade, da puberdade e adolescencia á velhice.

O homem são e disciplinado nunca será um vencido no exercicio da sua actividade.

Assim definida, comprehendida e praticada, a disciplina gera espontaneamente entre os individuos a sympathia, a amizade, o desejo de vida em sociedade, a collaboração, a solidariedade, a união.

E a União é a mais poderosa das forças sociaes, imprescendivel á estabilidade das associações em geral, para que as calamidades que as affligirem sejam vencidas e juguladas onde quer hajam ellas surgido, provocadas pelas forças da natureza ou pelas commoções politico-sociaes. Corresponde nos aggregados humanos, na Sociologia, á cohesão dos corpos solidos, na Physica.

Os homens não podem viver isolados no planeta e bem assim os povos e as nações, porque a satisfação das suas necessidades os obriga á vida de relação. E' imprescindivel e mesmo inevitavel se entendam, se comprehendam, se auxiliem.

A *sympathia*, a amizade e o respeito, sentimentos que a disciplina gera e a união aprimora entre os homens, determinam-lhes melhor entendimento, maior compreensão, mais vasta visão dos auxílios que se possam prestar, para satisfação das necessidades de todos em um ambiente de franca solidariedade e de assistência recíproca.

Os indivíduos unem-se e formam os lares, estes constituem famílias, estas engendram os povoados, estes os municípios, os municípios as províncias, as províncias as nações, estas as alianças. É com o desenvolvimento da vida de relação se formam as associações de classes, as cooperativas, os clubs, os centros, os agglomerados de todas as espécies e modos. É como as necessidades crescem, augmentam e proliferam pelo surto cada vez maior do trabalho, da concorrência e do aperfeiçoamento, os agrupamentos humanos cada dia mais se solidarizam e se auxiliam, formando cadeias nas quaes se ligam homens e povos de todos os quadrantes, de todas as raças, de todos os grãos de civilização.

É a União que se vigoriza, fortalece e vitaliza, tornando cada vez mais fortes os seus vinculos sociais, exigindo uma cooperação constante no tempo e no espaço, como força poderosa e perenne de coesão para que os homens, os povos e as raças não se destruam, não se dilacerem, não se esmaguem, dentro de um scenario em que todos devem e podem viver e amar-se.

Da disciplina, pois, nasce a União, como desta brota, cresce e se expande a Cooperação.

Alcançada a União em um corpo social preciso se torna a sua perpetuidade a todo transe, para que a sociedade não se dissolva, não se desagregue, não se esphacele. É aí do agrupamento ao qual ella não assistir sempre com a sua poderosa convergencia de esforços e unificação de vontades, características principaes dessa

enorme força social, sem a qual não é possível a realização dos objectivos que o agrupamento se propõe atingir.

Adquirida assim a União, é mister mantel-a e aperfeiçoal-a sem desfallecimentos, sem intermittencias, tornando-a cada dia mais robusta e perfeita, até que seja indestructível.

Surge então a Cooperação como força economica e ao mesmo tempo moral, capaz de manter intangível a união da familia humana, aperfeiçoando-a e consolidando-a no tempo e no espaço.

Ella deve ser reciproca sempre que possível, individual ou collectiva, em todos os casos baseada na sinceridade e na lealdade indefectíveis, dentro das possibilidades de cada qual, sempre que houver necessidade de attender a este ou áquelle membro da cadeia humana.

Manifesta-se ella pelo socorro e assistencia aos necessitados em geral, quer na esphera material, quer no aspecto intellectual, quer na ordem moral; pela contribuição de cada um em beneficio de outrem, bem como das collectividades destinadas ao amparo e protecção dos menos favorecidos em qualquer dos casos em que se desdobre a personalidade humana; pelo concurso reciproco de homem a homem, de grupo a grupo, de associação a associação, de povo a povo, de continente a continente, em todos os ramos e grãos de actividade, em todos os lances e transe da vida.

E quanto mais ampla, accentuada e frequente lôr a Cooperação, tanto mais vigorosa e altruistica será a solidariedade, para que a união sagrada, geradora da estabilidade e do progresso dos corpos sociaes, se torne impercível e eterna, como eternos e impercíveis devem ser esses corpos sociaes por meio dos quaes os homens se approximam, se vinculam, coeperam, se amam e fraternizam.

Apparece então a Fraternidade como força moral unindo os homens pelo espirito e pelo coração, como a Cooperação os unira pelos interesses reciprocos, como a União os ligara pela communidade dos objectivos, como a Disciplina os approximara pelo respeito mutuo amizade e sympathy.

Da Disciplina, da União e da Cooperação, bem entendidas e praticadas, brota natural e espontaneamente a Fraternidade, que não podia e não pode ser gerada da Liberdade e da Igualdade, porque estas tendem sempre para a excitação da vaidade e do orgulho, factores de desharmonia e dispersão entre os homens.

Todo e qualquer agrupamento humano que houver conseguido Disciplina, União, Cooperação e Fraternidade entre os seus elementos, estará apto a viver e perpetuar-se e progredir. Poderá então realizar plenamente os objectivos collimados pelas suas leis e regulamentos, tornando-se um factor de Ordem, Trabalho, Progresso e Civilização. Sem aquelle lemma como preambulo, os designios deste ultimo só poderão ser realizados desordenadamente, com intermittencias, inseguros, incoherentes e dispersivamente.

Da Disciplina, da União, da Cooperação e da Fraternidade, tambem espontanea e naturalmente, nasce a Ordem, que é paz, harmonia, ritmo, commedimento, ponderação, reflexão, intelligencia.

Do ambiente da Ordem surge o Trabalho consciente, fecundo e necessario, em todos os districtos da actividade humana, para o desbravamento e aproveitamento das riquezas que dão o bem estar

E o Trabalho — mental, moral ou material — é a mais nobre escola para a formação do caracter.

Nella se dignificam, se elevam, se norteiam os espiritos, que, assim, se tornam uteis á humanidade.

Os grandes materiaes armazenados na superficie e nas entranhas da Terra — o ar, o humus, as florestas, os rios, os lagos, os mares, as cachoeiras, o petroleo, o carvão mineral, os metaes, as pedras preciosas, as rochas em geral — nada valeriam se o Trabalho disciplinado, unido, cooperado, fraternizado, ordenado, não os aproveitasse intelligentemente, tudo desvendando, desbravando, arrancando e preparando para o consumo, para a satisfação das necessidades, para o Progresso e para a Civilização.

Do Trabalho, pois, que tudo e a todos aproveita, resulta a fartura, a riqueza, o aperfeiçoamento, o bem estar, a felicidade, a dignidade humana. E elle tudo concerta, aprimora e revigora. Delle surge o Progresso em todos os cantos e recantos do mundo, em todos os ramos da actividade humana.

E da totalidade do Progresso surge a aspiração maxima da humanidade — a Civilização — que tudo comprehende em si, tudo avassalla, tudo reúne, para que o homem sinta então ser elle verdadeiramente o rei da criação porque se tudo existia na Terra — dádiva do Creador — foi elle quem tudo pensou, dynamizou, argamassou e construiu.

E a Civilização é o conjunto de tudo o que existe para o bem estar geral da humanidade — artes, sciencias, philosophia — na mais ampla accepção das ideias, com todas as suas construcções, creações, descobertas e invenções, no tempo e no espaço. ella, é obra do homem, a synthese do seu trabalho, o orgulho da sua intelligencia e da sua cultura.

CAPITULO V

A Marcha da Civilização do Oriente para o
Occidente e o seu retorno

DESTINO HISTORICO DA
AMERICA DO SUL

Em uma ocasião de grande tempestade no Sol, na intercorrença de uma dessas formidáveis convulsões dos elementos do Astro-Creador, cuja violencia nem a mais poderosa imaginação saberá conceber, certamente ha milhões de annos, uma das maiores protuberancias então existentes, senão a maior, deveria ter-se desprendido, vencida a força de attracção heliocentrica pela centrifuga.

E o turbilhão de fogo desagregado rolou pelo espaço em lóra até encontrar no meio cosmico uma posição para o seu equilibrio dynamico — orbita provisoria na qual iniciou a sua peregrinação em torno do Sol — tomando a forma espherica em consequencia da sua fluidez e do movimento de rotação adquirido.

E essa enorme esphera de chammias crepitantes e ardentes que deu nascimento á Terra e á Lua começou o seu resfriamento pela peripheria. Antes porem de liquefeita e solidificada qualquer porção ponderavel da sua massa, sem duvida durante uma imponente tempestade em que a furia dos elementos tudo desarticulou e subverteu, inclusive a resultante das forças de attracção e repulsão desse globo igneo, um bloco desprendeuse e rolou novamente no espaço até encontrar uma posição de equilibrio.

Assim deveria ser formada a Lua.

O seu resfriamento, como o da Terra, começou necessariamente pela superfície, mas a intensidade do phenomeno foi incomparavelmente muitissimo maior.

Os dias lunares têm a duração de quinze dias terrestres e são ardentissimos; as noites têm igual duração e são frigidissimas. Durante estas a condensação dos elementos deveria se ter processado com grande rapidez e energia e finda cada noitada os mares e terras deveriam apresentar extensões consideraveis; durante aquelles a evaporação intensissima das partes liquidas deveria tudo reseccar, os vapores supervenientes lançados e absorvidos no Cosmos ou attrahidos pela grande massa que formaria a Terra.

„Dahi a não existencia de agua no satellite e portanto a falta de ar atmosferico que torna impossivel a vida no minuscuro astro da noite. E se atmosphaera existe é tenuissima e resultante de evaporação interna que lentamente vae se dissipando pelas crateras numerosas.

Se dividido aquelle turbilhão de fogo em cincoenta partes iguaes, a Lua tomou a si $\frac{1}{50}$, os $\frac{49}{50}$ indo constituir a Terra após o novo deslocamento que soffreu no espaço, em virtude do desprendimento do bloco de que falamos e em busca de nova posição de equilibrio na orbita que desde então vem percorrendo em torno do So.

Não mais se dividiram os $\frac{49}{50}$ do turbilhão, isto

é, da espicra ignea que formou o nosso planeta, porque phenomenos geologicos supervenientes determinaram para a força de repulsão um valor menor que o da força de attracção do centro do astro.

O resfriamento do globo terrestre foi lento e, como já dissemos, da periphéria para o centro, este ainda hoje em ignição, conforme á hypothese mais accita e mais verosimil, hypothese essa que é tambem "a mais simples e mais sympathica de accordo com os dados adquiridos." (A. Comte).

A fluidez da massa, o seu movimento uniforme de rotação e o resfriamento lento, necessariamente determinaram em obediencia a leis mechanicas e physicas uma accumulacão de materiaes muito densos em uma grande e mesma parte da periphéria. Esses materiaes pela solidificacão deveriam ter formado um bloco sem soluçãõ de continuidade e de bem alto relevo, o que evitou que o elemento liquefeito cobrisse inteiramente a superficie e deixasse mergulhada toda a crosta solidificada.

Assim separadas na superficie aguas e terras, estas deviam ter formado um continente unico e aquellas um só oceano. Lagos e mares interiores entretanto ter-se-iam constituido nessa intercorrencia, aprisionados elementos liquefeitos entre elementos solidificados.

E' possivel que se tenha dado a formaçãõ de algumas ilhas e mesmo archipelagos nas proximidades das costas, surprehendidos os respectivos materiaes antes de se ligarem á grande massa, por um rapido resfriamento, seguido de energicas condensacão e solidificacão.

As consideracões acima, um exame attento e meticoloso da superficie actual do planeta, a meditacão sobre as proporções gigantescas das tempestades do globo nessa época, o raciocinio ponderado e logico sobre as immensas commoções geologicas que necessariamente abalaram e transformaram de muito a Terra, nos levam a conclusões senão perfectas e exactas, ao menos, appro-

ximadas da verdade sobre a constituição do globo terrestre e sobre as principais modificações porque haja passado no transcorrer dos milênios.

O continente único, compreendendo a terça parte da superfície deste nosso astro, approximadamente, estendia-se das cercanias do pólo Norte ao pólo Sul, envolvendo as terras árticas e a Antártida. As terras que formaram a America deveriam estar unidas ás que constituiriam a Europa e a Africa. Todo norte do Canadá, Groenlandia, Spitzberg, archipelago Francisco José, ligados entre si e unidos a Noruega e Russia; o Mexico actual em ligação com o Noroeste africano; o Nordeste brasileiro com a Africa no espaço hoje occupado pelo golfo de Guiné; o Sul da Europa e o Norte da Africa ligados entre si. Australia e os numerosissimos archipelagos que formam a Oceania moderna constituíam um bloco unico de grande relevo, todo elle emerso, estendendo-se 60° para cada lado do meridiano de Greenwich com numerosos vulcões em actividade, unido á Asia e talvez ao Oriente africano.

Nessa remotissima época da infancia da Terra as muitas chaminés do incommensuravel fogão estavam em ininterrupta tiragem, lançando continuamente no espaço todos os residuos solidos, pastosos, liquidos e gazosos da descommunal fogueira interna.

Compreende-se claramente que essas permanentes actividades vulcanicas conduziriam o phenomeno a um momento em que as pressões interiores seriam menores do que o peso das camadas geologicas ainda não bem consolidadas, a crosta terrestre ainda longe de attingir a espessura actual. Os primeiros disequilibrios entre as forças interiores e exteriores do planeta seriam de consequencias formidaveis, determinando abalos sismicos de proporções verdadeiramente titanicas.

Na immensa região onde se concentram quasi todos os archipelagos do Pacifico, o numero de vulcões

activos na actualidade é maior do que no conjuncto das outras partes do globo. Na época do continente unico e do oceano unico aquelle numero deveria ser ainda maior, extinctos muitos posteriormente por submersão em consequencia de terremotos. Percebe-se com relativa facilidade, sem grande acuidade de espirito, o spectaculo soberbo que offereceria esse gigantesco territorio fumegando por dezenas de crateras a um observador que lhe cortasse os ares em um dirigivel moderno. Mais soberbo e grandioso se lhe tornaria o fascinante scenario, se elle pudesse pairar sua aeronave em um ponto do céu onde o conjuncto do phenomeno se apresentasse aos seus olhos avidos de vêr, ao seu culto cerebro sequioso de saber. O deslumbramento experimentado obumbrar-lhe-ia a razão ao assistir ao epilogo da inenarravel tragedia, se não fosse dotado de poderosa intelligencia e empolgante intaginação para descrever com acerto e verdade a immersão rapida da enorme região cujos cumes ao fim se quedaram emersos formando os archipelagos actuaes.

Explorações modernas, por meio de sondagens submarinas não mais deixam duvida sobre a existencia em tempos remotissimos desse continente cuja submersão constituiu a maior, mais grandiosa e imponente commoção geologica de todos os tempos. O afundamento celere da enorme massa solida não podia deixar de acarretar uma formidavel pressão no interior do globo em todos os sentidos, com repercussão mais forte na região antipoda da immergida.

Foi certamente na intercorrencia da formidanda catastrophe que a crosta terrestre se fendeu em pontos diversos segundo as linhas de menores resistencias, modificando em amplas proporções a superficie do globo. O immenso terremoto repercutiu sem duvida com maior violencia na região antipoda da submergida. Dahi a desaggregação do blóco que formou a America,

e deu origem ao Oceano Atlântico e a ruptura Oeste-Leste que separou as terras que formaram a Europa e a Africa, divididas pelo Mediterraneo então constituído pelas águas do oceano que penetraram no grande valle pela abertura do estreito de Gibraltar.

Os mares, os estreitos e os outros oceanos, bem assim a maior parte das ilhas, archipelagos e penínsulas, devem partir dessa época as respectivas formações, embora tenham passado no transcorrer dos seculos por transformações numerosas em consequencia de abalos sismicos subsequentes, convulsões que ainda não findaram nem findarão emquanto o centro da Terra não estiver inteiramente arrefecido.

Aquella desmedida subversão de terras e águas podemos tambem filiar a formação das mais importantes cadeias de montanhas do globo, como sejam as de Himalaya, Caucaso, Alpes, Apenninos, Rochosos, Andes etc.

Nada entretanto podemos affirmar presentemente com inteira segurança, pois quaesquer assertivas sobre a formação da Terra estão sujeitas aos estudos dos archeologos, que talvez as possam confirmar ou infirmar um dia. Actualmente somos obrigados a permanecer no terreno das hypotheses.

Já existiria vida no globo terrestre por occasião dessas violentissimas commoções geologicas?

Póde-se conjecturar que sim quanto ao reino vegetal, pois é de todo verosimil o apparecimento de exemplares da flora logo após ás primeiras solidificações e ás primeiras chuvas e inundações. Quanto á vida animal, a não ser que novas explorações das terras submergidas nos revelem indicios vehementes de que já existia naquelle agitadissimo periodo de convulsões geologicas e meteorologicas, devemos presumir que não se manifestara ainda. E se porventura havia uma fauna, esta seria muitissimo rudimentar, circumscripta a typos os mais simples e primitivos da escala zoologica.

Se é a isso, a essas simples conjecturas, que nos leva o raciocínio perante os parquíssimos e tenuíssimos dados que possuímos, o que dizer sobre a vida humana em tal estagio da evolução terrestre?

Não podemos pois filiar o berço da civilização nesse immenso territorio que se afundou no Pacifico de hoje e que recentes explorações dão como tendo sido um continente.

A época do apparecimento do homem perde-se em um emaranhado de descobertas, conjecturas, raciocínios e calculos, realizados por celebridades insignes na Paleontologia, Anthropologia e Archeologia, que ainda hoje não se pode precisar qual ella seja, mesmo com approximação de um, dois ou mais millenios. É tal a difficuldade do problema que elle se nos aligura sem solução.

Para o objectivo que temos em vista — a marcha da Civilização no planeta — não é necessario fixar com precisão mathematica o local exacto onde ella se manifestou primeiramente, mesmo porque não é impossivel haja ella surgido em partes diversas do globo e mais ou menos na mesma época em algumas dessas partes.

O que se pode affirmar é que desde o instante em que o homem sentiu necessidade de abrigar-se em cavernas, cobrir a sua nudez e de bater o primeiro machado de silex, começou elle a civilizar-se e não mais parou no caminho do aperfeiçoamento e do augmento do seu bem estar.

Como o Egypto foi theatro durante millenios de uma pujante civilização em recuada antiguidade, datando de tempos prehistoricos, dalli partiremos, tomando-o como base para o desenvolvimento da nosso these.

Lemos em "O Homem Segundo a Sciencia" de Luiz Büchner: "As descobertas feitas nos terrenos de alluvião são agora immensas, muito variadas; deve-

mos pois limitar-nos a citar aqui apenas as mais conhecidas e a simples título de exemplos. Assim, em 1851-54, cavando-se no delta do Nilo, encontraram-se objectos trabalhados pela mão do homem e fragmentos de olaria, a uma profundidade de 60 a 70 pés, de tal maneira que, se calcularmos, segundo as explorações de M. Girard, de cinco pollegadas a espessura do deposito de alluvião formado em cem annos, a antiguidade destes vestigios humanos attinge 14.400 a 17.500 annos. Julgando, com M. Rogière, sómente de duas pollegadas e meia a camada formada num seculo, chegamos então a uma antiguidade de 30.000 annos para um bocado de tijolo vermelho encontrado por Linant-Bey a uma profundidade de 72 pés. Burmeister admittre que o sólo do baixo Egypto se alteia tres pollegadas e meia por seculo, e que têm sido depositos, desde a apparição do homem nessa região, 200 pés de alluvião; por consequencia elle dá ao homem nesse paiz 72.000 annos de antiguidade."

Só nesse trecho do livro de Büchner nos revelam as conclusões de eminentes scientistas quanto são ellas discordantes e desconcertantes para quem se aventura a tratar do assumpto.

Felizmente não nos embaraçam ellas no proseguimento do nosso objectivo.

Quando começam os tempos historicos, já o Egypto é senhor de uma grande civilização. Tem unidade politica que conserva por muitos seculos atravez das suas dynastias de pharaós; tem religião, templos e sacerdotes; conhece a agricultura, cultivando principalmente a vinha e o trigo e irrigando os campos; cultivava artes como architectura, escultura e pintura; possui armas para sua defeza, etc.

Hoje não existe mais duvida alguma de que a hypotese que se confirmae se torna realidade sobre a civilização do antigo Egypto é a que a dá como proveniente da Asia

pelo isthmo de Suez. Sabem os estudiosos que está por terra a origem ethiopica dessa civilização e que, ao contrario, foi do Egypto que partiu a civilização da Ethiopia. Ella ascendeu do baixo ao alto Egypto, pelo valle do Nilo.

Não sendo possivel, por ausencia de quaesquer indicios que nos guiem o raciocinio, fixar o berço da civilização no continente submergido e sendo um enigma indecifavel na actualidade a existencia do homem por occasião desse formidavel cataclysmo, forçoso é admittir entretanto, pelos dados colhidos pela sciencia, que a civilização do grande valle do Mediterraneo proveio do Oriente.

Do Oriente proximo ou remoto? Nenhuma certeza temos para uma affirmativa categorica, aceitando este ou aquelle ponto do continente asialico. Resta-nos entretanto o recurso das hypotheses, aliás fecundissimo, porque tem sido o maior desbravador da verdade nas incognitas das sciencias abstratas e concretas.

O homem primitivo vivia pelo instincto. Sua intelligencia embryonaria se desenvolveu com extrema lentidão a principio e pouco a pouco, morosamente, foi evoluindo durante seculos, até elevar-se ás mais arrojadas concepções e realizações.

Como dissemos, a Civilização iniciou seus primeiros passos desde que o homem sentiu necessidade de abrigar-se nas cavernas, de cobrir sua nudez e de bater o silex para obter rudimentares utensilios de pedra lascada. O seu primeiro meio de locomoção foi o pedestre, devendo se ter seguido o emprego de embarcações rusticas nas quaes sem duvida percorreu lagos e rios. O instincto de conservação e a necessidade de alimentar-se desenvolveram a sua intelligencia primaria, determinando-lhe precauções de toda sorte tanto ao locomover-se como

ao abrigar-se para o somno e descanso. Precisou, por isso, bem cedo, precaver-se e preparar-se para o ataque e defesa.

As cavernas que habitou, as palafitas que construiu e os instrumentos que inventou e fabricou, revelam a preocupação da humanidade primitiva em melhorar as suas condições de existência.

Assim foi iniciada a Civilização, que os homens, ao se locomoverem em busca de melhores climas, de terras mais fartas e de abrigos mais seguros, iam levando a novas paragens, a cada etapa vencida correspondendo qualquer melhoramento no seu bem estar. Não discutiremos o local provável em que se tenha originado, se no Sudoeste da Ásia como réza a Bíblia ou se em outro quadrante dessa região. Acreditamos entretanto tenha ella surgido no Oriente remoto, na Índia ou em suas proximidades, talvez ás margens do Ganges, e que tenha descido até encontrar o mar, onde se deteve necessariamente por muitos annos. Dados os perigos constantes que deviam perseguir os homens nos seus deslocamentos por terra, onde as immensas florestas virgens povoadas de animaes bravios formavam sérios empecilhos a esses deslocamentos, é logico pensar que elles seguissem as costas maritimas e que bem cedo se houvessem aperfeiçoado na construcção de embarcações. Isso é accitavel principalmente tendo em vista que os nossos ancestraes dessa época não dispunham de armas efficientes para sua defesa a não ser a astucia e o raciocinio, qualidades que, antes de outras, se deveriam ter desenvolvido entre elles.

Se assim foi, como pensamos, percorreram elles as costa oriental e occidental do Hindostão, penetraram nos golios de Oman e Persico e subiram os rios Euphrates e Tigre. Estabelecidos na Mesopotamia, ahi desenvolveram sem duvida uma actividade notavel, creando uma incontrastavel civilização que se propagou mais

velozmente rumo ao Occidente, alcançando o valle do Mediterraneo, onde se fixou e se aperfeiçoou durante muitos seculos, até que chegasse ao Atlantico.

Não pôde ser segredo para os estudiosos que a marcha da Civilização obedece a uma lei cujo enunciado pensamos dever ser o seguinte: A Civilização nasceu no Oriente e marchou rumo ao Occidente seguindo sempre os mais facéis meios de comunicação, em busca das riquezas e materias primas que augmentassem o bem estar da humanidade, fixando-se durante essa marcha em diversas regiões emquanto as riquezas de cada uma lhe permittissem a satisfação das necessidades, devendo retornar ao ponto de partida depois de percorrer o mundo, servindo-se de todos os meios de comunicação existentes e em posse de todos os bens materiaes, mentaes e moraes adquiridos.

Explica-se desse modo a longa permanencia da Civilização no Mediterraneo, onde os povos egypcio, phenicio, chaldeo, grego, carthaginez e romano, tiveram, cada um por sua vez, sua época de grande esplendor e de poderio. Os meios de locomoção a seu alcance foram os maritimos e os povos vencedores foram sempre mais fortes no mar.

Quando os barbaros invadiram o Sul da Europa e a Europa Occidental, a Civilização Romana, a ultima, mais brilhante e mais duradoura do Mediterraneo, já estava em franco declinio, corroída pelos excessos de toda ordem, denegrido o caracter dos romanos que tanto se haviam distinguido pela austeridade dos costumes, mergulhados depois no luxo, na devassidão, na indisciplina, na desordem.

Com a decadencia do Imperio Romano, se divide elle em Imperio do Oriente e Imperio do Occidente (anno 395 da era christã). Durou este 81 annos, extinto em 476, pondo fim á primeira grande divisão da Historia, isto é, á Historia Antiga.

Durou aquelle 1058 annos, cahindo em 1453 no dominio dos turcos, pondo termo a outra grande divisão da Historia — a Historia da Idade Média.

E' a época das grandes lutas entre os povos barbaros que descem do norte da Europa e do centro da Asia e os civilizados do Mediterraneo, aquelles procurando fixar-se nas terras europeas do centro, sul e sudoeste. E' a época da invasão arabe na Europa e do seu dominio nesse legendario mar, a cujas margens levou um pujante progresso, influindo poderosamente no evolver da Civilização com os seus vastos conhecimentos mathematicos, astronomicos, physicos e chimicos e principalmente no campo da medicina. E' ainda a época do inicio da formação das grandes nações modernas — Alemanha, França e Inglaterra — seguidas depois da formação da Hespanha, Portugal, Hollanda, Suecia, Noruega, etc.

A Civilização prosegue então sua marcha do Oriente para o Occidente, margeando as costas marítimas, e passa do Mediterraneo ao Oceano Atlantico, onde um scenario de maior vastidão se abre para outras conquistas da humanidade, sempre sequiosa de novas aventuras e de mais amplos horizontes.

São desses memoraveis tempos as invenções da polvora, da bussola, do astrolabio, da marionete e da imprensa, bem como o emprego crescente de armas de fogo, portateis e não portateis. Esses inventos e o seu constante aperfeiçoamento vão permittir a construcção e equipagem de navios destinados a desbravar o mar alto, preparados assim para as grandes viagens e grandes descobertas.

E a Civilização permanece desde então no Atlantico, em ininterrupto e acelerado aperfeiçoamento de todos os ramos de actividade humana, com irradiações para outros pontos do globo.

No limiar da Idade Moderna, aproveitados os conhecimentos adquiridos sem interrupção, fixadas as fronteiras daquellas grandes e pequenas nações da Europa, mais ou menos comprehendidas as respectivas missões historicas, atiram-se ellas aos mares desconhecidos, sem olhar difficuldades e perigos, desejosas de saber e conquistar o que porventura nelles existisse de interessante e lucrativo. A duvida e a incerteza mais incitavam os homens daquelles tempos, crescidos e educados no meio de grandes lutas e progressos, a desbravarem as incognitas do mundo. As consequencias desses empreendimentos, os mais arrojados de todas as eras, foram as grandes descobertas maritimas, que, se por um lado augmentaram em proporções nunca mais attingidas em tão poucos annos o patrimonio material, mental e moral da humanidade, por outro lado excitaram em alto gráo as ambições dos povos, levando-os a desavenças sem treguas e a guerras cada dia mais mortíferas e ferozes.

Fossem os estadistas dessa época mais humanos e menos ambiciosos, tivessem tido a verdadeira visão do futuro da Terra que devêra ser um paraíso no Universo e não o inferno em que a transformaram, certamente teriam conduzido os povos, e com elles a Civilização, a gloriosos rumos de paz, de ordem e de trabalho, rumos em que os homens se entendessem e se estimassem e fossem todos cooperadores uns dos outros no aproveitamento e accrescimento das riquezas adquiridas.

Os homens de antanho nunca se lembraram, como os da actualidade não se lembram, de que a sua passagem pela Terra é ephemera e que nada levam no caixão mortuario do muito que ambicionaram e alcançaram, ao passo que deixam aos posteros a lembrança de seus feitos, que devem visar sempre, para não terem a memoria execrada, o bem estar da humanidade em geral, tornando-se factores de altruismo e nunca de egoismo,

propugnadores da paz e não da guerra, semeadores de bênçãos e não de maldições.

O último decennio do século XV e os dois primeiros do século XVI ficaram gravados na Historia como sendo os das maiores descobertas marítimas, as quaes proseguiram pelos tempos em fóra até nossos dias com as expedições aos pólos, hoje quasi inteiramente desvendados por celebres exploradores audazes. É a descoberta da America e dos territorios que constituiram as nações desse continente, a descoberta do Cabo da Boa Esperança, do caminho para as Indias Orientaes, do estreito de Magalhães; é a primeira viagem de circumnavegação do globo e a certeza absoluta da sua esphericidade; são as conquistas de territorios, ilhas e archipelagos que formaram colonias desses povos do Occidente europeu, os quaes se tornaram os maiores colonizadores do mundo.

As incessantes intrigas e lutas que caracterizaram a formação das nações européas eternizaram-se, gerando entre ellas desconfianças, divergencias, invejas e odios, sentimentos que as separam e dividem moralmente, causas maiores dos temores que as mantêm em estado de guerra latente, arruinando-se todas ellas no esmero com que procuram exceder umas ás outras em armamentismo e toda sorte de meios de destruição, sem que lhes reste qualquer serenidade para nobres decisões que as integrem em melhor orientação, em que possam entender-se sem hostilidades, para dar aos seus povos melhores dias, aos seus cidadãos melhores actividades do que se deixarem matar em obediencia a uma politica erronea e destruidora de civilizações.

Essas intrigas e lutas incessantes, geradoras das guerras entre os povos da Europa e que os têm enfraquecido muitas vezes e por periodos mais ou menos longos, conforme a capacidade de se refazerem dos escombros a que ficam reduzidos, permittiram ás colonias americanas a conquista da sua independencia, formando

quasi todas ellas, apesar da influencia do meio europeu, nações com outros objectivos, com outros destinos historicos que não os de se trucidarem mais ou menos periodicamente.

Não ha duvida de que a Civilização se tem aperfeiçoado e crescido no meio europeu, de onde irradia para todos os pontos accessiveis do globo, aos quaes leva sem tardança as realizações de cada anno. Entretanto tem ella se processado em um ambiente de profundos antagonismos, de irreprimiveis malquerenças, de extremadas dissenções politicas e sociaes, transformando o bem estar das populações em perpetuo mal estar, estas sempre em expectativa de graves acontecimentos, na incerteza do dia de amanhã, em uma atmosphera saturada de electricidade, ameaçando borrasca.

A Disciplina social vae-se eclipsando aos poucos, excepto nos povos de governo dictatorial, os quaes a mantêm em circumstancias precarias, emquanto os dictadores bem servirem e bem cuidarem os interesses da collectividade. A União entre as nações do continente não existe sob o ponto de vista moral e quando por meio de accôrds, tratados ou allianças se unem duas ou mais é porque temem outras uniões que as ameaçam. Cooperação entre ellas não ha senão a determinada por circumstancias fortuitas, no terreno das trocas das respectivas produções, dentro de um ambiente puramente commercial, sem qualquer visão de se auxiliarem mutuamente. A Fraternidade entre esses povos é perfeitamente desconhecida, divididos como estão por interesses de toda ordem que se chocam e se dilaceram. Dentro de taes premissas a Ordem é phenomeno que só se manterá temporariamente, emquanto existir disciplina governamental, emquanto capazes os governos de fazer cumprir as leis, em um ambiente de justiça e de respeito ao direito. E as desordens ja começam a manifestar-se, aqui ou alli, mesmo em nações onde

o patriotismo é intenso e bem comprehendido, mesmo entre povos sempre conservadores e ciosos de tradições. Tendem essas desordens a aggravar-se dia a dia, decrescentes esses povos dos seus parlamentos com esquerdas, centros e direitas, a demonstrarem a anarchia em que vivem as classes cultas e dirigentes; com os extremismos nascentes e já mais ou menos decrepitos, ameaçando céos e terras, revelando o desespero dos cidadãos por uma vida melhor e a nenhuma confiança que depositam nos homens publicos em geral, tambem em geral mais gozadores do que administradores, *egoistas sem qualquer parcella de altruismo, de magnanimidade e dedicação pelo bem colectivo.*

Em um tal scenario, comprehendem os que estudam e meditam sobre os problemas politicos e sociais do mundo moderno, que o Trabalho, o Progresso e a Civilização estão seriamente ameaçados no seu evolver, ameaçada como se achia a paz européa. Uma Nova Grande Guerra tudo subverterá e bem possivel será o surto de uma formidavel anarchia geral em que os combatentes comecem por desobedecer aos seus superiores hierarchicos, trucidando-os; pondo abaixo governos e quaesquer autoridades; rasgando tratados, codigos e leis; tudo destruindo em um paroxismo de selvageria e alienação mental colectiva, sem obediencia a qualquer sentimento de dignidade e de respeito por tudo o que a humanidade accumulou de util em tantos seculos.

Ou as nações européas retornam do caminho em que marcham céleremente para o suicidio, estabelecendo entre si um accôrdo em que espontaneamente tomem a deliberação de não se hostilizarem e de manterem a paz a todo transe, ou então todo o immenso progresso que realizaram no mundo inteiro, dentro das suas fronteiras ficará paralyzado ou destruido. A Civilização Occidental que tanto elevaram e que, a bem dizer, constitue a sua maior gloria, soffrerá um collapso formidavel.

De qualquer modo, com a paz ou com a guerra, a Civilização proseguirá sua marcha para o Occidente, já tendo atravessado o Atlantico Norte rumo a Norte America, onde se processa actualmente um notabilissimo Progresso, dentro de um ambiente saturado de Ordem, em que o Trabalho secundo se realiza para o bem estar geral. E alli ha Disciplina, União, Cooperação, Fraternidade, pelo menos como nunca houve em qualquer outra parte do mundo.

Basta considerar o surto de actividade que empolgou os Estados Unidos desde sua independencia politica e o enorme progresso realizado dentro de seculo e meio por aquella grande nação, tornando-a uma das maiores e mais respeitaveis do globo, para se ter a certeza de que a Civilização alli aportou e prosperou e se ergue hoje como um destacado marco a servir de guião ás outras nações, para que ellas se embrenhem na eternidade atravez de civilizações que as levem ao apogêo e á gloria, servindo á causa da humanidade.

Os Yankées tiveram a estimular-lhes as actividades creadoras de que foram providos abundantemente, as riquezas immensas de um grande sólo privilegiado pela natureza e grandes dirigentes que souberam sempre, atravez de vicissitudes, subordinar os proprios interesses ás necessidades imperiosas da collectividade. Senhores de um territorio enorme cortado de rios notaveis; com regiões salpicadas de lagos extensos; dispondo de cachoeiras importantes que lhes fornecem milhões de Kilowats de energia electrica; tendo no sub-solo, entre outras, minas de petroleo, carvão de pedra, ouro, ferro, prata, chumbo, cobre e mercurio; possuindo florestas das mais preciosas do globo e terras para todas as especies de culturas vegetaes, realizaram elles intelligentemente todo um formidavel progresso em pouco tempo e uma civilização que difficilmente será excedida em benesses,

principalmente pelo muito conforto que souberam crear á vida moderna, irradiando-o sem cessar para todas as partes do mundo.

Nesse territorio assim dotado, implantaram elles a sua poderosa e respeitavel democracia, de um valor moral incontestado, sobretudo porque sua projecção internacional tem sido ultimamente de acatamento aos direitos dos outros povos mesmo os mais fracos. A independencia de Cuba e das Philippinas outorgada pela grande republica Norte-Americana, completada pela sua não intromissão nos problemas dessas pequenas nações, crearam-lhes uma força moral incontrastavel que se firma e se alteia nas sua relações com os povos sul-americanos, entretecidas dentro de um espirito de equidade e de respeitosa collaboração. Neste sentido a sua acção tem sido a de um irmão mais velho e mais bem aquinhoado que age com carinho, cuidado e desinteresse, tornando seus irmãos menores propensos a uma legitima estima fraternal.

A persistencia dessa politica leal, honesta e sabia, será de fecundos resultados materiaes, mentaes e moraes para a America em particular e para as outras partes do mundo, as quaes nelles aprenderão a reconhecer como podem as nações viver, trabalhar e progredir, dentro de uma atmosphera de paz, harmonia e concordia entre todas, sem necessidade de espoliações ladravazes, de imposições descabidas, de imperialismos funestos e retrogados.

Deante dessas verdades ao alcance de todos, temos que convir que o apogeo da Civilização actual permanecerá ainda por muitissimos annos nos Estados Unidos e America do Norte, irradiando continuamente suas creações e realizações para o globo inteiro, e isso de accordo com a lei acima enunciada, isto é, enquanto as sua riquezas não se exgottarem e forem capazes de

satisfazer as exigencias das necessidades que a propria Civilização crêa incessantemente.

Dia porem virá em que ella terá que proseguir sua marcha, costeando o Atlantico, rumo á America do Sul, onde se aperfeiçoará e se humanizará, dentro de novos principios e nova comprehensão do sentimento de solidariedade humana, subordinada a uma doutrina moral mais digna do homem e da sua privilegiada intelligencia, capaz dos maiores apprehendimentos e das mais arrojadas e fulgurantes creações.

Os horizontes da politica internacional já permittem vislumbrar os problemas que se estabelecem na America do Sul e cujas soluções são procuradas em um ambiente de harmonia geral entre as nações do continente, soluções que já vão interessando aos politicos da Europa e á imprensa de algumas das suas Capitales, apesar da ignorancia que os têm mantido alheios da Civilização que se esboça nesta parte do globo e que talvez o salve da hecatombe do presente e o leve a um invejavel estadio de belleza moral, mental e material. Esses problemas, de ordem politica, social e economica e mesmo de ordem moral, certamente interessam a todas as nações sul-americanas. E como as nações não podem viver isoladas umas das outras e com razões mais fortes os continentes, os mesmos problemas influirão sem duvida nas relações geraes internacionaes, amenizando-as sobremaneira, tornando-se factores de harmonia, paz e concordia entre os povos das cinco partes do mundo.

Explorados e postos em circulação presentemente todos os recursos immensos de que dispoem os Estados Unidos, é claro que o apogêo da Civilização dalli não se deslocará emquanto permittirem elles a satisfação das necessidades impostas pela propria Civilização.

E quando não mais possam corresponder ás exigencias cada vez maiores da vida dos povos e dos individuos, os vastos recursos da America do Sul estarão

em pleno desenvolvimento e circulação, determinando esse deslocamento para esta parte do continente colombiano. Ligadas então todas as nações sul-americanas pelos nobres ideaes de Disciplina Internacional, de União, Cooperação, Fraternalidade, Ordem, Trabalho, Progresso e Civilização, terão ellas dado ao mundo um fecundo exemplo de como os povos podem se entender, se amar e se auxiliar sem nenhuma parcella de desconfiança geradora de rivalidades prejudiciaes, nada constructivas.

Aqui experimentará o super-phenomeno da Civilização o seu maior aperfeiçoamento em sua marcha do Oriente para o Occidente, não só pela somma immensa de recursos e utilidades a explorar em beneficio da humanidade como porque nesta parte do mundo não existem nem existirão os preconceitos religiosos, politicos e raciaes, que têm dividido e inimizado os outros povos do planeta, obscurecendo-lhes a visão de que o sol nasce para todos e que a Creação não pode ser este chaos que os homens, inipando de preconceitos, inventaram e pensam eternizar, esquecidos de que não podem contrariar as leis naturaes sob pena de tudo subverterem e aniquilarem, inclusive a propria dignidade humana.

Qual será o destino da Terra e da humanidade se persistirem as rivalidade e lutas, claras e latentes entre os povos? Se os antagonismos e desconfianças entre as nações da Europa e entre as da Asia não forem dissipados e vencidos em tempo util? Se as gigantescas lutas ora em começo esboçadas entre as raças branca e amarella primeiro e entre a vencedora e a raça negra depois, não forem juguladas desde já pela implantação de uma politica internacional humana e fraternal?

Assistimos no desenvolvimento crescente da raça negra nos Estados Unidos onde os preconceitos a separam irremissivelmente da raça branca, desenvolvimento que a tornará cada dia mais poderosa e ameaçadora, podendo

talvez conseguir com o tempo civilizar os negros da Africa e fazel-os alliados na defeza da raça. Presenciamos os esforços titanicos dos japonezes na conquista da China, aos poucos, por etapas, mas em uma sequencia de acções diplomaticas e violentas que não deixam duvida sobre os seus designios futuros, uma vez que se julgam predestinados, superiores ás outras raças, de esmagarem um dia a raça branca em uma guerra de extermínio, na qual pretenderão certamente demonstrar essa superioridade.

Pôr fim a essas rivalidades e lutas, fazer desapparecer esses antagonismos e desconfianças, evitar essas guerras de raças, tudo isso constitue o destino historico da America do Sul, pelo exemplo que fornecerá ao mundo de uma politica internacional de verdadeira fraternidade, de respeito mutuo, de constante collaboração, de perfeito altruismo.

A Civilização aqui se desenvolverá e se aperfeiçoará durante seculos em proveito da humanidade em geral, tudo aproveitando para o bem estar dos homens e das collectividades, em todo o planeta, sem qualquer excepção. Todas as riquezas existentes, todas as materias primas, todas as invenções, descobertas e creações, terão o maximo desenvolvimento e, tudo isso em circulação intelligentemente, determinará o advento de uma vida de relação mais intensa, muito mais consentanea com a dignidade humana, relegando para sempre essa politica actual de subterfugios, prevenções, medo e destruição.

O conjuncto da America do Sul forma hoje o territorio mais rico do globo, por assim dizer inteiramente inexplorado, esperando que a viagem de circumnavegação da Civilização a aporte nestas plagas hospitaleiras e incomparaveis, para que o seu desenvolvimento se processe em ambiente de maior nobreza de sentimentos, sem rivalidades, sem malquerenças, sem desconfianças,

sem invejas, como é necessário e imprescindível á missão histórica que lhe coube no evoluir do globo terrestre. Se observarmos a superfície desse território verificaremos que elle é cortado de grandes rios navegaveis e outros que o podem ser sem maiores difficuldades ; que existem cachoeiras cuja energia total talvez não seja exaggero calcular em cerca de cem milhões de kilowats ; que o clima e os campos comportam todas as especies de culturas conhecidas ; que dispõe de florestas virgens numerosissimas e riquissimas em madeiras de lei, medicinaes e resinosas, entre estas a borracha em grande quantidade e da melhor qualidade ; que possui em abundancia rebanhos os mais variados como sejam de gado vaccum, lanigero, porcino, caprum, equino. A flora e a fauna são tão abundantes e as especies vegetaes e animaes em tão grande variedade, que difficilmente poderiam ser enumeradas sem falhas. No sub-solo, conhecidas apenas em pequena parte, existem importantes minas de carvão de pedra, de petroleo, de ferro em quantidade ainda incalculavel porem que poderá talvez abastecer o mundo por um millenio, de ouro, prata, platina, nickel, cobre, cobalto, chumbo, estanho, manganez, etc. E' rica de rochas as mais variadas, offerecendo todos os recursos que a engenharia precisar para realizar suas concepções por mais arrojadas que sejam.

E tudo isso que enumeramos e conhecemos longe está de attingir todas as possibilidades, muitas das quaes nos escapam e que somente quando descobertas e exploradas nos poderão fornecer dados seguros sobre a capacidade da America do Sul para abastecer o mundo e por quanto tempo.

Ora, diante do exposto e da politica internacional que o continente sul-americano começa a adoptar, de

aproximação de todos os seus povos mediante tratados os mais variados e aceitos sem a menor coacção porque a todos beneficiam, mediante os pactos de não agressão também geralmente aceitos com a firme vontade de banir a guerra do seu territorio, a Civilização atingirá aqui o seu mais elevado gráo de perfeição moral, creando um ambiente de nobres ideaes entre os individuos como entre as nações.

E como não poderá ella proseguir marcha rumo á Antartica porque este continente não lhe offerece condições de novas aquisições para um maior desenvolvimento, terá que retornar, adquirido o seu maior surto expansionista na America do Sul, aos escalões anteriores e primitivos, pelo Pacifico e pelo Atlantico, levando a todas as regiões habitadas do globo os aperfeiçoamentos com os quaes se ampliará, se modificará e se humanizará, creando para a humanidade uma collaboraçãõ e uma fraternidade nas quaes os valores moraes terão superado quaesquer outros.

A nós, americanos do Sul, pertencerá a glória insigne de termos comprehendido a missão historica que nos coube e de havermos agido, desde que ella se nos revelou, no sentido de facilitar-lhe o evoluer e a plena realização.

A nós, povos da America do Sul, a alegria semjaça de havermos adquirido em tempo util o pleno conhecimento desse destino historico e havermos tudo envidado para nos comprehendermos e nos amarmos, levando aos nossos irmãos mais velhos dos outros continentes a palavra de paz e a acção constructiva de uma Civilização repleta de nobres ideaes, dignificadores estes das nações que humanizaram o orbe terraqueo e que d'elle fizeram o paraíso e d'elle baniram o purgatorio e o inferno.

CAPÍTULO VI

MISSÕES HISTÓRICAS DO BRASIL

Como já dissemos, o início da formação das grandes nacionalidades modernas da Europa — Alemanha, França e Inglaterra — seguidas da constituição de outras como Espanha, Portugal, Hollanda, etc, se processou no meio de intrigas políticas, de rivalidades entre príncipes ambiciosos, trefegos e ignorantes, de lutas incessantes por pedaços de territórios, os dirigentes preocupados principalmente em prejudicar uns aos outros, os mais poderosos na ocasião espoliando os mais fracos, aos quaes arrancavam as terras que porventura houvessem conquistado.

Essas intrigas, rivalidades e lutas se eternizaram no espaço e no tempo, gerando incompatibilidades que ainda hoje permanecem e certamente se prolongarão por muitos annos entre todas as nações que na actualidade constituem a Europa incendiária e dispersiva, incapaz, não obstante o elevado gráo de civilização a que attingiu, de um movimento de abnegação e sinceridade pelo advento de uma politica internacional affectuosa e digna, no campo da Moral.

Ainda mais, essas incessantes intrigas, rivalidades e lutas dos povos europeus, passaram por assim dizer intactas para as colonias por elles creadas nos territórios que descobriram e dos quaes se apossaram.

As malquerenças foram sempre mais accentuadas entre povos fronteiriços, que se hoatilizavam por quaesquer desavenças, em geral a procura de motivos, quasi sempre futeis, os quaes obrigavam maior parte das vezes os dirigentes a declarações de guerra. Eram estes

por sua vez, por influencia do meio e por educação, incapazes de se imporem nobres reacções no sentido da approximação dos povos, da qual lhes resultassem relações amenas e cordiaes.

Em tal meio e em taes circumstancias os grandes povos das grandes descobertas maritimas dos seculos XV e XVI, fronteiriços e rivaes — Hespanha e Portugal — não podiam escapar aos antagonismos que foram sempre a herança dos cyclos diversos percorridos pela Civilização e que foram talvez a causa primordial do enorme desenvolvimento progressista dos povos, em constantes descobertas e invenções, tendo sempre em vista cada qual superar o adversario em suas creações e realizações.

Esses antagonismos se por um lado serviram de estimulante ás energias creadoras dos povos descobridores de novos mares e novas terras, dando-lhes força e vigor, por outro lado serviram de estimulante ás rixas, querelas e disputas entre os mesmos, creando-lhes uma situação permanente de animosidades e desintelligencias. Aquillo que elles deveram ter feito em perfeito entendimento e harmonia de vistas, desbravando novas terras e novos horizontes, realizaram entre discordias e invejas, cegos de ambição, de orgulho e de cobiça.

Assim foi sempre e dahi as lutas que se tornaram perennes no planeta, dividindo e anniquilando povos e raças, os quaes, se orientados fossem em rumos menos asperos e mais humanos, teriam evitado certamente immenso numero de males á humanidade.

As rivalidades assim nascidas entre Hespanha e Portugal passaram ás suas colonias sul-americanas, se não augmentadas tambem não attenuadas e prolongaram-se desde o inicio da colonização até cerca de um

seculo após a conquista da independência politica, em todas ellas operada apenas com a differença de alguns annos no primeiro quartel do seculo XIX.

Portugal teve o grande merito de conquistar na America do Sul um territorio de quasi nove milhões de kilometros quadrados e mantel-o unido, formando uma nação unica, ao passo que a Hespanha dividiu os nove milhões e duzentos mil kilometros quadrados conquistados, por nove paizes, sete dos quaes lindam com o Brasil.

Quando independentes, as nações hispano-americanas adoptaram sem excepção o regimen republicano; o Brasil adoptou a monarchia constitucional representativa. Foi um motivo a accrescer aos já existentes, determinantes das rivalidades entre povos descendentes do tronco hespanhol e o descendente do tronco portuguez.

Entre as muitissimas desavenças, grande numero das quaes não passaram certamente á Historia, provenientes de incursões de hespanhoes e portuguezes nos immensos territorios sul-americanos, se descortina desde logo a que foi provocada pela fundação da Colonia do Sacramento á margem esquerda do estuario do Prata, pelo governador do Rio de Janeiro D. Manoel Lobo, em terras que os hespanhoes tinham como suas. Conversações, troca de notas, tratados, lutas, golpes de mão, assédios, resistencias heroicas, capitulações honrosas e deshonorosas, foram as diversas scenas do dramalhão que começou em 1680 com a fundação da colonia e que só terminou em 1777, quando foi ella definitivamente adjudicada á corôa hespanhola, depois de 97 annos de hostilidades reciprocas.

Na intercorrencia da questão da Colonia do Sacramento e com ella ligada, surgiu a das Sete Missões, nucleos de populações fundados por jesuitas hespanhoes

em territorios hoje pertencentes ao Estado do Rio Grande do Sul e formancio cada um delles um municipio á margem oriental do rio Uruguay.

A 13 de Janeiro de 1750 firmaram Hespanha e Portugal o tratado de Madrid, pelo qual as Sete Missões passavam á corôa portugueza e a Colonia do Sacramento á hespanhola. Taes foram porem os obstaculos oppostos á execução desse tratado pelos jesuitas, que os governos contractantes resolveram firmar um outro em 12 de Fevereiro de 1761 — o de Prado — pelo qual declaravam nullo o de Madrid.

Isso deu lugar a guerras de conquistas entre as duas nações, as quaes se prolongaram por dezeseis annos, sobresañhindo entre ellas a tomada da Colonia do Sacramento e a tomada da ilha de Santa Catharina pelos hespanhoes. A 1.º de Dezembro de 1777 firmaram o tratado de S. Ildefonso, pelo qual aos portuguezes foi entregue a ilha e aos hespanhoes a Colonia do Sacramento, as Sete Missões e mais algumas terras.

Nova guerra de conquista entre as duas nações rivaes em 1801, tendo o então governador do Rio Grande do Sul, General Sebastião Xavier da Veiga Cabral, annexado a Portugal as Sete Missões, as quaes pelo tratado de Badajós firmado a 6 de Junho do mesmo anno passaram definitivamente ao dominio portuguez.

Durante a permanencia da familia real no Brasil proseguiram na America do Sul as rivalidade entre Hespanha e Portugal. De 1811 a 1821 varias guerras surgiram entre as duas nações, até que a 31 de Julho desse ultimo anno foi incorporada ao Brasil a Banda Oriental do Uruguay com o titulo de Provincia Cisplatina, facto que mais accentuou as velhas e tradicionaes malquerenças entre os dois povos ibericos.

Com a independencia politica das nações de origem hispanica e do Brasil, as lutas seculares proseguiram

dentro de um ambiente mais carregado de animosidades e odios, entre os descendentes de portuguezes e hespanhoes.

A 24 de Novembro de 1855 o governo argentino notificou ao brasileiro a incorporação pura e simples da Banda Oriental á Republica Argentina, originando a guerra entre essa nação e o Imperio, presos então os dois povos pelos prejuizos do odio que se votavam, consequentemente a desconfianças que só ultimamente se vão dissipando a largos passos, comprehendendo ámbos afinal que precisam aliar-se e seguir unidos, porque a isso os fadou o destino. Essa guerra terminou com o tratado do Rio de Janeiro de 27 de Agosto de 1828, sob mediação da Inglaterra, pelo qual foi reconhecida a independencia da Banda Oriental sob o nome de Republica Oriental do Uruguay.

Durante as lutas intestinas que determinaram a D. Pedro I a abdicação e durante as que irromperam ao tempo dos governos regenciaes, não cessaram as animosidades entre brasileiros de um lado e argentinos e uruguayos de outro, sempre em hostilidades reciprocas, não perdendo occasião para se offenderem e se malquistarem.

No reinado de D. Pedro II não se apagaram os odios, arrefecidos apenas nos ultimos annos, permanecendo ora latentes ora evidentes as malquerenças de parte a parte.

Em meio do seculo XIX era dictador da Republica Argentina o General D. João Manoel Rosas, em cujo cerebro tomara vulto a ideia da criação do vice-reinado de Buenos-Ayres, a elle devendo ser incorporadas as republicas do Paraguay e Oriental do Uruguay, tendo certo aquelle dictador o auxilio de D. Manoel Oribe, que se havia insurgido contra D. Fructuoso Rivera, presidente do Uruguay, reduzindo-o apenas á posse de Montevideo.

No estado em que se achavam as relações do Brasil com as republicas do Prata, em geral tensas e sempre eivadas de desconfianças, não conviria ao Imperio a formação do vice-reinado, que se traduziria pela constituição de uma potencia respeitavel a ameaçar seriamente a paz da America do Sul e a integridade do nosso paiz. Accresce que a Republica do Uruguay estava dividida em dois partidos extremados — Blanco e Colorado — os quaes se hostilizavam abertamente, sem treguas, disputando o poder por meios violentos, revolucionarios. Era chefe do partido blanco D. Manoel Oribe, que, como ficou dito, se alliou a Rosas e estava senhor de todo o paiz, excepto Montevidéo. Alem disso era o chefe uruguayo inimigo declarado e ontensivo do Brasil e dos brasileiros em geral, principalmente dos que em grande numero se haviam estabelecido no Uruguay ao tempo da Provincia Cisplatina e que eram tenazmente perseguidos pelos homens do partido blanco, por Oribe em particular. Era chefe do partido colorado o General D. Fructuoso Rivera, então presidente da republica, cuja autoridade como já dissemos estava reduzida apenas á Capital.

Desses factos surgiu a guerra de 1851-52 entre o Brasil, seus alliados os generaes Urquiza e Virasoro, governadores respectivamente das provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes, e Fructuoso Rivera, contra Rosas e Oribe, a qual terminou pela batallia de Monte Caseros em 3 de Fevereiro de 1852, sendo vencidos e destroçados os dois ultimos, obrigado Rosas a deixar o poder que detinha, o qual passou ás mãos de D. Justo José de Urquiza.

As relações do Brasil com as republicas do Prata não melhoraram sensivelmente como se devia esperar do desfecho desses acontecimentos, continuando sempre tensas, eivadas de desconfianças e de reciprocas antipathias, determinando isso perseguições aos brasileiros

residentes na Republica Oriental, culpados muitas vezes de intervenções indebitas nos negocios do paiz, dando origem a interminaveis reclamações diplomaticas de parte a parte.

Em 1864 era presidente do Uruguay D. Atanasio Cruz Aguirre, do partido blanco, inimigo extremado do Brasil, por haver este combatido D. Manoel Oribe. Nesse mesmo anno foram queimados em praça publica de Montevidéo, todos os tratados firmados com o Imperio, cuja bandeira foi arrastada e espesinhada em ruas dessa cidade, tomando parte na triste scena o Ministro da Guerra. O Brasil alliou-se então ao General D. Venancio Flores, chefe do partido colorado, e tendo derrotado as tropas do governo blanco, collocou no poder o general aliado que publicamente desaggravou a offensa á nossa bandeira.

Solano Lopez, dictador do Paraguay, havia offerecido ao Governo Imperial sua mediação na questão do ultrage á bandeira e queima dos tratados. Recusada essa mediação, Lopez sentiu-se melindrado e resolveu hostilizar o Brasil, provocando a guerra para a qual se vinha preparando ha muito, organizando o maior exercito da America do Sul, perfeitamente armado e equipado do que havia de mais moderno na arte da guerra. Essa luta de cinco annos em nada serviu ao Brasil, nem mesmo para melhorar suas relações com a Republica Argentina e a Republica Oriental do Uruguay, suas alliadas contra o Paraguay. As desconfianças e malquerenças proseguiram de parte a parte, do termino da guerra em 1870 á proclamação da republica em 1889.

A adopção do regimen republicano e a constituição de 24 de Fevereiro de 1891, foram factores decisivos para uma nova e digna orientação nas relações internacionaes do Brasil, principalmente com as nações da America do Sul e em particular com as do Prata,

embora tivessem permanecido ainda por cerca de um vintennio as tradicionais desconfianças que mantinham afastados de melhor convívio as tres republicas sul-americanas do Atlantico.

E' de justiça reconhecer aqui a enorme influencia do Positivismo no scenario das relações dos povos hispano-americanos com o Brasil melhorando-as sobremaneira, tudo predispondo para entendimentos libertos de eivas e preconceitos. Doutrina altamente moral pela nobreza das suas concepções de profundo respeito aos melindres alheios, obedecendo a uma philosophia derivada do conhecimento das leis naturaes que regem inexoravelmente o mundo, cultuando a justiça e o direito de modo a reconhecer justas reivindicções onde quer ellas se encontrem, fóra de quaesquer sentimentos de egoismo, levando o seu altruismo caracteristico ao ponto de assignalar as causas dignas de respeito embora em prejuizo de seus proprios adeptos e dos povos a que pertençam, o Positivismo, cuja influencia na organização republicana foi notoria e notavel, predispoz os povos hispano-americanos a olharem o Brasil com menos rancor e a estudar-lhe as tendencias e designios.

A Magna Carta de Fevereiro, com as expressivas e peremptorias declarações de não poder o Brasil empenhar-se em guerras de conquista e de não poder entrar em alianças offensivas, concorreu innegavel e poderosamente para que essas tendencias e designios fossem melhor conhecidos e apreciados, permitindo aos povos em geral e aos da America do Sul em particular um melhor estudo dos homens e coisas do Brasil.

Se a politica interna do Brasil é um amontoado de erros e corrupções que levaram o povo á descrença da democracia liberal, creando no paiz essas ideologias extremistas de pura imitação subserviente e subversiva, sem nenhuma originalidade, grotescas por si mesmas, exoticas, e por isso inadaptaveis ao nosso meio onde

antes de tudo impera o espirito generoso e justiceiro do homem aqui formado em um scenario farto, uberrimo e dadivoso, que o afasta dessas creações bastardas, incomprehensíveis e incapazes de unir os brasileiros em uma época em que a união é quasi tudo e o que de melhor temos a praticar e produzir no momento para a consecução das medidas e providencias que nos facilitem a realização das missões historicas que nos couberam no amplo theatro do globo, a politica externa, confessemos com ufania, foi sabida e digna.

Caracterizou-se ella desde a proclamação da republica por um escripto respeito aos direitos e melindres dos outros povos americanos, aos quaes levou a segurança da sua lealdade e da sua dedicacão aos convenios e tratados, jamais deixando de concorrer para que se inaugurasse entre elles uma era de harmonia e de paz, cujas resultantes facilitassem a todos uma atmosphera saturada de idealismos nobilitantes, creando-lhes um ambiente propicio a entendimentos e realizações fraternas, libertos das velhas odiosidades que os dividiam e os afastavam uns dos outros.

A inauguração dessa politica internacional permittiu que as questões de fronteiras fossem todas resolvidas entre o Brasil e os povos lindeiros ou por meio de tratados directos entre os interessados ou por meio de arbitragens, soluções todas pacificas e accitas sem discrepancia, pondo fim a possiveis desintelligencias e a possiveis conflictos armados.

O facto de confinar com sete das nove republicas hispano-americanas, de ser o unico paiz luso-americano, de haver pacificamente resolvido todos os problemas fronteiriços, com equidade e respeitoso acatamento aos respectivos tratados e arbitragens, depois de haver herdado os odios de Portugal contra a Hespanha na America do Sul e das peripecias narradas neste capitulo em virtude dos mesmos odios, tornando-se amigo

de todas essas republicas sem excepção, tudo isso sagra o Brasil como predestinado á missão historica de ser o principal factor da harmonia sul-americana, a qual se projectará inilludivelmente no scenario mundial, em cujo palco a America do Sul desempenhará fatalmente importante papel civilizador.

Essa a primeira missão historica do Brasil.

No capitulo anterior tratamos da marcha da Civilização no globo e assignalamos o destino historico da America do Sul de estabelecer e firmar no continente uma politica internacional de verdadeira fraternidade, os povos respectivos irmanados e confiantes, dando exemplo aos demais povos de como se pode viver e prosperar sem desconfianças uns dos outros, sem medo, sem inuteis e incabíveis represalias, fortalecidos todos por uma união sagrada no firme proposito de banirem destas plagas uberrimas a guerra e o armamentismo, devoradores insaciaveis da mocidade, das riquezas, dos productos do trabalho e de tudo o que ha de respeitavel na vida humana, de tudo o que existe de aproveitavel para o bem estar da humanidade.

E como o Brasil pela sua posição geographica na America do Sul, pelo seu immenso territorio não explorado, pelas florestas immensuraveis que possui, pelas inexauríveis minas de ferro e manganez, bem como de ricas minas de ouro, nickel, cobre, carvão, petroleo, marmores etc., etc., pelo numero de milhões (talvez 50) de kilowatts de energia electrica que podem fornecer sua quedas dagua, pelos climas diversos que permitem todas as culturas, pelos grandes e variados rebanhos de gado de toda especie, pelo consideravel numero de rios navegaveis, por tudo isso e por muito mais recursos que representam riquezas quasi inexgotaveis, e principalmente pelo factor homem que se educou e age no sentido humano em todas as manifestações de actividade,

o Brasil será, independente da nossa vontade de brasileiros, o centro dessa Civilização que culminará na America do Sul.

A prodigalidade da natureza em favor do nosso paiz foi tão notavel e em proporções tão grandiosas, que o homem nelle nascido e educado, salvo se fôr um tarado, não póde deixar de ser generoso e altruista. erguendo em cada prece bençãos á Creação, em cada hymno louvores á humanidade, em cada surto de actividade sorrisos de bondade e abnegação, predisposto a todo momento para as lutas pacificas e nobres da approximação dos povos, dos homens e das raças humanas.

Por tudo que dissemos e por tudo o que uma deficiencia mental não permittiu dizer, tu, ó Brasil incomparavel. riqueza das riquezas. nobreza das nobrezas, grandeza das grandezas, generosidade das generosidades, tu, tiveste outra missão historica, a segunda, que tens de realizar se os teus filhos bem a comprehenderem e se forem capazes de merecer tão elevado e honroso mandato — a de centro da mais alta expressão a que attingirá a Civilização.

E ainda não satisfeitas as forças creadoras da vida por tudo isso e com isso tudo, e como se não bastassem tantas honorarias para o teu glorioso destino, e como se fossem insufficientes tantas responsabilidades para a formação do teu povo e para que seja elle digno da investidura no grandioso scenario civilizador que lhe coube, deram-te ainda outra missão historica a terceira, de theatro principal do caldeamento das diversas raças humanas e formação de uma raça unica, que será sem duvida alguma, um producto seleccionado de todas as outras, com characteristics proprias, resultantes dos antecedentes caldeados, do meio ambiente, da cultura e do grão de prosperidade a que se houver elevado o povo brasileiro na exploração e expansão das riquezas.

E como se tudo isso fosse ainda pouco para tão privilegiado pedaço do planeta, para o seu esplendor e a sua glória, para o seu dever e o seu renome, para a sua fé e a sua immortalidade, concederam-te as leis creadoras da Natureza, ó Brasil Universal, uma quarta missão histórica — a da formação em teu seio da religião única, resumo e synthese de todas as religiões, então fundidas, irmanando todos os habitantes do globo para a unidade da humanidade em torno da Creação e do Creador, todos, em todo o mundo, entoando hymnos á paz eterna entre os homens, entre os povos, entre as raças humanas.

Terra Maravilhosa onde proliferam todas as religiões, seus crentes irmanados por sentimentos de Disciplina, de União, de Cooperação e Fraternidade para a conquista do bem estar geral, isto é, da Civilização, por meio da Ordem, do Trabalho e do Progresso, tu ó Brasil és bem a Terra da Promissão!

E como resumo e synthese de tudo o que um patriota pode almejar-te, ó Brasil amado, desejamos que os teus dirigentes de agora e sempre bem comprehendam a finalidade da Grande Revolução Reformadora de 1950 e bem avaliem o alcance das quatro missões históricas, que te cabem, para que sejam capazes de guiar-te á plena realização desses honrosos mandatos da natureza, isto é, que se revelem verdadeiros homens de Estado e não gozadores de posições, ephemeros dilettantes do poder. Que tenham elles, os dirigentes, a presciencia e a previsão da nova era que se abriu ao Brasil em 1950, de um novo surto de progresso material, mental e moral, para que possam acompanhal-o no progredir imperioso a que se vae guindar necessariamente em virtude dos recursos e riquezas de toda ordem, os quaes o mundo está exigindo sejam explorados e postos em circulação para satisfação das necessidades que em breve surgirão. Que sejam para isso formados na escola da cultura e

da moral, de onde saiam invulneráveis e imperterritos cumpridores dos deveres que lhes assistem, sejam quaes forem os sacrificios a soffrer, quesquer sejam os imperativos que os cerquem e os tentem em sentido contrario ao do bem publico. Que, finalmente, tenham a precisa intelligencia e acuidade necessaria para evitar ao paiz choques traumaticos, livrando-o de contramarchas no seu evolver, antes facilitando-lhe o desenvolvimento do seu progresso e da sua civilização, conduzindo-os de modo que ininterruptamente se approximem da perfeição, limite para o qual devem tender sempre as concepções que tiverem em vista o bem estar da humanidade.

Paiz cujos portos e fronteiras estiveram sempre e estão abertos para receber sem desconfianças e sem medo os homens de todos os quadrantes da Terra que quizeram e queiram vir trabalhar connosco em uma justa esperanza de aqui conquistar o bem estar e a futura, quaesquer fossem ou forem os seus dogmas religiosos, os seus principios politicos, as côres dos seus pigmentos, um paiz assim liberal e humano, dotado de immensos recursos naturaes a desafiar a capacidade realizadora dos homens e onde todos são bem vindos, se aclimatam e constituem uma segunda patria a que se arraigam e para cujo progresso concorrem, um paiz assim não pode deixar de ser o centro de formação da raça unica que se derivará fatalmente do entrelaçamento de todas as outras, bem como o centro de formação da religião unica.

E que os brasileiros de hoje e de todos os tempos vindouros, bem como os estrangeiros de todas as procedencias aqui radicados, comprehendam a belleza moral desse ambiente privilegiado de benesses e saturado de altruismo constructivo e vivificador, todos concorrendo para que o caldeamento se processe no meio da harmonia geral sem os preconceitos bastardos e inimigos do aperfeiçoamento moral da humanidade.

Que todos, indigenas e alienigenas, bem comprehendam e cuidem bem comprehender, que um paiz assim unico no mundo, será sem possivel duvida o creador da fraternidade universal, do bem estar geral, demonstrando a todos que a guerra é animalidade, só propria das feras que se estraçalham para que a vencedora sacie a fome na carne da vencida.

O homem civilizado é um ser incapaz de abater outro homem, como as feras. O homem civilizado é um ser que vive na fraternidade. O homem civilizado é um ser privilegiado da natureza feraz e prodiga, por ella creado para que se approxime constantemente da divindade.

CAPITULO VII

O QUE E' PRECISO REALIZAR NO BRASIL PARA FACILITAR-LHE O CUM- PRIMENTO DAS MISSÕES HISTORICAS QUE LHE COUBERAM

1.º

INSTITUIR NO BRASIL O GOVERNO DEMOCRATA QUE ELLE NUNCA TEVE

Dentro da verdade historica e no ambiente das leis naturaes que governam o mundo podemos afirmar que o cháos e a anarchia que apavoram os homens do presente nasceram do bacharelismo que se apossou da direcção das sociedade humanas e que tudo desnaturou, complicou e explicou a sua feição, para melhor aquinhoar-se e melhor explorar o trabalho e as instituições em seu proprio proveito. Na ancia e na febre

de mandar, de governar e gozar, fez da verdade mentira e da mentira verdade. Defende ou accusa por igual, com igual maestria causas oppostas e chocantes.

Isso é da essencia da profissão. Não é logico nem natural, mas é preciso que assim seja para que firme o seu prestigio e possa vencer no meio de tanta concurrencia, leal ou desleal. O principal é vencer e os fins justificam os meios.

Monarchia quer dizer governo de um monarcha, rei ou imperador. Só existe monarchia quando o chefe do governo, rei ou imperador, é absoluto, isto é, quando elle é o unico a resolver, a executar, a mandar, sem obedecer a entidade alguma. É a dictadura das dictaduras.

Monarchia constitucional como foi instituida é mentira, porque o monarcha, rei ou imperador, não governa, não resolve, não executa. Elle é uma especie de pae de familia interdicto por demencia. O que tem existido e existe ainda em alguns paizes é o regimen monarchico parlamentar, no qual existe o rei ou imperador, porem que não governa. Exerce o governo o parlamento, por intermedio de um ministerio constituido de membros desse mesmo parlamento, que assim delega ao ministerio a faculdade de governar.

Logicamente podia existir o regimen monarchico constitucional. O chefe da nação seria um rei ou imperador que effectivamente governasse dentro de uma constituição politica, nomeando, como no regimen republicano presidencial, os ministros. Nesse caso o parlamento não governaria e não teria outra função que a de votar as leis.

Seria mais logico denominar o regimen parlamentar de *Regimen de Gabinete* ou *Regimen Ministerial*, porque é o gabinete ministerial a entidade que governa realmente.

Regimen presidencial tambem não está certo, porque no regimen republicano parlamentar existem o

Presidente da Republica que não governa e o Presidente do Conselho de Ministros que governa, embora de accordo com os ministros e o parlamento e por isso poderia ser denominado *regimen presidencial*.

Este devia se denominar de preferencia *Regimen dos Tres Poderes*, com muito mais propriedade, visto como os tres poderes politicos se equivalem e devem ser harmonicos, cada um delles com esphera de acção que lhe é propria.

Essa confusão mostra que os selvagens com o seu expressivo vocabulario melhor que os civilizados sabem dar nomes aos bois.

Encerrada esta digressão cujo objectivo não visa atacar e sim prevenir os espiritos para que melhor nos orientemos, escoimados os nossos actos de impropriedades e complicações desnecessarias, tratemos da organização de um governo que se adapte melhor ao Brasil e seja capaz de facilitar-lhe a realização do seu destino historico.

Reconheçamos antes de tudo que em nosso paiz nunca houve democracia liberal porque esta suppõe um povo instruido e educado, capaz de tornar-se soberano por si mesmo e por si mesmo escolher a forma de governo que lhe convem, bem como os governantes que em seu nome dirigirão os negocios publicos.

Ao proclamar-se a republica em 15 de Novembro de 1889 possuia o Brasil cerca de noventa por cento de analphabetos, o que irrefutavelmente demonstra que a sua independencia politica em 1822 foi effectivada por uma pequena minoria que escolheu o regimen monarchico constitucional representativo e o governou durante sessenta e sete annos. Isso pode ser olygarchia, nunca democracia.

O regimen republicano foi instituido como vimos sob a indifferença do povo, pelo Exercito e por um diminutissimo grupo de civis eminentes. A forma de governo

adoptada foi escolhida por esse grupo á revelia do povo, todo elle incapaz de comprehendel-a muito menos de saber se era a viavel para o Brasil na hora republicana. O governo federal e os governos estaduais durante a velha republica foram sempre eleitos por uma pequena minoria de cidadãos, interdicta de votar por analfabetismo a grande maioria. Os parlamentos federal e dos Estados transformaram-se por conveniencia dos seus membros em feudos do Presidente da Republica e dos Governadores. Será isso democracia? Absolutamente não, porque tudo isso caracteriza sem a menor duvida um regimen olygarchico.

Accitemos porem que o regimen politico que vem vigorando no Brasil a partir de 1889 tenha sido a democracia liberal; que esta democracia com o presidencialismo seja ainda hoje o melhor regimen politico para o nosso paiz; admittamos que elle deva prevalecer para o futuro como capaz de promover e facilitar a realização do seu destino historico.

Mas então porque esse mal estar quasi geral que leva um grande numero de patricios nossos a procurar nos extremismos a salvação do paiz, descrentes como estão da liberal democracia? Porque essa corrupção em grande escala, essas desordens periodicas, essa indisciplina generalizada, esses assassinatos e roubos, esses desfalques em repartições publicas, em bancos, em casas commerciaes? Porque essa degradação em que grande numero de homens e mulheres se entrega aos vicios e aos gozos sensuaes sustentados por actividades inconfessaveis e deshonestas? Porque essa falta de estímulo e essa falta de energia bem orientada, as quaes levam a mocidade do paiz a viver pedinchando exames por decreto e por médias, cavando com a propria incultura superveniente a propria ruina e a do paiz, pela influencia nefasta que sua geração vae exercer no evolver da nação? Porque essa corrida de cidadãos aos empregos

publicos, incapazes de maior e melhor esforço para obtenção da subsistencia em trabalhos melhor remunerados, nos quaes possam alcançar a abastança e mais salutar padrão de vida?

Não nos illudamos porque isso redundaria em prejuizo de nosso paiz, assoberbado por tantas crises, a maior e mais perigosa das quaes é a crise de character que vae avassallando homens e mulheres na sua maioria sem ideaes superiores que a todos norteiem para o bem do Brasil e da humanidade em geral.

Material e mentalmente a nossa patria tem progredido muito neste quasi meio seculo de regimen republicano presidencial, mas não nos illudamos com esse regimen, porque o progresso seria o mesmo ou talvez maior com outra forma de governo, porque elle é consequencia do evoluir das sociedades humanas que exigem a todo momento e sempre sejam exploradas e postas em circulação as utilidades e riquezas de quaesquer partes do globo necessarias á satisfação das necessidades, cujas leis são as mais imperiosas e terriveis, ás quaes somos forçados a obedecer, queiramos ou não.

Não nos illudamos. O Brasil será o maior centro da civilização do futuro, independentemente de formas de governo, de regimens politicos, da nossa vontade de brasileiros, isto é, qualquer que seja o governo que tiver, seja qual fôr o povo que o habite. Com brasileiros ou sem brasileiros elle será no futuro e não mui remoto o paiz da Grande Civilização.

Assiste-nos inexoravelmente o dever de sermos cidadãos, dignos cidadãos, deste immenso e grandioso Brasil, isto é, de sermos homens capazes de accelerar o seu progresso, integrando-o o mais breve possivel na Civilização Occidental com a força e a energia que ali deve manter para occupar com honra o magnifico lugar que lhe foi destinado de pioneiro e mesmo

precursor da verdadeira fraternidade universal, pela pratica ininterrupta do respeito ao direito dos outros povos.

Passou a época dos partidos políticos e dos parlamentos, entidades sociaes incapazes de permittir e muito menos de realizar a união sagrada dos cidadãos de uma mesma patria, formando dentro das fronteiras de cada paiz o bloco inteiriço e homogenco hoje imprescindivel para que os esforços não se dispersem e, ao contrario, sejam todos conjugados, dando uma resultante unica e do mesmo sentido das componentes: A formação da nação forte, respeitavel e respeitada, capaz de por si só cumprir o seu destino historico e projectar a sua influencia benefica no scenario do Universo.

A evolução dos povos não mais pôde obedecer ás creações empiricas dos homens de governo e dos parlamentos, com as suas leis artificiaes geradoras do mal estar geral, não só pelo antagonismo com as leis naturaes entravadas assim no seu desenvolvimento espontaneo e inexoravel, como pela superveniencia da desordem e da anarchia que tudo subvertem e aniquilam, levando as sociedades humanas e os povos ao desespero e á desconfiança em tudo e em todos.

A Sociologia é uma sciencia de filiação historica e de experimentação, cujo aperfeiçoamento cresce dia a dia e cuja melhor escola é a da observação quotidiana dos phenomenos sociaes, do estudo e meditação dos quaes devemos extrahir os ensinamentos que nos guiem na organização das sociedades modernas, com as modificações determinadas pela hora, pelo lugar e pelo destino historico das mesmas sociedades. Sem isso nada construiremos que seja solido e duradouro.

Antes de tudo devemos distinguir despotismo e tyrannia de dictadura para evitar a confusão que por ali vae sobre governos.

Não chamaremos de regimen politico a esses dois primeiros accidentes de governo dos povos. O terceiro até certo ponto pode ser considerado como tal, dado que se pode prolongar por annos a fio e com o pleno assentimento da maioria da nação. Em todo caso preferimos consideral-o tambem um mero accidente.

Despotismo e tyrannia são possiveis somente quando os povos incapazes de organizar um governo em bases scientificas, forte e permanente, se deixam dominar por ambiciosos vulgares, sem patriotismo, que têm como estímulos e directivas das suas acções, a ambição de mando, a vaidade do poder, o gozo dos sentidos, o diletantismo das posições elevadas. São possiveis somente em povos sem cultura, sem tradições, sem altivez, sem o senso da dignidade que os deva preservar da escravidão a que fatalmente serão levados por esses governos de occasião.

Nelles a lei suprema é a vontade discrecionaria dos governantes, sem freios, sem objectivos geraes e seguros para o bem publico, sem orientação com finalidades elevadas, sem ideaes para construcção de uma patria livre e progressista. E' o governo de um homem, em geral usurpador, que tem em vista o seu proprio bem estar e o dos thuriferarios que o incensam e o cercam de bajulações interesseiras.

Dictadura, desde os mais remotos tempos, é um governo de transição, quasi sempre necessario e por vezes imprescindivel nas épocas de grandes commoções politico-sociaes, em periodos agudos da evolução dos povos.

Erram pois aquelles que se insurgem contra as dictaduras. Ellas não são um mal necessario e sim um bem necessario, opportuno, logico, em toda a occasião em que as nações precisam um governo forte e patriotico, que as livre de grandes crises sociaes. Jugulada a crise, consolidada a ordem, passado o extremo agudo da evolução, garantido o proseguimento da vida calma e normal do paiz, deve cessar o governo dictatorial.

Este não deve ser um governo sem lei, mas aquelle em que os effeitos das leis se restringem ao maximo para beneficio da nação, a esta facilitando vencer as difficuldades que a assoberbem e a ameacem em sua integridade. É tanto isto é uma verdade que a decretação do estado de guerra ou de sitio leva naturalmente o paiz da regimen dictatorial, que é mantido até que sejam suspensas essas graves providencias de salvação publica.

Para demonstrar o affirmado não precisamos recorrer aos tempos passados. O presente nos fornece exemplos concludentes, lucidos, insophismaveis, do verdadeiro valor e do alcance das dictaduras.

Em primeiro lugar citamos a Italia, uma das nações vencedoras da Grande Guerra, mas na realidade vencida e tanto é assim que não teve no congresso da paz em Versalhes, força bastante para reivindicar seus direitos. Seu regimen politico — monarchia constitucional representativa — era de frouxidão e por assim dizer inexpressivo, não se impondo no desconcerto europeu. O seu parlamento, como todos os parlamentos da actualidade, não gozava da confiança da nação, que o olhava com displicencia, vendo nelle apenas uma assembléa de homens, notaveis alguns, antes consagrados aos proprios interesses do que aos da collectividade. A deserença apoderara-se do povo italiano e a infiltração do communismo começara sua obra de sapa insidiosa e mascarada para atirar a Grande Nação Latina na voragem chaotica da desordem sob governos de loucos ambiciosos que tudo aniquilam e estracinham nos seus rubros desvarios, sabendo-se como se sabe que para os communistas nada existe de respeitavel, nem a vida humana, nem familia, nem tradições, nada lhe merecendo todo o progresso e toda a Civilização de milhares de annos, alcançados pelo trabalho de dezenas de gerações.

Ora, quem observar sem prevenções a Grande Italia de hoje e a Italia do termino daquelle guerra, então prestes a retrogradar a potencia de segunda ordem, verificará sem esforço que aquella é obra da dictadura que alli se estabeleceu sob a direcção de um perfeito conductor de homens, insigne estadista, dotado de força de vontade excepcional e que soube com pericia não vulgar eliminar os partidos politicos que alli existiam, para, sobre os escombros desses partidos, organizar com firmeza e patriotismo o partido unico da nação que reuniu em si a unanimidade, realizando assim a unidade do povo em beneficio da patria italiana, que se apresenta hoje ao mundo em todo o esplendor de um grande poderio, inpondo-se ao respeito dos outros povos. E convenhamos: Em todo o mundo os partidos podem ter servido para alguma coisa util que desconhecemos, mas innegavel é que têm servido sobre tudo para dividir os cidadãos de uma mesma patria em camarilhas ávidas de empregos publicos e que se estraçalham moralmente, quotidianamente, enfraquecendo a nação pela dispersão de vontades e de esforços pelo bem geral.

Podem atacar Mussolini e a dictadura, mas a obra por elle realizada é immensa e deu ao Grande Paiz Latino a força e o vigor que ha muito o haviam abandonado, mercê da impotencia de um regimen politico condemnado por incapaz de tornar-se forte porque é anemico de nascença e "o que o berço dá só a cova o tira".

Vejamos a Allemanha.

A Grande Nação Germanica, vencida na Grande Guerra, foi humilhada em Versalhes como nunca o havia sido em toda sua historia. Ou assignava a paz humilhante ou seu territorio seria invadido e talado pelo inimigo. Intellectualmente seus representantes a assignaram, preservando o paiz de maiores descabros e de maiores difficuldades economicas e financeiras.

Proclamada a república em consequência do desastre da guerra, vivia a nobre nação com a soberania amiquilada, ella propria enfraquecida, sem esquadra de guerra, sem esquadra mercante, de posse apenas de um pequeno Exército, sem voz activa em parte alguma, divididos seus cidadãos em partidos políticos sem expressão, quebrada a unidade nacional por assim dizer. E assim se arrastou cerca de tres lustros até que se convenceu que somente um governo forte, que conseguisse a união dos cidadãos em um partido unico inteiramente dedicado ao resurgimento da grandeza da patria, poderia reerguel-a do abatimento a que fôra forçada.

Dividida entre republicanos e monarchistas, o communismo a corroer-lhe o organismo forte e sadio, dispersas as forças nacionaes, a Allemanha tornava-se dia a dia susceptivel de cair na desordem e na anarchia, ella a mais disciplinada das nações.

Foi nesse interim que surgiu Adolpho Hitler, o dictador de larga visão e amplo descortino que conseguiu a união sagrada dos cidadãos, eliminando todos os entraves que se oppunham aos seus designios. De golpe em golpe foi aos poucos reivindicando todos os direitos da nação, annullando um por um os artigos do tratado de Versalhes que limitavam sua soberania, tornando de novo a Grande Allemanha respeitada por todos os povos, scientes e consciences os seus cidadãos do valor que representam. E com o resurgimento do grande povo se lhe creou uma nova missão historica : A de ser na Europa a muralha forte que serve de trincheira ao embate do povo russo ; a de ser a sentinella e o espirito que se oppõem á expansão do bolchevismo ; a de constituir a vanguarda da defesa da Civilização Occidental ameaçada pelo communismo slavo.

E essa grande obra realizada é trabalho de Hitler e da dictadura.

E' bem conhecida a historia contemporanea de Portugal, paiz de economia e finanças avariadas, sem credito, sobresaltado por motins e revoltas quasi permanentes, os governos militares succedendo-se a cada rebellião, em uma instabilidade crescente, a indisciplina governamental, social e militar, em franca expansão, recrudescendo sempre.

Ninguém acreditava na possibilidade da resurreição de Portugal não obstante as suas gloriosas tradições, repletas de paginas e feitos os mais honrosos a attestarem a pujança de um povo forte e viril que se tornára notavel pela sua grande projecção no scenario universal em época ainda não mui remota.

Apezar dessa descrença generalizada, Portugal se reergueu para uma vida nova, estando actualmente em franco progresso, toda a nação disciplinada e em ordem, a economia e as finanças restauradas, reorganizadas as forças armadas em condições de poderem defender a nação, os seus dirigentes gozando da confiança dos cidadãos.

E isso foi obra de poucos annos realizada pela ditadura de Carmona e Salazar, os dois homens que se uniram e se respeitam, que se comprehendem e se dedicam com extremado zelo ao serviço da Patria, que assim vac prosperando e de novo conquistando um lugar de evidencia no concerto das nações.

Se analysarmos, ainda que succintamente, a Hespanha dos ultimos tempos, chegaremos á conclusão de que a tragedia que ora está vivendo nestes annos de 1936 e 1937, é consequencia da falta de um governo forte animado do bem publico que a tivesse amparado no momento opportuno, salvando-a da anarchia em que se precipitou.

O regimen monarchico parlamentar que alli vigorava pouco a pouco foi decahindo no conceito dos cidadãos, tornando-se impopular. O rei, figura secundaria

nesse regimen politico, não se impoz á nação por falta de personalidade propria, incapaz de elevada visão dos acontecimentos e do momento historico. Affonso XIII era um gozador da vida e do subsidio a carregar mãos governos, como Pedro II no Brasil.

Como aqui, os partidos liberal e conservador revezavam-se no poder, incapazes de realizações que os recommendassem á consideração das populações e levassem estas á sympathya pelo rei e pelo parlamento. Ao contrario, rei e parlamento, eram olhados nos ultimos tempos indifferentemente e até acrimoniosamente pelo povo.

Em plena monarchia, a nação e as forças armadas já sem a disciplina dos corpos sociaes bem organizados, surge a dictadura de Primo de Rivera. Este, alem de não se ter revelado um conductor de homens e de estar longe de possuir a envergadura de um estadista capaz do perfeito conhecimento da situação e do momento historico da sua patria e do seu tempo, tinha o prejuizo de ser general do Exercito, sujeito ás influencias do seu sequito, incapaz por tudo isso de implantar uma dictadura civil que salvasse a nação da desordem que se approximava e a fizesse retroceder para o caminho da ordem e do respeito á autoridade. A experimentação do seu governo augmentou a descrença do povo que se desorientou inteiramente sem ter para quem appellar em tão graves circumstancias.

Como sempre acontece nas dictaduras militares, o Exercito se dividiu em facções hostis umas ás outras e os motins e revoltas dos quartéis não se fizeram esperar e se generalizaram. Primo de Rivera, sem as qualidades masculas necessarias á autoridade de dictador que assumira, foi obrigado a deixar o governo, peiorada a situação que encontrára.

Pouco depois a monarchia era abolida, incapaz de resistencia, impopularizada. E assim surge o re-

gimen republicano que logo adopta o parlamentarismo, sem que o periodo dictatorial republicano tivesse tido tempo ao menos para disciplinar as forças armadas que, disciplinadas, formariam sem duvida um escudo contra a anarchia e o desvario que se generalizaram e levaram a nação á destruição de immenso e invejavel patrimonio.

Nessa situação chaotica, o parlamentarismo, regimen fraco, já desmoralizado na monarchia, nada poderia realizar em beneficio da nação. Eleito o presidente da Republica, não se demorou a sua deposição, surgindo um governo de communistas e anarchistas que lançou o paiz na mais horrorosa das guerras civis de todos os tempos.

A' Hespanha de Affonso XIII e do principio da Republica faltou um Mussolini, um Hitler, um Salazar.

Só uma dictadura civil, forte e incorruptivel, tendo á frente um verdadeiro homem de Estado, animado de um intenso amor pela patria poderá salvar a Hespanha.

Que esses exemplos aproveitem aos politicos brasileiros, tão medrosos da dictadura. E foi esta sem a menor duvida que salvou em 1930 o Brasil da anarchia e possivelmente do desmembramento. Ella devera ter tido a duração de dez annos com plena acquiscencia do povo, sob o commando de Getulio Vargas, homem cuja educação politica foi uma revelação. Inclue-se elle no pequeno numero de politicos brasileiros que "enxergam alem de um palmo adiante do nariz", conhecendo o seu tempo, o seu paiz, o seu povo e o destino historico deste como nenhum delles.

Não foi uma affirmativa banal e gratuita a que acima fizemos de haver passado a época dos partidos politicos e dos parlamentos. Quem quer tenha o habito de estudar os phenomenos politico-sociaes do passado e do presente e tenha formado o espirito no pleno conhecimento positivo das sciencias, cuja philosophia haja

assimilado através das leis que governam os phenomenos de cada uma dellas, sem maiores difficuldades verificará que aquella assertiva tem toda a razão de ser.

Em tudo o que existe de humano, em todas as concepções sociaes e moraes, em todas as manifestações de actividade, procura-se hoje attingir á unidade como synthese de força e de direcção das sociedades humanas.

Os povos, em sua quasi totalidade, abandonaram ha muito o polytheismo e adoptaram o monotheismo como principio cardeal dos seus systemas religiosos, substituindo os deuses por um deus unico, um só creador e uma só criação, pela necessidade que sentiram de estabelecer a unidade na direcção espirital da humanidade. É no dia em que as religiões abandonarem os seus interesses egoisticos para se dedicarem todas aos interesses superiores da humanidade, todas ellas em communião de ideias pelo bem estar geral, chegarão ao ponto do seu desenvolvimento em que a necessidade de se entenderem e se fundirem em uma religião unica, superiormente orientada, se manifestará inilludivelmente, determinando o surto dessa religião unica que approximarà os povos uns dos outros e os homens de todas as partes do mundo.

Na esphera da Philosophia, todas as leis naturaes que regem o Universo obedecem inexoravelmente a uma lei unica, mais geral de todas, áquella que realiza e synthetiza a unidade — a lei da gravitação universal — aquella em que os corpos se attrahem na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distancias.

Em cada sciencia as suas leis obedecem sem discrepância a uma dellas, que é a principal e que resume e forma a unidade da sciencia, cujas concepções não podem sahir do ambito da sua affirmativa sob pena de nada significarem. Assim na Mathematica é a lei da acção e da reacção a que governa todas as outras e cujo enunciado é o seguinte: Toda acção é seguida

de uma reacção igual em intensidade e de sentido contrario. Na Astronomia é a propria lei da gravitação universal. Na Physica é a lei da gravidade terrestre que nos dá o peso de todas as substancias como resultante da sua composição com a força centrifuga da Terra. Na Chimica é a lei da economia geral — nada se crêa nada se perde na natureza. Na Biologia é a lei do nascimento, crescimento, reprodução e morte. Na Sociologia podemos formular a lei geral do seguinte modo: Todas as acções e concepções humanas, individuaes e sociaes, precisam convergir para a disciplina, a união, a cooperação e a fraternidade dos corpos sociaes entre si. Na Moral: Todas as acções e concepções humanas, individuaes e sociaes, devem visar uma ordem constante, o trabalho para todos os entes excepto os absolutamente incapazes, o progresso e o aperfeiçoamento moral da humanidade, levada assim ao bem estar geral, isto é, á Civilização Perfeita, em que o amor seja o elo de união entre os individuos bem como dos corpos sociaes entre si.

Da Mathematica á Biologia as leis naturaes são inexoraveis e nos governam a cada instante e sempre, em todos os lugares do Universo onde existir vida, Ninguem as inventou. Os homens que as descobriram, as enunciaram e as desvendaram aos outros homens, não as inventaram. Nem por isso devem ser esquecidas as poderosas mentalidades daquelles descobridores as quaes devem ficar eternamente gravadas nas paginas da Historia e na memoria das gerações.

Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica e Biologia, são obra da criação. Ellas certamente existiam antes do apparecimento do homem na Terra e não foram por estes creadas. Dahi a inexorabilidade das suas leis ás quaes estamos adstrictos no tempo e no espaço, sem a menor possibilidade de nos furtarmos ás suas determinações. Ellas foram porem descobertas,

tratadas, enunciadas e entregues á Civilização por homens eminentes da sciencia e da philosophia.

Não assim a Sociologia e a Moral as quaes não existiam antes do apparecimento do homem. Só quando este iniciou a vida de relação com outros seres, estabelecendo contacto entre elle e esses seres, só ahi começaram os primeiros delineamentos das duas sciencias que occupam hoje os degrãos superiores da hierarchia scientifica. Dahi a não inexorabilidade das suas leis, que são creações humanas e não obrigam em absoluto o seu cumprimento. Este deve ser obtido pela accitação voluntaria e intelligente da lei antes que pela compulsoria, como instituição necessaria ao bem de todos.

As leis da Sociologia e da Moral só podem ser enunciadas depois de profundo estudo dos corpos sociaes e do seu evoluer no tempo e no espaço, podendo ser modificadas em cada cyclo de aperfeiçoamento das instituições, pela creação de novos meios de actividade e progresso. Não quer isso dizer que as leis sociaes e moraes não sejam susceptiveis de enunciado definitivo, o que levaria a não se admittir os factos correlativos como leis ou como derivados de leis. Estas, pelo aperfeiçoamento da especie humana e o seu incessante evoluir na direcção do bem estar geral, devem ter opportunamente enunciado definitivo e obrigatorio para todos e pela accitação voluntaria e necessaria das suas determinações. Isso porem só será possivel quando as duas sciencias de que estamos falando houverem ultrapassado o seu estado actual de transição e tiverem attingido o estado positivo do seu desenvolvimento.

A busca e procura constantes da unidade, e por conseguinte da homogeneidade, em nssas concepções sobre as duas sciencias sociaes, provam que estamos no bom caminho para chegar ao estado positivo que ellas devem attingir mais cedo ou mais tarde.

Ora, os partidos políticos e em consequencia delles os parlamentos que delles derivam, são instituições de membros antagonicos, heterogeneos, e cujos programas em geral differem e se contrapõem, sem ideias geraes que os possam unir e formar um todo obediente a um determinado corpo de doutrinas. Cada qual tem os seus pontos de vista, os seus conceitos especiaes sobre a organização das instituições politicas e sociaes, os seus modos peculiares de conceber os phenomenos das duas sciencias sociaes.

Os partidos politicos ali estão. Ou apoiam o governo ou são contra elle. Se um está com elle, outro está na opposição. Do mesmo modo os parlamentos com as maiorias e minorias, na quasi totalidade das vezes discordantes entre si. As minorias não indagam se o governo é bom, se a administração publica é honesta e si se executa no sentido do progresso e bem estar do povo. Está na opposição porque deve estar e nesse caso julga que todo e qualquer acto do governo é mau e que deve votar contra as medidas por elle propostas, embora justas e necessarias.

Será possivel em taes circumstancias estabelecer a unidade nacional, a homogeneidade dos corpos sociaes, a união sagrada dos cidadãos? Ninguem o affirmará conscientemente. Entretanto, nada é mais necessario aos povos na actualidade, para sua deseza e conservação, do que a integralização de cada um delles em um bloco unico que os impeça de commoções internas afim de que sua projecção externa se revista do cunho de uma vontade unica e se imponha ao respeito dos povos conquistadores e usurpadores,

Sob esse ponto de vista, o parlamento instituido no Brasil depois de 1930 em nada melhorou. Ao contrario. As divisões da representação nacional augmentaram pela creação de novos e mais numerosos partidos politicos regionaes e pelos parlamentares classistas.

Nesse parlamento, salvo alguns homens de talento dedicados ao bem publico, se encontram representantes da maioria e das minorias, formando em conjunto uma grande maioria de inúteis, gozadores do subsidio e atravancadores do plenario. Diante dos extremismos que ali vão proliferando em prejuizo do Brasil e que só o não conseguem arruinar porque o povo brasileiro em sua maior parte não se deixa contaminar por doutrinas exóticas, eil-os incapazes de uma união sagrada em torno da patria afim de combater esses credos politicos que se não adaptam nem se podem adaptar a um paiz como o nosso, em pleno desenvolvimento pacífico das suas riquezas, onde não ha lugar para abrigo de instituições que nasceram do desespero de cidadãos de outros paizes onde a liberdade é um mytho e a fartura um sonho.

Embora não se possam acclimar no Brasil, esses credos politicos lhe vão perturbando a ordem e o progresso, enfraquecendo-o com suas propagandas subversivas, sem que os parlamentares e os partidos se julguem obrigados a pôr uma barreira a essas propagandas infelizes.

Nunca se procurou no Brasil como em 1936 a união dos parlamentares e politicos em evidencia para as providencias necessarias á successão presidencial com o objectivo de evitar as costumeiras agitações que sempre degeneraram nos mais ferozes ataques á honorabilidade dos homens publicos, assim desmoralizados e desprestigiados periodicamente. Nem diante da clarividencia e do patriotismo do Presidente da Republica que se impõe pela nobreza das suas acções, nem em presença dos anseios de paz da nação, nem perante os males que ameaçam o paiz, esses homens da opposição sopitam os seus odios e rancores, calam a inveja que os devora de se não verem guindados ás melhores posições que não souberam merecer.

Aquella maioria de inúteis de que falamos só trata do proprio eu e fóra do eu de cada um delles que tudo pereça ou morra, inclusive a respeitabilidade e o pundonor da nação. Que leve a bréca o paiz comtanto que elles salvem os seus melindres de grandes entidades, de emeritos estadistas, de talentosos parlamentares, de imperterritos cavalheiros da esperança, com suas massiças ideias e seus imponderaveis descortinos.

Excepto elles e seus thuriferarios, cujos interesses se ligam certamente, ninguem os defende. O povo brasileiro já está farto de saber que carrega um carissimo peso morto e anecia por livrar-se d'elle, razão pela qual os extremismos encontram adeptos entre nós. Isto quanto aos parlamentares. Quanto aos partidos politicos só lutam pelo mando e afim de se aquinhoarem com os empregos publicos. Entre os *principios politicos* que apregoam esse não vem á tona, nem pederia vir, mas é o principal, que defendem por mais rendoso. E' immensa a maioria dos cidadãos não filiados a partidos politicos apezar da obrigatoriedade do voto e isso porque a essa maioria de brasileiros não seduz o cantochão das sercias encasacadas dos banquetes e regabofes, julgando embasbacar as turbas quando são elles mesmos que se embasbacam. Os brasileiros de hoje já vão sentindo que devem assumir a plena soberania que lhes pertence atirando ás urtigas esses que se dizem seus representantes.

Fosse possivel a organização de um parlamento exclusivamente de homens eminentes, devotados servidores da nação, não dependentes do subsidio, ainda assim seria difficil se não impossivel estabelecer entre elles a unidade e a homogeneidade necessarias ao bem da collectividade. Os parlamentos, entre os muitos defeitos que os revestem, têm o da morosidade das suas deliberações. Em não poucas legislaturas, em sessões diarias de Maio a Dezembro, deixam de dotar o paiz com as

leis orçamentarias para o anno seguinte, perdido o precioso tempo em discussões estereis e inuteis para a nação, nas quaes a verbiagem excepcionalmente não massuda é a unica preocupação do exhibicionismo característico desses parlamentos. Cada parlamentar não perde occasião que se lhe apresenta para fazer-se notado e dahi as discussões prolongadas e exhaustivas, mesmo em caso de providencias de caracter urgente.

O mundo evolue vertiginosamente, vòu para novos destinos por novos rumos e não pode esperar o caminhar de kágados e caranguejos dos parlamentares de hoje e de todos os tempos. Seria sopitar bruscamente o progresso, suspender de subito a marcha accelerada da Civilização. A delonga de um anno no evoluir de um povo, o atrazo de doze mezes na tomada de providencias que o encaminhem a seu destino, pode ser fatal a esse povo.

As nações que actualmente tomaram a vanguarda do progresso e da civilização começaram por desembaraçar-se dos seus parlamentos, reduzidos a simples corporações tradicionaes, especie de museus, sem influir na resolução dos problemas politicos, sociaes e moraes dos respectivos povos. E assim tem que ser, visto como povo algum na hora que passa poderá ficar mussulmanamente a esperar que acabe a verborrhagia dos seus parlamentos para tomar deliberações urgentes para o bem publico, para a salvação nacional.

Os partidos politicos e os parlamentos tiveram o seu tempo. Hoje, para que uma nação exista e subsista, é necessario que tenha um só partido — o da nação — e que tenha unidade de direcção, de commando, de governo.

Terminadas as explanações acima, delinearemos a seguir as directivas geraes de uma organização politica para o Brasil, a qual nos parece mais de accôrdo com os tempos modernos e o sentir do povo brasileiro,

capaz de facilitar o destino historico do paiz. E' possivel que estejamos em erro, mas não nos alastaremos da convicção que nos deram durante annos o estudo e a meditação.

O regimen politico brasileiro deve ser um presidencialismo puro, estabelecida a unidade do governo para que a homogeneidade dos actos governamentais nunca degenere e para que se evite a desordem e anarchia nas leis, nos actos publicos, nas deliberações sobre as collectividades.

A' luz da Sciencia e da Philosophia uma nação é um organismo vivo e complexo que, para gozar saúde, crescer e prosperar, precisa ter os seus órgãos em perfeito funcionamento. Entre esses órgãos o mais importante, o cerebro que dirige e centraliza a acção de todos os outros, coordenando-os para que se auxiliem mutuamente e não embarassem uns as acções dos outros, esse órgão, de direcção e coordenação, é o governo, que não pode ser tripartido, formando uma especie de hydra de tres cabeças como no actual regimen presidencial.

Poder só existe um e unico — o que dispõe das forças e do thesouro publicos. Aquelle que commanda as forças armadas — órgão da guarda da soberania e da ordem nacionaes — e que dispõe das rendas publicas, isto é, do thesouro — órgão das receitas e despesas — é o unico que realmente tem poder.

A existencia de tres poderes politicos nunca permitirá a unidade de direcção e por conseguinte a homogeneidade e convergencia dos esforços, necessarios á continuidade do progresso e aperfeiçoamento no mesmo sentido. Os avanços e retrocessos serão inevitaveis e a perturbação da acção governamental será um facto e quando não o seja não estará a salvo de o ser, como já foi explicado em capitulo anterior.

Seria mais lógico considerar todos os órgãos da nação como poderes e não privilegiar dois delles e que não são precisamente os mais importantes de todos. Teríamos assim o Poder Governamental (mais acertada a denominação do que Poder Executivo), o Poder Legislativo, o Poder Judiciário, o Poder Militar, o Poder Industrial, o Poder Commercial, o Poder Cultural, etc.

De todos os órgãos de uma nacionalidade o mais importante é o executivo porque elle é o que regula e comanda as acções de todos os outros, estes outros sempre dependentes daquelle. Elle é o cerebro que tudo dispõe e dirige sem solução de continuidade, permanentemente afim de que o organismo se mantenha em condições de viver e prosperar. A função do legislativo é suspensa e paralyzada mezes a fio sem inconveniente. A do Judiciário pode ser suspensa e paralyzada para gozo de férias dos seus membros. A do executivo não pôde ser suspensa um só dia sob pena de grave prejuizo para o paiz. A função do executivo é permanente. E' elle tambem por isso mais importante. Depois delle, em importancia, segue-se o órgão da guarda da soberania e da ordem — as forças armadas — o qual é a garantia da propria existencia da nação, inclusive o proprio órgão director. E porque assim é, as forças armadas devem compenetrar-se profundamente de que precisam ser disciplinadas, inteiramente obedientes ao seu commandante geral — o Poder Executivo.

Qualquer cidadão dotado de cultura jurídica e de certo gráo de cultura geral poderá legislar, bem como qualquer corpo social assim dotado, bastando que as respectivas concepções individuaes e sociaes, antes de approvadas ou registradas, sejam submettidas ao governo que as mandará estudar por um conselho de technicos, sem necessidade de parlamentos, que constituem os maiores entraves do Executivo.

Julgar, quasi do mesmo modo. Os contendores, actores e réos, podem submeter suas questões a arbitros ou côrtes de arbitros, por elles mesmos instituidos de commum accôrdo, para dirimil-as. As arbitragens, os jurys, os tribunaes especiaes, os tribunaes de honra, ahi estão.

Legislar e julgar são iunções importantissimas, necessarias e imprescindiveis, exigindo cada uma seu orgão proprio. Dispensam entretanto o luxo de *Poderes*.

Tratemos do Judiciario.

Antes de tudo, em uma organização judiciaria, deve estar assegurada integralmente a dignidade dos juizes e dos corpos juridicos. Por isso mesmo somos contrarios á inamovibilidade dos juizes e á inviolabilidade dos seus honorarios. São privilegios que se não coadunam com a moral e por isso são prejudiciaes moralmente á propria magistratura, que deve ser considerada pela nação, indefectivamente, com o carinho e o respeito que se dedicam ás instituições que devem ser intangiveis em suas acções e manifestações.

Remover os juizes sim, porem só em casos de especial delicadeza, julgados pela Côrte Suprema, sem intervenção de quaesquer outras autoridades ou pessoas.

Sujeitar os honorarios dos juizes a diminuições, somente porem em casos de emergencia e de calamidade publica, sob a forma de impostos que serão revogados logo que cesse a imperiosa necessidade que determinar a sua criação.

A unidade da magistratura e da jurisprudencia do paiz, como em tudo, é imprescindivel. Dá-lhe mais força e vigor, augmentando-lhe o prestigio e a dignidade creando-lhe em consequencia uma atmospheria de maior confiança, pela maior e melhor uniformidade dos julgamentos em acções identicas. A magistratura deve ser por isso somente federal e organizada não por Estados

da federação, mas em regiões, de accôrdo com o numero de habitantes de cada uma, como acontece no caso da divisão do paiz em regiões militares, no qual excepcionalmente um só Estado constitue uma dellas. Desde porem se reconheça a necessidade da dualidade da magistratura em virtude da enorme extensão territorial do paiz e dos ainda difficis meios de *communicação*, a sua organização deve obedecer a principios que a unifiquem e singularizem o mais possivel.

As organizações estaduais só devem entrar em funcionamento depois de estudadas e approvadas pela Côrte Suprema Federal.

Em todas as questões em que estiver em causa interesse federal de qualquer ordem só deve ter competencia para julgar-as a magistratura federal, bem como as questões em que estiverem envolvidos dois ou mais Estados da federação.

A não ser em casos de graves acontecimentos e de salvação publica que exigem a maior urgencia, todas as leis só devem ser promulgadas depois de estudadas e julgadas pela Côrte Suprema Federal como não tendo dispositivo inconstitucional. Isto tem grande importancia porque evita a entrada em vigor de leis inconstitucionaes, podendo acarretar ao Estado serios prejuizos e compromissos, como tem acontecido numerosas vezes.

O ingresso na magistratura deve ser por concurso, mediante provas physicas, mentaes e principalmente moraes, julgadas essas provas pela Côrte Suprema, a nomeação do preferido, pelo presidente dessa côrte, entre os tres primeiros classificados. As promoções até á Côrte Suprema, serão effectuadas pelo presidente desta mediante lista triplice organizada em sessão da côrte para isso reunida.

Essas attribuições não collidem com o regimen presidencial puro, dando entretanto maior independencia e mais magestade ao Judiciario.

LEGISLATIVO

Desconhecemos a benemerencia dos Parlammentos e bem conhecemos as agitações a que dão lugar frequentemente, em geral nocivas á tranquillidade da nação. Já dissemos o bastante sobre elles no Capitulo I e não ha necessidade de insistirmos.

Como porem legislar sem os parlamentos?

E' função simples desde que se dê á nação uma organização politico-social simples, sem as complicações dos discursos e das sentenças de numerosas cabeças. A feitura das leis necessarias ao funcionamento regular dos órgãos do organismo nacional, nada ou pouco custará aos cofres publicos, que assim estarão livres dos caça-subsidios que são muitos, em muito maior numero do que os legisladores de verdade que têm assento nos parlamentos.

Dirão talvez que a culpa disso é do povo que os elege. Assim não é entretanto porque esses caça-subsidios são eleitos na realidade por esses pseudo-partidos politicos que por ahí pullulam a se hostilizarem reciprocamente pela posse das posições, fingindo que têm programmas. Desde que se fundou a republica existem nos Estados esses partidinhos de aldeias, todos elles, excepto o Partido Libertador do Rio Grande do Sul, a se dizerem presidencialistas. Pois bem, não obstante a uniformidade de rotulo, até esta data não foram capazes de harmonia e accordo para a organização de um partido nacional. A razão é simples: Elles não prégam nem defendem ideias; o ideal de todos é a posse das posições.

A gangrena já lhes tomou conta do organismo...

Exemplifiquemos como se pode legislar sem parlamentos, por technicos competentes, sem a intervenção de extranhos aos assumptos em debate, poupando-se annualmente muitos milhares de contos de réis, liberto

o paiz da influencia nefasta dos caça-votos pela promessa de empregos e propinas e não pelas idéas que porventura defendam.

Quaes os technicos competentes para legislar sobre o Exercito? Não são de modo algum os parlamentos nem suas commissões technicas em geral compostas de homens que abandonaram a profissão e ficaram atrasados no conhecimento dos ultimos progressos por ella realizados e isso que dizemos sobre o Exercito tem inteiro cabimento em todos os sectores em que se desdobra o organismo nacional.

Os competentes no caso são os Generaes em actividade e o Estado Maior do Exercito. Reunidos aquelles periodicamente nesta repartição e tendo em vista os trabalhos por ella realizados para a defeza do paiz e a necessidade de providencias governamentais, formulam os projectos de leis e decretos necessarios e os apresentam ao Governo por intermedio do Ministerio da Guerra. Estudados esses projectos pelo Conselho Technico do Ministerio, tendo em vista as condições economicas e financeiras do Paiz e as exigencias da defeza nacional, serão elles submettidos ao Presidente da Republica, que os promulgará ou não, como lhe approuver, no todo ou em parte.

Mutatis-mutandis na Marinha de Guerra, com seu Estado Maior e seus Almirantes.

Para legislar sobre hygiene, saúde publica, escolas de medicina, de veterinaria, de pharmacia e odontologia, hospitaes, hospicios e quaesquer estabelecimentos que se relacionem com as attribuições do Ministerio da Saúde, todos elles, interessados, nomearão seus representantes para em commissão se reunirem periodicamente na Capital do paiz e depois de estudados os diversos assumptos para os quaes foram congregados, apresentarão ao governo os projectos de leis e decretos necessarios, os quaes passarão pelo cadinho do Conselho

Technico do Ministerio, que sobre elles opinará, indo depois ao Presidente da Republica que os sancionará e promulgará como melhor servirem ás necessidade do paiz.

Aos representantes dos estabelecimentos federaes deverá o Estado abonar uma ajuda de custo para viagem e estadia, bem assim os Estados da federação aos representantes dos estabelecimentos respectivos, os particulares custeando as despesas dos seus commissionedos.

E' conveniente apenas dois representantes por estabelecimento, tendo em vista possiveis impedimentos. As commissões muito numerosas têm o prejuizo de muitas sentenças após discussões em geral improduttivas.

Para os assumptos de aviação civil, viação, obras publicas, escolas de engenharia, observatorios e quaesquer estabelecimentos ligados á engenharia nacional, identicamente serão formadas as Commissões que se reunirão periodicamente na Capital do paiz, seguindo-se os mesmos tramites.

Para legislar sobre o commercio, as associações commerciaes designarão os seus representantes para a commissão technica que terá de se reunir periodicamente na Capital afim de estudar e apresentar ao Governor os seus projectos de leis e decretos, custeadas as despesas por conta daquellas associações.

E assim para todos os assumptos que interessem ao paiz e ao povo, conforme ao organismo nacional, que deverá possuir tantos ministerios quantos forem os órgãos que o constituem, como sejam ainda a Justiça e a Jurisprudencia, Educação, Fazenda Nacional, Agricultura, Industria, Pecuaria, Minas, etc.

Para a feitura das leis orçamentarias, recetta e despesa, os competentes são os banqueiros, perfeitos conhecedores das possibilidades da nação e do seu povo. Os bancos nacionaes designarão os seus representantes

sempre banqueiros, os quaes reunidos periodicamente estudarão e apresentarão ao Governo por intermedio do Ministerio da Fazenda, os seus projectos orçamentarios, os quaes depois de estudados pelo Conselho Technico respectivo serão enviados á sanção do Presidente da Republica, como nos outros casos.

Esse modo de legislar parece á primeira vista apresentar complicações. Tudo bem estudado e assentado porem redundará em grandes vantagens. A legislação do paiz será organizada e estabelecida por technicos e não por leigos; terá a collaboração immediata dos interessados; não sobrecarregará o erario de grandes despesas desnecessarias; evitará ao Governo as opposições parlamentares que o embaraçam, no desempenho dos seus deveres e obrigações; evitará o estorvo das maiorias que o apoiam e o cercam de pedidos e pretenções de toda ordem, assim embaraçando tambem a acção governamental.

A reunião de cada uma dessas commissões de technicos para estudo e preparo dos projectos de leis e decretos deverá effectuar-se no penultimo anno de cada periodo presidencial, de Janeiro a Dezembro, durante o tempo estritamente necessario ao desempenho dos seus deveres. Os projectos assim elaborados constituirão o programma governamental do novo periodo de governo a installar-se, com a real vantagem de poder ser estudado com antecedencia pelos candidatos á presidencia da republica.

Os programmas governamentais deixarão assim de ser letra morta e enfeixarão os interesses preferenciaes no tempo, estudados pelos capazes e competentes, apresentando a reserva de deixar ao Presidente a liberdade de opinar ao sancionar ou negar sanção no todo ou em parte.

Caso seja necessaria a reunião extraordinaria de quaesquer dessas commissões de technicos por urgencia

de medidas a tomar para facilitar a administração publica, o Presidente da Republica as convocará em qualquer tempo e pelo prazo necessario, correndo então as despezas correlativas por conta do Estado.

Negada sanção a qualquer projecto estará elle irremediavelmente prejudicado por inappellavel. Evitã-se assim que o Presidente da Republica seja constrangido a executar medidas com as quaes esteja em desaccordo.

EXECUTIVO

Um governo sem unidade, sem homogeneidade, póde ser forte, precariamente. Nunca porém será o mais forte como exigem o bem estar permanente de um povo e a estabilidade das suas instituições politicas, sociaes e moraes. A organização do governo precisa pois obedecer a essa imperiosa necessidade de dar-lhe unidade e homogeneidade para que o respeito á autoridade constituida seja o principio cardinal da sua existencia, para que sua acção se exerça sem solução de continuidade, no melhor e mesmo sentido — o que leva ao bem estar social, á ordem, á disciplina, ao progresso, á Civilização.

Pela organização por nós concebida só existe um poder — o Poder Governamental — exercido pelo Presidente da Republica, eleito indirectamente. O cidadão só deve votar para prefeito da terra em que reside e para um pequeno Conselho Technico Municipal, auxiliar daquelle no preparo das leis municipaes.

Os prefeitos, dentro de cada Estado da Federação, reúnem-se periodicamente na Capital do Estado e escolhem por maioria dos seus votos o Governador do Estado.

Os governadores dos Estados reúnem-se periodicamente na Capital do paiz e escolhem por maioria dos seus votos o Presidente da Republica.

A formação dos governos vem assim da periphèria para o centro, em uma notavel convergencia de esforços

e de vontades, expressa em eleições que podem ser verdadeiramente livres. O Governador de um Estado é assim o representante natural do conjuncto dos municípios do Estado, resumo e synthese da vontade destes, delles centro de gravidade, com uma enorme e indiscutível autoridade que não teria em uma eleição directa como adiante veremos. Por sua vez o Presidente da Republica será o resumo e synthese da vontade dos Estados, centro de gravidade da nação, enfeixando integralmente a autoridade maxima — legal, moral e logica — estando de inteiro accôrdo com o principio basico de uma federação, que é a união sagrada e intangivel das unidade federadas em torno de um poder central que exerce a soberania total e que é por ellas instituido.

Tomemos como padrão de eleição a realizada em Novembro de 1936 nos Estados Unidos da America do Norte para presidente dessa grande democracia.

Votaram cerca de quarenta milhões de cidadãos, alcançando o eleito vinte e cinco milhões de votos. Aquelle paiz tem uma população de cento e vinte milhões de habitantes. Aceitemos que a terça parte seja de menores, de estrangeiros e de invalidados para a função de votar. Restam oitenta milhões. Claro é que o eminente Franklím D. Roosevelt, sagrado com o maior numero de votos até esta data concedidos a um mortal, não representa logica e moralmente a maioria do seu paiz.

Ora, votando o cidadão somente nas eleições municipaes como propomos, não ha necessidade da exigencia de alfabetização para ser eleitor. Todos os homens e mulheres com vinte annos e mais de idade sejam obrigados a votar. Elles conhecem e sabem avaliar praticamente o merecimento dos seus co-municipes e podem sem difficuldade escolher homem ou mulher da sua predilecção e sympathia para o cargo de prefeito. Os

votos serão verbaes e publicos e assim poderá a eleição ser perfeitamente fiscalizada pelos cidadãos em geral. Ainda mais, os estrangeiros residentes no município poderão votar desde que os seus votos sejam dados a brasileiros.

Prefeitos, Governadores de Estado, Presidente da Republica, serão assim legal, moral e logicamente, representantes da vontade da nação e a autoridade de todos os eleitos será inconteste.

Ao tomar posse do governo, o Presidente da Republica nomeará os ministros das differentes pastas, não arbitrariamente e sim dentro de imperativos previstos na Constituição Política do paiz. As nomeações recahirão em technicos da especialidade de cada ministerio. Assim, o da Guerra terá como titular um Official do Exercito; o da Marinha um official da Armada de Guerra; o da Fazenda um banqueiro ou outro cidadão que seja um economista ou diplomado em finanças; o da Viação um engenheiro; o da Justiça um jurisculto; o da Saúde Publica um medico; o do Trabalho um industrial; o da Educação um professor, e assim por diante.

Em cada ministerio haverá um Conselho Technico Permanente. Esses conselhos serão nomeados pelo Presidente da Republica, os seus membros sendo reconhecidamente technicos das especialidades do ministerio. As suas attribuições serão estudar todas as questões peculiares ao Ministerio, com o objectivo de esclarecer e orientar a acção do ministro e a do chefe da nação.

Todos os funcionarios de quaesquer categorias são plenamente responsaveis pelos actos inherentes ao cargo, a maior somma de autoridade cabendo maior responsabilidade correlativa.

Os principios adoptados na organização federal serão consagrados indefectivelmente nas organizações estaduais.

As liberdades individuaes e de associações em geral serão mantidas em toda plenitude desde que não prejudiquem os interesses collectivos geraes que terão a primazia sobre os menos geraes.

E' garantida a autonomia municipal em tudo o que não contrarie a acção do Estado prevista nas constituições politicas federal e estadual. Do mesmo modo é garantida a autonomia dos Estados federados em tudo o que não prejudique os interesses da União consagrados na Constituição Política da Republica.

Em cada periodo presidencial, no ante-penultimo anno do governo, o Chefe da nação designará as associações em condições de nomearem representantes nas Comissões Technicas Legislativas, de modo que ellas possam reunir-se durante o penultimo anno de governo e preparar os projectos de leis e decretos, como já foi previsto neste Capitulo.

São esses, resumidamente, os principios que nos parecem adaptaveis a um regimen presidencial puro, de muito maior elevação moral do que o actualmente praticado no Brasil. Esses principios permitem a organização de um governo forte, homogeneo, unificado, com um só poder dirigente e diversos órgãos, cada um com sua função propria.

Os parlamentos só têm razão de existencia na actualidade nos regimens parlamentares, isto é, nas monarchias constitucionaes e nas republicas parlamentares. São elles que governam nesses regimens e por isso são necessarios e logicos.

Nas republicas de regimen presidencial os representantes naturaes do povo são os Prefeitos, os Governadores dos Estados e o Presidente da Republica. E, convenhamos, o povo não precisa de outros representantes, pelo menos perante a moral.

2.

MANTER AS FORÇAS ARMADAS DO PAIZ DENTRO
DE SEVERA DISCIPLINA PELA COMPREHENSÃO DO
ESPIRITO DE SACRIFICIO E DE RENUNCIA
QUE AS DEVEM ANIMAR

Já dissemos o sufficiente sobre forças armadas nos tres primeiros capitulos deste livro. Não ha necessidade de maior insistencia sobre as características de que se devem ellas revestir para o exacto cumprimento dos seus imperiosos deveres.

Accrescentemos entretanto que o Brasil precisa manter sem interrupções, sem hiatos, uma perfeita disciplina governamental. Se isso nem sempre fôr possível, e se porventura surgir a indisciplina no seio do governo, que se evite a contaminação do povo brasileiro por esse nefasto virus social. E se não fôr possível evitar a indisciplina governamental e a social propriamente dita ou popular, que se evite a todo transe, por todos os meios, a indisciplina militar, porque então o paiz estará ás portas da dissolução e do desmembramento.

Dadas as missões historicas que couberam ao Brasil, as quaes enseixam o seu destino historico, é imprescindivel para o bem da humanidade que elle subsista como nação e que possa enquadrar as melhores aspirações dos povos sul-americanos, todos unidos e irmanados levando, pelo Oriente e pelo Occidente a palavra de paz a todos os outros povos e com ella nova concepção de uma Civilização grandiosa em que as nações não se dilacerem, mas se respeitem e se amem atravez de todas as difficuldades como de todas as facilidades.

Paiz immenso, populações dissenjinadas, escassos meios de communicações, quasi sem tradições, sem fortes

êlos de união entre os Estados, teria sido impossível preservá-lo da anarquia e do desmembramento se ao Exército brasileiro não tivesse cabido entre outras não tão importantes a missão histórica de ser o principal factor do entrelaçamento das famílias do Norte, do Centro e do Sul. Coube aos officiaes do Exército espalhados por todos os quadrantes do paiz, animados de intenso amor patrio, vincular famílias de pontos os mais afastados do territorio, principalmente pelo casamento de muitos delles, de filhos seus e outros parentes. Assim se foram estabelecendo contactos mais intimos, mais preciosos do que os provenientes do commercio e do funcionalismo em geral, porque aos interesses materiaes se ajuntaram os vinculos moraes e os de sangue.

Essa missão histórica ainda não se cumpriu totalmente. Antes foi ampliada sobremaneira da proclamação da republica para cá, pois que a grande autonomia concedida ás unidades federadas e as liberdades excessivas permittidas aos homens com prejuizo dos interesses sem duvida mais respeitaveis da collectividade, levaram ao individualismo dispersivo, alienando dos espiritos em geral o sentimento do amor patrio, pelo menos com a intensidade de uma fé robusta e invariavel que deve ser mantida atravez das maiores commoções politicas e sociaes. Cumpre hoje a sargentos, cabos e soldados, como sempre coube aos officiaes, serem, além de sacrificados e renunciantes abnegados, vinculadores systematicos dos laços de sangue e dos laços moraes das populações brasileiras, para que ellas melhor se conheçam e melhor se entrelacem e se amem.

A educação dos militares brasileiros deve levar-os ao amor ás coisas brasileiras, a tudo que é brasileiro, despertando-lhes a necessidade de construir e conservar um Brasil grandioso, cujo destino historico lhes seja dado conhecer em qualquer tempo e o que é preciso

realizar em cada época para que esse destino se cumpra quaesquer que sejam os obices, as contrariedades e as difficuldades a vencer.

Que os militares de terra e mar comprehendam que a sua maior gloria e o seu maximo dever são a renuncia perfeita e o sacrificio constante de tudo o que possa desvial-o da sua nobre e elevadissima missão de permittir pelo exacto cumprimento dos seus deveres sociaes que todos os órgãos do organismo nacional funcionem sadiamente, principalmente o órgão director.

Que todos comprehendam e se promptifiquem a reconhecer em qualquer tempo, em todos os lugares em que se encontrem, no interior ou no exterior do paiz, a necessidade de obedecerem indefectivamente, individual e collectivamente, á ordem civil da nação.

5.º

MODIFICAR A ACTUAL POLITICA INTERNA COM O OBJECTIVO DE ELIMINAR DO ORGANISMO NACIONAL O MORBUS VIRULENTO DA CORRUPÇÃO. DO FILHOTISMO E DO FAVORITISMO

Os que meditam sobre o desenvolvimento da politica interna brasileira sabem quanto ella tem sido nociva aos interesses superiores da nação, principalmente no regimen republicano.

Todas as classes sociaes soffreram as consequencias desastrosas dessa politica tacanha e bastarda na qual os interesses dos politicos de profissão e dos seus apaniguados relegavam os do paiz a plano secundario, sacrificados aos gozadores, aos sem patria, aos amoraes emfim.

Já vimos como em grande numero eram os eleitos do parlamento esbulhados por figuras de nenhum relevo

social e de moral tão baixa e execrável que despididamente se assentavam em cadeiras que usurpavam e gozavam de subsídios que não lhes pertenciam.

Taes indivíduos, tão notavelmente dotados em geral de sentimentos os mais baixos e egoistas, uma vez no parlamento não podiam deixar de transformar-se em advogados administrativos e tomar parte em escandalosos negocios em os quaes se beneficiavam, bem como parentes e amigos, com propinas e quinhões arrancados aos cofres publicos.

Exemplos taes, dados por parlamentares, não podiam deixar de proliferar, augmentando o numero dos negociistas inconfessaveis, dos que só exerciam actividades em torno de obras publicas, dos thesouros estaduais e federal e das repartições em geral.

Quando porventura as negociatas criminosas escassejavam, ali estavam os desfalques, as aquisições numerosas e sempre carissimas de coisas necessarias e desnecessarias, por conta dos cofres publicos, nas quaes os compradores ganhavam geralmente mais do que os vendedores, não para o Estado porem para elles proprios.

As promoções e nomeações nos cargos publicos, como já tivemos occasião de declarar, não recaham nos competentes, honestos, trabalhadores e que mais direitos apresentassem. Ellas eram dadas de preferencia aos protegidos de todos os grãos, innumeradas vezes a incompetentes e faltosos. Os proprios concursos para preenchimento dos cargos, creados com o objectivo de moralizar as nomeações, serviram admiravelmente para legalizar as dos peiores candidatos, dando-se aos protegidos com grande antecedencia os pontos em que seriam examinados.

Isso se tornou geral, nos Estados e na União.

Os partidos nunca se preocuparam com o bem publico e com o respeito devido aos eleitores. Queriant

e occupavam as posições governamentais para quinhoar os chefes, os mandões e os parentes respectivos, e depois delles os amigos do peito. Em ultimo lugar eram collocados os interesses do paiz, que assim se via mal servido, esbulhados os melhores cidadãos das melhores posições.

Após a revolução de 1930 os costumes politicos melhoraram sensivelmente, reconhecidos e empossados os verdadeiramente eleitos. Tem havido maior honestidade na administração publica e maior cuidado nas promoções e nomeações dos serventuarios. Os direitos dos cidadãos têm sido acatados com imparcialidade apreciavel.

E' necessario persistir inabalavelmente nesse caminho, melhorando sempre, para que as novas gerações se desenvencilhem dos maus exemplos do passado e do presente até certo ponto, e se estribem no dever e na honra para galgarem as posições com o proprio merecimento e governarem o paiz de accôrdo com as necessidades deste.

Uma nação que não norteie sua politica interna pelos dictames da moral e do interesse collectivo não tem o direito de se fazer ouvir nos congressos internacionais para estabelecimento de uma politica externa de approximação, cooperação e fraternidade entre os povos. Seria sempre tida entre estes com animosidade e desconfiança.

O Brasil, cujo destino historico é o mais honroso e elevado a que possa aspirar uma nação, tem o dever precipuo de apresentar-se como paiz modelar no concerto das nações do continente, afim de que sua voz possa ser ouvida respeitosamente e acatada carinhosamente pelos seus irmãos americanos.

Os brasileiros em geral, os politicos em particular, devem estar á altura das tradições brasileiras, capazes de comprehender a sua actuação no meio americano e de conhecer a sua delicada projecção nos acontecimentos

de tão importante continente, destinado a enfeixar no seu immenso territorio a maior e mais nobre Civilização a que terá de attingir a humanidade em uma época bem proxima.

Sejamos actores conscientes e dignos do grandioso scenario que se arma na mais importante região do globo.

4.º

MANTER A VELOCIDADE E O RESPEITO ADQUIRIDOS PELA ACTUAL POLITICA INTERNACIONAL DA NAÇÃO, DESENVOLVENDO-A E APERFEIÇOANDO-A NA MESMA DIRECÇÃO E NO MESMO SENTIDO

A politica internacional do Brasil caracterizou-se em todos os tempos por um notavel respeito aos direitos dos outros povos, nunca os offendendo, nunca lhes tirando terras, nem de modo algum procurando diminuir-lhes ou limitar-lhes o exercicio da soberania.

As malquerenças herdadas dos tempos coloniaes e oriundas das contendas entre Hespanha e Portugal, vieram á tona muitas vezes, provocando serios conflictos entre o Brasil e as republicas do Prata e outras do continente.

As desconfianças resultantes desses conflictos mantiveram-se por muitos annos, accrescidas das provenientes das differenças de formas de governo, as quaes nunca permitiram ou possibilitaram uma aproximação sincera e amiga entre o Brasil e as nações de origem hespanhola.

Com o advento da republica em nosso paiz e o estabelecimento de novas directivas para a sua politica internacional, inscriptas na Constituição Politica da Republica, as quaes foram praticadas indefectivelmente nas relações com os outros povos, novos horizontes

se abriram ao concerto dos povos sul-americanos, os quaes de etapa em etapa se foram conhecendo melhor e melhor orientados se foram tornando amigos, aos poucos, pouco tempo depois os melhores amigos uns dos outros.

Dahi surgiu essa politica de paz, cooperação e fraternidade entre os povos sul-americanos, os quaes, consoante o destino historico de cada um, vão creando essa imponente Civilização que vae despertando as nações dos outros continentes para melhores dias e a qual assombrará o mundo despertado, já hoje capaz de comprehender os seculos perdidos em antagonismos e guerras estereis, consumidoras de immensos patri-monios materiaes e moraes no entredevoramento das paixões, dos conflictos, das batalhas, males que se vieram accumulando pelos tempos em fóra e cuja culminancia é da nossa época como não podia deixar de ser, visto como, só agora, a America — continente da paz e do amor — ficou apta a influir nos destinos do mundo, *dictando leis sociaes e sobretudo moraes.*

Sem a America pacifista, integradas as suas nações em uma amizade intelligente, sincera, reciproca, nunca poderiam as nações dos outros continentes comprehender a politica de paz e amor, a politica de uma civilização sem malquerencias, sem odios, sem rancores, capaz de crear a felicidade para todos — individuos, povos e nações.

Não podiam comprehender a belleza da amizade e da sinceridade porque nasceram, cresceram e se estabeleceram no embate das armas, nas espoliações reciprocas, nos odios de raças, nos antagonismos extremados de crenças religiosas diversas, nos preconceitos ferozes das castas, nos choques tremendos de interesses mal comprehendidos, porque na estima e apreciação dos seus não encontravam nunca podesse ter razão o seu contendor occasional ou perpetuo.

E assim, de mal em mal, de atrocidade em atrocidade, de desgraça em desgraça, chegaram os povos europeus, creadores, propulsores e sustentáculos de civilizações, a essa formidável anarchia e pavorosa divergencia de objectivos e finalidades nos actos contemporaneos, as quaes os levarão a todos, sem possibilidade de excepções, á mais horrivel das carnificinas, ao mais hediondo e monstruoso dos crimes contra a humanidade, se uma força exterior não os compellir a melhor concepção da vida e do bem geral.

Ou elles comprehendem o destino historico da America do Sul, ao qual já se ligam hoje os povos de Norte America, e o tomam como exemplo e paradigma para uma nova politica de entendimentos, respeito e amizade mutuos, ou serão fatalmente atirados á voragem da guerra que os transformará em escombros e frangalhos.

E para que a America salve o mundo da brutalidade e do esphacelamento é necessario que mantenha sem desfallecimento essa politica de approximação, cooperação e fraternidade dos seus povos, trabalhando todos por um e um por todos, ligados por fortes elos de respeitosa estima e estreita solidariedade.

E ao Brasil, pioneiro da paz, campeão da arbitragem, dentro em pouco centro de uma grande civilização, precisa conservar, melhorando sempre, a sua politica de indefectivel respeito aos direitos dos outros povos da America e do mundo, com todos elles collaborando para o progresso geral, animado sempre dos melhores sentimentos de amizade e lealdade para com elles.

Incumbe ao Brasil respeitado de hoje e ao Brasil poderoso de amanhã proseguir sem interrupção a sua admiravel politica externa, tão nobre e tão digna, tão sabiamente dirigida, de nunca querer sobrepor-se aos outros povos, de nunca lhes invejar o progresso, o bem estar e o poderio, de nunca se immiscuir nas suas questões

internas ou externas, de nunca lhes regatear applausos nos seus triumphos, de nunca lhes recusar uma attitude amiga.

Com essa politica nobremente alicerçada e lealmente proseguida terá o Brasil sem a menor duvida facilitado em muito o cumprimento do seu destino historico, a realização dos ideaes superiores que sempre nortearam os seus estadistas, os seus escriptores, o seu povo.

5.º

DESENVOLVER AS FORÇAS VIVAS DO PAIZ COM OS
PROPRIOS RECURSOS SE POSSIVEL PROCURANDO
SEMPRE E CADA VEZ MAIS LIBERTAL-O DOS
CAPITAES EXTRANJEIROS

Perante a moral, individuos e nações devem ter por um dos seus mais nobres ideaes nunca ficarem sujeitos a possibilidades de coacção. Aquelle que pede emprestado e é servido ou aquelle que accita o offerecimento de emprestimo que se lhe faça, torna-se um devedor da especie do emprestimo e se fôr um escrupuloso sentirá que na maior parte das vezes ficou tambem a dever gratidão. Individuos e nações obrigaram-se a restituir a coisa emprestada e se o não fazem, mesmo em virtude de circumstancias fortuitas, independentemente das suas vontades, terão posto em cheque o seu credito.

Ninguem emprestará a quem não satisfizer os seus compromissos seja porque motivo fôr. O credito estará então diminuido ou suspenso para o devedor.

Bastam essas simples considerações para evidenciar a prudencia que deve revelar o homem que recorre a emprestimos. O seu credito, o seu bom nome, a sua moral, estarão em jogo, e se elle no correr dos tempos não pagar o que deve pode ter attenuantes e ser desculpado, mas será sempre um homem que não honra os

seus compromissos. A sua situação torna-se delicada e embora consiga mais tarde pagar a dívida ficará sempre uma suspeita a marear-lhe a reputação.

As nações assim devedoras e assim impossibilitadas do pagamento no prazo estipulado, não ficam em situação menos vexatoria que os individuos e os seus nomes estão sujeitos ás noticias depreciativas dos jornaes, muitas vezes com epigraphes berrantes e desmoralizadoras.

Isso não é de modo algum invejavel para a soberania de taes nações, assim conspurcadas e villipendiadas, tendo apenas a possibilidade de um protesto platónico.

Nada mais é preciso accrescentar porque isto que nhi fica é sufficiente para orientar os estadistas formados na escola do patriotismo. Os empréstimos são necessários muitas vezes ao progresso das nações e muitas vezes imprescindiveis nos casos de calamidade publica. O maior escrupulo porem deve presidir a operações dessa natureza e só devem ser levadas a effeito quando houver absoluta certeza de possibilidade de pagamento no prazo estatuido.

Tornou-se habito no Brasil recorrerem os governos a empréstimos para quaesquer empreendimentos. Não se cogitava do dia de amanhã, se haveria ou não possibilidade de satisfazer os compromissos assumidos. Cada novo presidente da Republica queria deixar algo de si, coisa que o recomendasse á posteridade, corresponder á escolha de seu nome para a investidura suprema com obras sumptuosas. Para isso o seu descortino só percebia os empréstimos.

Não se procurava desenvolver as forças vivas da nação, estimulando os cidadãos no sentido de maior e melhor producção de utilidades diversas. As crises da borracha, do assucar, do cacão, do algodão, do café, são elucidativas. A producção como que estagnou-se no café e dizia-se em uma lamentavel inconsciencia do momento vivido que elle dava para tudo, sem se

aperceberem os homens publicos e os homens de negocio de que elle não era, não é, não pode ser, artigo de primeira necessidade.

Produzia-se a rubiacea em escala crescente, acima, muito acima das possibilidades do consumo, como se o mundo fosse obrigado a só beber café. Já era excessiva a producção, os armazens reguladores abarrotados, e ainda se dava de mão beijada florestas e florestas de madeira de lei, principalmente perobas, na alta Sorocabana, para quem as arrancasse e desbravasse o solo para plantio de cafezacs.

Só um homem de grande clarividencia, verdadeiro estadista, culto e honesto, activo e emprehendedor, o Dr. Fernando Costa, em S. Paulo, como Secretario da Agricultura, impulsionou, estimulou e tudo praticou a seu alcance para o desenvolvimento das forças vivas e latentes da terra bandeirante, bravamente projectando sua eminente personalidade pela polycultura, lançando as bases da verdadeira grandeza do Estado leader da federação, a qua' não podia ser alicerçada em um unico producto e que não constitue artigo de primeira necessidade.

A não ser elle e pouquissimos outros, até 1930, o Brasil, no sector economico, só teve estadistas de empréstimos.

Felizmente veio a revolução de 1930, na hora precisa, que nos livrou dos *celebres estadistas* que tudo fizeram para enterrar o paiz e desacreditar o regimen de que se diziam adeptos e defensores.

Obrigados ou não pelas circumstancias, o que é certo é que os homens de governo, após 1930, se entregaram e se entregam ao desenvolvimento das forças vivas do paiz e dos Estados com os proprios recursos sem recorrer a empréstimos, salvo casos especialissimos.

Que a lição dos factos e dos tempos aproveite a todos os dirigentes e em geral a todos os brasileiros

para que não assumam compromissos que possam crear serias difficuldade á nação e a si proprios, pessoalmente.

Paguemos ao estrangeiro o que devemos nas medidas do possível, lançando mão de todos os recursos que não nos asphixiem, que não atrophiem o desenvolvimento das nossas riquezas.

Procuremos por todos os meios, intelligentemente, criteriosamente, libertar o paiz dos capitaes estrangeiros para que a nossa soberania seja perfeita, completa, inteiriça. Facilitemos sim o emprego de taes capitaes mas em emprezas particulares cujos riscos lhes caibam na totalidade, nunca porem em forma de empréstimos, que venham onerar a economia dos cidadãos e o respeito do paiz.

Estaremos assim em condições de servir de exemplo, de sermos acatados e respeitados, de podermos realizar o nosso destino historico, influindo poderosamente para a conquista de uma civilização mais perfeita, mais digna e mais humana.

6.º

EDUCAR PHYSICA, INTELLECTUAL E MORALMENTE DESDE OS MAIS VERDES ANNOS AS DIVERSAS GERAÇÕES DE BRASILEIROS. DANDO A CADA UMA OS CONHECIMENTOS DO PASSADO E DO PRESENTE DA NACIONALIDADE, A CADA UMA DESVENDANDO AS REALIZAÇÕES QUE TERA' DE EFFECTUAR NO SEU TEMPO

A educação deve começar no lar desde o momento em que a creança inicia os primeiros passos e que a curiosidade principia a despertar a sua attenção em manifestações de intelligencia. Ella deve ser toda delicadeza, carinho e amor pelas coisas da familia, fixado ali o ensino pelo exemplo dos paes e dos mais idosos, provocada a attenção do educando sempre que fôr necessario a uma melhor comprehensão do

assumpto visado. Uma vez comprehendida a vida do lar, o ensino deve ser dirigido para o carinho, respeito e amizade pelas creanças dos lares visinhos e das outras pessoas desses lares, bem como dos parentes cujas residencias não estejam localizadas na visinhança.

Ao penetrar na escola primaria toda creança deve ter accentuada tendencia para a vida de relação com as outras creanças, os professores animando e intensificando essas relações cujas directivas principaes devem visar a amizade e o carinho entre os educandos, para que se acostumem desde cedo a amar o proximo como a si mesmos. A par dos conhecimentos intellectuaes ministrados nessa escola, os quaes não devem ser perfunctorios como na actualidade, no Brasil, deve-se dar aos educandos, de accordo com a idade, um amplo programma de gymnastica e de educação civica e moral.

No ponto de vista mental, para ser proveitoso, o ensino primario precisa ter mais ou menos o seguinte programma: Estudo da lingua patria de modo que o estudante aprenda a redigir com certeza e convicção; estudo da arithmetica pratica; de geographia geral; de historia patria; dos principaes acontecimentos dos paizes americanos; do desenho linear e de aquarelle; noções de hygiene, de pequena lavoura, de pecuaria, etc.

Isso é o minimo que um cidadão deve saber.

O programma de educação physica precisa conter tudo o que possa concorrer para o desenvolvimento harmonico dos membros e órgãos do educando: Gymnastica succa para flexionamento do organismo e gymnastica respiratoria, corridas a pé, alpinismo, natação, remo, basket-ball, base-ball, etc.

O programma do ensino civico e moral deve conter principalmente todas as noções que exaltem o amor do lar, dos concidadãos, do municipio, do Estado, da Patria e da Humanidade; a condemnação systematica

de todos os vícios, quaesquer sejam elles ; a exaltação de todas as virtudes e dos nobres sentimentos do coração e predicados do espirito. A formação do caracter pela preocupação do cumprimento do dever, pelo amor da responsabilidade, pela disciplina nas acções, pelo respeito aos direitos alheios, pelo acatamento ás opiniões e liberdade de outrem, tornará os individuos aptos para nobres empreendimentos e para condemnar as más acções.

Não podendo a grande maioria dos cidadãos de amanhã frequentar estabelecimentos de ensino secundario, é indispensavel que o ensino primario contenha tudo o que fôr imprescindivel para que elles possam exercer suas actividades em bem da collectividade em geral, da familia que devem organizar e de si proprios. É necessario pois que tenha o ensino primario o maximo desenvolvimento, compativel com a formação de cidadãos para uso e gozo da cidadania.

No Brasil, actualmente, ninguem fica alphabetizado por esse ensino, porque assignar o nome, ler sem comprehender, escrever sem saber redigir, conhecer apenas de arithmetica as quatro operações sobre numeros inteiros, e possuir ligeirissimas noções de algumas coisas não é saber, é ignorar.

O autor sabe por experiencia propria que isso que ahi fica affirmado é uma verdade, salvo algumas excepções nos principaes centros populosos do Brasil. Durante alguns annos dirigiu um estabelecimento federal em importante Estado da federação, onde, segundo se escreve e corre mundo, o ensino primario é cuidadosamente tratado e transmitido. Teve alli diversos operarios e empregados que passaram pela escola primaria onde foram dados como alphabetizados. Pois bem, na sua quasi totalidade só escreviam o proprio nome quando outrem o escrevia em modelo e dava-lhe este para servir-lhe de guia na propria assignatura. Liam,

como gago falando, nada tendo comprehendido ao cabo da leitura. Contar só sabiam o que a pratica diaria da vida ensina.

A instrucção primaria, como a secundaria e a superior, não escapou á derrocada geral consequente á indisciplina dos governos, dos administradores, dos legisladores, dos professores, etc.

Deve ser aspiração generalizada em qualquer paiz poderem os cidadãos adquirir os conhecimentos ministrados nos cursos secundarios. Assim preparados, os que aspiram os estudos superiores nas escolas do paiz, podem, desde que os proprios recursos o permittam, ingressar nas especialidades preferidas; os que não desejarem continuar por quaesquer motivos os estudos superiores, estarão entretanto habilitados a vencer na vida e a augmentar sua cultura dentro do proprio lar, em caracter particular, se assim o quizerem.

Pois bem, esse estudo secundario que todo cidadão devia cursar vem sendo cada anno revestido de maiores difficuldades no Brasil, encarecido no custeio, anarchizado nos programmas. E a falta de comprehensão, a ignorancia mesmo da seriação dos estudos de humanidades é tanto mais lamentavel, quanto esses programmas têm sido organizados de tal modo que apenas têm servido para evidenciar a supina ignorancia dos seus *fazedores*. Os homens cultos de hoje não podem ignorar que só pode estudar trigonometria com efficiencia quem souber geometria, que só pode comprehender esta quem souber algebra e que só pode aprender algebra quem souber arithmetica. Pois bem, os ultimos programmas de ensino ensinavam, jungiam, igualavam por assim dizer, logo no primeiro anno o estudo de tudo isso como se fossem disciplinas independentes umas das outras. E' claro que os estudantes que alguma coisa apprehendem desse ensino desmethodizado, sem a sequencia logica, sem a base philosophica, serão prejudicados

seriamente na formação do seu espirito. A cabeça de um tal estudante nessas condições pode ser comparada á gaveta do sapateiro, que tem de tudo, porem sem ordem e sem ordem não ha senso de medida, não ha harmonia, nem ritmo, nem orientação possível.

Um programma de ensino secundario para ser eficiente e disciplinar o espirito do estudante, deve ser calcado no principio de que as disciplinas estudadas em um anno devem servir de base e facilitar o que se va estudar no anno seguinte, principio que é geral applicavel a quaesquer especies de estudos, os quaes devem ser assim seriados indefectivamente, como exhaustivamente demonstrou A. Comte na "Philosophia Positiva."

Eis o esboço de um programma de preparatorios para o caso do Brasil :

- 1.º anno — Geographia do Brasil e Geographia Geral. Arithmetica. Primeiro anno de Portuguez comprehendendo toda a etymologia. Primeiro anno de francez. Primeiro anno de inglez. Prelecções sobre o ensino civico e moral.
- 2.º anno — Historia do Brasil e Historia Universal. Algebra. Segundo anno de Portuguez, comprehendendo toda a syntaxe. Segundo anno de francez. Segundo anno de inglez. Prelecções sobre instrucção civica e moral.
- 3.º anno — Desenho linear. Geometria e Trigonometria. Terceiro anno de Portuguez, comprehendendo estudos especiaes de prefixos, suffixos, estylos, redacção litteraria, subtilidades da lingua. Terceiro anno de francez. Terceiro anno de inglez. Prelecções sobre instrucção civica e moral.
- 4.º anno — Noções concretas de Physica e Chimica. Noções concretas de Historia Natural.

Estudo da Historia do Brasil em suas relações com os outros povos especialmente os americanos. Estudo da marcha da Civilização no planeta. Destino historico da America do Sul e do Brasil.

E basta. Por muito que tenhamos meditado sobre os interesses do Brasil e dos brasileiros, no caso, não achamos em nossas cogitações qual a vantagem, immediata ou remota, de ampliar-se o programma acima com rhetorica, latim, noções de sociologia e de philosophia etc. O objectivo disso foi sem duvida excitar a vaidade do estudante com o titulo de bacharel em letras ao fim do curso, embora prejudicando-lhe a formação do espirito com ideias e noções para as quaes a sua intelligencia não estava nem poderia estar preparada, devido á complexidade de phenomenos que só podem ser estudados com efficiencia e proveito em cursos superiores bem orientados.

De posse do ensino preparatorio estará o estudante apto a proseguir estudos em quaesquer escolas superiores?

Até ao presente isso tem acontecido, arbitrariamente, bastando a vontade do estudante ou dos seus paes, sem se cogitar dos interesses da nação. Entretanto essa liberdade de escolha pode acarretar serios prejuizos á collectividade e ao futuro do proprio estudante, pela aquisição dos meios para exercer profissão para a qual não tenha especial aptidão e o necessario descortino.

Para que se evite esse inconveniente devem ser tomadas providencias para que o ingresso nas escolas superiores seja sempre de accordo com a aptidão do candidato e de accordo com as necessidades do paiz.

Para isso, cada estabelecimento de ensino secundario deve ter em seu corpo docente alguns psychologos.

O ideal seria que todos os professores o fossem, porque o professor que não o fôr será sempre falho nos seus julgamentos e as suas prelecções mui pouco calarão o espirito dos discipulos.

Todo estabelecimento de ensino secundario deve ter annotadas no respectivo livro de matricula, annualmente, as alterações referentes ás preferencias, aos costumes, ás tendencias, aos traços característicos, á intelligencia, á capacidade de trabalho, aos esforços desenvolvidos, á saude, a tudo enfim que deva e possa influir no caracter do estudante para que se tenha bases seguras para esboçar a psychologia do mesmo. De posse dos dados assim obtidos, o corpo docente, sob pena de responsabilidade enviará no fim de cada anno lectivo á Secretaria da Educação do Estado uma relação dos alumnos que terminaram o curso secundario, onde fique declarado quaes os que podem proseguir estudos em escolas superiores e quaes os que não podem, expressas as razões em um e outro caso.

Aquelles que assim possam continuar estudos devem ter para isso o beneplácito da Secretaria de Educação somente porem para a especialidade a que fôr julgado apto pelo referido corpo docente e de accordo com as necessidades da collectividade, evitando-se um numero excessivo de profissionaes em qualquer ramo de actividade.

Para os cursos superiores mais importantes como sejam medicina, engenharia e direito, deve ser exigido dos candidatos, antes de encetar-os, um curso geral de sciencias abstractas positivas, afim de lhes facilitar a conquista do gráo final e os tornar aptos a uma melhor apreciação das necessidades reais das collectividades e agirem em consequencia. Como homens de sciencia que se destinam a misteres especiaes, orientadores como devem ser das grandes obras constructivas da nação, trabalhadores incansaveis e imperterritos pelo progresso e aperfeiçoamento, pioneiros legitimos e aptos das grandes

conquistas materiaes, mentaes e moraes da Civilização Brasileira, devem ter o espirito formado nas sciencias e na philosophia positivas, porque essas sciencias e essa philosophia dão ao homem meios e hábitos seguros de julgarem os acontecimentos e a evolução dos corpos sociaes.

O homem assim formado terá muito maior efficiencia no exercicio da sua profissão do que aquelle que se habilitou officialmente aos cursos superiores somente com um curso secundario, insufficiente para comenr-lhe predicados mentaes e moraes necessarios para que se eleve á altura dos que em todos os tempos augmentaram o patrimonio da humanidade pela originalidade das concepções e pela tenacidade das realizações intelligentemente operadas.

Esse curso de sciencias positivas deve constar de Mathematica Superior, Astronomia, Physica, Chimica, Biologia, Sociologia, e Moral. A amplitude do estudo de cada uma dessas sciencias deve abranger os conhecimentos indispensaveis á formação positiva dos espiritos dos estudantes, tornando-os verdadeiros e competentes profissionaes.

O estudo da philosophia dessas sciencias deve ser obrigatoria em todos os casos, porque essa philosophia é a melhor orientadora dos espiritos, o guião certo e infallivel do raciocinio em busca das verdades scientificas e das leis geraes que devem orientar a humanidade no seu evolver constante para o aperfeiçoamento ininterrupto dos individuos e dos corpos sociaes, cada geração tendo sempre em mira, como principal objectivo, attingir um maior gráo de Civilização.

Composto e Impresso por
SALLES OLIVEIRA & CIA. LTDA.
(TYROGRAPHIA SIQUEIRA)
SÃO PAULO